

# água da fonte

**Revista da Academia  
Passo-Fundense de Letras**

Ano 2 - nº 3 - Julho de 2005 - R\$ 10,00

*Fonte*  
2005



Fundada em  
7 de Abril de 1938

Av. Brasil Centro, 792 - Sede Própria  
99010-001 Passo Fundo, RS

**Presidente:**

Antônio Augusto Meirelles Duarte

**Vice-presidente:**

Luiz Juarez Nogueira de Azevedo

**Secretária geral:**

Santina Rodrigues Dal Paz

**Tesoureiro:**

Welci Nascimento

**Membros:**

Ana Carolina Martins da Silva  
Antônio Augusto Meirelles Duarte  
Carlos Alceu Machado  
Carlos Roberto da S. Hecktheuer  
Craci Teresinha Ortiz Dinarte  
Daniel Viuniski  
Edgar Oliveira Garcia  
Elisabeth Souza Ferreira  
Eurípedes Facchini  
Getulio Vargas Zauza  
Gilberto Rocca da Cunha  
Helena Rotta de Camargo  
Hugo Roberto Kurtz Lisbôa  
Irineu Gehlen  
Jabs Paim Bandeira  
Jorge Alberto Salton  
Jurema Carpes do Valle  
Lindolfo Kurtz  
Luiz Marcelo Algarve  
Luiz Juarez Nogueira de Azevedo  
Milton Guimarães da Silva  
Ney Eduardo Possapp d'Ávila  
Orfelina Vieira Melo  
Osvandré Lech  
Paulo Domingos da Silva Monteiro  
Pedro Ari Veríssimo da Fonseca  
Ricardo José Stolfo  
Rogério Sikora  
Romeu Carlos Alziro Gehlen  
Santina Rodrigues Dal Paz  
Santo Claudino Verzeleti  
Welci Nascimento

## Editorial

# Imprensa literária e literatura local

Quem estudar a história das literaturas descobrirá, fatalmente, a importância da imprensa literária. No caso da literatura brasileira, por exemplo, a revista Niterói, publicada em Paris no ano de 1836, foi fundamental para a consolidação do Romantismo e, de resto, de toda a literatura nacional. Também não se pode esquecer dos pequenos e efêmeros (foram diversos) periódicos literários nos quais, ao longo do século 19, escreveram autores que hoje fazem parte do cânone da literatura pátria.

A própria Academia Brasileira de Letras surgiu com o "Grupo da Revista Brasileira", de José Veríssimo. O Realismo se consolidou com o periódico francês "Le Parnasse Contemporaine". O Modernismo brasileiro (já no século 20) alcançou repercussão renovadora por meio de inúmeros periódicos literários, que projetaram nacionalmente escritores locais, como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, entre tantos outros.

Modestamente, a Academia Passo-Fundense de Letras vem fazendo a sua parte, custeando a publicação da revista *Água da Fonte*, voltada à valorização das letras e dos escritores locais, de modo particular, e da nossa cultura de maneira geral.

Neste ano e meio de existência (desde a edição de lançamento, em dezembro de 2003), foram dados a lume quatro números. O exercício de uma imprensa literária responsável e voltada, de fato, para a literatura/cultura passo-fun-

dense, tem exigido sacrifícios que se redobram a cada nova edição, especialmente na questão de custos editoriais. Todavia, o reconhecimento alcançado pela revista, dentro e fora dos limites de Passo Fundo, tem sido reconfortante, renovando, apesar das dificuldades, o estímulo para a continuidade do trabalho.

A prática da literatura em Passo Fundo, mesmo a cidade sendo palco de grandes eventos culturais (Jornada Nacional de Literatura e Festival Internacional de Folclore, por exemplo) não é tão fácil e simples como poderia aparentar. Especialmente para quem escreve e está fora do circuito comercial das grandes editoras, como é o caso da maioria dos chamados escritores locais. Esses têm encontrado espaço nas páginas de *Água da Fonte*, independentemente de pertencerem ou não aos quadros da Academia Passo-Fundense de Letras. E esperamos poder continuar prestando serviços às letras e à cultura locais, sem nos afastarmos dos fortes valores éticos e morais que norteiam a Academia Passo-Fundense de Letras, desde a sua fundação em 7 de abril de 1938.

A cada edição de *Água da Fonte* nos sentimos como que plantando um pinheiro. Seria mais cômodo semear couves (e também mais rápida a colheita dos frutos) argumentam os zoilos com visão imediatista e meramente utilitária. Mas a opção tem as suas razões. Afinal, antes de ser chamada de Passo Fundo, a região que habitamos era conhecida como Curitiba - Terra dos Pinheiros.

## Água da Fonte

Revista da Academia Passo-Fundense de Letras

Ano 2 - nº 3 - Julho de 2005

**Editores:** Gilberto R. Cunha e Paulo Monteiro

**Conselho editorial:** Getulio Vargas Zauza, Helena Rotta de Camargo, Jurema Carpes do Valle, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Santina R. Dal Paz, Santo Claudino Verzeleti e Welci Nascimento.

**Arte-final e diagramação:** Everaldo Siqueira

**Capa:** Sandra Keller Florato

**Tiragem:** 1.000 exemplares

A Academia Passo-Fundense de Letras não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em textos assinados.



## Reuniões com a Prefeitura

A Academia Passo-Fundense de Letras e a Prefeitura Municipal de Passo Fundo mantiveram diversos contatos. No dia 15 de janeiro, a secretária municipal da SETUR (Turismo, Cultura e Desporto), Tânia Cogo, esteve na sede do sodalício, conversando com os acadêmicos. Posteriormente, os secretários Alberi Grando (Saúde) e Giovanni Corralo (Planejamento) foram conhecer o prédio em que a Academia está funcionando. Posteriormente, uma comissão constituída de integrantes do primeiro escalão esteve em visita à Academia: Giovanni Corralo, César Bilibio (Fazenda), Alberto Poltronieri (Administração) e Euclides Serapio Ferreira (Procuradoria Geral). Neste último encontro, foi acertada uma reunião no Gabinete do Prefeito, oportunidade em que os últimos quatro as-



Secretária Tânia Cogo em visita à sede da APL

sessores, juntamente com o vice-prefeito, Adirbal Corralo, receberam uma delegação de acadêmicos, para tratar

sobre a conclusão do prédio-sede da Academia, num processo que está em andamento desde 1992.

## Tropeiros de Mula



O acadêmico Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, pesquisador da história e da cultura do gaúcho serrano, promoveu o lançamento de seu livro *Tropeiros de Mula*, em segunda edição, profundamente revisada. O ato ocorreu no dia 25 de novembro de 2004, no prédio-sede da Academia, contando com a presença de numeroso público. Pedro Ari Veríssimo da Fonseca é autor de diversas obras sobre os usos e costumes dos habitantes do planalto gaúcho, que guardam profundas diferenças com seus coestaduanos do Sul e fronteira do Rio Grande. O autor de *Tropeiros de Mulas* se firma como o maior conhecedor dos usos e costumes autênticos dos habitantes do meio rural planaltino.

## Feira do Livro

A Academia participou ativamente da 18ª Feira do Livro, realizada de 3 a 7 de novembro de 2004. A entidade mor das letras passo-fundenses, escolhida como Amiga do Livro, promoveu um painel sobre literatura local, no dia do encerramento da Feira, com a participação de acadêmicos e escritores convidados. A secretária-geral, Santina Rodrigues Dal Paz, coordenou o evento, coadjuvada por Helena Rotta de Camargo, Jurema Carpes do Valle e Ana Carolina Martins da Silva. Tiveram atuação marcante os escritores Pertes Carolino Pinto, Giovana Santana Carlos, Angélica Herbeni Otto Fachini, Zaida Camargo e Maria de Lourdes Ribas Silva.

## Concurso da Coleurb

A Coleurb - Coletivos Urbanos Ltda., empresa que se dedica ao transporte de passageiros em Passo Fundo, realizou mais uma edição de seu concurso Poemas nos Ônibus, que tem alcançado reconhecimento em longínquos pontos do país. Mais uma vez a Academia se fez presente na comissão julgadora, através das escritoras Santina Rodrigues Dal Paz e Jurema Carpes do Valle. A poetisa Helena Rotta de Camargo, que tem alcançado premiação em todas as edições do concurso, classificou novamente um poema. Cabe ressaltar que os participantes usam pseudônimos. Em agosto será lançado o livro com os poemas selecionados.

## Revista

A revista da Academia repercute em todo o país. Sirva de exemplo a opinião do Prof. Joaquim Eloy Duarte dos Santos, presidente da Academia Petropolitana de Letras (de Petrópolis, RJ): "magnífica publicação acadêmica, de ótima feitura, moderna diagramação e conteúdo valioso, em fuga aos padrões austeros das publicações acadêmicas de nosso imenso país. Lidos os artigos, os poemas, as notícias, ficamos encantados com *Água da Fonte*, que se constitui em marco da imprensa literária em nossos dias e selo-á em futuro não muito distante. A Academia Petropolitana de Letras foi fundada em 3 de agosto de 1922.

## Programação

A secretaria geral da APL, a cada semestre, divulga um calendário de atividades. Saliente-se as reuniões gerais na primeira quinta-feira de cada mês e as reuniões da comissão editorial da revista do sodalício, aos sábados pela manhã, que já estão se tornando ordinárias, pela assiduidade e presença de convidados e visitantes.

### Roselândia

Uma dessas visitas foi de Irady Laimer que, há mais de três décadas, luta para que Passo Fundo tenha um parque turístico. Entregou, para que constem dos anais da Academia, cópias das primeiras atas relativas à criação do Parque Turístico da Roselândia, lavradas em reuniões realizadas em 1971, na sede da APL, com a presença de acadêmicos e autoridades da época.

## História

O jornalista e editor Ivaldino Tasca receberá todo o apoio da Academia para edição de um livro sobre a História de Passo Fundo, dedicado ao público infanto-juvenil. Há anos Tasca pesquisa sobre o assunto. Estudiosos da história local, que acompanharam o trabalho do jornalista, um dos mais experientes da cidade, atestam a importância do trabalho.

## Outras Visitas

Outras pessoas que visitaram a APL, por ocasião de suas reuniões: Hilton Araldi, integrante dos Cavaleiros do Mercosul, que está promovendo uma edição de Contos Gauchescos e Lendas do Sul, obra de Simões Lopes Neto, a ser distribuída nas escolas, com o apoio da Academia; a professora Nira Worm dos Reis, que pretende legar à Academia o acervo de seu pai, o poeta Gomercindo dos Reis, um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras e da própria APL; e o editor Charles Pimentel, prontificando-se a assessorar o sodalício, na edição das obras de seus integrantes.

## Obras recebidas

A Biblioteca da Academia foi enriquecida com diversas obras, entre as quais, os livros do poeta Antonio Augusto Ferreira, da Academia Rio-Grandense de Letras, *Lembranças*, da passo-fundense Glacy Therezinha Freitas Andrade, residente na cidade de Rio Grande; além de diversas publicações do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e da Editora Méritos.

## Artistas plásticos

A Academia Passo-Fundense de Letras tem sido procurada por artistas plásticos de Passo Fundo e cidades vizinhas, que buscam divulgar a sua obra e, gentilmente, têm ofertado exemplares de seus trabalhos para enriquecer o acervo da entidade. Nesta edição, destacamos dois: Fernando Zancanella (0xx54 361-2361/0xx54 9945-9288), de Sarandi, especialista em arte cerâmica, com o quadro "Arte Orgânica", e Daniel A. N. Lopes (0xx54 378-1004/0xx54 9121-8157), de Ernestina.

Fernando Zancanella

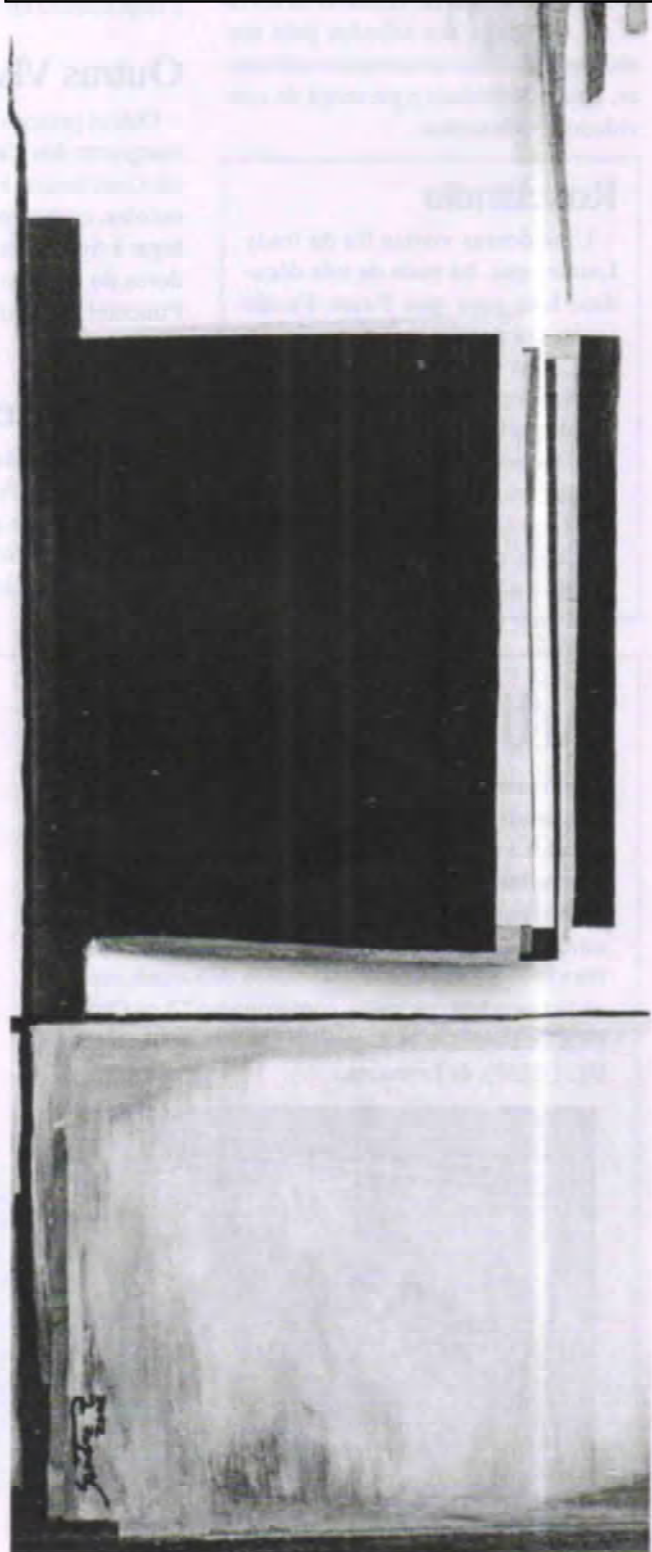


Daniel A. N. Lopes

# Sumário

Editorial .....	1
Informe acadêmico .....	2
O Grupo Literário Nova Geração .....	5
Mandatele .....	7
Idalécio Vitter Moreira e a literatura regional .....	9
O homem está perdendo o pátrio poder .....	12
Um Encontro com a Memória Viva .....	14
Faz sentido .....	16
Viramundos - a arte em trânsito .....	17
O masculino e o feminino na novelística de Eça de Queirós .....	19
Peru, o país, para iniciantes .....	24
Inscrição indevida no SPC e SERASA .....	26
Os Monges Barbudos .....	27
O jubileu da graça da Irmã Maria Gregório .....	28
A Instalação da Academia Passo-Fundense de Letras .....	31
Entre metáforas e sonhos .....	36
Landas .....	38
Perigosos fazeres .....	39
Nanetto - uma utopia em construção .....	40
Escola Superior de Guerra - ESG .....	42
Indivisibilidade e Interdependência dos Direitos Humanos .....	43
O simbolismo da lenda do Santo Graal .....	44
A Natureza Jurídica do Décimo Terceiro Salário .....	46
A Filosofia da Calça Rasgada .....	49
O Menino da Palmeira .....	50
Campanhas .....	52
Arte para ser vista e vivida .....	53
Personagens da nossa História: Teixeira .....	55
"Você não morreu: ausentou-se..." .....	56
A sua vida continua na vida que você viveu." .....	58
Entrevista: Dom Urbano Allgayer .....	58
Passo Fundo, das Origens a 1972 .....	63
Uma página da história .....	66
O Bananeiro .....	68
A promessa .....	70
Edson Otto .....	71
Minha história imigratória .....	72
Brincar - o ofício da criança .....	74
Os desafios do Direito para este milênio .....	77
El Vento .....	78
Olhar para a frente .....	79
Cem anos de prestação de serviços .....	79
A coragem no médico .....	80
As pseudo-análises .....	83
Missão pedagógica da Medicina e da Psicologia .....	84
Os Pitbulls da Ciência .....	86
A nau dos desvalidos .....	87
As Décimas de Algaçir Costa .....	88
De cobrador a redator-chefe de	
O Nacional - Carlos de Danilo Quadros .....	90
CTG Laila Miranda: a Força do Tradicionalismo .....	92
Extrema-unição .....	94
Quem foi rei... ..	95
Liga de Defesa Nacional .....	96
Saudação a 20 de maio, dia da imigração italiana .....	98
O Primeiro Romance Gaúcho .....	99
O acesso à água em Passo Fundo. Passado, presente e futuro .....	100
Tragédia urbana .....	101
Nossa Língua Portuguesa .....	102
Literatura é escrever conforme o Belo .....	105
Senhor Jesus! .....	109
Os Brasilíadas .....	110
A poesia gauchesca de Antonio Augusto Ferreira .....	112
Camisaria Friedman .....	114
Apóstrofe e Exaltação ao Poeta da Liberdade .....	116
A cisma do preconceito .....	117
Mathilde Mazon .....	118
Fetch .....	120

"Esta obra foi autorizada para domínio público e está disponível para download nos portais do MEC [[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)] e do Projeto Passo Fundo [[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)]"



Sandra K. Rorato  
*Leitura* (técnica mista, 2005)

# O Grupo Literário Nova Geração



Membros do Grupo Literário Nova Geração, 1975

(FOTOS: ARQUIVO PAULO MONTEIRO)

sairia quase três anos depois, em julho de 1974, devido a problemas com a gráfica contratada. Os custos gráficos impediram a continuidade do periódico.

Os poetas, porém, não se intimidaram. Não saía a revista, mas as publicações continuavam, tanto que em abril de 1972, *O Nacional* começava a estampar a coluna *Presença – É Nova Geração*, divulgando entrevistas e trabalhos literários dos integrantes da agremiação. Em julho, dentro do programa *Night Show*, da Rádio Municipal, apresentado por Rubens Nodari, começou a ir

ao ar o quadro *Nova Geração Presente*, que acabou sendo transferido para a Rádio Planalto.

Em 1973, o quadro de membros efetivos do grupo começou a se reduzir. Muitos, aprovados em vestibulares, mudaram para outras cidades.

Os remanescentes continuavam atuantes, tanto que em julho promoveram o *I Concurso Colegial de Conto e Poesia*, recebendo 140 trabalhos, muitos deles de cidades distantes. A premiação dos vencedores, a 13 de outubro, ocorreu no Salão de Atos e Offícios da Faculdade de Direito. A solenidade repercutiu muito.

Na categoria poesia, os premiados foram: 1º lugar - Rosana Bier Vieira, do CENAV, com "Poesia"; 2º lugar - Pedro Lorenzi, Colégio Agrícola de Erechim, com "Prostituta da Chuva"; 3º lugar - Maria Salete Zanchet, do Colégio Notre Dame, de Passo Fundo, com "Pedido de Paz"; 4º lugar - Ângela Maria dos Santos Garcia, da Escola Normal Rainha da Paz, de Lagoa Vermelha, com "Ar livre"; 5º lugar - Elaine Vargas Fortes, Colégio Notre Dame, com "Fragmentos". Foi conferido ainda um prêmio de incentivo para Sérgio Hilgo Berwig, do C. E. João Batista Sorg, de Carazinho, por seu poema "Instanvida", na poesia; e Vânia Sarembo Vieira, no conto, do Colégio Notre Dame.

Na categoria conto os primeiros colocados foram: 1º lugar: Vânia Sarenda Vieira, do Colégio Notre Dame, com "Es-

## PAULO MONTEIRO

A década que se iniciou em 1970 foi marcada pela presença de um punhado de jovens que movimentaram o meio cultural passo-fundense.

Tudo começou com um poeta, Ubiratan Porto, que costumava divulgar seus poemas no *Diário da Manhã* e em *O Nacional*. Neste, mantinha uma coluna, *Da Prosa ao Verso*, dando espaço a outros autores contemporâneos.

Junto com José Epitágoras Vieira, seu amigo de infância, realizou pesquisas para a organização de uma *Antologia Poética de Passo Fundo*. Dessa obra, que nunca veio a lume, faziam parte, além dos organizadores, Jorge Luiz Niederauer de Lima, Emiliano Lemos, Maria Salete Tonial, Paulo Roberto Diehl, Sérgio Marchiori de Moura, Paulo Monteiro, Antonio Dipp Salton, Luiz Carlos Merlo e Vânia Schneider Vieira.

Em novembro de 1970, Ubiratan Porto divulgou, no *Diário da Manhã*, o longo artigo intitulado *Uma Poética e Apresentação do Grupo de Poetas Componentes da Nova Geração*, com dados biográficos e um poema de cada um daqueles autores jovens. Esses poetas, todos com idade entre 15 e 25 anos, costumavam reunir-se esporadicamente. A partir de maio de 1971, os encontros passaram a ocorrer todos os domingos. Evoluíram para a edição

de uma coletânea poética intitulada *Presença*, impressa em mimeógrafo a tinta, reunindo poemas de nove autores: Ubiratan Porto, Sandra Maria Leidens, Paulo Roberto Diehl, Maria Salete Tonial, Sérgio Marchiori de Moura, Daltro Tadeu Diehl, Antonio Dipp Salton, Jorge Luiz Niederauer de Lima e Paulo Monteiro.

É importante salientar que o mimeógrafo era amplamente usado pelos poetas moços daqueles anos, formando a *Geração do Mimeógrafo*.

O otimismo era generalizado. No dia 4 de julho decidiram lançar uma revista literária, *Presença*. Doze dias depois vinha o reconhecimento público do grupo ao participar ativamente da solenidade promovida pela Academia Passo-Fundense de Letras, para lembrar o centenário de falecimento do poeta baiano, Antonio de Castro Alves. A 29 de julho era fundado o Grupo Literário "Nova Geração", e eleita a primeira diretoria: Ubiratan Porto, presidente; Sandra Maria Leidens, primeira secretária (e vice-presidente); Paulo Monteiro, segundo secretário, e Antonio Dipp Salton, tesoureiro. Além dos integrantes da coletânea poética *Presença*, Ceres dos Santos participou da fundação do grupo.

No dia 14 de agosto, "através de um festejado coquetel no Clube Juvenil", era lançado o primeiro número de *Presença*. O segundo, e último, somente

## Poesia

ROSANA BIER VIEIRA

Ela nascera na praia  
Numa manhã que raiava  
Num esplêndido fulgor.  
Com os braços que voltavam  
Ela aprendera a amar a pescaria do céu.  
Que, no rendilhão, os anjos,  
As estrelas apanhavam!  
Pelos raios do luar ele tecera,  
Infinitos labirintos que ao amor conduziam.  
Escrevera tanta coisa  
De sonho, de paz, de flor.  
E em toda sua estrada  
O enfeite que deixara  
Era obra do Criador.  
Na sua última jornada.  
Dentro de seu alforge,  
Só a saudade levou  
Do mar, da areia dourada,  
Dos barcos que lá ficaram.  
De todos que lhe amaram  
De tudo quanto ela amou.  
E ao encontro do homem  
Que lhe ficara à espera  
Foi e não mais voltou!  
Deixando apenas na areia  
Com passos leves, o traço  
No rastro de boemia  
Uma sombra de mulher  
F seu nome-poesia.

(Rosana Bier Vieira classificou-se em 1º lugar com o poema acima no I Concurso Estadual de Conto e Poesia promovido pelo Grupo Literário "Nova Geração", em 1973.)

trada Achada da Sanidade Perdida"; 2º lugar – Rosana Bier Vieira, do CENAV, com "Elas"; 3º lugar – Vilson de Oliveira Nunes, do CENAV, com "O Inverno"; 4º lugar – Simone Meredith, do Colégio Notre Dame, com "Asas e Pétalas"; 5º lugar – Mara Beatriz Pucci, da Escola Normal Oswaldo Cruz, Passo Fundo, com "Outono-tempo de Renovação". Foi conferido um prêmio incentivo a Cleusa Orieta Konig, do Colégio Centenário de Santa Maria, pelo conto "A Única Testemunha".

Apesar do lançamento do segundo e último número da revista *Presença*, em julho de 1974, o fortalecimento do grupo continuou nos anos seguintes, através da divulgação de trabalhos em jornais, rádios e murais nas principais

escolas da cidade.

Em meados de 1975, o quadro de membros era de 43: Ubiratan Porto, Paulo Roberto Diehl, Sandra Maria Leidens, Paulo Monteiro, Vânia Schneider Vieira, Luiz Carlos Merlo, Sérgio Marchiori de Moura, José Epitágoras Vieira (Porto Alegre), Gilberto Franzen, Vlademir Rezende de Moura (Porto Alegre), Jussara de Fátima Vieira, José Rui Borges da Silveira (Santa Maria), Elisomero da Costa Moura, Ivete da Costa Moura (Lagoa Vermelha), Carlos Graeff Teixeira, Rosana Bier Vieira, Regina Teresinha Fonseca, Elaine Vargas Fortes, Celso Luiz Rodrigues (Santa Maria), Flávio Antonio Damiani, Alcione Carvalho Becker, David Cardoso (Caxias do Sul), Zélio José Pinceta (Caxias do Sul), Ito José Brandão, Sônia Borges Fortes, José Artur Diehl (EUA), Venseusa Trindade dos Santos, Lacer Jorge Dal'Maso, Wilson José Webber, Maria Margareth Rossal, Antonio João Ruschel, Ana Lúcia Guedes, René José Gobbi e Paulo Gilberto Dutra.

As reuniões eram seguidas, sempre com horas de arte, onde eram apresentados trabalhos dos integrantes do grupo. Nem sempre essas horas de arte eram pacíficas, pois os trabalhos mereciam considerações e análises dos presentes. E, o mais das vezes, os

autores não aceitavam que as limitações de suas obras fossem tornadas públicas. Estimulavam, porém, que poetas e prosadores do *Nova Geração* procurassem melhorar a qualidade literária de suas produções.

Produzia-se muito, em prosa e verso, e lia-se bastante. Afinidades literárias e estéticas desenvolveram-se. Intensificava-se o intercâmbio de informações sobre autores. Aos poucos os poetas e escritores locais passaram a relacionar-se com escritores de outras partes do país, visto ser intensa a circulação de boletins literários e outras publicações culturais mimeografadas.

No ano seguinte, com sucesso ainda maior, era realizado o *II Concurso Estadual de Conto e Poesia*, dividido em

três categorias: estudantes de 1º grau, 2º grau e universitários. Foram premiados os seguintes: Poesia (1º Grau): 1º lugar – Elisa Costa e Silva, de Torres, com "Artista"; 2º lugar – José Roberto de Brito, de Montenegro, com "Pensei"; 3º lugar – Marta Perón, de Bento Gonçalves, com "Em Busca do Fim"; 4º lugar – Roselaine Wanscheir, de Montenegro, com "Solidão"; 5º lugar – Márcia Cristina Goular, de Panambi, com "Maria". Conto (1º Grau): 1º lugar – Maria de Fátima Rogério, de Palmeira das Missões, com "Um sonho impossível"; 2º lugar – Alessandra Beatriz Fernandes, de Novo Hamburgo, com "Meus cinco anos"; 3º lugar – Eliane Amaral Borges, de Palmeira das Missões, com "A pobre velhinha"; 4º lugar – Simone do Valle Muller, de Passo Fundo, com "País contrário"; 5º lugar – Márcia Regina Calvaitis, de Ijuí, com "Você Jurou". Poesia (2º Grau): 1º lugar – Ivone Kader Umar, de Santa Maria, com "Sátira"; 2º lugar – Jaime Basso, de Carlos Barbosa, com "Ele?... Quem é ele?..."; 3º lugar – Elaine Cartel, de Porto Alegre, com "Mutações"; 4º lugar – Paulo Ronei Ávila Fagundes, de Santana do Livramento, com "V sinfonia para o vento"; 5º lugar – Ivani Maciel de Freitas, de Pelotas, com "Pensando". Conto (2º Grau): 1º Lugar – Rui Rogério Nobre, de Pelotas, com "Apocalipse"; 2º lugar – Liane Rossel Reinhardt, de Niterói (*sic*), com "O fundo do copo"; 3º lugar – Rui Rogério Nobre, de Pelotas, com "A dança da solidão"; 4º lugar – Lauri Kruger, de Ijuí, com "Quem"; 5º lugar – Vera Regina Antoniazze, de Passo Fundo, com "Para um ensaio". Poesia (Ensino Universitário): 1º lugar – Vera Beatriz Stumpf, de Erechim, com "Metamorfose"; 2º lugar – Antonio Gilberto Folletto, de Catuípe, com "Absurdo"; 3º lugar – Natanael Prates Canabarro, de Passo Fundo, com "As flores que não mandei"; 4º lugar – Luiz Carlos Battistello, de Cruz Alta, com "Reflexos"; 5º lugar – Augusto Xavier, de Passo Fundo, com "A procura da flor". Conto (Ensino Universitário): 1º lugar – Idalécio Moreira, de Lagoa Vermelha, com "Mandalete"; 2º lugar – Rogério Liska, de Tapejara, com "Noite de Sábado"; 3º lugar – Natanael Prates Canabarro, de Passo Fundo, com "Real ou Irreal"; 4º lugar – Idalécio Moreira, de Lagoa Vermelha, com "A Explicação"; 5º lugar – Luiz Carlos Battistello, de Cruz Alta, com "A última flor".



# Mandalete

IDALÉCIO VITTER MOREIRA

- Vai lá, correndo... Vem cá... Entrega isto... Anda depressa... Os terneiros foram encerrados...? Tá abrindo a boca, seu dorminhoco! Tratados, os touros que irão à Exposição...? Não te esquece da água pras galinhas, moleirão...

De segunda a segunda-feira, Martinho ouvia essa cantilena.

As cadelas finas, o corpo magro e lento, a sola grossa dos maltratados pés feriam centenas e centenas de metros, todo dia, madrugada à noite, pelos campos da fazenda ou ao redor da casa dos patrões. Era o mandalete de todos. Assim, nem começava a fazer uma coisa e já ouvia, gritando: "Vem cá, ligeiro!..." Cumprida a ordem e outra lhe era explodida com impaciência: "Vai lá, depressa! Te mexe..." Aquilo era todo o santo dia.

Mas o pior... o pior não era isso. Que até gostava de ser chamado, mandado, lembrado. Sinal que precisavam dele! Sim, porque esquecendo de prender os terneiros, não haveria leite fresco – dia seguinte. Não racionando as galinhas... poderiam até morrer. Os touros para a Exposição – uma fortuna – adelgaçariam. Os outros poderiam esquecer-se – ele não! – duma vaca que se extraviasse. Ou de um cavalo puro sangue, caído de mau jeito numa sanga...

Isso não era o pior.

Lá num canto da fazenda, o rancho onde morava, com o pai, a mãe e quatro irmãos menores. Estes, ainda pequenotes. Por enquanto, tal pinto novo, ciscando em volta do rancho. Quase nunca iam à casa da "Fazenda da Fraternidade". Ajudavam a mãe numa hortinha magra. Outras pequenas lides... O pai, um dos peões da fazenda. Bom ginete – dizem que fora. Martinho também lembrava... Agora, porém, depois de tanta festa que deu (a patrões, visitas que estes recebiam, ou mesmo na cidade, em dias de Rodeio ou Exposições) "virou um traste". Num dia de má lua, o cavalo rodou feio com ele. De mau jeito, a montaria por cima. Daí a dor enorme nas costas, em forma de frequentes fisgadas. Nem compressas e chás de "quebra-pedra" adiantaram. Cavalgava, mas agora um sacrifício. Não era o mesmo.

O caso aconteceu numa festa na cidade, "me apresentava pras autoridades, no cavalo mais xucro da fazenda, trava de urucubaca..." Depois passou a peão comum, como os outros – e até de menos serventia. Clarimundo não mais ria – enfezado que era! Pouco falava, agora. E até ficou meio relaxadote. Cavalo mal encilhado, bombacha suja de bosta de vaca – que nem peão maturrango e descuidado – em carreiradas domingueiras, que inda ia "só por costume".

Pois Martinho morava num canto da fazenda, com os outros. Era o mandalete dos patrões. E isso não era o pior, que até gostava. Sinal que precisavam dele!

O pior, era aquele frio parecendo doença, a entrar no corpo mal vestido, nos invernos mais medonhos, em que o minuano, guasqueando as paredes, empurrava, por entre as frestas, em noites sem fim... E a fome, nunca bem saciada, sentida com pais e irmãos, dentro do rancho perdido lá no fundo da fazenda.

(Idalécio Vitter Moreira venceu o II Concurso Estadual de Conto e Poesia promovido pelo Grupo Literário Nova Geração, em 1976, categoria Universitário, com o conto Mandalete.)

na memória do 30º aniversário

Hoje, passados 30 anos, vemos a diversidade da produção literária do *Grupo Literário Nova Geração*. Havia de tudo, desde sonetos sofrivelmente metrificados, imitações de poetas românticos do século XIX, até tentativas de filiação às vanguardas descabeladas. Nada, porém, que não estivesse dentro do espírito da Geração do Mimeógrafo.

A premiação dos vencedores do II Concurso Estadual de Conto e Poesia revestiu-se de caráter festivo. Ocorreu no dia 13 de novembro de 1976, na boate do Clube Caixeiral, com a presença do prefeito Edu Vila de Azambuja, do vice-prefeito, Juarez Paulo Zílio, do Juiz de Direito Diretor do Foro, Idênio de Carvalho, do presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, Benedito Hespanha e as mais importantes autoridades do município, além de grande público.

O *Grupo Literário Nova Geração*, após cinco anos de intensas atividades, chegava ao zênite. As publicações nos jornais continuavam, poetas e prosadores persistiam em suas produções, mas a mobilização foi diminuindo, restando iniciativas individuais como as desenvolvidas por Paulo Monteiro, através da publicação do jornal literário "Quero-Quero", que era enviado para 500 escritores de todo o país.

Durante os anos de 1979 a 1980, o Grupo esteve praticamente inativo. A 9 de janeiro de 1981, uma comissão de ex-presidentes convocava uma assembléia para decidir sobre a reorganização do Grupo. Da reunião, realizada no dia 15 seguinte, presidida por Paulo Roberto Diehl, membro fundador mais velho presente, tomaram parte Paulo Roberto Diehl, Ito José Brandão, Paulo Monteiro, Veneusa Trindade dos Santos, Marivone Terezinha Castelli e Milton Guimarães.

Decidiu-se pela continuidade do Gru-



po, elegendo-se uma nova diretoria, com Paulo Monteiro como presidente; Paulo Roberto Diehl, vice-presidente; Flávio Damiani, primeiro secretário; Milton Guimarães da Silva, segundo secretário; e Marivone Terezinha Castelli, tesoureira. Optou-se, ainda, pela ampliação, inclusive do quadro de membros correspondentes.

O plano não deu certo. Os custos gráficos inviabilizaram o relançamento da revista *Presença*.

Os tempos eram outros. Levados pela vida prática, muitos dos antigos integrantes do Grupo abandonaram a produção literária. Outros mudaram-se até mesmo para outros estados, e as dificuldades para congregar elementos mais jovens foram praticamente intransponíveis. O Grupo passou, e continuou mantendo publicações cada vez mais esporádicas na imprensa local. Nem mesmo a agregação de escritores de outros estados foi suficiente para manter a entidade, que durante mais de cinco anos, movimentou os meios culturais de Passo Fundo.

Em 23 de janeiro de 1982, era eleita a última diretoria do *Grupo Literário Nova Geração*. Paulo Monteiro foi mantido na presidência, tendo Paulo Roberto Diehl, como vice-presidente, Milton Guimarães da Silva, primeiro secretário, Flávio Damiani, segundo secretário e Marivone Terezinha Castelli, como tesoureira. O grupo ainda intencionava editar uma coletânea e adquirir um mimeógrafo, para divulgar trabalhos dentro do espírito que norteava a "Geração do Mimeógrafo", mas extinguiu-se nos meses seguintes.

Os jovens que fundaram o *Grupo Literário Nova Geração*, naquela noite fria de 29 de julho de 1971, tinham plena consciência de grupo, de geração literária. Sua contribuição, espalhada nas



Antônio João Ruschel e Elaine Fortes, julho de 1975

publicações que deixou (próprias ou na imprensa diária), representa um dos mais vigorosos documentos da literatura passo-fundense.

Quando relemos os "boletins literários" daqueles anos de chumbo, estamos diante de uma "geléia geral". O "é proibido proibir" era regra geral. Acolhiar-se, lado a lado, poemas vanguardistas, sonetos pretensamente parnasianos, e trovas, presas à camisa-de-força das exigências impostas pelas comissões julgadoras dos concursos de trovas e jogos florais, realizados em centenas de cidades brasileiras.

A produção do *Grupo Literário Nova Geração* insere-se dentro dessa época,

e é por isso que nessa mesma época se encerra, quer dizer, é contida e concluída. É impossível estudá-la fora desse tempo. Por isso, também, muitos poetas abandonaram a literatura, que só teria sentido naquele período de trevas.

Assim, talvez pela primeira e única vez em sua história, Passo Fundo tenha tido um verdadeiro grupo ou grêmio de escritores, dentro do espírito mesmo da época literária vivida pelo país.

(Paulo Monteiro é membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 32, que tem como patrono o poeta e jornalista Gomercindo dos Reis.)



# Idalécio Vitter Moreira e a literatura regional

ANA CAROLINA MARTINS DA SILVA

O II Seminário de Literatura – Autores Regionais foi um evento integrante do III Colóquio de Integração Acadêmico-Científico-Comunitário e II Mostra de Iniciação Científica, promovidos pelo Diretório Acadêmico Paulo Freire, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), na unidade de Vacaria. O Seminário aconteceu no dia 25 de novembro de 2004, com mesa-redonda seguida de debates, sobre “A importância do escritor local”. Estiveram presentes autores, de Bom Jesus: Lucila Sgarbi; de Ipê: Miguel Zelmair Paim e Paulo Édson Paim; e de Vacaria: Susana F. Minuzzo e Maria Neli Ferreira Borges. Este evento foi seqüência de um outro de mesmo tema, o I Seminário de Literatura – Autores Regionais, acontecido em abril de 2003, que contou com a participação dos autores: Cleber Pacheco (Esmeralda), José Renato da Silva (Caxias do Sul), Lauro Teodoro (Caxias do Sul), Justina Leda Rigon (Ipê), Daniel Alves Boeira (Monte Alegre dos Campos), Marina Brito Boschi (Vacaria), Suzete Carmen Shio Bernardi (Vacaria) e Idalécio Vitter Moreira, representando o município de Lagoa Vermelha.

Falecido em meados de 2004, Idalécio Vitter Moreira foi homenageado na noite do dia 25. Como parte da homenagem póstuma, foram exibidos trechos de sua palestra no I Seminário de 2003, onde, além de se apresentar, fala sobre o prazer de escrever e incentiva a continuidade e consolidação da UERGS. “A tarefa mais importante de uma universidade é escarafunchar na realidade!” disse o autor, ao elogiar a iniciativa de se efetuar os Seminários sobre a literatura regional. Na ocasião, se fizeram presentes a esposa e filhos

do escritor, acompanhados do vice-prefeito do município de Lagoa Vermelha, juntamente com sua esposa. A família agradeceu a homenagem e recebeu da UERGS uma cópia da fita de vídeo do I Seminário.

O II Seminário de Literatura - Autores Regionais, a exemplo do I, foi coordenado por mim e organizado pelo educando do Curso de Pedagogia/Anos Iniciais e EJA/VI Semestre: Edgar Bueno Silveira. A coordenação geral foi do Professor Ney Eduardo Possapp d’Avila, coordenador das unidades da UERGS – Vacaria/Sananduva e membro da APL.

## Idalécio Vitter Moreira e a literatura regional

Idalécio Vitter Moreira nasceu em Hulha Negra, à época distrito de Bagé. Fez o curso de Técnico Agrícola na ETA – Viamão e, após, transferiu-se para Lagoa Vermelha, onde passou a atuar como professor nesta área. Licenciou-se em Língua Portuguesa e Literatura e passou a lecionar. Frequentou – sem concluir – pós-graduação em Literatura Brasileira e também ministrou aulas de Sociologia, para o curso de Magistério.

Em Lagoa Vermelha e região participou de vários movimentos culturais, atuando, inclusive, firmemente, no Move-

mento Pró-UERGS. Com os Irmãos Nepomuceno, criou em Lagoa Vermelha o Jornal “Gazeta Popular”, que circulou por 30 anos; tendo publicado também coluna semanal no jornal “Folha do Nordeste”. No tocante à Literatura, publicou “Fragmento” (contos e crônicas), “A quatro mãos” e o livro “O Silêncio dos Homens”; tendo deixado por publicar “Os votos do Padre & Outras estórias”.

Maria da Glória Bordini, professora, pesquisadora e escritora, integrante da equipe do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, de Porto Alegre, na apresentação do livro “Seleção dos 35 melhores contos do Rio Grande do Sul”, publicado em 2003, ao comentar o critério usado por ela para escolher os 35 melhores, os divide em três seções, por temáticas subjetivas:

Honra e Decadência: São histórias que constituem ou desconstruem a idéia de gauchidade fundada nos valores épicos da honra e da lealdade, muito caros aos movimentos tradicionalistas.

Violência e paixão: Tentam mostrar que tais valores, quando inautênticos, se alicerçam em emoções primitivas, que irrompem inesperadamente para a destruição dos que as vivem ou as sofrem. São contos marcados pelo ódio, o medo, a vingança, o desamparo, o horror, não poucos vinculados aos desmandos do poder político, às trevas das ditaduras vividas no país, à degradação dos corpos e mentes.

Estranhamento e solidão: Contos híbridos – falam de reificação da vida nas cidades, do isolamento radical do moderno homem urbano, de ricos e pobres e seus pequenos, e por vezes tocantes, dramas pessoais, mas também investem em vivências absurdas, ambientes irreais, figuras da história colocados em situações improváveis.

Pois estas características, tão bem representa-



das na seleção de Bordini, por Simões Lopes Neto, Jane Tutikian, Josué Guimarães, Moacyr Seliar, Caio Fernando Abreu, entre outros, estão presentes nos contos de Idalécio Vitter Moreira, de Hulha Negra.

“Velho campeão, violonista” foi um dos contos trabalhados com as turmas de Língua Portuguesa e Literatura III e IV da UERGS - Vacaria, em sala de aula, e apresentado no Asilo de Vacaria, pela turma da Pedagogia III, em janeiro de 2005, com fisicalização, canto, imagens e fantoche. Nele, o autor apresenta o velho campeão, antes artista, valorizado e bem de vida, numa realidade atual, cheia de fingimentos e maldades. O violonista, hoje, é valorizado apenas nos tempos de comício, quando atrai público para candidatos nem sempre honestos.

As palavras de Moreira, traduzem o estranhamento e a solidão:

“Velho, estropiado, cicatrizes no corpo e na alma, pequeno é o valor que lhe dão agora – igual aos concedidos ao restolho, às coisas miúdas. Um pouco mais de atenção em tempos de eleições, nas comiciadas, quando anima, violão e voz, o falatório sedutor dos homens, a despejarem-lhe, de inhapa, atributos que até duvida que tenha tido um dia.”

Traduzem a honra e a decadência, mencionadas por Bordini:

“O velho violão. As antigas melodias. As carreiradas. Os rodeios. As farras. O campo dantes, onde pelo menos algum valor verdadeiro se tinha – campo que, de modificação em novidade, escorraçou-lhe, com outros...”

No conto “Os meninos que jogavam pedras e palavras”, o autor revela a face da violência e paixão, para recorrer novamente ao perfil destas te-

máticas. O conto fala de meninos da periferia que, com raiva, jogavam palavras e pedras em carros luxuosos. Carros que traziam pessoas bem vestidas com donativos: roupas, calçados, cobertas, mas usavam isso para autopromoção na cidade.

“No meio deles, dias de festivas doações, mãos sedosas e perfumadas em suas perplexas cabeças, os homens se deixavam fotografar pelo fotógrafo que os acompanhava – numa aparente e passageira contrariedade; e as fotografias, destinadas a emoldurar relatórios e depoimentos esquisitos, “que lastima, minha gravata saiu torta!”, dimensionavam profundos contrastes.”

Mas a falsa generosidade que encobre o interesse vil da propaganda, encontra eco no mais profundo sentimento de ódio e mágoa dos meninos:

“Porém, os garotos não apreciavam aquela generosidade. (É que aquilo, indefinido, despertava uma espécie de consciência dóida... e havia mesmo o sonhado mundo dos homens, farto e bonito, esmagando, no silêncio delas mesmas, o lamento comprido e angustiado das vilas). Por isso, apenas por isso, os meninos jogavam pedras e palavras.”

Mas não é apenas nos aspectos históricos e ideológicos que reside a importância da obra de Idalécio. Analisando seus trabalhos, a partir dos paradigmas explicitados por Vieira e Boschi, em “Gaúcho: Espaço & Argumento”, percebemos que o resgate linguístico que ele faz em seus contos é fundamental para a identificação, com seus personagens pelo povo da região. Para as autoras, que construíram sua obra a partir da análise de poemas do “Concurso de Poesias Inéditas”, ocorrido desde 1996, no famoso Rodeio Internacional de Vacaria, os aspectos semânticos das obras regionalistas são fundamentais para manter o vocabulário, que elas chamam de vocabulário de referência.

“Um dos indicadores desta identidade é a resistência do homem da campanha na invocação dos objetos de trabalho ou de lazer. Alguns, por força de novos inventos, tendem a obsoleter-se; outros, ainda não encontraram competentes substitutivos: adaga, bombachas, cucharras, palheiro (...). Palavras ou expressões que, con-



Idalécio Vitter Moreira

tinuamente, se repetem e se completam semanticamente são encontradas na quase totalidade dos poemas: alarde, bravura, caudilho (...).”

Seus contos “Estórias de Quebracho” eram as histórias de sua preferência. Em sua palestra, no I Seminário de Literatura, o autor se confessou apaixonado por estas histórias e dizia-se tomado de um prazer imenso, ao escrevê-las. Nelas, o vocabulário de referência aparece com toda a força. Em “Talarico”, um dos episódios, o personagem homônimo está muito tenso, na espera do resultado da eleição para prefeito. Os rumores de que os candidatos estavam “taco a taco”, lhe traziam grandes preocupações:

“Dessas remastigações, nasceu-lhe um cacoete: qual cavadeira, nervosa, com os dedos indicadores furingava os ouvidos, como se estivessem cheios d’água.... Além disso, não mais tragava o palheiro como dantes, despreocupado – agora mordida e mastigava a palha, o fumo dependurando-se no bigode avermelhado. Comia um quase-nada, beliscando no prato como tico-tico catando resto de arroz no pátio(...).”

O que é literatura? Questionamento frequente entre os que produzem, entre os que consomem e os que estudam obras ditas literárias. Muitos autores já tentaram defini-la. Em 1853, B.Jullien, educador francês, escreveu:

“Compreende-se pelo nome de literatura a reunião de um conjunto de obras, em prosa e verso. Essa palavra significava, primitivamente, o alfabeto e a arte de desenhar as letras. Aplicava-se também à gramática propriamente dita e depois aos conhecimentos literários em geral. Finalmente, e por excelência, às



obras literárias das quais se pode honrar uma nação.”

Raúl H. Castagnino, catedrático da Universidade de Buenos Aires, seis vezes presidente da Academia Argentina de Letras, falecido em 1999, cita o francês, em seu livro “Que é a Literatura”, e observa que esta definição exclui a visão de que uma obra é feita para agradar, recrear, ou emocionar. Este autor ainda cita que, para Freud, a literatura servia de evasão para alguns sonhadores ressentidos com o meio. Lembra Sartre, que descarta o escritor desinteressado e prega a militância definida. Este, não crê na “arte pela arte”: “Nós não queremos faltar em nada a nosso tempo; talvez os houve melhores, mas este é o nosso. Temos esta vida para viver, em meio destas guerras, destas crises”. Para ele, literatura era compromisso.

No Brasil, mais contemporaneamente, Antonio Candido de Mello e Souza, ou Antônio Cândido, como é mais conhecido, pesquisador, leitor, crítico e observador da Literatura e da Literatura Brasileira, condensou estas opiniões, refletiu, ampliou e apresentou a seguinte definição:

“Entendemos por literatura fatos eminentemente associativos: obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos. Toda a obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma “expressão”. A literatura porém é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem) e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, - para chegar a uma “comunicação”.

Levando-se em consideração os aspectos da coletividade, podemos observar nos escritores que estiveram presentes nos dois seminários de literatura de Vacaria, um grande entrosamento com as coisas de sua região. O conteúdo de suas obras mostra a essência daqueles homens e mulheres, seus vizinhos e vizinhas. O que vem a confirmar as observações de Antônio Cândido, o mineiro carioca, que tanto nos ensina:

“Assim, não há literatura, enquanto não houver essa congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo (embora ideal), segundo um



estilo (embora nem sempre tenha consciência dele); enquanto não houver um sistema de valores que (“enforme”) a sua produção e dê sentido à sua criatividade, enquanto não houver outros homens (um público) após criar ressonância a uma e outra; enquanto, finalmente, não se estabelecer a continuidade (sua transmissão e uma herança), que signifique a integridade ao espírito criador na dimensão do tempo”.

Os autores regionais encontram-se em consonância com estes conceitos. Homens e mulheres de seu tempo, com sentimentos e arte registrados em seu vocabulário próprio ou de referência. Trazer Idalécio Vitter Moreira de novo à vida, através de sua obra (especialmente estes contos aqui mencionados, que não estão publicados em livro algum, pois foram um presente do autor aos educandos em 2003) é gratificante, é emocionante, é um compromisso com a boa literatura produzida no interior do Rio Grande do Sul.

#### Bibliografia consultada

BORDINI, Maria da Glória. Seleção dos 35 melhores contos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, IEL - CORAG - Sec. De Estado da Cultura - RS, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1985.

CASTAGNINO, Raúl H. Que é literatura? Natureza e função da literatura. São Paulo, Mestre Jou, 1969.

VIEIRA, Juçara M. Dutra, BOSCHI, Marina Brito. Gaúcho: espaço & argumento. Bento Gonçalves, ARTEXTO, 1986.

#### Webbllografia consultada

<http://www.pacc.ufrj.br/literaria/umabibliografia.html>

<http://www.aal.universia.com.ar/aal/index.htm>

(Ana Carolina Martins da Silva é Professora M.S. da UERGS e membro da Academia Passo-Fundense de Letras - Cadeira 17, de Ernani G. Fornari. Site: [www.profanacarolina.art.br](http://www.profanacarolina.art.br))

# O homem está perdendo o pátrio poder

SANTO CLAUDINO VERZELETI

O homem está se afastando da condução e defesa da família. Antes a realização da mulher se resumia a cuidar dos filhos e do marido. Hoje, ela começa a determinar o compasso dos negócios e controlar os pas-

gos de chefia, conseqüentemente, com melhor remuneração. É só uma questão de persistência, e elas ultrapassarão logo o parceiro, também quanto ao rendimento financeiro de suas atividades. Como diz minha prima: "Ser persistente e jamais entregar os pontos é um dom pra lá de especial da mulher". É por isso que elas não abrem mão de nenhuma das funções que vêm conquistando ao longo dos anos.

Nos grandes mercados de cosméticos, elas ocupam mais de 65% das vagas. Nos supermercados, 85%, nas lojas, 90% ou mais.



ses do antigo machão. O mercado de trabalho abre espaço cada vez maior para as mulheres, pela omissão do próprio homem. Talvez seja uma reprimenda por suas ações no passado.

O Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos) revela que, nos últimos onze anos, 12 milhões de mulheres entraram no mercado de trabalho. Além de cuidar dos afazeres domésticos, elas saem em busca do sustento da casa e da família, enquanto ele, o zangão, cada vez mais impotente e incapaz, acomoda-se em tarefas outrora femininas, quando não se submete à rotina vazia dos botequins.

Seja para sustentar suas famílias ou para se tornarem independentes, trabalhar fora passou a fazer parte do dia-a-dia das mulheres. Segundo o IBGE, elas ainda ganham menos do que o homem. Entretanto, conquistam diariamente posições numéricas e qualitativas e, no final da década e do século passados, começaram a assumir postos-chave, car-

A mulher de hoje é independente e quer informações de verdade, para ficar ainda mais atendida e sintonizada com o mundo. O homem, por sua vez, vem se omitindo em sua responsabilidade do pátrio poder, faz corpo mole e vai perdendo o espaço que, historicamente, foi dele. Os jovens também não refletem sobre o momento atual, que está mudando o foco das relações familiares.

Igualmente em relação ao lazer, ao estudo e ao sexo, a mulher vem se tornando mais senhora de si. Se é capaz de sustentar-se, tem o direito de ser dona de suas ações. A dedução é óbvia. E, enquanto o homem continua alimentando preconceitos antigos, ela vai galgando posições em todas as esferas. E ainda possui a seu favor a aptidão para exercer os ofícios, tanto no lar, como no comércio ou em qualquer outro posto.

Mulher moderna é aquela inserida no

mundo. Aquela que frequenta ou usa o que é *fashion*, antes de se transformar em *fashion*. Ela se antecipa às situações, sabe das novidades, é bem informada, mesmo sem ter viajado. E consegue conciliar muitas tarefas sem fazer disso um drama. Dá conta de tudo, sempre com seu jeito especial. A mulher de hoje está rompendo barreiras e tabus para chegar onde quer. E isso é muito importante, pois assim ela não estaciona no tempo. Está sempre evoluindo.

A informação é a peça chave para uma mulher ser atual. Isso significa participar e buscar sempre um lugar na fila, e competir de igual para igual com o seu concorrente masculino.

Quanto ao homem moderno, é claro que não pode dar vexame. Tem que ser atento ao mundo e à nova "alma feminina", além de tentar compreender as mudanças que a atingem. Também nossos



jovens estão numa dormência de limbo, quase alienados às transformações, que são visíveis e rápidas.

Em síntese, o progresso vem encurralando todos e exigindo escolhas seletivas, tanto domésticas, como profissionais, sociais e afetivas. Urge que o homem, o antigo detentor do poder, e as novas gerações que vêm surgindo, aprendam a enfrentar e lidar com as novas relações criadas pela sociedade e, sobretudo, com a nova mulher.

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e secretário geral do Centro Cultural Ítalo-Brasileiro Anita Garibaldi.)

## Esperanças

Se há crença  
é porque há um luzeiro  
a brilhar  
indicando  
os caminhos do Infinito.

Se há claridade  
é porque há alguém  
a seguir esta luz.

Enquanto o luzeiro  
desprender cintilações  
indicando os caminhos  
há esperança  
nem tudo está perdido.

Hoje como ontem  
o luzeiro aí está.  
E amanhã?

Enquanto houver amanhã  
Existirá esperança.

## Refúgio

Sabia-se capaz  
De altos vãos  
Fascinava-lhe a amplidão.

Na noite silenciosa  
Onde o impossível do cotidiano  
Desaparecia  
Olhos abertos  
Alçava voo  
A segurança era o seu leme.

Regressava do devaneio  
À rotina de sua existência  
Consciente da fuga  
de suas possibilidades.

## Travessia

Sua frágil embarcação  
Vai singrando  
Águas calmas  
Águas revoltas.

Na tranquilidade  
Acomoda-se  
Aprisiona-se ao barco  
Como se não fosse transitivo  
Navega simplesmente  
Sem perspectiva de chegada.

Ao singrar as águas revoltas  
Transfigura-se  
Busca forças  
Liberta-se  
Luta  
Avança  
Divisa a praia à distância  
E deseja apesar de sua finitude  
Alcançá-la.

## Oferendas

Ofertaram-lhe  
Rosas  
Vermelhas  
Amarelas  
Azuis.

Numa gaiola dourada  
um canário.

Tristeza  
como explicar-lhes  
sem magoar.

As flores amava-as  
nos jardins  
Os pássaros em liberdade.

## Dádiva

Quisera um dia  
Por um instante  
Sua presença  
Como presente.

Alegra-lhe a lembrança  
Que talvez de sua posse  
Fugisse todo o mistério  
Que ainda hoje permanece.



## MARA DA GRAÇA CARPES DO VALLE

### O tempo urge

Passinhos, murmúrios, passos largos,  
vozes, corrida...  
Anseios, clamores, esperanças aquecidas.  
Melodias frenéticas e ecléticas  
sinalizando mudanças.  
Sempre adiante, o tempo urge!

Buscas constantes, expectativas,  
Idas e vindas, horas marcadas?  
Nem sempre...

Desafios, amores, encontros e desencontros.  
Adiante, o tempo urge!

Revelações, afinidades, emoções  
que se entrelaçam no tempo.  
Pensamentos, ações, vivências  
que fazem o agora que o ontem criou  
e fará surgir o futuro...

Sempre avante, o tempo urge  
Sinalizando o final dos ciclos.

O tempo urge...  
Que tempo?!

Jurema Carpes do Valle é  
professora e bacharel em  
Ciências Jurídicas e Sociais.  
Membro adiante da  
Academia Passo-Fundense  
de Letras.



Fábrica de cerveja Bade, Barbieux e Cia., vista da rua Paissandu (Foto Moderna, 1940)

**VERÍSSIMO DA FONSECA**  
e **PAULO MONTEIRO**

N uma tarde quente de fevereiro de 2005, mantivemos uma longa entrevista com Leofrida Thevenet Barbieux, conhecida de toda a comunidade como Dona Gringa Barbieux, ou simplesmente Dona Gringa. É uma senhora que, graças à memória privilegiada e à lucidez que conserva aos 93 anos, tem servido de fonte para diversas pessoas que se aventuraram a contar a história passo-fundense dos últimos cem anos.

Seu pai, Mário Borges Thevenet, morador de Uruguaiana, era tropeiro de mulas e, nas suas longas jornadas rumo ao Planalto Paulista, costumava descansar seus animais nos campos de Passo Fundo. Como na lenda popularizada pelo historiador Jorge Edeth Cafruni, deve ter bebido da água do velho chafariz existente próximo à primeira moradia de homem branco, tomando a decisão de fixar residência por aqui, trazendo a família, constituída pela mulher, Matilde Pessano Thevenet, e os filhos, entre os quais estava Leofrida, nascida em 16 de setembro de 1912, então com 15 anos.

Quando a família de Mário Borges Thevenet chegou, Passo Fundo era o mais importante centro comercial, industrial e de serviços de todo o Norte do Rio Grande do Sul e Oeste de Santa Catarina. O município, em 1927, contava

com diversas casas comerciais, além de madeiras e moinhos de arroz, trigo e milho. Também possuía uma cervejaria artesanal, criada por João Corá, que abastecia todo o mercado, de Santa Maria a Marcelino Ramos.

“As garrafas de cerveja eram acondicionadas em caixas de madeira, com quadradinhos também de madeira. Para transporte mais longe, as garrafas eram empalhadas com palha de cevada. O lupo vinha da Tcheco-Eslôvquia, enrolado em linho. A cevada era importada da Argentina. O transporte era feito em trens, e para onde estes não chegavam, através de carroças”, conta Dona Gringa.

Em Passo Fundo, Leofrida casou com Walter Barbieux, técnico cervejeiro, filho de Jorge Babieux. Este era filho único. Ficou órfão muito cedo e sua mãe casou com um viúvo que tinha dois filhos. Mesmo sem nunca esquecer de seus parentes na Europa, sempre manteve um espírito aventureiro, que o fez passar por diversos lugares até fixar-se definitivamente em Passo Fundo, em 1915.

Aqui adquiriu a Cervejaria Serrana, de Bramatti e João Corá, que foi ampliada, passando a produzir a Cerveja Gaúcha.

Em fins de 1918, Walter Barbieux foi para a Europa, estudando em Hamburgo, entre 1919 e 1925. Em 1926, iniciou-se a ampliação da cervejaria, com a importação de uma caldeira, que, desembarcada em Porto Alegre, foi transportada de trem até Passo Fundo. O transpor-

te da caldeira da estação ferroviária exigiu o concurso de dois caminhões: um à frente, puxando-a; outro atrás, segurando-a nos declives. Assim, chegou até indústria movida por dois caminhões, um que puxava e outro que empurrava. A cidade parou para ver a operação de transporte.

Com o retorno do jovem técnico cervejeiro, a indústria foi modernizada. Tudo foi eletrificado. Gringa Barbieux lembra que, além de cerveja, a indústria produzia guaraná e limonada gasosa. “O guaraná, natural, vinha do Amazonas em tonéis. A limonada gasosa era produzida com limão natural que vinha de Marcelino Ramos. Todos os produtos eram naturais, com água natural, de um poço artesiano perfurado especialmente para isso. O limão era pasteurizado e conservado em garrafas de vidro, por isso sempre, inverno e verão, podia ser produzida a limonada. Apenas a na água de soda, ia um produto químico, o sódio. Além da Cerveja Serrana, era fabricada a Cervejinha Preta Gauchita”.

“A cervejaria era a mãe da seca, pois as pessoas se beneficiavam do poço artesiano, ao tempo em que a cidade só dispunha da água de poço (não dispunha de água encanada). Walter era muito preocupado com a questão social e fazia questão de ceder água para todos. Nas épocas de seca, era uma verdadeira romaria de pessoas em busca de água. As secas sempre foram periódicas e frequentes. Os moradores das casas próxi-

mas se beneficiavam regularmente da água cedida pela cervejaria, encanando-a até as suas residências. As pessoas portadoras de insuficiência respiratória valiam-se do oxigênio produzido na cervejaria, nas crises agudas. "Até Dona Jovina Vergueiro, esposa do Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, beneficiou-se de um tubo de oxigênio fornecido pela empresa", lembra Dona Gringa.

"A Cervejaria Serrana – acrescenta Dona Gringa – foi fundada por meu sogro, Jorge Barbieux, após comprar a pequena cervejaria de Bramatti e João Corá; e continuada por meu marido, Walter Barbieux e seu sócio Otto Bade, que vendeu sua parte para a Cervejaria Continental e, em 1945, foi totalmente vendida para a Cervejaria Brahma".

Comparando Passo Fundo de hoje com Passo Fundo da primeira metade do século passado, Dona Gringa Barbieux não tem dúvidas: A Cervejaria Serrana era a empresa que mais contribuía com impostos para o município. Os selos eram comprados na Coletoria Estadual e



Walter Barbieux e Leofrida Thevenet Barbieux

colados a mão. Uma fileira de piás, sentados em banquinhos, colavam os selos e bebiam gasosa, a bebida preferida da época. Antigamente, Passo Fundo tinha mais indústrias do que hoje. Aqui se produzia de tudo. As indústrias eram mais pesadas, mais diversificadas do que as de hoje. Se produzia quase de tudo em

Passo Fundo", reflete, pensando na cidade onde viveu sua juventude, amou e foi amada pelo cervejeiro Walter Barbieux, com o qual constituiu família.

(Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e Paulo Monteiro são membros titulares da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Jorge Barbieux

### LEOFRIDA THEVENET BARBIEUX

Nascido a 29 de novembro de 1867 em St. Gall, na Suíça, veio para a América do Sul, com apenas 16 anos, fixando-se na Argentina.

Em 1884, retornou à Europa, realizando cursos e estágios na indústria cervejeira, na Alemanha e Espanha, e diplomando-se em técnico cervejeiro, em 1889.

Em 1890, retornou à Argentina, onde exerceu a profissão por algum tempo, transferindo-se, em 1900, para Porto Alegre, cidade onde casou com Maria Luisa Breier, e passou a trabalhar na firma produtora das cervejas Bopp, Sassen e Ritter. Assumiu depois a direção da parte técnica da Cervejaria Janh, em Montenegro.

Em 1915, já com quatro filhos, veio residir em Passo Fundo, adquirindo a pequena Cervejaria Serrana, de Bramatti e João Corá.

Ampliou a indústria e passou a fabricar a Cerveja Gaúcha, que logo se tornou uma das melhores da Serra,

entrando em moderna tecnologia e grande expansão.

Naturalizado brasileiro, Jorge Barbieux, homem culto, de espírito livre e progressista, de coração aberto e sensível, distinguiu-se por sua atividade comunitária e integração aos interesses da nossa pátria.

Em 27 de dezembro de 1927, foi nomeado vice-cônsul da Áustria no Brasil, pelo presidente da República da Áustria, Wilhen Miklas, tendo recebido a excepcional distinção da Medalha de Honra em ouro, concedida pelo mesmo presidente em 10 de agosto de 1932, pelos serviços de intercâmbio que desenvolveu entre os dois países.

Um dos seus títulos de maior orgulho é, porém, o reconhecimento da Academia de Ciências da Baviera, pois estudioso da fauna e da flora riograndense, enviava sistematicamente exemplares para montagem, e a sua contribuição à famosa coleção geológica daquela secular instituição científica lhe valeu um honroso documento da Medalha de Prata Bene

Merité, "pelo seu alto espírito científico e excepcional merecimento ao progresso da ciência zoológica".

Através da cervejaria, que crescia parêlha ao desenvolvimento de Passo Fundo, para o qual contribuía, guarda ainda a memória de várias gerações, o apito da fábrica, como sinal à espera do ano, dos abraços, das felicitações, das melhores noites dos anos que iam findando.

O velho lutador faleceu em Porto Alegre, aos 25 dias de janeiro de 1945, já aposentado, mas ainda acompanhando o sucesso de sua empresa, que passara às mãos de seu filho Walter.

Viúvo, deixou os filhos: Walter, Constance, Bruno e Dagmar, todos casados, e onze netos.

Em 1973, pelo Centro das Indústrias da Região do Planalto, foi escolhido o seu nome para patrono do SESI, como pioneiro no desenvolvimento industrial e comercial da cidade e região.

Jorge Barbieux é avô de Hélio Barbieux Corá, atualmente residindo em Porto Alegre, o qual foi diretor da Cervejaria Antártica no Rio Grande do Sul. É avô, também de meu filho Jorge Thevenet Barbieux, médico em Porto Alegre.



# Faz sentido

PEDRO DU BOIS

Muitos trabalham a teoria de que os fatos mais diferentes e distantes entre si acabam se entrelaçando e gerando acontecimentos que servem para unir as pessoas, pelo menos, nos interesses intelectuais.

Começo por trechos do artigo assinado pelo jornalista, escritor e crítico de artes, Harry Laus, publicado no jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, em 01/12/1962:

*"Mário Faustino e Sua Hora*

*Um avião a jato ultrapassou a velocidade em que vivia o poeta Mário Faustino. E ele, sempre tão consciente de seu valor e suas possibilidades, nada pode fazer contra a máquina que se dilacera – e o dilacerou – contra as montanhas.*

... Mário exercia tremenda vigilância em torno de si e de sua obra... impiedoso para com a criação e sua auto-crítica jamais o deixou publicar um único poema que não tivesse sua completa aprovação, depois de aperfeiçoado pela luta contínua em busca da palavra exata para exprimir seu pensamento... (o que) pode ser facilmente verificado (em) ... seu livro "O Homem e Sua Hora", em poemas como "Sinto que o Mês Presente me Assassina", "Romance", "O Mundo que

Venci Deus-me um Amor" e, principalmente, no grande poema que dá título ao livro. E também pelo importante trabalho de orientação poética que desenvolveu no suplemento literário do *Jornal do Brasil*...

... dos que com ele conviveram, ninguém terá deixado de sofrer sua influência. Personalidade poderosa, inteligência nervosa e lúcida, sabia argumentar sempre com brilho e propriedade, armando o raciocínio numa frase aparentemente fria e racional mas de ... precisão impressionantemente concisa... atributos ... gerados pelo constante policiamento verbal que impunha à sua poesia, pelo estudo contínuo e profundo dos grandes poetas...

... sua companhia trazia uma grande carga de emulação. Insistia para que se trabalhasse, lia sem cessar e, de vez em quando, interrompia a leitura para mostrar uma descoberta, fosse um poema inteiro, um verso ou uma simples palavra... tinha um dom especial de leitura das poesias...(as) lia com naturalidade, respeitando a modulação da linguagem e do verso, fazendo-nos sentir em toda a sua intensidade a intenção do poeta... e em qualquer lugar, na praia, num bar, começava a se lembrar de Cecília Meireles ou de Camões, trazendo para nossa companhia a presença de sua mais constante preocupação: a poesia.

Se fosse pequena essa dívida para com Mário, ainda poderia acrescentar



Mário Faustino

outra: a orientação que recebi na prosa de meus contos. Não se cansava de aconselhar, riscar e sugerir. ... não poucas vezes me obrigou a retomar o assunto em busca de solução melhor.

Não cabe lamentar a morte de Mário Faustino no sentido usual. Ele próprio detestaria que se o fizesse. Haveria de achar uma frase irônica seguida de algo engraçado para diminuir o efeito negativo ou destruidor que contivesse. Era sempre assim que agia. Ao perceber, de longe, o perigo do piegas e do vulgar atacava um ângulo imprevisto do assunto, ridicularizando a instauração imprópria do sentimentalismo banal. Ou talvez repetisse seus próprios versos para rematar o diálogo:

Não morri de mala sorte  
Morri de amor pela Morte"

Harry Laus, catarinense de Tijucas, nasceu em 1922. Foi para Passo Fundo, em 1933, onde ficou até 1941, quando



ingressou na Escola Preparatória de Cadetes, em Porto Alegre. Era irmão de Jayme Laus, sócio fundador da Casa Rádio, e de Alceu Laus, que lá começou como eletrotécnico.

Lendo o livro com os artigos do Harry Laus, sobre artes plásticas, encontrei o texto sobre Mário Faustino que, em 2002, me havia sido "apresentado" por um novo e *cyberamigo* (Luiz Sérgio Henriques), de Juiz de Fora, por obra e graça de comum interesse sobre outra poetisa: Orides Fontella.

"Apresentado", fui atrás de o "O Homem e Sua Hora". Li e gostei. Até porque numa das suas poesias, "Noturno", senti a presença de outro poeta que me é caro: Augusto dos Anjos.

Cá estou, em Itapema, entre a praia e os morros – verdes e azuis, ou esmeraldas – entre díspares figuras, vivas e mortas (materialmente!), tendo Passo Fundo como ligação.

Ninguém esquece Passo Fundo: todos voltaremos para lá, mesmo que em lembranças e certezas. Ou arrependimentos. Há a história da água da bica. E Passo Fundo fica enredando seus personagens, proporcionando histórias com essas "coincidências" da vida.

Harry Laus, ao falar dos escultores catarinenses, faz referências a Paulo Siqueira. Seria o mesmo? Dois escultores com o mesmo nome, entre o RS e SC, contemporâneos...

Se os contos do Harry Laus mereceram as críticas do Mário Faustino, suas crônicas sobre as artes plásticas soam legítimas, sublinhando diversos nomes das artes brasileiras e catarinenses. Pena que a maioria dos nomes citados desapareceu como artista. Permaneceram os "medalhões". Ingrata a arte. Mais ingrato o mercado das artes.

Sobre Mário, vale a leitura da sua vida (meteórica), do seu trabalho como incentivador das letras e do escritor que, desde o começo, soube muito bem quais eram, seriam e acabaram sendo as "suas horas". Mesmo a última, (im)prevista nos motivos dos seus trabalhos e na ânsia com que procurou deixar suas coisas prontas e acabadas.

Porque no final do "Noturno" temos: "Quanto foste traído! O luar torto Raiva no campo aberto onde esta noite

Um profeta estremece no seu túmulo."

(Pedro Du Bois é Membro da Academia Itapemense de Letras.)

# Viramundos - a arte em trânsito

HELENA ROTA DE CAMARGO

**P**rovocar nas massas um transe coletivo. Resgatar o veio das emoções aprisionado nos caminhos da indiferença. Reaquecer o sorriso, a gargalhada, a lágrima, o choro, pela compulsão da empatia entre atores e espectadores, numa saga de máscaras e verdades.

Quando o ônibus-palco aciona os freios e se posiciona na praça, ninguém fica imune às suas vibrações. Todos se achegam devagarinho, espiam, comentam, criam expectativas. Que surpresas estará escondendo aquele pássaro colorido e singular, alçado sobre rodas, que transporta, nas asas de metal, um sonho encantado e misterioso?

Crianças, jovens, velhos – uma fanfarra de olhares curiosos, de comentários e ansiedades.

Ninguém arreda pé. Todos procuram o melhor ângulo, o contato mais próximo.

De repente, a buzina toca, o bumbo soa, a cortina se abre. E eles, os mágicos da sedução, irrompem do túnel do mistério, para a companhia do sol, do vento, das árvores, dos

prédios, do povo amontoado ante a miragem do palco volante.

O silêncio baixa sobre a multidão. Aquele silêncio sintomático que precede o êxtase. E ninguém mais vive o cotidiano. Todos se irmanam numa euforia ilusória que transcende o tempo e se confina no ali e agora.

A respiração suspensa. O olhar fixo no tablado. O ouvido atento às vozes andarengas. Cada palavra, cada ruído e canção, cada gesto e trejeito, são recolhidos na alma como se fosse um troféu.

Enquanto os personagens se agigantam sobre o palco, pouco a pouco catalisam os sentimentos daquela gente, assim debruçada sobre o imaginário, como se estivesse a presenciar um milagre nos degraus de um santuário.

O Viramundos é lar, veículo, camarim, ribalta. Uma mescla de despojamento e opulência, de prazer e angústia. Tal como a mãe que carrega no ventre os filhos-gêmeos de um amor sem fronteiras: *o teatro e a arte* – as crias desse bizarro aventureiro, nos seus bordejos pelos rincões do Brasil.

(Helena Rotta de Camargo pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)



## Floresta azul

Na floresta azul,  
O azul escuro das árvores vetustas  
confunde o pássaro azul claro  
entre seus galhos e folhas.  
As gramíneas celestes  
reciclam suas hastes  
no espelho do rio azulado.  
A neblina forma dois vultos suavíssimos  
que amam o amor azul puro.

## Desencontro

Eu à procura,  
Você na espera.  
No encontro,  
as diferenças.  
Eu ofereci amizade,  
Você queria aventura.  
No desencontro,  
a desilusão.  
Continuei na procura,  
e você, na sua longa espera.

## O sabiá

Ao aproximar-se o entardecer,  
paira no ar uma sensação de paz e saudades.  
Saudades não sei de quê.  
Saudades de alguém?  
Da mocidade?  
Do tempo de criança?  
De um sonho talvez?  
Sei dizer, porém,  
que a saudade não fere somente o ser racional,  
mas o irracional.  
No fim da tarde,  
chamou-me atenção o cantar triste de um pássaro no pomar.  
Aproximei-me e vi um sabiá, no galho da macieira.  
Que estaria ele fazendo na cidade,  
se vive sempre na mata, cantando suas saudades?  
Creio que foi atraído pela beleza da macieira em flor.  
Cantou, cantou até o anoitecer, depois voou,  
sumindo na distância.

## De repente

De repente,  
nada mais que de repente,  
despertamos para a vida.  
(Estamos adormecidos  
ou anestesiados pelo cotidiano?)  
Queremos agora, freneticamente,  
um existir emoções e paixões,  
na busca do tempo perdido.  
Magoados,  
amadurecidos,  
compreendemos que o tempo passou,  
passou e não há retorno.  
Temos que conscientes viver com o que nos restou.

## Um novo amanhecer

Intensamente nós,  
num amor  
que ficou no tempo,  
na grima que rolou,  
na dor que murchou,  
no olhar distante  
no horizonte,  
procurando um novo amanhecer.

## Primícias

BRUNA CENCI ORTIZ

## Só um eu

Me chamo Bruna,  
Tenho cabelos castanhos,  
Olhos castanhos,  
Pele branca.  
Sou Bruna triste,  
Sou Bruna alegre.  
Às vezes calma e  
muitas vezes nervosa.  
Gosto de estar com alguém  
ou ficar sozinha.  
Esta sou eu,  
várias Brunas,  
mas só um "eu".

(Bruna Cenci Ortiz, 13 anos,  
é neta de Craci Dinarte.)

# O masculino e o feminino na novelística de Eça de Queirós

**LUIZ JUAREZ NOGUEIRA  
DE AZEVEDO**

Os grandes, se não o maior dos escritores, da língua portuguesa, José Maria Eça de Queirós<sup>1</sup> apresenta obra singular e contraditória. Vivendo numa época e num meio de esplendor econômico e cultural, deixou uma narrativa riquíssima e apaixonante, a mais marcante de todos os tempos, em nosso idioma. Retratou não somente a sua contemporaneidade — o que fez em romances, novelas, contos, crônicas e correspondência jornalística — como também os caracteres humanos e os sentimentos que são do tempo universal, os que permanecem e são imutáveis, que se encontram em todos os lugares e em todas as épocas.

A ambientação de seus dramas situa-se em vários lugares. De Paris, centro da civilização de então, passa pelo Egito e por Jerusalém, pela Inglaterra e pelo novo mundo. Os países onde esteve, em viagens e na experiência consular, e as gentes que viu e ouviu, e também as que imaginou, no requinte de sua arte, há muito atingiram o plano da imortalidade.

Mas é na cena portuguesa que avulta a novelística queirosiana. Como Balzac, Maupassant, Dickens e outros contemporâneos notáveis — igualmente como Peres Galdós na Espanha — esmerou-se em pintar quadros do ambiente, do homem, da paisagem e, sobretudo, do modo de ser do Portugal de sua época. Esse Portugal, não obstante o vezo moderno de negá-lo, pelas afinidades que apresenta, reencontramos no Brasil daquele tempo e de agora.

Eça viveu e construiu sua obra na segunda metade do século XIX, tornando-se expoente da narrativa do mundo décimo-nônico. Traduzido em todas as línguas cultas, é por Harold Bloom considerado como um dos cânones ocidentais.<sup>2</sup> Pena que, nas escolas brasileiras de hoje, mais preocupadas com o mercado dos contemporâneos privile-

giados, se tenha deixado de estudar a literatura em língua portuguesa do outro lado do Atlântico, ou se valorize apenas aqueles autores que se mostrem vinculados ideologicamente às ideologias em moda. Aparece em nossos cursos de literatura uma tendência obtusa à valorização exclusiva de autores brasileiros, predominantemente dos contemporâneos, o que leva a um distanciamento cultural incompreensível daquilo que se faz, se pensa, se descobre e se estuda no mundo de verdade — que é o mundo civilizado.<sup>3</sup>

A proposta, porém, deste estudo é somente examinar o contraste entre o universo masculino e seu correspondente feminino, no conjunto dos personagens queirosianos. Mais do que isso, alimenta a pretensão de revelar que, devido à predominância do masculino, esse universo se mostra visivelmente misó-





O Primo Basílio

gino. Eça, como artista, deliberadamente ou não, ao enfatizar o mundo masculino, perde força na descrição das mulheres de sua cena e na compreensão da alma de suas personagens femininas.

Estas, quando delas se ocupa, em Eça de Queirós são bonecos toscos, artificiais, imperfeitos, quando não francamente ridículos. As mulheres de seus romances, manipuladas ou obscurecidas pelos personagens masculinos, são vulgares, ingênuas, falsas, torpes ou enganadoras. Na sua galeria feminina avultam as adúlteras, as de origem social inferior, as cortesãs, as criadas desleais e as prostitutas de profissão, desenhadas em estereótipos que não fazem justiça ao mundo feminino e à grandeza dessa metade do gênero humano. As criaturas femininas normais e humanas não têm vez. Quando aparecem é de relance, de modo fugidio e mal esboçado, postas no enredo em posição secundária: ou são criadas, ou tias solteironas, alcoviteiras ou simples damas de companhia que nada falam e propriamente não têm atuação na história.

A constelação masculina, ao contrário, é rica e fascinante. De forte estrutura, tem suas figuras principais — e até as secundárias — extremamente bem articuladas. Geralmente são celibatários, solteiros, viúvos ou separados, que vivem muito bem, felizes e realizados. Nesse mundo exclusivamente varonil, os homens em geral habitam sós e felizes, sem a perturbação e a intromissão do elemento feminino.

#### A série é imensa

Carlos Eduardo da Maia, protagonista central de *Os Maias*,<sup>4</sup> vive em Lisboa

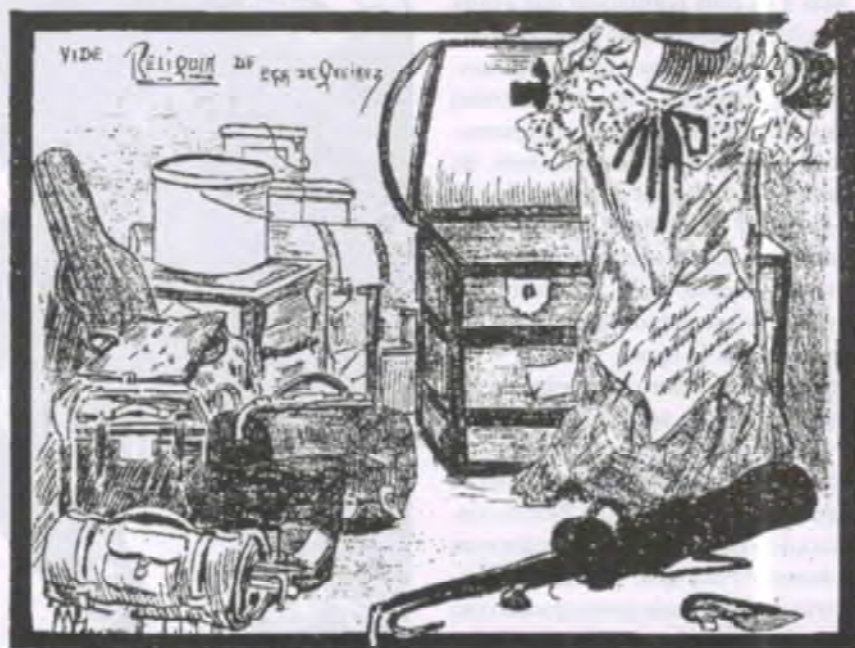
na companhia de seu avô, Afonso da Maia. Solteiro e médico de formação, depois de concluir o curso de medicina em Coimbra, ocupa uma suntuosa mansão, *O Ramalhete*, pertencente ao avô, integrante da antiga nobreza e forte proprietário na região do Minho. De gostos refinados, entediado com a profissão, que não chega verdadeiramente a exercer, cuida de exercitá-los em conquistas fáceis, frequentando teatros e ocupando o tempo em viagens e na busca de objetos de arte para suas coleções. Seu grande amigo e alma gêmea é João da Ega, outro celibatário, herdeiro de grande fortuna, voltado ao dandismo e a um amor frustrado (com uma hebréia, Raquel Coehn, casada com um banqueiro, que termina por rejeitar e levar ao ridículo o desastrado amante).

No contexto de *Os Maias* redeseenha-se o universo masculino de Eça. O conjunto de personagens vai desde um engraçado diplomata finlandês, o Conde de Steinbroken (um pateta consumado, versão alienígena do impagável Conselheiro Acácio), a Craft, inglês abonado, cultor de coleções de arte, a Cruges e a um marquês avelhantado e caquético. Aparecem o Alencar, poeta romântico, anacrônico e vagamente ridículo, o Damasozinho, indivíduo pretensioso, cheio de inveja, parvo e intrigante. Há outros, como Vilaça, o administrador do patrimônio, extremamente fiel à família, o marido supostamente enganado (Castro Gomes, um brasileiro novo-rico, com mais jeito de argentino). O grupo de amigos masculinos participa dos saraus na casa dos Maias, acompanhando Car-

los em seus divertimentos e facilitando-lhe as conquistas amorosas.

Na *Ilustre Casa de Ramires* e n'*A Cidade e as Serras*,<sup>5</sup> obras póstumas e finais, parcialmente reescritas por seu filho e por Ramalho Ortigão, renova-se mais uma vez o ambiente masculino em que se enquadram os personagens.

Na *Ilustre Casa*, a *persona* dominante — Gonçalo Mendes Ramires — é um fidalgo empobrecido e insatisfeito consigo mesmo, último representante de antiquíssima família da nobreza lusitana, contemporânea dos godos, mais antiga que o próprio reino e a monarquia. Também solteiro e só, vive no que foi o castelo secular da família, reduzido a uma casa e à velha torre, onde vegeta numa vidinha medíocre e insossa. Querendo resgatar a grandeza de seus antepassados, alimenta grandes sonhos, como o de enriquecer-se com um casamento vantajoso ou chegar a deputado. Enquanto isso não acontece, entedia-se na sua torre e na vila próxima, passando o tempo a escrever uma novela histórica, em comilanças com os amigos e em ocasionais visitas à cidade de Oliveira — a principal da região — onde vive sua irmã Gracinha Ramires, casada com José Barrolo, desenhado como um marido ingênuo e complacente. São desse romance as melhores descrições de vinhos e pratos, viés apreciado por muitos críticos da obra de Eça de Queirós. O círculo de Gonçalo é compreendido por personagens masculinos, mais uma vez. Encontramos o Titó, fidalgo ocioso e simpático, espécie de filósofo de aldeia, também celibatário. Aparecem André Cava-



lheiro, o amigo ou ex-amigo, que seduz a irmã casada de Gonçalo. Há Padre Soeiro, "um santo", capelão da Torre, o tabelião Guedes, o Videirinha, ajudante de farmácia, cujo talento na guitarra o aproxima do grupo. Mas, afora tentativas frustradas de contato entre os dois mundos, e insinuações na parte final sobre um casamento com Rosinha, filha do visconde do Rio-Seco, o elemento feminino aparece muito esmaecido neste livro.

N'A *Cidade e as Serras* encontra-se o mesmo esquema. O personagem principal, Jacinto Galião, um proprietário algo excêntrico, solteiro e ainda jovem, vive em Paris, onde se exilara seu avô miguelista, com endereço luxuoso na Champs Elysées, 202. Faz-lhe companhia o amigo íntimo, Zé Fernandes, português de nascimento, bacharel, solteiro e ocioso, desfrutando dos confortos da mansão e participando do círculo de banqueiros, nobres e outros personagens, incluindo condessas e demi-mondaines, que participam de festas e sarais na mansão de Jacinto. A transmigração dos dois para uma propriedade no Minho (as serras) não traz mudança perceptível. Continuam Jacinto e Zé Fernandes, conquanto visitem ocasionalmente os vizinhos, famílias da região, a manter sua vida de celibatários. Isso só muda com o casamento de Jacinto com Joanelinha, prima de Zé Fernandes, cujo verdadeiro perfil fica também algo oculto na narrativa.

Em sua obra-prima fundamental, por ser a primeira delas (a derradeira e definitiva é o romance *Os Maias* — *O Crime do Padre Amaro* — o protagonista central é o dito padre. Sacerdote medíocre, destituído de vocação, religiosidade ou escrúpulos, é nomeado para assumir como cura da catedral de Leiria. Logo na chegada associa-se e obtém a proteção de um colega mais velho — o Cônego Dias. Este, de escassos princípios, facilita o assédio de Amaro a Amélia, filha da velha concubina do cônego — a São-joaneira. Desse modo, consumada a sedução, o padre torna-se "genro" do cônego.

O livro apresenta um mundo predominantemente masculino — embora nele apareçam algumas beatas, carolas e congêneres. Domina o cenário a casta sacerdotal da região (os párocos e coadjutores das aldeias vizinhas). Eça os pinta invariavelmente, com apenas uma exceção, como indivíduos faltos de toda caridade, inescrupulosos, hipócritas, glútiões e devassos.



Casa que os Malas vieram habitar em Lisboa, no outono de 1875. Era conhecida na vizinhança da rua de S. Francisco de Paula. E em todo o bairro das Janelas Verdes, pela casa do Ramallete ou, simplesmente, o Ramallete

Para facilitar o assédio de Amaro a Amélia é preciso afastar o noivo desta, que lhe fazia honestas propostas matrimoniais. O círculo clerical concerta a destruição moral e material do pretendente, a quem apodam de ateu e luxurioso. Manobrando com a influência eclesiástica, afastam-no (expulsam-no) da casa da São-joaneira e conseguem privá-lo do trabalho de escrevente do tabelião local, levando-o a uma situação de privação e miséria (de que é salvo, mais tarde, pela intervenção benéfica de um proprietário da região, infenso à influência eclesiástica).

N'A *Relíquias*, outra obra prima, aparece mais uma vez uma singular galeria de personagens masculinos. Como sempre, o mundo feminino é apenas tangen-

ciado. A figura principal da trama é Teodorico Raposo, o Raposo — bacharel por Coimbra como as demais e como o próprio Eça de Queirós. Solteiro, debochado e dissimulado, vive sem trabalhar às custas de sua tia riquíssima, Dona Patrocínio das Neves, proprietária de prédios e inscrições (hoje dir-se-ia títulos da dívida pública). Esta, solteirona e beata empedernida, detesta as outras mulheres, o sexo, a reprodução, o amor, que considera como "relaxações". Além de uma obscura criada, vive cercada por uma corte de padres e celibatários (não se ouve dizer que algum seja casado ou mantenha alguma concubina — que horror!). Todos os amigos da casa, hipócritas e interesseiros, só têm um pensamento: tornar-se um dia herdeiros da

matrona, contemplados em seu testamento. O mesmo pensa o herói da novela, o Raposo. Para isso se submete a humilhações sem fim e vive num mundo de constante fingimento e dissimulação. Voltado ao ócio e chegado às mulheres fáceis, tem que mostrar à tia sua devoção e castidade. São hilariantes seus esforços e manobras para aparecer como devoto e casto: uma cena antológica é aquela em que, voltando do prostíbulo, finge que retorna da igreja, fazendo aspergir suas vestimentas de incenso, para ficar com cheiro de sacristia.

Teodorico é autorizado pela tia a fazer uma viagem de estudos e devoção a Jerusalém, passando pelo Egito. Embora disfarçada de romaria religiosa, a jornada é de grossa farra, com orgias, bebedeiras à larga. Aí aparece um outro quadro masculino, num ambiente em que figuram novos circunstantes: o Alpedrinha, o português decadente de além-mar e o douto Topsisius, sábio pesquisador alemão, companheiro de jornada.

É na volta de Teodorico — que pretendia ser um triunfo e consagração de sua religiosidade — que o grupo beato sem querer leva a melhor, com a deserção do personagem, sua expulsão e degradação. Teodorico deveria trazer para a tia uma lembrança extremamente significativa dos lugares santos. Mandava confeccionar, dizendo ser autêntica, uma réplica da coroa de espinhos com que Cristo foi crucificado. Em vez dela, de volta à casa, na hora da entrega solene, com a presença de todos os amigos e sacerdotes, aparece, em pacote igual, equivocadamente trocado, para ser entregue à tia beata, uma suja camisola de dormir, ainda impregnada dos perfumes e odores de sexo, que Teodorico recebera como recordação das noites de luxúria passadas com Mary, uma ardente inglesa de Alexandria, dona de uma casa de luvas.

Diante desses exemplos, dir-se-á, então, que não existem figuras femininas em Eça? Ou que elas não têm relevo ou importância na construção dos enredos de seus romances? A resposta pode ser sim ou não, não comportando simplificações. Em verdade as personagens femininas aparecem na obra — como não podia deixar de ser — porém em importância deliberadamente diminuída. As mulheres, com espaço protagônico reduzido, também são alvo de uma espécie de desclassificação, quando não de aberto aviltamento, nos planos individual e social. Quando aparecem, são



Eça de Queirós na sua última residência de Neuilly - c. 1893

postas em plano moral inferior, ou apontadas como seres menores, menos importantes, desprezíveis ou francamente detestáveis.

Temos Luísa, d'*O Primo Basílio*,<sup>7</sup> sem dúvida a mais expressiva personagem feminina de Eça de Queirós. O que é ela? Uma esposa adúltera, semelhante a Madame Bovary, de Flaubert, ou a Ana Karenina, de Tolstói, contudo, sem a grandeza dramática de qualquer uma delas. Burguesinha entediada e ociosa, cede facilmente aos encantos do primo Basílio, um parente que lhe aparece em casa durante uma viagem de trabalho do marido Jorge, um engenheiro de minas, ao Alentejo. Luísa é um protótipo. Trata-se da mulher levada ao adultério por ociosidade, curiosidade, fraqueza de vontade e ausência de princípios fortes. No enredo, suas cartas ao amante Basílio são furtadas pela criada Juliana — vilã de truz — que passa a chantagear a

patroa e exigir-lhe dinheiro e vantagens, levando-a ao desespero e à humilhação.

Também nos outros romances, via de regra, as mulheres que aparecem ou são adúlteras, ou ladras, ou fracas de caráter ou de passado discutível. Além de Luísa, já citada, dentre as adúlteras aparecem a Condessa de Gouvarinho e Raquel Coehn, de *Os Maias*; Gracinha Ramires, d'*A Ilustre Casa*, além da esposa infiel de *Alves & Cia*. Há Adélia, a amante que despreza Teodorico, em *A Relíquia*. Temos Madame Oriol, d'*A Cidade e as Serras*, que abandona Zé Fernandes em troca dos carinhos de outra mulher. E Gracinha Ramires, a impecável fidalga, única irmã de Gonçalo Ramires, que, esquecida das tradições de sua ilustre casa, depois de casada com José Barrolo, se deixa conspurcar pelos beijos e pela bigodeira de seu antigo prometido, André Cavalheiro.

No caráter de outras protagonistas

femininas encontram-se outros defeitos que em geral não aparecem nos personagens masculinos. A criada Juliana, d'*O Primo Basílio*, é um paradigma de ressentimento, inveja e despeito. Dona Ana Lucena, a viúva do deputado Sanches Lucena, d'*A Ilustre Casa*, além da insinuação de adultério, é apresentada como tendo em sua árvore genealógica um avô carniceiro e um irmão assassino — o que, no ambiente preconceituoso da época, a desqualificaria para um casamento com Gonçalo Ramires, o fidalgo da Torre. Dona Patrocínio das Neves, a tia rica cuja herança iria ser abocanhada pelo personagem de *A Relíquia*, é a própria encarnação do fanatismo, da hipocrisia e da ignorância. Amelinha e sua mãe São-joaneira, do *Crime do Padre Amaro*, não passam de personalidades fracas, interesseiras, ao mesmo tempo aproveitadoras e manipuláveis, cultivando uma religiosidade distorcida, que torna a primeira presa fácil dos ardis do Padre Amaro e seus cúmplices.

Claro que há Maria Eduarda da Maia, a heroína de *Os Maias*. Ela, que na infância havia sido subtraída da família paterna pela mãe, Maria Monforte (também uma adúltera que foge do marido — o pai de Carlos — com um falso conde italiano), aparece em Lisboa, adulta e aparentemente casada com o brasileiro Castro Gomes. Belíssima, extremamente elegante e atraente, dotada de um fascínio diferente, envolve-se com Carlos Eduardo da Maia, sem saber que ele seria seu irmão. Ignorando os dois o parentesco, tornam-se amantes. Eça, sem penetrar a fundo na personalidade de

Maria Eduarda, desenha-a como uma mulher fácil e frágil, que facilmente se rende aos ardores do irmão e às conveniências de um amor excitante, em ambiente brilhante, mas de frouxa moralidade e forte apelo sensual. Isso em pleno século XIX, quando a moral burguesa e os valores familiares encontravam-se no auge, principalmente na sociedade portuguesa de então, assaz conservadora e provinciana.

Tais as constatações que se faz sobre a relação masculino/feminino na novelística queirosiana. Evidentemente, estas considerações não pretendem ser definitivas nem querem ser expressão de qualquer dogmatismo. Não é caso de assentar tese ou esgotar a temática, que se apresenta riquíssima e sempre inesgotável. Maria Filomena Mónica<sup>8</sup> conta que existem mais de 10.000 escritos publicados acerca de Eça de Queirós e sua obra.

Acrescentando-se-lhes mais este, vai a consideração final: que Eça esmerou-se mais nos personagens masculinos, traçando-os com um perfil mais nítido, além de mais atraente e simpático. Ainda que nenhum deles suscite admiração ou entusiasmo pelos dotes de caráter, ficam sempre os personagens masculinos mais valorizados, em todos os sentidos, com relação aos do mundo feminino. Eles, em maioria, aparecem como eticamente neutros ou despreocupados com o bem e o mal. Delas, ao contrário, se pode dizer que, quando não apagadas ou colocadas secundariamente na trama, são francamente más, desprezíveis e de posturas e condutas quase

sempre reprováveis.

Passo Fundo e Punta del Este,  
Verão de 2005.

## NOTAS

1 JOSÉ MARIA EÇA DE QUEIRÓS (n. em Póvoa de Varzim, Portugal, em 1845, f. em Paris em 1900). Intelectual, jornalista e agente consular, além de escritor, deixou obra imperecível, dentre as quais avultam *Os Maias*, *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio*, consideradas obras-primas do romance universal.

2 Harold Bloom, em *O Cânone Ocidental* (*The Western Canon*, Londres, Harcourt, Brace & Company, 1994) aprecia e relaciona as obras primas da literatura de todos os tempos, com enfoque especial na grande literatura do Ocidente.

3 Exemplo disso, dos mais lamentáveis, é a abolição da exigência do domínio da língua inglesa nos concursos para ingresso na carreira diplomática, medida recentemente adotada pelo Ministério das Relações Exteriores.

4 EÇA DE QUEIRÓS J.M., *Os Maias*, São Paulo, Brasiliense, 1961.

5 Idem, *A cidade e as serras*, Lisboa, Bertrand, 1924.

6 Idem, *O Crime do Padre Amaro*, Porto, Lello, 1945.

7 Idem, *O Primo Basílio*, Porto, Lello, 1945.

8 MÓNICA, Maria Filomena. *Eça – Vida e Obra de José Maria Eça de Queirós*. Rio, Record, 2001.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Poesia

### Libertação

O Homem tornou-se um prisioneiro  
Seduzido por fugazes ilusões.  
Emaranhou-se em todo o passageiro.  
Sobrou-lhe de tudo apenas frustrações.

Ao chegar ao fim da estrada,  
Embora tenha cheia cada mão,  
Sente-se sozinho, alma enregelada,  
Nada tem que lhe aqueça o coração.

Homem, desperta, que o Tempo é chegado!  
Toma a ti mesmo! Em Espírito te eleva!  
Com espiritual vidência realiza tua cura.

Olha para ti, remove as cinzas do passado,  
Liberta tua Alma de impureza tanta,  
Eleva teu Ser à Espiritual altura.



(Getulio Vargas Zauza, psicólogo e professor, é membro titular da cadeira 15 da Academia Passo-Fundense de Letras, que tem como patrono Augusto dos Anjos.)

GETULIO VARGAS ZAUZA

### Mendigo de amor

Se há algo que me deixa triste,  
Me inunda a alma de imensa dor,  
É ver alguém que tanto insiste  
E não se cansa de mendigar amor.

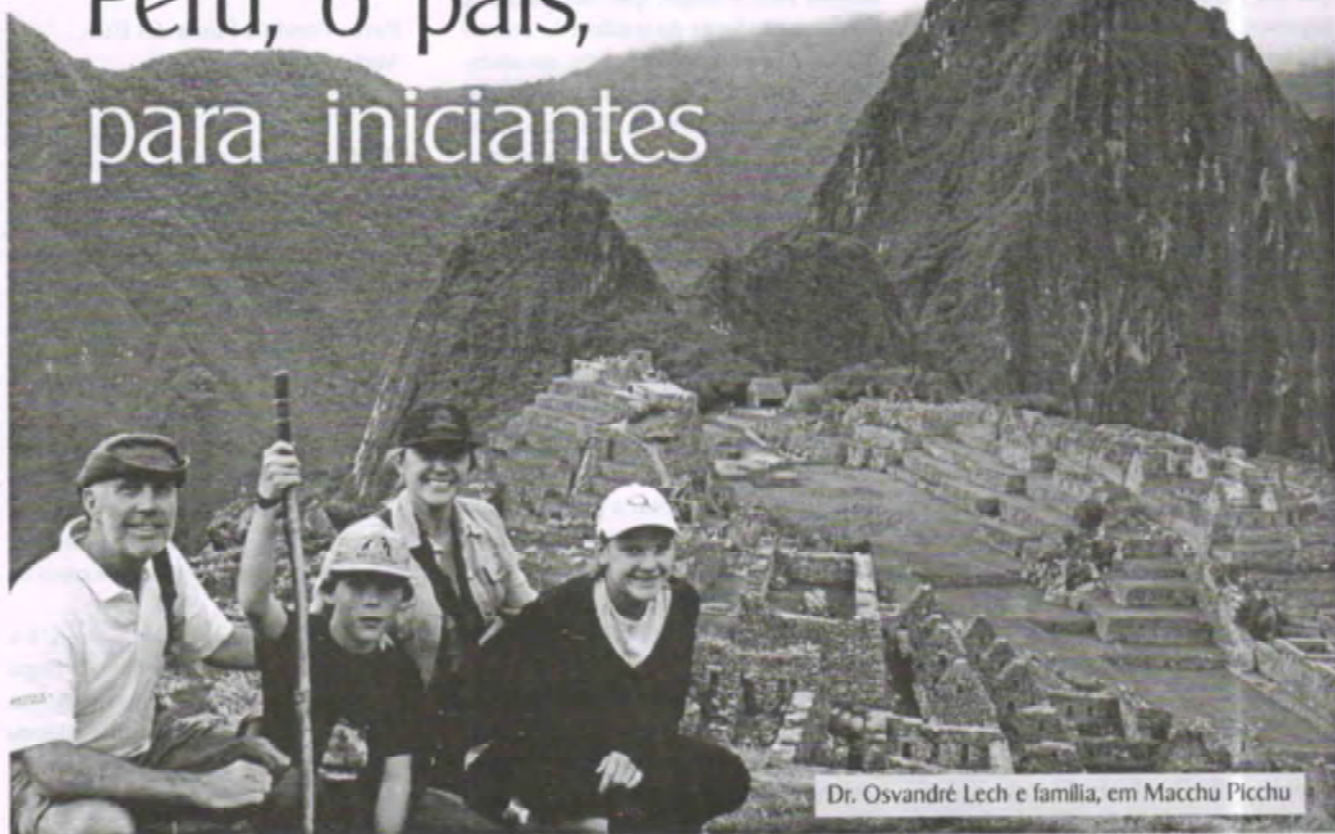
E o outro, posto em delicada situação,  
Constrangido fala: eu te amo!  
Medo de perder o que não tem? Ou compaixão?  
Seja como for, o induz ao engano.

A pessoa "vive" e morre de ilusão.  
Ouvir a verdade?! É coisa detestada  
Pela Ala fraca e o Eu sem suporte.

Suportar a verdade, vivenciar a frustração  
De reconhecer que não é amada,  
Muitas vezes a induz a preferir a morte.



# Peru, o país, para iniciantes



Dr. Osvandré Lech e família, em Macchu Picchu

## OSVANDRÉ LECH

O Peru é considerado um sítio arqueológico, como o Egito e o Iraque, devido às culturas pré-incas e ao Império Inca. E para lá se dirige aquele grupo de turistas interessados em cultura e boa forma física, já que as caminhadas em terrenos acidentados e em grandes altitudes são inevitáveis. Lá também o turismo é barato e seguro. Eu e minha família passamos 10 dias e visitamos várias regiões. As impressões da viagem, para iniciantes como eu, estão aqui:

**O PAÍS** – Com 1,2 milhão de km<sup>2</sup>, o Peru é o terceiro maior país da América do Sul em extensão. Apenas 9% são analfabetos. Cinquenta por cento da população é pobre e 35% estão abaixo da linha de pobreza, com 20% de desemprego e parte dos camponeses com renda per capita anual ao redor de US\$ 500,00. Não obstante, o índice de alfabetização é de 91%, melhor que o do Brasil. A comunidade japonesa é enorme e o peruano trabalha arduamente para produzir riquezas para si e para o seu país, que possui três regiões distintas: a faixa litorânea, dominada por deserto em

quase toda a extensão; a cordilheira dos Andes no centro, e a selva Amazônica na divisa com o Brasil. Com tal adversidade para a agricultura (não vi nenhum trator pelas áreas por onde passei), a economia do Peru é baseada na pesca marítima e na extração de minérios, no rico e bonito artesanato, e no turismo, ainda iniciante.

**A CAPITAL** – Lima é uma metrópole de 8 milhões de habitantes, concentrando 1/3 da população do país. Também é onde o governo gasta a maioria dos impostos, pretendendo fazer da capital um cartão-postal internacional, com avenidas largas, shoppings ao ar livre, bair-



ros nobres, como Miraflores. A grande quantidade de prédios altos é o orgulho dos Limenhos, já que é a única cidade peruana com essa característica urbana; nas demais cidades essas construções não são permitidas, para manter a paisagem histórica, como em Cuzco, ou a economia ainda não permite. O trânsito é caótico e a "lei da buzina" só é menor que em Bombaim, na Índia. Contracenando com a truculência no trânsito, o povo peruano é cortês, educado e simpático, distribuído em cidades com menos de 500.000 habitantes, como Arequipa, Cuzco, Puño, e outras menores, denominadas "pueblos".

**O TERRORISMO** – Todo peruano quer esquecer esse período recente e negro da sua história, em que mais de 60.000 pessoas perderam a vida. O grupo de tendência maoísta, Sendero Luminoso, fez história pelo alto grau de violência urbana, até a prisão do seu líder Abimael Gúzman; para desencanto dos cidadãos comuns, esse sanguinário guerrilheiro recebe as melhores atenções dos órgãos de defesa dos direitos humanos, e vive "muito melhor que a maioria da população". O grupo Tupacamaro foi responsável pela célebre tomada da embaixada japonesa ao longo de

quatro meses e chamou a atenção da opinião pública mundial; o seqüestro acabou de forma sangrenta, quando grupos de elite do exército peruano tomaram a embaixada através de um túnel, com emprego de tecnologia digital. Isto tudo, felizmente, é passado.

**O SUL DO PAÍS** – A visita às “Líneas de Nazca” é um enigma físico digno de ser visto do ar, num sobrevôo por monomotor Cessna. Num sítio arqueológico imenso, povos pré-incas desenharam no solo imagens de serpente, macaco, colibri, “astronauta”, papagaio, aranha, além de linhas retas de vários quilômetros. A técnica empregada foi de desgaste, de cerca de 60 cm de profundidade do solo rochoso e arenoso, e supõe-se que se trata de oferendas aos deuses para enviar chuva, rara na região desértica. Não se explica como tais linhas se mantêm inalteradas ao longo dos séculos. Bons engenheiros, esta civilização drenou fontes d’água das montanhas, construindo dezenas de aquedutos que funcionam normalmente até hoje. Com isso, conseguiram irrigar o solo desértico e produzir “maiz” (milho) e “papa” (batata, de que no Peru existem cerca de 4000 espécies). As Ilhas Balestas são um santuário ecológico marítimo, com milhares de aves (200.000 talvez...) e leões marinhos (15.000 talvez...). As fezes das aves (“guano”), ricas em uréia, até hoje são extraídas dessas ilhas e exportadas em toneladas, tendo sido a principal fonte de renda do país, logo após a



sua independência, no século XIX.

**OS INCAS** – As datas são desconhecidas, mas o seu império se estendeu de 1.100 até 1.572, quando foram dominados pelo conquistador espanhol Francisco Pizarro. Grandes artífices, construíram cidades inteiras de pedra, com perfeição milimétrica, em formato trapezoidal para resistir a terremotos. Tinham avançados estudos astronômicos, mas não desenvolveram qualquer tipo de escrita, nem a roda. Domesticaram a Lhama, desenvolveram a agricultura nas “terrazas”, que é o aproveitamento do desnível de uma montanha, formando inúmeros canteiros um abaixo do outro. Monogâmicos, adoravam vários deuses,

praticavam sacrifícios humanos para obter melhores colheitas, promoviam conquistas de tribos vizinhas por método violento. O império se estendeu do Equador ao norte do Chile e Argentina, e chegou a ser composto por 16 a 18 milhões de incas. A capital do império era Cuzco, considerada hoje “o umbigo da humanidade”, capital arqueológica da América, e reserva cultural da humanidade pela ONU. Com um belíssimo centro histórico, nenhum “prédio moderno”, Cuzco se localiza a 3.400 m acima do nível do mar, e dezenas de sítios arqueológicos ao redor (Valle Sagrado, Ollantaytambo, Cenchino, Saqsaywaman, Olenço, Pukapukara, Tambomachay, Q’oricancha, Choral, Písac, Tipón, Pikillacta, entre outros). Recebe um milhão de turistas anualmente. Macchu Picchu, construída há 200 km de Cuzco no início do século XVI, com o objetivo adorar deuses, observar o espaço e proteger a família real, é até hoje um enigma, já que foi abandonada intacta, preservando todas as belezas arquitetônicas. Foi descoberta somente em 1911, pelo arqueólogo da Universidade de Yale, Hiram Bingham. Centro para estudos arqueológicos, esoterismo e misticismo, meca de turistas, cidade de pedra no topo de montanha de 2.800 m de altitude, rodeada por outras tantas montanhas, Macchu Picchu é sedução visual à primeira vista. Difícil de descrever. Melhor ir lá para ver. Os peruanos agradecem. A humanidade, em festa, também.



(Osvandré Lech é ortopedista, membro das Academias Passo-Fundense de Letras e de Medicina.)

# Inscrição indevida no SPC e SERASA

IRINEU GEHLEN

## Dano Moral

A inserção do nome de uma pessoa na SERASA e no SPC causa prejuízos morais e materiais irreparáveis, na medida em que o seu crédito está sendo abalado, e se constituindo tal situação em motivo de vergonha e sofrimento pessoal. Em que pese ser pessoa honrada que pauta sua vida de forma absolutamente correta, cumprindo com todos os seus compromissos comerciais e sociais, sua imagem fica parcialmente denegrida por culpa desses órgãos que não têm os mínimos cuidados antes de inserir no seu cadastro o nome da pessoa, e por não fazerem a obrigatória e prévia comunicação de tal ato, para que o suposto devedor possa fazer o competente esclarecimento e correção que o Código do Consumidor faculta, no parágrafo 2º, do art 43. Além do mais, tanto a SERASA quanto o SPC não podem manter o nome da pessoa no seu cadastro por mais de cinco anos, o que é proibido pela lei, quando a negativação do nome do cidadão for permitida.

"Honra é o bem imaterial que traduz o sentimento de dignidade própria (honra interna ou subjetiva), o apreço que alguém goza na sociedade e o res-

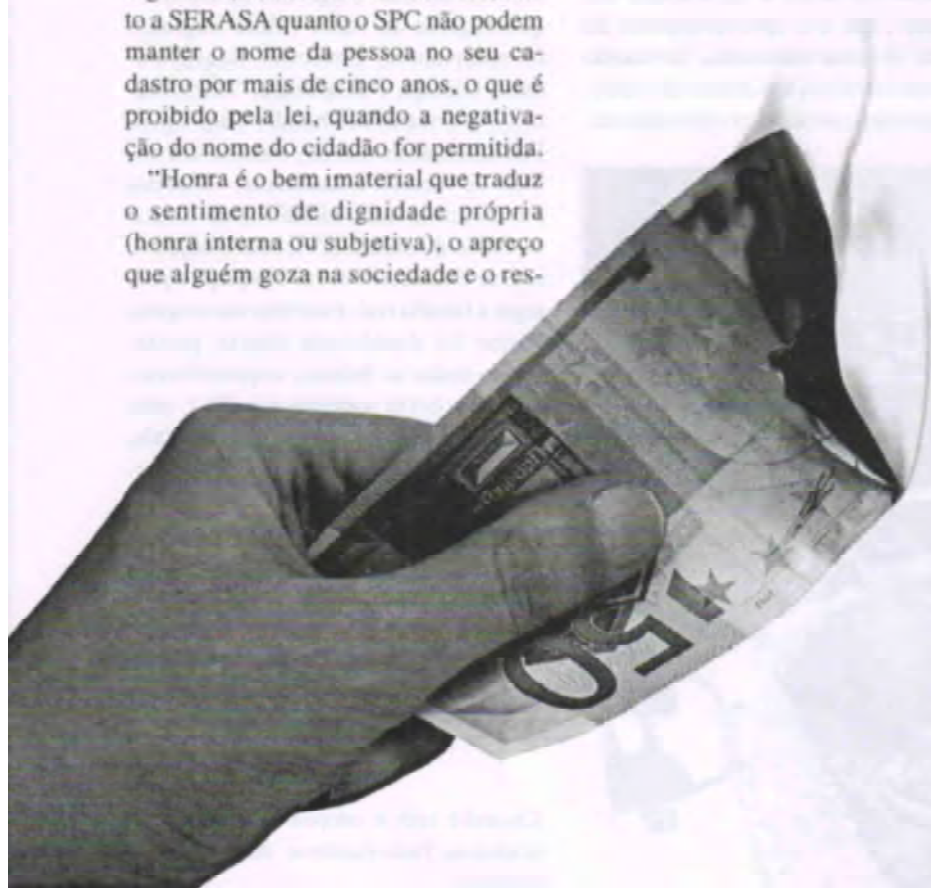
peito perante os seus concidadãos (honra exterior ou objetiva). No dizer expressivo de Victor Cathein ", a boa reputação é necessária ao homem, constituindo o indispensável pressuposto ou base, por assim dizer, de sua posição e eficiência social. Os homens de bem somente se acercam daqueles que gozam de boa fama. Se alguém adquire má fama, dele se afastam os conhecidos e amigos, e não mais é tolerado nas boas rodas. Estará ele privado da confiança e prestígio com que a sociedade resguarda os homens de bem. Sem boa reputação, além disso, é impossível alcançar ou exercer com êxito postos de relevo, influência ou responsabilidade, porque os mal-afamados não merecem confiança "(Moralphilosophie, E.ed., Friburgo, 1904, v.2.65). A honra, portanto, é o sentimento de temor do demérito em face da opinião pública. Em sentido objetivo, é a opinião dos outros a nosso res-

peito; em sentido subjetivo, é o nosso receio em relação a essa opinião dos outros. Schopenhauer, ao fixar a concepção psicossocial de honra, afirma: " O homem por si só quase nada pode realizar e é como Robinson perdido em sua ilha. Somente no convívio com seus semelhantes vale e pode muito. Logo reconhece que nada importa a sua opinião própria, senão a opinião dos outros. Vem daí sua incessante preocupação no sentido de granjear o favor da opinião alheia e o alto apreço que a esta atribui. Uma e outro se apresentam com a originalidade de um sentimento de honra e, segundo as circunstâncias, sentimento de vergonha (Schopenhauer, Aphorismen Zur Lebensweisheit, Berlin, 1913, p. 68). Tutelando a honra, o constituinte defendeu muito mais o interesse social do que o interesse individual, *uti singuli*, porque não está, apenas, evitando vinditas e afrontas à imagem-retrato do indivíduo. Ao invés, considerou o justo empenho da pessoa física em merecer boa reputação pelo seu comportamento zeloso, voltado ao cumprimento de deveres socialmente úteis ( In Saraiva - Bis, Vida Privada e Honra - Uadi Lammêgo Bulos).

Ninguém pode ser processado e condenado senão pela autoridade competente. Ninguém poderá ser considerado culpado antes do trânsito em julgado de sentença ( incisos LIII e LVII do art. 5º da Constituição Federal ). Isso significa que ninguém pode ser condenado sem o devido processo legal. Inscrever na SERASA ou no SPC, de forma unilateral, o nome de alguém sem a prévia notificação e oportunidade de defesa, constitui abuso de direito reprimível na esfera judicial.

Esse é o nosso compreender. Entretanto, respeitamos entendimentos diferentes, porquanto o direito é dinâmico e a sua exegese (interpretação) é uma necessidade para o seu aprimoramento.

(Irineu Gehlen é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



# Os Monges Barbudos

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Os repórteres André Pereira e Carlos Alberto Wagner, em seu livro, **MONGES BARBUDOS E O MASSACRE DO FUNDÃO**, relatam uma pesquisa que fizeram da história de um povo muito próximo a nós, no tempo e no espaço, que habitava os rincões do lugarejo chamado Lagoão, no interior dos municípios de Soledade e Sobradinho.

É uma história de ódio. Uma história triste, coberta de sangue, crivada de mortes, perseguições, torturas e medo. Mas é sobretudo uma história que a História não havia registrado devidamente.

Já se passaram sessenta e sete anos desde que aqueles episódios foram enterrados na memória das pessoas, nas lembranças daqueles que participaram dos acontecimentos e dos que ouviram contar. Mas o ódio está vivo nos lugares onde tudo aconteceu. Há os filhos, os netos, os parentes dos que já morreram, alimentando esse sentimento. E há também, ainda, quem sofreu na própria carne, remoendo, mastigando essa dor.

Uma população, calculada em duas mil pessoas, foi acusada de comunista e fanática, nos idos de 1937 e 1938, no nascer do Estado Novo.

Em perseguição a esses fanáticos, chamados de **MONGES** ou **BARBUDOS**, foram mobilizados mais de 200 soldados de Porto Alegre, Santa Maria, Sobradinho e Soledade, com armas pesadas, para a repressão aos seguidores da suposta seita.

Os documentos da época são raros, mas a narrativa feita pelos dois repórteres norteia-se por registros reais: o testemunho, o depoimento de muitas pessoas que participaram dos episódios, disparando armas ou levando tiros.

O cenário é uma região de terras dobradas, com serras, pequenos rios, onde o progresso não aportou até hoje. Trata-se de uma zona agrícola que não per-

mite as lavouras extensivas de soja, e que se contenta com o plantio do fumo, do milho e do feijão, no sistema de pequenas propriedades, ao lado de alguns latifúndios de criação de gado.

As estradas continuam tão precárias como em 1938. Só que, naquela época, o distanciamento desses agricultores descendentes de pêlos-duros e bugres do Toldo da Serrinha era bem maior.

Pelo Lagoão passava uma picada que ligava Soledade ao porto de Rio Pardo, para escoamento da erva-mate produzida na região. Com o tempo, a picada foi



esquecida, e tomada pelo mato novamente. São raros hoje em dia os automóveis que passam por lá, rumando de Soledade para Sobradinho, ou, em linha reta, para Espumoso. Parece que o tempo parou na monotonia do fundão – que é como chamam essas paragens.

As notícias chegam com atraso naquele interior, onde a televisão não exerce domínio e só se conhece jornal velho embrulhando pacotes. Imagine-se como era há seis décadas!

No comércio ainda sobrevive o sistema de troca: os bodegueiros fornecem os mantimentos e em troca recebem a

produção de fumo, feijão e milho que se planta nos lavrados do fundão.

Cura para as doenças: só as ervas do mato e os benzimentos dos curandeiros.

Homens e mulheres casam muito cedo e têm em média dez filhos. As mortes são contadas pelo número de cruzeiros no cemitério, sem nenhuma estatística oficial.

O amparo religioso à população é precário ainda hoje, e muito mais o foi nos idos de 30, quando havia apenas uma pequena igreja católica, localizada em Bela Vista e visitada pelo padre de Soledade. Percebia-se ainda uma

surda disputa pelo rebanho de fiéis, principalmente aquele formado por colonos alemães, com a fundação, em 38, de uma igreja evangélica em Bela Vista.

Não é, pois, difícil de entender como era propício o ambiente para o surgimento do fenômeno **MONGES**.

Ao considerar-se todo o contexto, a ordem econômica, religiosa e ideológica, é perfeitamente compreensível o que aconteceu com aquele povo inculto e oprimido do Lagoão. Acabou elegendo entre eles um servo de Deus, buscando esperança para suas tristes e miseráveis existências.

E foi em torno do colono chamado André Ferreira França, que se formou uma seita, cujo "fanatismo" apavorou a região inteira e desencadeou episódios sangrentos, provocando enganos, suspeitas ou pretextos de comunismo, e envolveu missões especiais de repressão, ordenadas pelo interventor Cordeiro de Farias, homem que o Estado Novo nomeara para mandar no Rio Grande do Sul.

**MONGES BARBUDOS E O MASSACRE DO FUNDÃO** é um livro de apenas 85 páginas, da editora Mercado Aberto. Um depoimento emocionante que vale a pena conhecer.

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# O jubileu da graça da Irmã Maria Gregórie

MEIRELLES DUARTE

Viveram as irmãs de Nossa Senhora, dos colégios Notre Dame, na quinta-feira, dia 13 de janeiro de 2005, um dos momentos mais significativos para a ordem, em Passo Fundo, e para o próprio Brasil. Reunidas num ato religioso, numa santa missa presidida pelo Bispo Dom Urbano Allgayer, com um sacerdote vindo da Alemanha especialmente para esse ato, e mais o pároco de Santa Terezinha, o Padre Gervásio Backes, as religiosas homenagearam irmãs jubilares, desde as que completavam 25 anos até a Irmã Maria Gregórie que completava 70 anos de vida religiosa, chamado Jubileu da Graça. Cada uma com uma história, com uma vida a relatar, inteiramente voltada ao chamamento do Senhor, que prometeu aos seus seguidores não só a felicidade terrena, vida em abundância, mas a recompensa eterna. Poderíamos relatar cada uma das jubiladas, todas com caminhadas marcantes voltadas para o ensino, para o conforto aos enfermos, à formação de novas religiosas, ao amparo e direção de orfanatos e asilos. Ficamos com a detentora do Jubileu da Graça.



Irmã Maria Gregórie, quando comemorou seu Jubileu de Ouro em 1985

ça. Nascida na Alemanha, recém formada, com seus últimos votos que se tornaram perpétuos, Irmã Maria Gregórie escolheu o Brasil, país ainda jovem e carente de dedicadas educadoras católicas, para exercer sua nobre missão. Superando todas as dificuldades da época, início da década de 30, terminou chegando a Passo Fundo, onde os 70 anos foram, praticamente, consumidos por inteiro.

Foi diretora do nosso Notre Dame, de 1957 a 1968, aí marcando sua personalidade forte, nos tempos dos internatos, onde a disciplina imperava e grandes personalidades foram moldadas não só para a vida familiar, mas em benefício da própria sociedade, com o ingresso da mulher nos bancos universitários. Irmã Gregórie marcou para várias gerações. Hoje as netas e netos das primeiras alunas figuram em grande número nos bancos escolares do colégio. Se fôssemos buscar todas que,

sob sua direção e orientação, estudaram, seria difícil encontrar um local para abrigá-las. O amor pelo Brasil fez com que, assim que o tempo de sua permanência permitiu, se naturalizasse brasileira. Com essa atitude, que foi mais uma confirmação do seu amor pelo nosso país, jamais deixou de comparecer a um pleito, fosse municipal, estadual ou federal. Agora mesmo esteve presente à urna eletrônica para digitar seus votos, com grande alegria e satisfação irradiados no seu olhar. Indagada pela irmã Carmem, que a acompanhou até a urna, sobre a emoção de mais um pleito, respondeu: "Desde que me naturalizei, há mais de 50 anos, nunca deixei de votar. Sinto como um sagrado direito poder participar, como cidadã brasileira, da vida política e da construção do bem maior de nosso povo. Acompanhei atentamente pelos jornais, rádios e televisão, os nossos candidatos, e não tive dúvidas em escolher aqueles que mereciam meu voto." - Apoiada em sua bengala, continua dando assistência às 170 crianças da Casa da Criança que foi construída em Irajá. Para as irmãs idosas e enfermas, redige todas as correspondências, a maioria em alemão, para os parentes de cada uma, de forma manuscrita. Continua mantendo um intercâmbio com jovens da Alemanha, abrigando, atualmente, três estudantes que assim que aqui chegaram foram por ela orientadas, recebendo lições da língua portuguesa. Essa é Irmã Maria Gregórie, cuja vida, de conteúdo volumoso e rico, caberia num romance, entre as grandes biografias dos que conosco conviveram. Sua vida foi e continua sendo o mais tocante exemplo de amor a Deus e aos seus semelhantes, numa fiel missão, tão bem definida pelo Criador, aos seus escolhidos para este mundo. Exemplo de mulher, modelo de religiosa, um coração que só irradia amor, muito amor para todos com os quais convive. Parabéns, Irmã Maria Gregórie! Somos todos orgulhosos e felizes por termos tido a felicidade de conhecê-la, admirá-la e conviver em sua companhia.



Irmã Gregórie homenageada, quando comemorou 65 anos de vida religiosa, por irmãs alemãs: Irmã Lela, a homenageada, Irmã Caroline, recentemente falecida, e Irmã Aleta também há pouco falecida.

Os meios educacionais e religiosos de nossa cidade festejam o Jubileu da Graça de uma das mais queridas religiosas que, por sete décadas, tem sido a mão amiga, segura e orientadora para muitas gerações de jovens, todos encaminhados para uma vida digna, cristã, e do mais puro sentimento de fraternidade e amor. Todos comemoramos os 70 anos de vida religiosa da estimadíssima Irmã Maria Gregório, da congregação das Irmãs de Nossa Senhora ou Notre Dame.

Irmã Maria Gregório (Antonie Elisabeth Maria) nasceu na Alemanha, no dia 9 de junho de 1911. Seus pais, Antônio e Wilhelmine Schwiengershausen, tiveram mais dois filhos, Wilhelmine e Antônio Augusto. Os 3 irmãos Schwiengershausen receberam uma invejável herança dos seus pais: amor à natureza, paixão pela leitura e pelo estudo, a caridade para com os pobres e, sobretudo, uma sólida educação cristã. Antônio frequentou a escola elementar e secundária em Paderborn, Alemanha, passando depois para o Liceu Superior, onde conquistou o diploma de professor primário. Muito dedicada à leitura, Irmã Gregório encontrou histórias e relatos de missionários da África, Ásia e Brasil, nascendo em seu coração a vocação religiosa e missionária.

Ingressou na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora (Notre Dame) em setembro de 1932, em Mülhausen, Alemanha, e emitiu os primeiros votos religiosos em 18 de junho de 1935. Dois dias depois, com quatro companheiras, embarcou para o Brasil, onde desembarcou,



Irmã Gregório, na Alemanha, onde foi se encontrar com suas colegas de turma



Irmã Gregório com três jovens estudantes alemãs, aprendendo com ela o português, pois vieram trazidas por um intercâmbio Brasil - Alemanha, mantido pela Irmã Gregório

no dia 24 de julho de 1935. Em 1936, iniciou sua missão como professora em diversas escolas: em Taquara, Caçapava do Sul, Canoas, Carazinho. A partir de 1948, trabalhou no Colégio Notre Dame, de Passo Fundo. Foi professora de Latim, Matemática, Religião, Espanhol, Didática da Catequese, Filosofia, História e Psicologia da Educação. Irmã Maria Gregório é diplomada em Pedago-

gia e em diversos cursos de aperfeiçoamento e extensão universitária.

De 1957 a 1968, foi diretora do Colégio Notre Dame. No período de 1969 a 1980, foi responsável pela supervisão e coordenação das Escolas Notre Dame no Brasil. Atualmente, está dedicada ao registro e estudo da História da Congregação e faz traduções para o português. Mantém correspondência com entidades assistenciais da Alemanha, buscando recursos financeiros para crianças carentes. Uma vida tão rica de boas obras foi coroada, no dia 13, quinta-feira, com a celebração de um grande jubileu: 70 anos de consagração religiosa. 70 anos... é Jubileu da Graça, assim denominado, porque é realmente uma graça de Deus chegar a uma idade tão avançada e continuar na missão a que se dedicou toda uma vida. Com seus bens vividos 93 anos, desde 1950, quando se naturalizou brasileira, nunca deixou de votar. Inclusive no recente pleito do último dia 3 de outubro de 2004, compareceu diante da urna eletrônica e digitou seus candidatos

Parabéns, Irmã Maria Gregório!



Irmã Gregório em franca atividade na Casa da Criança, em Iral, entidade com 170 menores de 0 a 14 anos, e que é monitorada pela Irmã jubilada

(Antonio Augusto Meirelles Duarte é jornalista e advogado. Pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)



## Rio de amor

Quero um rio no meu caminho...

Um rio de corpo anguloso  
e coração úmido de garoas,  
que afague o dorso dos peixes  
e renove o vigor dos flancos.

Quero um rio bandoleiro,  
que dedilhe a guitarra das águas,  
pr'abençoar, nos cômodos de sol,  
o casamento das gaivotas.

Quero um rio excitado,  
que borbulhe sobre as pedras,  
desnudando sua pureza,  
sob o dossel de líquido gemido.

Quero um rio paquerador,  
que me provoque ciúmes,  
ao mergulhar os olhos indiscretos  
nos seios da mãe-d'água.

No meu caminho,  
eu quero um rio:

de sorrisos, de canções,  
de afetos, de paixões.

Quero um rio de amor...

## Paradoxo

Quando o sol abre bolhas  
na pele dos gramados,  
sangra a face dos trigais,  
fere o hálito da rosa,

eu me sinto  
um pouco órfã,  
um pouco viúva,  
um pouco morta.

Como pode o Senhor dos céus,  
que gera a relva, o pão e a flor,  
ferir de morte a própria cria?

Poemas do livro: *Lua Cheia*  
e *Flores Brancas (no prelo)*

## Modernidade

A síndrome do progresso  
nos infestou de radiação,  
tendinite, câncer.

Tudo tem seu preço,  
nessa quermesse  
de códigos ilegíveis.

Nas prateleiras,  
embaladas para o olhar,  
ofertas de prazer e necessidade.

A avidez é tanta  
que engole a própria cicuta,  
na botija da besta-fera.

## Primícias

BETÂNIA ROTTA DE CAMARGO

O coração não pára  
nem um minutinho.  
Se ele parar  
a gente morre devagarinho.



Na igreja tem vela,  
tem bíblia pra ler,  
tem música pra cantar  
e santo pra rezar.



As ovelhinhas correm no campo,  
elas têm muito que fazer.  
Foram atrás de Jesus,  
porque ele ia nascer.



A rosa colorida  
precisa de água pra beber,  
senão ela murcha  
e não consegue viver.



A chuva faz xixi.  
A flor olha pra cima  
e dá risada.



Dentro da gente  
mora o coração.  
Como é tão lindo!  
E tão bom!

A aranha é feia,  
e cheia de veneno.  
Ela mora na teia,  
tem um monte de casas.

A aranha nunca vai ser bela,  
como as princesas  
e as borboletas  
na janela.



Olha o passarinho Picapau,  
fazendo suas travessuras.  
Diz pica o pau, pica o pau,  
o dia inteiro grita.



Uma linda princesa  
queria morar num castelo.  
Casou com o príncipe  
e virou uma estrela.



Fazer tudo o que gosto:  
o coração vai até o céu,  
grande, grande.



As pessoas reunidas,  
querendo a paz.  
As pessoas reunidas,  
a paz dá a mão.

(Betânia Rotta de Camargo, 5 anos,  
é neta de Helena Rotta de Camargo.)

# A Instalação da Academia Passo-Fundense de Letras

PAULO MONTEIRO

No dia 7 de abril de 1938 foi fundado o Grêmio Passo-Fundense de Letras, por um grupo de intelectuais sob o estímulo do escritor Sante Uberto Barbieri.

A entidade realizou intensas atividades que culminaram com a criação da Biblioteca Pública Municipal, a introdução do Movimento Tradicionalista Gaúcho, na região, e a instalação da Universidade de Passo Fundo. Passados 23 anos de sua criação, o Grêmio se transformou em Academia Passo-Fundense de Letras, durante sessão solene realizada no salão da biblioteca pública, no prédio onde hoje o sodalício está precariamente instalado, após

reforma de qualidade questionável.

Pela ata de instalação da Academia e pelo noticiário de O Nacional e Diário da Manhã, sabe-se que os atos tiveram ampla repercussão, sendo transmitidos pelas duas rádios locais de ondas médias, Passo Fundo e Municipal, e filmada pela reportagem da TV Piratini.

A solenidade foi aberta pelo acadêmico José Gomes, que passou a direção dos trabalhos ao então presidente da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras, Arthur Ferreira Filho, um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras, que formou a mesa com autoridades representativas do município, entre as quais, o juiz Diretor do Foro, o presidente da Câmara de Vereadores, o prefeito Benoni Rosado e líderes religiosos.

Arthur Ferreira Filho deu posse aos acadêmicos que ocuparam as primeiras cadeiras do novel sodalício. Foram os

seguintes, por ordem alfabética, e seus respectivos patronos: Arthur Süssembach (Monteiro Lobato), Aurélio Amaral (Sante Uberto Barbieri), Carlos de Danilo de Quadros (Assis Chateaubriand), Celso da Cunha Fiori (João Maria Belém), César José dos Santos (Getúlio Vargas), Gomercindo dos Reis (Walter Spalding), Jorge Edethe Cafruni (Francisco Antonino Xavier e Oliveira), José Gomes (Dom Aquino Correa), Jurandyr Algarve (Arthur Ferreira Filho), Mário Daniel Hoppe (Gabriel Bastos), Mário Braga Júnior (Darcy Azambuja), Mário Lopes Flores (Augusto dos Anjos), Paulo Giongo (Ernani Fornari), Píndaro Annes (Prestes Guimarães), Reissoly José dos Santos (Rui Barbosa), Rômulo Cardoso Teixeira (Olavo Bilac), Sabino Santos (Érico Veríssimo), Saul Sperry Cezar (Álvares de Azevedo), Túlio Fontoura (Nicolau de Araújo Vergueiro) e Verdi De César (Raquel de Queiroz).





Também foi empossada a primeira diretoria acadêmica, assim constituída: presidente, Celso Fiori; primeiro vice-presidente, Túlio Fontoura; segundo vice-presidente, Mário Braga Júnior; secretário geral, Arthur Süssembach; subsecretário, Paulo Giongo; tesoureiro, Verdi De César; tesoureiro adjunto, Rômulo Cardoso Teixeira; bibliotecário, Jurandyr Algarve; e bibliotecário adjunto, Gomercindo dos Reis.

Dois longos discursos foram pronunciados, na oportunidade. O primeiro pelo presidente Celso da Cunha Fiori, salientando a importância do ato, que transcrevemos integralmente, a seguir:

"Exmo. Sr. Presidente da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras,

Meus senhores e minhas senhoras,  
Senhores Acadêmicos:

Agradeço a honra do comparecimento a esta sessão solene e festiva do brilhante escritor e historiador Arthur Ferreira Filho, alta expressão na vida literária do Estado, presidente da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras.

Atendendo o nosso convite para vir presidir o ato de instalação da Academia Passo-Fundense de Letras, emprestou à entidade que surge o prestígio de sua credenciada autoridade.

A escolha e o endereço do convite não constitui mero acaso, mas foi a consideração de ser o Sr. Arthur Ferreira Filho a mais indicada personalidade literária do Estado para presidir os trabalhos de instalação de uma Academia que se constitui do antigo Grêmio Passo-Fundense de Letras, por ele fundado, há mais de vinte anos, quanto prefeito deste município.

Esta biblioteca, em cujo recinto hoje nos reunimos, cheios de entusiasmo e de fé, foi também por ele fundada durante sua administração e, entregue ao Grêmio Passo-Fundense de Letras, vem há muitos anos, distribuindo as menses de seus frutos à mocidade estudiosa de Passo Fundo.

Agradecemos a distinção e a honra a nós concedida.

Colho a pedra que nos seria jogada na mão ousada e impetuosa de crítica desassombrada e digo: detém-te e considera conosco.

Não somos a contrafação (sic), nem o arremedo, nem estamos dispostos a representar a paródia.

Estamos cômicos da distância imensa que nos separa da Casa de Machado de Assis e da Academia Sul-

Rio-Grandense de Letras.

Lançamo-nos no empreendimento temerário e arrojado de transformar o modesto Grêmio de Letras fundado em 1939, numa Academia de Letras, na intenção de acompanhar o progresso desta região, lançada vitoriosamente no ensino superior, prestes a constituir-se em Universidade.

Longe sempre estivemos da arrogância e da vaidade e jamais demos ouvidos à voz da eterna serpente que, desde os longínquos tempos do Paraíso, se greda aos ouvidos da humanidade a frase instigadora para o caminho da perdição: "sereis como deuses!"

Nesta hora, cumprindo um dever para com a nacionalidade, estamos unidos num só pensamento, que consiste em despertar o gosto pelos estudos nacionais, tratando de salvar de poderosos invasores a língua pátria, relicário de nossa tradição, meio de comunicação espiritual, principalmente neste sul do país e norte do Estado, de grandes correntes de imigração estrangeira.

A Academia que se constitui será uma linha de barragem na defesa da língua, para que não seja suplantada pelo alinigenismo (sic), como temia Coelho Neto, desaparecendo, ou subsistindo como rude dialeto.

E, de mim, que dirás?

Não julgues que pretendo por um só instante representar o papel de Joaquim Nabuco.

Lembro-me muito bem do que aconteceu ao Bobo que foi sentar-se no trono de Ricardo Coração de Leão.

Quando fui eleito por meus pares para primeiro presidente, recebi o mandato avaliando devidamente o que significava. Sabia que a intenção da escolha era entregar a presidência a algum capaz, pelo trabalho e pela dedicação, de levar a cabo a tarefa difícil de instalar a Academia nacitura (sic), esboçada somente nas aspirações e no ideal de vinte passo-fundenses destemerosos.

Não foi, portanto, o critério se superiores qualidades ou virtudes no âmbito das letras que me conduziram ao posto.

Só o destino caprichoso explica coisas com esta, estarmos a presidir ato de tamanho vulto, tão grande expressão, verdadeiro momento histórico na vida intelectual e cultural de Passo Fundo.

Afição que o mandato foi cumprido e declaro que a Academia Passo-Fundense de Letras é uma realidade, de fato e de direito.

Embora Bejazet, embora Tamerlão,

cumpre-se o destino.

Senhora Crítica,

Não nos jogueis ainda a tua pedra.

Vou ao encontro da pergunta: poderá uma modestíssima Academia do Interior, composta de elementos sem expressão apreciável nos meios literários, representar as grandes e nobres aspirações que a própria natureza da corporação impõe?

Pode. E não faremos o papel de fcaro dos pampas, improvisando asas de cera de aptidões frustradas, na tentativa de alcançar as alturas do Sol de sinceras aspirações.

O novel acadêmico que hoje aqui comparece sem bagagem literária, há de erguer o fraco à altura do seu peito, voltar-se-á para o caminho infinito de muitas esperanças, ou ficará à margem das estradas, como estas cruces que às vezes encontramos, marcando a atitude dignificante de quem instituiu a cadeira que as novas e futuras gerações disputarão.

Os começos difíceis não nos intimidam, como não detiveram a idéia de Lúcio de Mendonça em 1896, na Redação da Revista Brasileira.

Naquela época as dificuldades eram tantas que chegou-se a levantar a idéia do poder público nomear os primeiros dez acadêmicos e, embora tendo como modelo a Academia Francesa, tinha entre suas finalidades a fundação da Academia Brasileira, a impressão de obras literárias que não encontrassem editor.

Tencionamos começar por aí.

Incentivaremos a produção de obras e trabalhos literários, embora de caráter regional e de limitado interesse local.

Auxiliaremos sua vinda à luz da publicidade, pondo em último plano o interesse econômico da publicação do livro.

Nos lançaremos às coisas nossas, aos motivos daqui, fazendo um convite às novas gerações para conhecer o Brasil, amar e defender o que é brasileiro, num Estado em que os estudantes e o povo vão conhecer Montevidéu, Buenos Aires e o Chile, antes de conhecer Rio de Janeiro e Brasília.

Vamos cultuar os vultos do passado, daqui de Passo Fundo, Antonino Xavier e Oliveira, Gabriel Bastos, Prestes Guimarães, Nicolau de Araújo Vergueiro, já escolhidos como patronos desta Academia.

Erico Veríssimo, Manoelito de Ornelas, Vianna Moog, Arthur Ferreira Filho, Darcy Azambuja, Ernani Fornari, Augusto Mayer, Damasceno Ferreira,



Sessão de instalação da APL, em 7 de abril de 1961

Lindolfo Collor, Getúlio Vargas e muitos outros receberão as honras que merecem e consagrarão as cadeiras do sodalício serrano.

Aos jovens que se iniciarem, sempre inclinados ao classicismo e à imitação dos escritores estrangeiros, nós diremos com Catulo que basta de Pan e de Netuno, que é tempo de deixar Byron, os franceses, a Rússia e outros Estados.

Deixa a Grécia, deixa a Itália.

Deixa a Fonte de Castália que de há muito já secou.

Vem beber as águas puras desta cainha que é tua.

E, neste ponto, se a Crítica ainda duvidar das nossas intenções, se tiver restrições aos fins a que nos propomos, que aproveite enquanto riscamos a areia do chão com arabescos incertos e hieróglifos vacilantes, temerosos do seu poder destruidor, e inicie a nossa dilapidação.

Moços, amantes das letras, estudantes, intelectuais, passo-fundenses, gente da região serrana!

Ao instalar a Academia Passo-Fundense de Letras não estou ordenando que servos de libré abram vetustas portas de ferro e de bronze, rangendo os gonzos, para oferecer passagem a uma nova casta, constitutiva de uma nova nobreza – a aristocracia das letras.

A nossa atitude é a de um gesto largo, de acolhedores braços abertos, num convite amplo, sincero, feito a todos, cheio de entusiasmo e de fé.

Convido-os a entrar.

Nada de imitações, nenhuma escola, nenhuma filosofia.

Um único dogma: crer no êxito!

A única heresia: perder a esperança!"

O discurso de Celso da Cunha Fiori

foi intensamente aplaudido. A seguir, Arthur Ferreira Filho, historiando a criação do Grêmio Passo-Fundense de Letras e a trajetória do movimento até sua constituição em Academia, pronunciou o discurso abaixo:

"Entre as recordações que conservo desta cidade, a que mais avulta no patrimônio afetivo de minha memória é aquela que recebeu a lembrança dos saraus literários que realizávamos na redação do DIÁRIO DA MANHÃ, então localizado onde é, atualmente, a Casa Yankee, que foi lá pelo ano de 1936.

Mais tarde aqui chegou a figura aportada de Sante Uberto Barbieri, hoje Bispo de sua religião em Buenos Aires. Vinha em Missão da Academia Rio-Grandense de Letras.

Fundou-se, então, o Grêmio Passo-Fundense de Letras que, logo passou a funcionar nesta mesma casa.

Lembro-me de seus dias de festa.

Recepcionávamos Agripino Grieco, que nos deu encantadora palestra sobre homens de letras de Portugal, recepcionávamos Margarida Lopes de Almeida, a consagrada declamadora de fama universal, e De Paranho Antunes, Januário Coelho da Costa e Manuel Duarte, os três últimos da Academia Rio-Grandense.

Agora foi o Grêmio transformado em Academia, passando os gremistas a integrar a nova instituição.

Infelizmente já não são todos. Alguns faltam à chamada: Gabriel Bastos, Nicolau Vergueiro, Antonino Xavier, Gomide Heitor Silveira, Arlindo Luiz Osório.

Por eles responde a nossa saudade.

Presentes estão, neste momento histórico da entidade, alguns antigos companheiros da primeira fase: O professor Celso da Cunha Fiori, nosso presidente; o jornalista Túlio Fontoura, nosso

vice-presidente; o professor Verdi De César; o professor Mário Braga Júnior, o professor Sabino Santos, o poeta Gomercindo dos Reis; o professor Aurélio Amaral; o professor César Santos, meu colega de Academia Rio-Grandense; o sr. Pindaro Annes; o professor Rômulo Teixeira. E outros que vieram depois, trazendo ao Grêmio o vigor de sua capacidade intelectual, como o desembargador Reissoly José dos Santos, diretor da Faculdade de Direito; o jornalista Arthur Sussebach; o dr. Paulo Giongo; o dr. Mário Lopes; o jornalista Carlos De Danilo Quadros; o escritor Jorge Cafruni; o dr. Mário Hopp, o jornalista Sal Sperry César, o reverendo Bispo José Gomes e o dr. Jurandyr Algarve, a quem devo a gentileza, acima de qualquer agradecimento, de me haver escolhido para patrono da cadeira que dignamente ocupa.

Tais são os integrantes do Grêmio Passo-Fundense de Letras, todos portadores das melhores credenciais que vão constituir o quadro da nova Academia.

Nestes mais de vinte anos de existência o Grêmio tem cumprido plenamente sua missão de estimular o culto das belas letras, de congregar os homens que, possuindo talento literário, possuem, também, espírito associativo capaz de conjugar esforços em prol da cultura.

Acho oportuno referir uma circunstância interessante: deste Grêmio já saíram três Bispos: um da Igreja Católica, Dom José Gomes, Bispo de Bagé, a quem tive a satisfação de conhecer como secretário-geral da Casa, e dois da Igreja Evangélica, os Reverendos drs. Santo Uberto Barbieri e José Pinheiro.

Isso prova muito. Prova o alto nível de moralidade e de espiritualidade que vem imperando nesta instituição.

No momento em que o Grêmio se ele-

va à situação de Academia, um convite de nossos presidente e vice-presidente foi buscar-me para presidir esta solenidade excepcional que ora marca uma transformação no curso de nossas atividades.

Agradeço a Deus ter me permitido viver esta hora.

Compartilhando do vosso júbilo, exultando convosco, aqui me encontro ao vosso lado, quando a instituição de que fui o primeiro presidente, se eleva a uma categoria mais alta.

O Grêmio Passo-Fundense de Letras não se extingue, pelo contrário, transforma-se, vitalizando-se, ganhando em importância e amplitude.

Fizestes muito bem, transformando-o na Academia Passo-Fundense de Letras.

E por que o transformastes?

Seria por vaidade, pensando em maior ressonância para vosso título literário?

Não. Foi por uma simples questão de dinamismo social. A transformação é menos obra vossa que da própria cidade de que o Grêmio sempre foi uma expressão.

Quando foi fundado o Grêmio? Quando Passo Fundo era apenas uma cidade de 15 mil habitantes, com três estabelecimentos de ensino secundário, um de ensino normal e algumas escolas primárias.

E hoje? Passo Fundo conta com 60 mil habitantes, uma Faculdade de Direito, uma Faculdade de Economia, uma Faculdade de Filosofia, e já com autorização para o funcionamento de uma Esco-

la de Agronomia, e as medidas preliminares à fundação de uma Faculdade de Medicina, uma Faculdade de Odontologia e um Instituto de Belas Artes, isto é, a um passo da Universidade.

Ora, não devendo a cultura literária retardar-se em relação à cultura universitária, porque uma é complemento da outra, natural é que o Grêmio evoluísse na mesma proporção.

O que dá importância a uma cidade é sua situação de capital não no sentido de sede de Governo, mas no sentido geral de cabeça de uma região, de centro de um território vasto e povoado.

Passo Fundo é a capital de uma vasta região, extensa como o Estado de Sergipe. Todo o norte rio-grandense e quase todo o oeste catarinense lhe são tributários.

Capital econômica por suas indústrias, pelo seu comércio, pelo seu sistema de transporte; capital da cultura pelos seus estabelecimentos de ensino, por suas escolas superiores, pelo seu corpo jurídico, pelo seu corpo médico, pelos seus escritores.

Capital da cultura por esta Academia.

E eu disse, há pouco, que a cultura literária deve ser inseparável da cultura universitária. Direi mais. Deve ser inseparável de qualquer atividade intelectual.

Em todas as profissões destacam-se aqueles que, ao valor profissional, ajustam a cultura literária.

Entre os peritos brasileiros podemos citar Rui Barbosa, João Luis Alves, Cló-

vis Beviláqua, Alfredo Pujol, João Neves da Fontoura, Afonso Arinos, membros da Academia Brasileira, entre os médicos que pertenceram à mesma instituição máxima de nossas letras, Francisco e Aloísio de Castro, Miguel Couto, Osvaldo Cruz, Afrânio Peixoto. Entre os engenheiros, foram Euclides da Cunha, Carlos de Laert, Otávio Mangabeira. Militares, o Visconde de Taunay, Lauro Müller, Dantas Barreto, para só citar os que pertenciam à Academia.

E entre nós, quem não ouviu falar no ilustre professor Olinto de Oliveira, primeiro presidente da Academia Rio-Grandense, Mário Totta, Sebastião de Leão, Raul de Bitencourt?

E ninguém dirá que a cultura literária, e a prática da literatura, estorvasse as atividades profissionais de qualquer deles. Ao invés disso, deu-lhes realce, deu-lhes brilho.

Porque - sejamos francos -, a cultura literária constitui o polimento, o verniz que distingue o homem em qualquer meio em que atue.

Um grande médico, um grande jurista, um grande engenheiro, será muito maior se possuir um mínimo de cultura literária para atenuar-lhe as arestas.

Houve um herói da primeira grande guerra, o marechal Hindemburgo, que se orgulhava de nunca ter lido um único livro de literatura.

Não nos convenceram semelhantes razões de orgulho.

Preferimos César que escreveu os comentários; preferimos Napoleão que, na



Celso da Cunha Fiori (C), discursando na sessão de instalação da APL, em 7 de abril de 1961

Campanha do Egito, assinava suas proclamações: Bonaparte, general em chefe e membro do Instituto; preferimos Jofre e Foch, membros da Academia Francesa; e o nosso Osório, poeta espontâneo, e o nosso Conde de Porto Alegre, membro do Partenon Literário e fundador do Instituto Histórico.

Nem todo mundo pode ser escritor, nem é preciso ser escritor para possuir cultura literária. Esta não se adquire escrevendo, mas lendo.

Há pessoas que nunca escreveram uma crônica, nem um verso, e conhecem mais literatura do que muitos, cujos nomes se ostentam em lombadas de livros.

O essencial, para o homem culto, para o homem civilizado, é que conheça literatura, é que leia, porque a literatura é arte, e a arte embeleza a vida.

É pelo embelezamento da vida que se distingue o homem civilizado daquele que, afundado no puro utilitarismo, revela-se um estagiário entre a civilização e a barbárie.

Visitando, ontem, pela segunda vez, a chácara do nosso ilustre presidente e meu bondoso hospedeiro, tive ocasião de dizer-lhe que encontrava naquela amável paragem um toque de beleza clássica.

Virgílio não desdenharia habitá-la.

Os dos pinheiros magníficos que servem de colunas ao pórtico, com as frondes altaneiras voltadas para os céus, valem bem o formoso carvalho de Torquato Tasso e as formosas faias, a cuja sombra o poeta latino escrevia seus versos imortais: "Sub tegmine fagi" (Á sombra, ao abrigo das faias).

Não seria possível, sem grave culpa vossa, que esta cidade se tornasse uma capital de cultura e conhecimento científicos, e o Grêmio Passo-Fundense de Letras permanecesse apático, estaqueado, indiferente ao surto prodigioso que se processou e processa em torno de si.

Fizestes muito bem em promovê-lo à situação de Academia.

Prestigiai-a e engrandecei-a.

O encanto da vida está na coexistência humanista do útil e do belo. Dentro desse quadro há lugar para todos. Para os que semeiam o trigo e para os que cultivam as rosas. Para os que preparam o cimento, e os que lapidam as esmeraldas.

Colocai bem longe o vosso objetivo e esforçai-vos por alcançá-lo.

Estareis, assim, trilhando o caminho da perfeição."

A solenidade coroava o esforço de um grupo de intelectuais que criara o Grêmio no 7 de abril de 1938, e andara plantando a semente do associativismo cultural em cidades da região. De todo esse labor sobrou apenas a Academia Passo-Fundense de Letras. Melhor para Passo Fundo, que assumiu a vanguarda cultural de uma vasta área do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Além dos pronunciamentos de Celso da Cunha Fiori e Arthur Ferreira Filho, duas outras manifestações tornadas públicas com referência à Instalação da Academia Passo-Fundense de Letras, merecem lembrança: Dois acrósticos, poemas em que os versos se iniciam com

as letras dos nomes homenageados. Escreveu-os o poeta Gomercindo dos Reis, que os publicou em O Nacional, de 7 de abril de 1961. O primeiro dedicado à população de Passo Fundo, sob o título de ACADEMIA PASSO-FUNDENSE DE LETRAS; o segundo ao presidente do sodalício, CELSO DA CUNHA FIORI, um dos advogados mais conceituados da região.

Pelo significado dos mesmos para a história local são transcritos abaixo.

(Paulo Monteiro é membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 32, que tem como patrono o poeta e jornalista Gomercindo dos Reis.)

## PRESIDENTE CELSO DA CUNHA FIORI

Dedico ao presidente e demais confrades que elaboraram os Estatutos da Academia Passo-Fundense de Letras.

Para lutar, subir, ser dos primeiros,  
Redigir Estatuto ou Catecismo,  
Em toda parte existem timoneiros,  
Severos, sempre cheios de idealismo!  
Irmanados, avante, brasileiros,  
Dando exemplo de união e de civismo!  
Eu vejo alguns dinâmicos pioneiros,  
No leme, a dirigir, com heroísmo;  
Tendo ainda pela frente alguns nevoeiros,  
Estão desviando a barca de um abismo!

Cabe ao digno confrade, ao Presidente  
Eleito, e a todos nós, da Academia,  
Leva-la sempre avante, para a frente.  
Sem faltar às sessões e ouvir um dia  
O acadêmico falando a pouca gente...

Digno confrade e amigo hoje disperso,  
Atende o meu apelo feito em versos:

Com fé, com esperança e persistência,  
Unidos e a lutar, com galhardia,  
Nenhum revés nos deterá a existência  
Honrosa e útil esta Academia,  
A sua marcha gloriosa, em evidência!

Falando a todos, em reunião festiva,  
Irmanado hoje e pelo tempo afora,  
Oferto um verso à nossa gente altiva,  
Rogando a Deus que a Academia, agora,  
Imite aquela flor, a sempre-viva!...

(Gomercindo dos Reis, 7 de abril de 1961)



## Entre metáforas e sonhos

GILBERTO R. CUNHA

É fato que o poeta inglês Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), apesar da fama de ter sido o conversador mais espirituoso do seu tempo, costumava dizer que tinha o hábito de participar de palestras científicas somente para renovar o seu estoque de metáforas. Talvez isso ajude a um melhor entendimento da vida e da obra de um homem que, vivendo entre metáforas e sonhos, destacou-se como um dos grandes nomes do romantismo britânico, influenciando, no século 19, toda uma geração de novos escritores (De Quincey, Byron e Shelley, por exemplo).

Coleridge era o filho caçula do segundo casamento do pastor protestante John Coleridge que, segundo Jorge Luis Borges (em *Introducción a la literatura inglesa*, escrito com a colaboração de Maria Esther Vázquez, em 1965), costumava deleitar os fiéis de sua igreja com longas passagens de sermões na língua mais próxima do Espírito Santo: “em hebreu”. Nasceu em Ottery St. Mary, no condado de Devon, Inglaterra, em 21 de

outubro de 1772. Após a morte do pai, em 1781, foi estudar em Londres, em instituições religiosas, destacando-se como leitor voraz e, não raro, melhor aluno de suas turmas. Ingressou na Universidade de Cambridge em 1791, onde acabaria endividando-se, pelo consumo exagerado de álcool e de ópio (tornou-se viciado), além do envolvimento com mulheres. Desesperado, em 1793 entrou, com nome falso, para o Exército, onde, sem a mínima vocação para as armas (não sabia sequer montar um cavalo), por interferência do irmão, Capitão James Coleridge, deu baixa quatro meses depois. Retornou para Cambridge, porém não por muito tempo, pois, em 1794, deixaria de vez a universidade sem obter qualquer titulação acadêmica. Iniciou um relacionamento com intelectuais simpaticizantes da Revolução Francesa, como Roberto Southey, que marcaria a sua vida pessoal e profissional em definitivo. Neste mesmo ano, da parceria, nasceu a peça *The Fall of Robespierre* (A queda de Robespierre), na qual Coleridge escreveu o primeiro ato e Southey os dois outros.

Em outubro de 1795, Coleridge casou-se com Sara Fricker (em 1799, se apaixonaria por outra Sara: Sara Hutchinson).

Com a primeira Sara teve quatro filhos (Hartley, Berkeley, Derwent e Sara) e um casamento infeliz, que acabaria de vez por volta de 1806, pelo seu estilo de vida e, principalmente, em decorrência do vício por ópio.

Ainda em 1795, iniciou amizade com os irmãos William e Dorothy Wordsworth. Com William, especialmente, formou uma das parcerias mais criativas da literatura inglesa. Publicaram, em 1798, o *Lyrical Ballads* (Baladas Líricas), inovando a linguagem poética da época. O livro abre com um poema clássico de Coleridge, *The rime of the ancient mariner* (A balada do antigo marinheiro), e encerra com *Tintern Abbey*, de Wordsworth.

Em setembro de 1798, Coleridge e os irmãos Wordsworth partiram para a Alemanha. Durante a viagem morreu sua filha Berkeley (ainda criança, por reação a uma vacina da época). Permaneceria nove meses na Alemanha, assistindo conferências (Filosofia, na Universidade de Göttingen), escrevendo artigos e estudando a língua daquele país (tornou-se professor e tradutor de alemão). Desencantado com a ditadura de Napoleão, perdeu sua admiração pela Revolução Francesa. Aproximou-se do idea-

lismo metafísico alemão, interessando-se especialmente pelos trabalhos de Immanuel Kant, que passou a divulgar quando retornou à Inglaterra.

Sua obra poética é vasta, porém destacam-se três poemas: A balada do antigo marinheiro, Christabel (escrito em várias etapas) e Kubla Khan, cada um deles com suas particularidades, que os tornam singulares. Kubla Khan teve uma elaboração no mínimo curiosa, aceitando-se a versão de Coleridge. Segundo consta, em um dia do verão de 1797 (há quem entenda que foi em 1798), ele leu um livro de viagens e teve um sonho no qual escutava uma voz que repetia um poema, ouvia uma estranha música e visualizava a construção de um palácio. Sabe-se lá por que motivos, ele supôs que se tratava do palácio erguido por Kublai Khan, o impera-

dor mongol decantado por Marco Polo. Coleridge lembrava-se de todos os mais de 300 versos, e começou imediatamente a escrevê-los. Todavia, foi interrompido por uma visita inesperada, e quando retornou não mais conseguiu se lembrar do poema, restando o fragmento de pouco mais de 50 versos que havia anotado, e que se constituem, hoje, em uma das páginas imortais da literatura universal.

O "sonho" de Coleridge é analisado com detalhes por Jorge Luis Borges em *Otras Inquisiciones* (publicado originalmente em 1952). Explicações existem, desde as racionais até as sobrenaturais, começando pelo fato de que Kublai Khan, que viveu no século 13, ergueu um palácio conforme uma visão que teve em um sonho. Cinco séculos depois, o poeta inglês, que viveu na transição dos

séculos 18 e 19, e que não sabia nada sobre isso, sonha um poema sobre o palácio. Mais ainda: do palácio de Kublai Khan descobriu-se, no século 17, que só restaram ruínas e, do poema sonhado por Coleridge, ficou apenas o fragmento famoso dos 50 versos. As hipóteses que transcendem a racionalidade (nem sempre as mais aceitas) são as mais encantadoras. Por exemplo, na visão de Borges, cabe supor que a alma do imperador, uma vez destruído o seu palácio, penetrou na alma de Coleridge para que esse o reconstruísse com palavras, que são mais duradouras que os mármore e metais.

Para os que não acreditam no sobrenatural, a história do sonho de Coleridge tem outra explicação. Primeiro, nada mais que coincidências. Segundo, o poeta soube, de alguma forma, que o imperador havia sonhado o palácio e criou a ficção em torno dos seus versos (embora nada indica que Coleridge pudesse ter lido algo sobre isso antes de 1816, quando publicou *Kubla Khan*). Terceiro, Coleridge foi feliz em criar uma ficção que, com o tempo, ganhou respaldo histórico.

Na sua obra em prosa mais conhecida, *Biographia literária*, há quem encontre, inconsciente (por influência do vício em ópio) ou não, indícios de plágio de obras de Fichte e de Schelling, por exemplo.

Samuel Taylor Coleridge foi poeta, escritor, conferencista, professor, tradutor e criador de jornais e revistas (quase todos tiveram vida efêmera). Depois de 1810, com o casamento desfeito e cada vez mais dependente de ópio, Coleridge encontrou abrigo numa espécie de "irmandade" dirigida pelo dr. James Gillman, onde passou a viver como "hóspede". Safa pouco de casa, mas continuou produzindo e publicando obras. O homem que viveu entre metáforas e sonhos, acabaria morrendo em 25 de julho de 1834 (com 61 anos), sendo enterrado no jardim da casa do dr. Gillman, em Highgate, nos subúrbios de Londres. Depois da sua morte, Henry Nelson Coleridge (seu sobrinho) e a esposa Sara (filha de Coleridge) organizaram a obra dispersa do poeta, publicando e republicando vários livros.

Sobre Coleridge, o crítico Stopford Brooke resumiu com precisão: "Tudo o que merece ficar de Coleridge poderia reunir-se em vinte páginas e essas vinte páginas deveriam ser encadernadas em ouro!"





# Landas

**CELSO FIORI, *In memoriam***

André Pitthan era um poeta, não era passo-fundense, mas aqui viveu muitos anos, publicando seguidamente seus versos em O Nacional.

Falecido em 1958, surge agora o livro de sua autoria, que ele próprio intitulou de "Landas".

Por que este nome? Ele tinha consciência de seu estilo malicioso, da sua tendência invencível para a crítica ferina, para o verso de ataque, que sua inteligência aguçada burilava a cada passo, diante dos fatos sociais e políticos que sempre aproveitava como motivo de suas inspirações.

Chamado de Landas, seu livro não forma, de modo algum, uma charneca onde só nascem e crescem urzes e espinhos, mas concordo em que é o terreno propício às víboras de sua crítica impiedosa, de seus comentários causticantes e de suas apreciações irreverentes.

Homem de lutas, de convicções revolucionárias, que combateu e sofreu por seus ideais, refletiu, nas suas poesias, exatamente as cores dos raios de luz que passavam pelo prisma de sua própria constituição.

Infelizmente, não pertenceu à Academia Passo-Fundense de Letras, embora

tivesse condições e méritos para dela fazer parte.

Proposto e, talvez, incompreendido, foi recusado. Não vejo demérito algum no fato sucedido. Nem todos os poetas ingressam em academias e nem por isto deixam de ser muitas vezes maiores do que aqueles que ali penetram. Catulo da Paixão nunca pertenceu a outra academia que a da natureza rude, agreste, dos sertões do Brasil.

Pitthan, eu o apreciava pelo seu espírito de luta que nunca esmorecia.

Da circunstância de não ter ingressado no antigo Grêmio de Letras, ele tirou muitas e interessantes páginas para o seu livro póstumo, como o Fruto Proibido.

É verdade que ele, às vezes, feria. Mas temos que convir que isso é a consequência de seu próprio estilo, do material do qual ele fazia a matéria-prima da sua literatura.

Existem, nos seus versos, muitas críticas injustas, excessivamente contunentes, mas isso não quer dizer que fosse mau ou vingativo. Suas últimas palavras, como registra seu filho, são a prova do acerto da nossa opinião: "Não tenho ódios nem animosidades contra ninguém, e vejo todos os homens como meus irmãos".

Era um poeta popular que honrava com sua crítica.

A academia, ao tempo em que ainda era Grêmio de Letras, foi distinguida e honrada pela sua crítica.

Os homens públicos estão constantemente expostos aos comentários mais diversos, às vezes terríveis. É o ônus imposto ao homem que se projeta.

Vejam o que se diz diariamente na Câmara, no Senado, nas Câmaras de Vereadores, na imprensa, contra aqueles que ocupam os mais altos postos na política e na administração. É verdade? Por certo que não. Esses ataques não desmerecem ninguém.

É sabido que o que mais temem os homens de vida pública não são os ataques, as imputações, as acusações, mas o silêncio em torno deles.

O silêncio é que liquida e mata. Por isso é que aquele político disse certa vez: "Falem mal de mim, mas falem, por favor".

Pode alguém levar a categoria de pecado mortal chamar um acadêmico de burro? Ouvi, numa conferência, Agripino Grieco dizer que quem comesse os miolos de determinado acadêmico continuaria em jejum, poderia até tomar a comunhão.

Desde menino que vejo, sem exceção, chamar de ladrão a todos os presidentes da República. Já desacreditaram a palavra, no Brasil, e já é tempo para os dicionários registrarem o

fenômeno lingüístico.

O poeta comenta, a seu modo, uma circunstância de um processo sob julgamento. Nada impediu a absolvição do acusado, pela mais alta corte de Justiça, nem ficou desmerecida a sátira do versejador.

O livro de versos de André Pitthan é mais uma obra que enriquece a cultura de Passo Fundo.

Havia para o estilo e a natureza deste poeta um lugar ainda vago e que a obra ocupou.

Do livro de André Pitthan, não posso

deixar de salientar a apresentação feita por seu filho, Romeu Pitthan. Nas poucas páginas que escreveu, trazendo à luz da publicidade os versos de seu pai, que vinham sendo reunidos por ele próprio, sob o título de Landas, vê-se claramente que a veia do precioso metal, explorada pelo velho poeta, vai ter no descendente um novo explorador.

A apresentação do livro foi bem feita e denota a índole do autor no terreno difícil da crítica literária.

"O tempo que corrói a pedra dura,  
Corrói, também, os frutos da memó-

ria..." - disse ele. Mas André Pitthan e seu livro de versos ficarão muito tempo fazendo parte das nossas recordações.

(Celso da Cunha Fiori foi um dos advogados passo-fundenses mais brilhantes de seu tempo. Professor de Direito e orador dos mais consagrados. Presidiu a Academia Passo-Fundense de Letras. O texto acima é parte do discurso pronunciado durante Sessão Solene, realizada em setembro de 1963, em comemoração à instalação da Primeira Câmara de Vereadores de Passo Fundo.)

## Perigosos fazeres

PABLO MORENNO

Leitura e escrita são irmãs siamesas. Leitores e escritores se abraçam em vital simbiose. Ler e escrever, durante muito tempo, foi atividade proibida ou elitizada. Restringia-se aos sacerdotes, escribas, varões, filósofos. Em momentos de pouca liberdade, o plano "A" é providenciar coleiras, gaiolas, grades às palavras. Assim foi no Brasil quando do regime militar. No romance *O Nome da Rosa*, Umberto Eco apresenta o perigo da leitura na metáfora do livro envenenado. No filme *A Sociedade dos Poetas Mortos*, um professor de literatura é causa de grandes transtornos numa comunidade. Para Borges, todas as descobertas da ciência não são mais que extensões da mão humana, mas apenas a leitura e a escrita são extensões da imaginação. Sendo a imaginação uma panela louca, ler e escrever torna-se extremamente perigoso.

Mas, qual leitura e qual escrita são assim dotadas de risco à estabilidade pública?

Ler não é apenas decifrar letras. Escrever não é apenas acolher palavras. Ler é a arte de entender o pensamento do outro no cotejo com minha experiência do mundo e da vida. Escrever, como expressa Lya Luft, é saber comunicar o sentido

que capto do mundo. Isso é pensar, e "pensar é transgredir", passar "além de". É desta transgressão motivada pela escrita e pela leitura que muitos têm medo. Ler e escrever, experiência exclusivamente humana, é dialogar e propor possibilidades novas e diferentes para o homem no mundo.

Algumas concepções sobre leitura, entretanto, merecem alguns reparos:

1. *Cada leitor tem a sua interpretação* – Não é totalmente falsa, mas assaz individualista. Todo sentido tem um contexto. Não se lê a Bíblia como se lê Scliar, Carpinejar, como se lê Camões. É preciso deixar-se guiar pelas lanternas do autor sob pena de perder-se em um labirinto antropofágico.

2. *Uma sociedade leitora é uma sociedade solidária* – É a fetichização do livro. Hitler lia muito. Nem por isso tornou-se um homem solidário. O assassino de John Lennon foi preso com *O Apanhador no Campo de Centeio*, de JD Salinger, uma obra das mais significativas de sua geração.

3. *Ler torna a pessoa criativa e aberta* – Nos textos de todos os tipos há manipulação, desinformação, ideologias e intenções subjacentes. Ler é, também, um ato de inteligência e bom senso.

4. *Ler é viajar por mundos maravilhosos* – A leitura é só prazer? Só isso? No meio de tantos prazeres só

podia mesmo ser tão escassa! Leitura é ato emancipatório do ser humano, é informação, é exercício de cidadania, mais direito que dever, é ato político, social, de participação no deciframento do mundo. Jean Foucambert, no livro *A Leitura em Questão*: "Não existe um só campo em que a verdadeira prática da democracia não passe pelo acesso do maior número de pessoas à escrita. Ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça do outro, para compreender melhor o que se passa na nossa!"

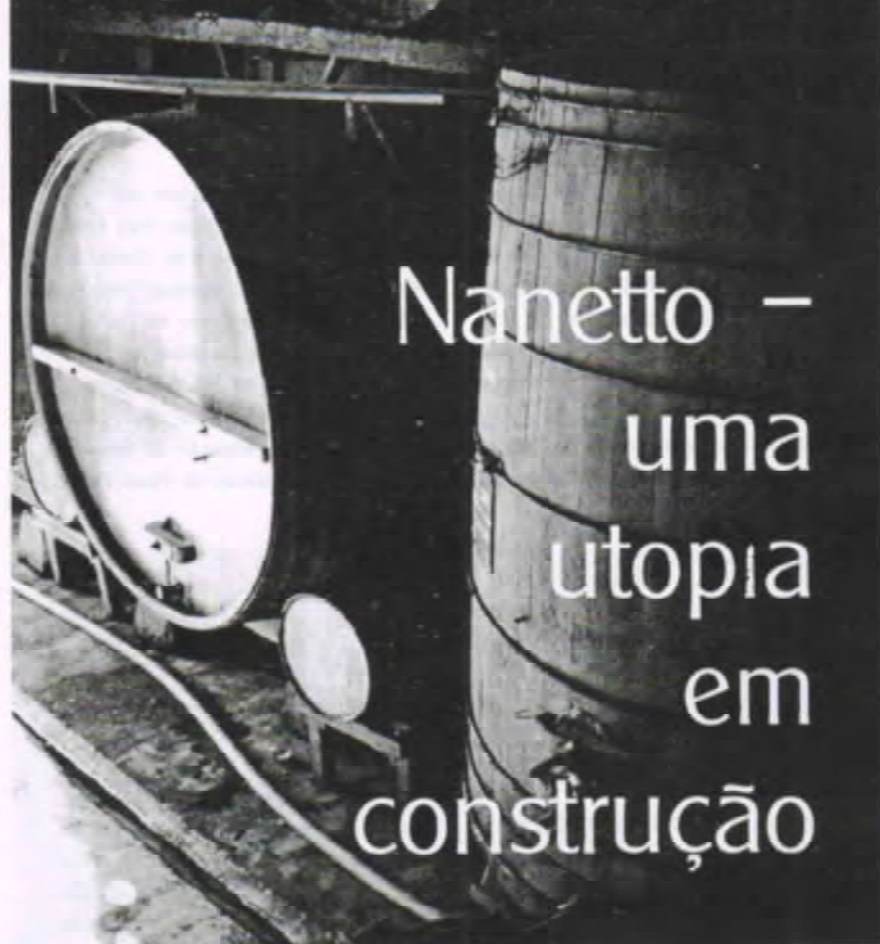
Um texto pode não ser prazeroso e, mesmo assim, tornar-se intrigante à inteligência.

Não há escrita nem leitura sem encontro amoroso com as palavras. Pelas palavras damos existência às coisas. Palavras são seres vivos: nascem, sangram, gemem, se apaixonam, choram e sorriem, podem ser assassinadas. Tornam-se conexões sociais, são testemunhas ciganas na história. Ler e escrever é dar asas e alento às palavras. Palavras aladas libertam os homens. Homens libertos querem viver em plenitude. O anseio da vida é ovo em eclosão e fósforo na pólvora.

Sob cada palavra há uma mina. Não pisoteiem as palavras. Temam a literatura!

(Pablo Morenno é professor e escritor. Autor de *Por que os homens não voam?* e *Menino esquisito*.)





# Nanetto – uma utopia em construção

**SANTO CLAUDINO VERZELETI**

**N**anetto deixa a Itália aos 13 anos. Toma o trem em Veneza e vai até Gênova. Lá embarca como clandestino num navio com destino à América.

A viagem de 30 dias termina em Rio Grande, que o aventureiro Nanetto Pipetta descreve com algumas colinas e casas. Nessa cidade gaúcha, joga-se à água e, nadando, chega à terra, andando até encontrar uma família de italianos, que lhe permite secar a roupa e matar a fome.

Inicia sua vida de trabalho na nova terra, como madrinheiro, mas logo se desencanta, pois a tarefa é dura. Abandona a tropa, sem importar-se para onde iriam dirigir-se os animais.

Na fuga encontra um casal de negros e junto deles vive sua primeira experiência com o chimarrão, que o desilude de vez. É tempo de pinhão, que lhe vai muito bem. Trabalha com os negros, mas o pernoite o deixa apavorado. Não gosta de dormir no galpão, e ele foge novamente, terminando na casa de Berto, onde permanece por um ano, aproximadamente. Quando recebe o dinheiro como pagamento dos serviços presta-

dos, Nanetto joga-se no mundo, enfrentando uma série de contratempos. Ainda por cima, sofre o azar de quebrar uma perna. É a segunda vez que isso lhe acontece. Ao ser socorrido, vê-se imobilizado e conduzido a Porto Alegre, onde permanece por 40 dias hospitalizado. Mas nosso herói nada comenta sobre a capital do estado.

Então Frei Paulino, na sua narrativa, resolve encaminhá-lo para as colônias: Caxias, Conde D'Eu e Dona Isabel.

Ao chegar a Caxias, antiga Campo dos Bugres, Nanetto está com 15 anos. Passa a viver a aventura dos bugres e novamente quebra a perna, seguindo-se novas aventuras na companhia dos negros.

Recuperado, embrenha-se pelo mato e vai trabalhar com os engenheiros. Assiste a um tremendo vendaval, coisa comum na época, e assume a cozinha do acampamento. Frei Paulino relata detalhes que não se encontram usualmente em outros autores, como a importância da caça no trabalho da medição das terras.

Por dois anos, Nanetto desempenha a contento a sua função. Recebe alguns trocados, e parte em busca de quem lhe tire uma fotografia. O sonho dourado do jovem imigrante era ser fotografado.

Termina na casa de Andolo, pai de Gelina. Viaja a São Sebastião do Caf, vendendo ovos. Sim, vender ovos expressava segurança, abundância e sucesso pintando... Torna-se noivo de Gelina, por quem é correspondido, e vai para o Rio das Antas, onde trabalha para adquirir a sua meia colônia, a fim de dar início à sua verdadeira e sonhada cucagna. É neste lugar que a morte o surpreende, ao atravessar o rio num café. O filho da gloriosa Veneza, marinho nato, afoga-se, após muitos brados de socorro a todos os santos. E sem extrema-unção (o cristão ao avesso)!... O narrador da vida de Nanetto assegura que a morte ocorreu no passo velho do Rio das Antas, entre Bento Gonçalves e Veranópolis.

Em que capítulo da história da colonização pode-se situar Nanetto?

O escritor Frei Paulino publicou seu *Nanetto*, em 1924-1925. Elaborou a obra por etapas, e acompanhou com interesse a sua repercussão.

Os imigrantes italianos consideram sua data básica de chegada ao Brasil o dia 20 de maio de 1875. O ponto alto da imigração se dá em 1914, quando cerca de 70 mil italianos se estabelecem no Rio Grande do Sul. A história de Nanetto, portanto, deve situar-se entre esses dois extremos. Há, na descrição do trabalho realizado com os engenheiros, quando Nanetto era o mestre-cuca, uma referência que é fundamental. Em Caxias, ele trabalhou na demarcação de terras. Segundo Dom José Barea, o povoamento de Nova Pádua se completa por volta de 1885, o que dá a entender que a demarcação era fato praticamente concluído. O jovem deixa a comissão dos engenheiros com 17 anos, em 1885, o que significa que ele nasceu em 1868, e partiu para o Brasil em 1881, chegando em Caxias quando já estavam povoadas as primeiras léguas de terra.

## Peripécias junto às famílias italianas

Frei Paulino não situa as aventuras do seu herói nos centros ou vilas, embora em uma delas ele se faça retratar, com ufanía.

As peripécias são todas isoladas, no interior, entre as famílias de colonos. E a maior parte não se dá na roça, mas no mato. É que tudo estava ainda por fazer.

A morte de Nanetto se dá aos 18 ou 20 anos, e o final de sua vida seria em 1886 ou 1888. Naturalmente, o narrador não cuidou desses detalhes. Sua pretensão

foi apenas contar como era a América, em contraposição aos romances que corriam a Europa. Serviu-se das narrativas familiares transmitidas oralmente, e foi extremamente feliz ao situá-las no tempo.

No capítulo 47, Nanetto tenta promover-se diante de Gelina. Ao ir à missa, a cavalo, decide fazer uma gauchada. Pena que o autor não descreve as relações mantidas pelos imigrantes com brasileiros do campo, os serranos. O italiano manteve as melhores relações com os campeiros, nome que designava os fazendeiros. O homem que andava a cavalo, pilchado, impressionou, favoravelmente, os trentinos, vênets e lombardos. Tanto isso é verdade, que os três pioneiros – Radaelli, Crippa e Speráfico – se fizeram retratar em trajes gauchescos.

O aventureiro Nanetto assimila imediatamente os costumes da terra. Gosta do cavalo e de participar de alguma carreira. Simples manobras de equitação agradavam-lhe sobremaneira, e faziam-no sentir-se muito importante. Já não se pode dizer o mesmo em relação aos negros. Estes não andam a cavalo, não vestem ponchos esvoaçantes, moram em casebres (ranchos), no meio do mato. Sua situação econômica era inferior à dos imigrantes. Frei Paulino cita um negro especial, *un bel negreto*, com um espadagão à cinta e uma pistola, fato comum nos primeiros tempos da colonização.

O italianinho teve dois encontros com os negros. O primeiro foi mais amistoso. O negro conhece algumas palavras em vênets, o que faz supor um contato anterior. Foi nessa oportunidade que aconteceu a cena do chimarrão, desastrosa para o nosso personagem.

Outro aspecto importante consiste no fato de que a negra, carregando nas costas um *negreto*, não prima pela limpeza. Também se revela curioso o tratamento dispensado ao negro, tratado como *sior Juca* (senhor Juca). Após um dia exaustivo de trabalho, o Juca elogia Nanetto, dizendo que ele *trabaiô* bem.

Os três, o casal e Nanetto, dormem sobre peles de animais. Isso desgostou profundamente o jovem italiano, tanto pelos percevejos que o incomodaram a noite toda, como pelo mau cheiro daqueles forros. Note-se, no entanto, que, apesar de veneziano, ele não estranha o negro, em seu primeiro contato com ele. O que se deve, talvez, ao fato de que na colônia já exis-

tia certa familiaridade entre as raças.

O segundo encontro com os negros dá-se no episódio do roubo do dinheiro. Não foi um preto como o *sior Juca*, mas um *moro* (moreno), isto é, quase preto. O conceito do imigrante em relação ao mulato tem sido mais preconceituoso que em relação ao negro.

Ainda que o preto e o mulato sejam mantidos em situação secundária, a fé dos imigrantes no *arasi do simaron* (cerimonial do chimarrão) é muito grande. E não há nisso contradição. O colono, perdido no meio da mata, longe dos seus padres, dos sacramentos e das rezas litúrgicas, sentia-se atraído pelos curandeiros e benzedeiros. Nanetto, por sua vez, era também um bom cristão e praticante da fé.

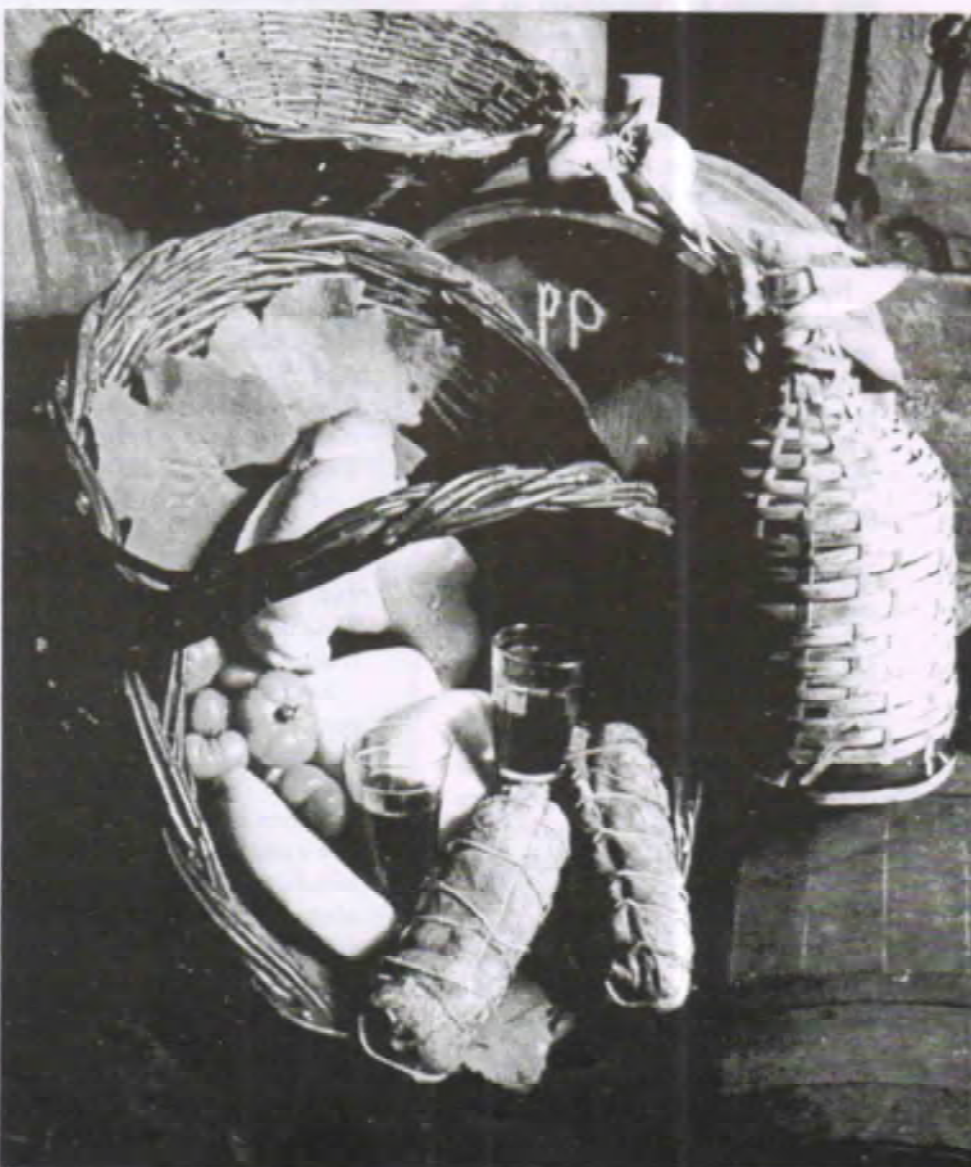
E quanto ao trabalho?

Bem, ele veio da Itália com 13 anos. Em Veneza, não teve oportunidade de trabalhar, como aconteceria se tivesse nascido em Vicenza, Belluno ou Trevi-

so. Nas famílias da colônia italiana no Brasil, a criança é acostumada à lida desde cedo. Aos 10 anos, já está na roça, auxiliando os adultos. Nanetto, porém, não poderia demonstrar muito entusiasmo pelo trabalho. Sua disposição era ficar na primeira casa que o acolhesse. E tratar de ir juntando seu pé de meia e preparar seu futuro. Frei Paulino não poderia apresentar um personagem que fosse um exemplo de trabalho. Se desse ao aventureiro de além-mar essa qualidade, ele seria certamente um tremendo capinador, um roçador de mão cheia, um ceifeiro incansável de trigo. Dessa forma, as aventuras não aconteceriam e descaracterizariam por completo o exótico personagem.

De outra parte, se ele fosse um vagabundo, cairia logo no ridículo, e o leitor reagiria negativamente. Por isso o autor resolveu o problema criando um “herói às avessas”, e o fez muito bem.

Mesmo tendo altos e baixos, Nanetto



tende a melhorar e adquirir as qualidades básicas de nosso colono, uma das quais, evidentemente, é a disposição ao trabalho, o apego pela lida dura, física, braçal, como é o serviço na lavoura. O narrador não teria outra escolha senão seguir por este caminho, situando as aventuras num tempo muito distante. É evidente que, neste caso, não precisaria de um aventureiro para movimentar a sua narrativa.

### Afirmação da identidade do italiano agricultor

Os contraditórios e o surpreendente na história – que são a política, a religião, a família, o trabalho, a fortuna – dão colorido à, primeiramente sonhada, depois saudada, América.

Frei Paulino escreveu, em 1924, seu *Nanetto Talian*, na língua integrada pelas diferentes falas italianas não-oficiais. Adiantou-se à celebração do cinquentenário da imigração italiana, que aconteceria no ano seguinte, voltada somente aos vencedores na indústria, no comércio, nas profissões liberais, respaldados pela Itália oficial. Tais comemorações silenciaram e esqueceram completamente os então ditos colonos, que foram e continuam sendo a marca da imigração italiana e das demais correntes européias que se radicaram no Brasil.

Nosso jovem Nanetto, herói de dois mundos, é a afirmação da identidade do italiano agricultor, e a figura representativa de todos os italianos e europeus pobres, que, a partir de 1875, invadiram o mundo, com a missão de imprimir, na alma da humanidade, a mística da solidariedade e da fé.

Ele é um sonho, uma utopia e uma realidade em construção, presente em cada descendente de imigrante. Desde 1999, o jornal Correio Riograndense vem publicando *El Ritorno de Nanetto Pipetta*, escrito por Pedro Parenti.

E a história continua sendo construída e narrada. Roviglio Costa é outro incansável defensor da cultura italiana e da língua *taliana*, nosso dialeto cultural, que soube muito bem, aqui em nossas plagas, congregar todos num único ideal: trabalhar, criar a família, dar cultura aos filhos e conquistar espaços de participação na sociedade.

(Santo Claudino Verzeletti pertence à Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 27, cujo patrono é Ana Luiza Ferrão Teixeira.)



## Escola Superior de Guerra – ESG

IRINEU GEHLEN

A Escola Superior de Guerra -ESG com sede no Rio de Janeiro, foi fundada em 1949, depois da 2ª Guerra Mundial. Hoje é subordinada ao Ministério da Defesa e é um Instituto de Altos Estudos, destinado a preparar militares e civis para funções de direção e planejamento, com vistas ao desenvolvimento, à segurança e à justiça social. É comandada pela mais alta patente da Marinha, da Aeronáutica e do Exército, alternativamente. Todos os anos, as suas diretrizes e o seu currículo são revistos e atualizados, à luz das necessidades fundamentais decorrentes da análise dos problemas conjunturais, tanto na esfera interna como na esfera das relações internacionais, buscando manter atualizados, sempre, os estudos dos objetivos nacionais de natureza política, econômica, psicossocial, científica, tecnológica e militar.

Já a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra – ADESG é reconhecida de utilidade pública pelo Ministério da Justiça, e como instituição cultural, pelo Ministério da Educação. Agrega, em cada estado, através de suas Delegacias ou Diretorias, os diplomados pela ESG, para difusão dos seus conceitos doutrinários, métodos de trabalho e estudos conjunturais, tendo como atividade básica os chamados CEPEs - Círculo de Estudos de Política e Estratégia, além de cursos e conferências. No nosso estado temos 7.200 participantes.

“ Conhecer o Brasil para melhor servi-lo” é o lema que norteia as atividades da ESG e da ADESG.

Temos o entendimento de que o destino do Brasil é de responsabilidade de toda a Nação e não somente do governo ou de grupos. Por isso é dever de cada brasileiro colaborar, em seu campo de atuação, na construção deste destino.

Assim como as árvores, somos nascidos para crescer. Apesar de perderem as folhas completamente no inverno, elas nos ensinam e lembram que a vida é o tempo de que dispomos para crescer, evoluir e progredir. Dessarte, a ADESG tem por objetivos: a) preservar e projetar os valores morais e espirituais da nacionalidade; b) incentivar a amizade e a solidariedade; c) difundir conceitos doutrinários e estudos conjunturais voltados à segurança e ao desenvolvimento pátrio, sem se afastar da metodologia ditada pela Escola Superior de Guerra e sem vinculações com partidos políticos, entidades, grupos, associações ou organizações de qualquer natureza.

Desta forma funciona a ADESG, na consecução dos seus sagrados objetivos: “com um só coração e uma só alma pelo Brasil”.

(Irineu Gehlen é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



# Indivisibilidade e Interdependência dos Direitos Humanos

CARLOS ALCEU MACHADO

Nos últimos tempos, dois princípios essenciais da Declaração Universal dos Direitos Humanos vêm sendo questionados. Muitos governos negam, na prática, que os direitos humanos sejam universais e indivisíveis, com o objetivo de justificar suas políticas repressivas.

A natureza das relações internacionais mudou radicalmente desde o fim da Guerra Fria. A unificação progressiva da economia mundial e as mudanças na função do Estado proporcionam uma convergência internacional em assuntos políticos e econômicos. Isso teve profundas repercussões no debate sobre os direitos humanos.

Foram proclamadas políticas orientadas para o mercado como sendo a fórmula de crescimento que trará consigo direitos econômicos fundamentais. Com o desenvolvimento econômico, argumenta-se, virão maiores liberdades civis e políticas. A fé nesses argumentos foi abalada, até certo ponto, em virtude da recessão econômica iniciada na Ásia, que logo se espalhou para o restante do mundo, mas mesmo assim essa é a ortodoxia econômica imperante. Embora a reforma econômica tenha transformado a vida de milhões de pessoas, seus dividendos não foram repartidos com equanimidade. As diferenças entre ricos e pobres aumentaram. As pressões sobre os recursos e o meio-ambiente são maiores. As políticas de liberalização econômica e ajuste estrutural fomentaram a mar-

ginalização de grupos pobres e desamparados em todos os lugares e contribuíram para que as violações dos seus direitos humanos ocorressem com mais frequência.

Os governos recorrem a métodos autoritários para manter a competitividade e atrair investimentos. A abertura econômica não foi acompanhada de reformas políticas. Com excessiva frequência, os conceitos de "bom governo" promovidos por instituições econômicas internacionais como parte da nova ordem econômica internacional, colocam mais ênfase no bom funcionamento dos mercados financeiros do que no tratamento justo e equitativo das pessoas.

Muitos governos do mundo desenvolvido insistem na primazia do crescimento econômico que, segundo se afirma, requer a subordinação dos interesses individuais aos da coletividade. Asseguram que um país não pode permitir-se desfrutar de liberdades civis e políticas enquanto não houver alcançado um certo nível de desenvolvimento econômico.

Ocorre que crescimento econômico não é garantia de direitos econômicos e sociais. Vários governos do mundo desenvolvido suprimiram alguns dos serviços prestados pelo Estado, justificando essas medidas em função da competitividade econômica. Impuseram enormes restrições à educação gratuita, à saúde pública e à segurança social. Um grande número de pessoas ficaram sem casa e sem recursos, mesmo nas nações mais prósperas.

Ora, os povos não podem melhorar

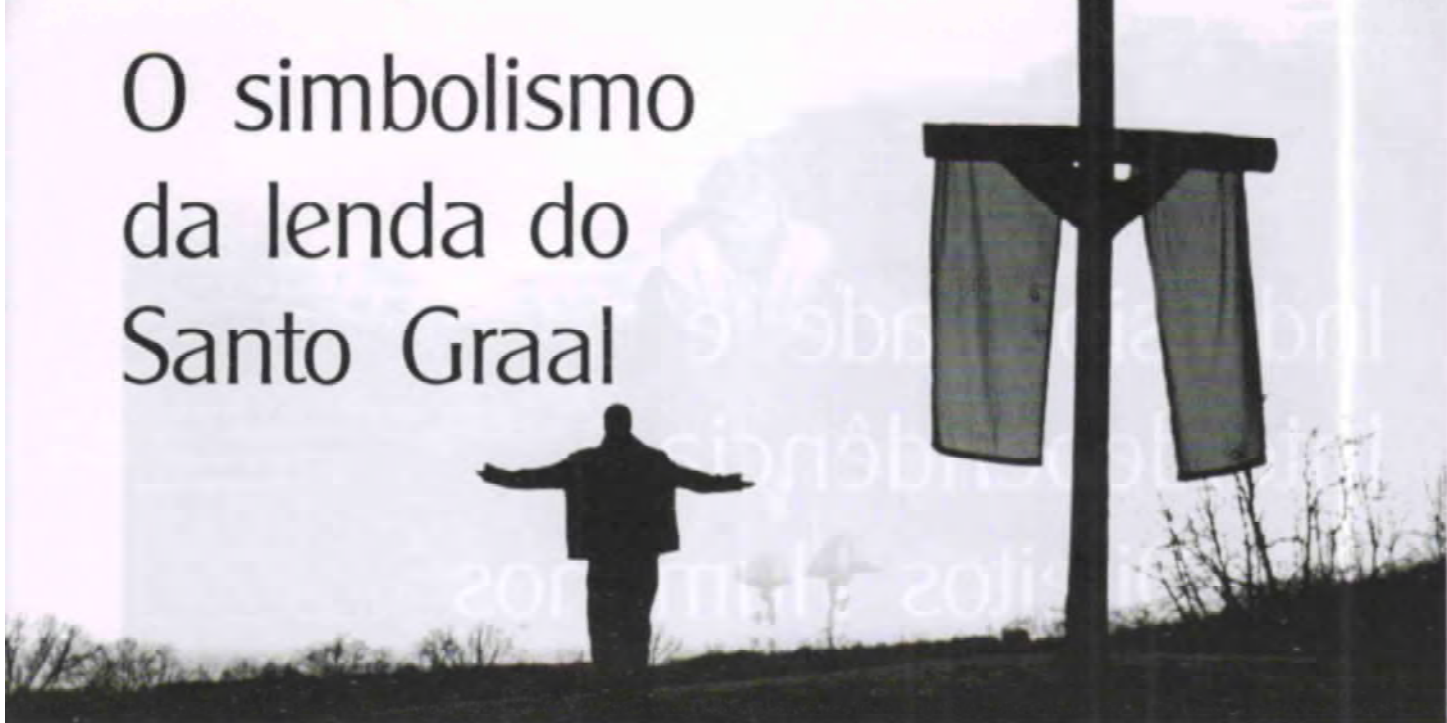
seus direitos econômicos, sociais e culturais sem um certo grau de espaço e liberdade política. O desenvolvimento econômico e social quase nunca beneficia, na prática, os mais desamparados, a não ser que lhes seja permitido participarem plenamente da vida social e exigirem responsabilidades do seu governo através do livre exercício das suas liberdades políticas e civis.

Se as pessoas são marginalizadas por sua pobreza ou condição social, evidentemente não podem exercer seus direitos políticos nem salvaguardar suas liberdades civis. Assim, a pobreza, em todas as suas manifestações, é uma grave violação dos direitos econômicos e sociais proclamados na Declaração Universal dos Direitos Humanos, especialmente porque expõe as pessoas mais carentes a violações dos direitos humanos e limita suas possibilidades de recorrer à justiça.

O artigo 7º da Declaração Universal dos Direitos Humanos garante que todas as pessoas "são iguais perante a lei e têm, sem distinção, direito a igual proteção da lei" - princípio consagrado em constituições e ordenamentos jurídicos de todo o mundo. Porém, esse direito civil e político fundamental fica debilitado quando se negam direitos econômicos e sociais, voltando-se o regime jurídico contra os grupos pobres e socialmente marginalizados.

(Carlos Alceu Machado é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# O simbolismo da lenda do Santo Graal



GETULIO VARGAS ZAUZA

**E**m artigo por mim escrito, e publicado no número zero (edição de lançamento) da Revista da Academia Passo-Fundense de Letras, sobre o Simbolismo da Cruz, eu declarei que, desde muito cedo, despertou em mim um grande interesse por assuntos espirituais, doutrinas esotéricas muito antigas, como as indianas, e mitologias de diversos povos. Meu interesse de conhecimento sempre teve uma abrangência universal, se fundamentou na evolução do pensamento nas diversas épocas, ou seja, em como os filósofos e poetas e expressaram suas concepções sobre Mundo e Vida. Portanto, nunca me atrelei a nenhuma corrente filosófica ou seita religiosa, porque sempre intuí que não existe nada estanque no cosmos. Tudo é um fluxo perene, uma metamorfose em que um novo sempre nasce de um precedente. Em cada época de cultura, a compreensão de Mundo e Vida tem sua forma característica, concernente ao estado evolutivo da consciência humana, semelhante à evolução de um ser humano no decorrer de uma vida. Por isso, sempre considerei absurda essa rivalidade ideológica entre concepções, sejam políticas, filosóficas ou religiosas, como se fosse possível parar o mundo.

Na década de sessenta, interessei-me pelo assunto da Lenda do Santo Graal.

Nessa época, encontrei, numa livraria de livros usados, um exemplar, que se dizia tratar-se de uma cópia do original da lenda, escrita em letra de imprensa e fac-símile manuscrita, em português arcaico, narrando as peregrinações dos cavaleiros na busca do objeto sagrado.

A partir daí, muito meditei, procurando descobrir qual o significado da lenda e qual seria esse sagrado objeto.

Após muitos anos de meditação, cheguei, pelo menos assim penso, a um provável entendimento da relação mística existente entre o Homem (ser humano) e a cruz. Primeiro, pela própria forma do seu corpo, quando estende seus braços horizontalmente. Segundo, pela forma como encontramos sua representação dentro de um círculo, no qual, se unirmos os pontos onde mãos, pés e cabeça tocam a circunferência teremos um pentágono perfeito, que esotericamente representa o ápice da perfeição. Não necessariamente só do corpo humano, mas da totalidade da máxima expressão da grandiosidade, do coroamento da obra do Criador, o HOMEM, na sua organização tetramembrada: um corpo formado por substâncias de origem inorgânica; uma força plasmatriz, que organiza essas substâncias, formando um ser vivo; outra força que torna possível que tenhamos uma organização com a qual podemos ter sensações e sentimentos, uma Alma; e, ainda uma quarta força, que nos dá a faculdade do entendimento, do pensar, e uma autoconsciência, ou seja, uma

consciência de nós mesmos como uma individualidade entre outras individualidades, humanas e espirituais.

No artigo sobre a cruz falei do seu significado, dos braços horizontais simbolizando a Alma. E da coluna vertical, que simboliza o Espírito, o qual designamos em nosso idioma com a palavra EU.

É necessário que se pense qual a missão do nosso EU em nossa existência. Na verdade, é ele que procura ordenar o caos da nossa vida de sentimentos, e também ordenar o mundo exterior para fazer possível a existência de uma certa harmonia entre nós e o mundo.

É interessante observarmos que, na vida profana, foi criado um objeto em forma de taça, às vezes designado como pilão, e usado para preparar cereais para o cozimento e posterior alimentação. Ele é formado por uma parte em forma de taça, que recebe o cereal, ou seja o alimento, e uma outra parte, uma espécie de bastão, chamada mão-de-pilão, a qual age sobre os grãos, tornando-os cozinháveis e assim comíveis.

Na atividade farmacêutica ainda se usa o graal, ou cadinho, para triturar ou misturar substâncias medicamentosas. O objeto, que torna possível a utilização das substâncias para cura das doenças, é o mesmo bastão que prepara os grãos de cereais para servirem de alimento. Mas não é só a matéria física que alimenta, e também não é só o corpo que é alimentado. A alma também é alimentada quando assimilamos as substâncias. Não é somente matéria física que existe no ali-

mento. Ouçamos o que disse o místico alemão, Ângelo Silésicos: "No pão que comemos, não é o pão que nos alimenta, mas o Espírito que nele habita".

Em tempos primitivos, quando ainda não havia moinhos, era o bastão que metamorfoseava os grãos para fazer o pão.

Em psicoterapia, não é o psicoterapeuta que realiza a cura da Alma doente. É o próprio EU do paciente que, auxiliado pelo terapeuta, realiza todo o trabalho que conduz à cura.

Em nossa vida espiritual, é o EU (espírito em nós) que promove a purificação e a evolução da Alma, a sua metamorfose.

Na língua grega, a Alma é designada com a palavra *Psique*, cuja sílaba inicial é *Psi*, e que tem a forma de uma taça transpassada por uma coluna vertical (*y*) onde a taça representa a Alma, os mesmos braços horizontais da cruz, e a coluna, o Espírito, o EU.

No ritual da missa, temos o cálice que representa a Alma, contendo o vinho simbolizando o sangue, mas não somente do *Cristus-Jesus*, porém de todos nós. Pois o sangue, como sabe qualquer conhecedor das doutrinas esotéricas, é o veículo portador do EU para todo o nosso corpo, ou seja, do elemento propriamente Espírito, em nossa organização como seres humanos.

Em todos esses objetos, temos sempre a taça com sua concavidade voltada para cima, simbolizando a receptividade, ou melhor, a aspiração de receber o Espírito, esse fator que é o único capaz de promover o reencontro do *HOMEM* com o mundo espiritual, com Cristo. O único que tem o poder de libertar a Alma da teia das ilusões e alçá-la às alturas.

Temos ainda um outro objeto em forma de taça, o sino. Mas aqui a concavidade está voltada para baixo. É o mesmo símbolo da Alma com o bastão em seu interior. Neste caso, o significado é que

Alma e Espírito (EU) se voltam para o mundo dos sentidos, para aquilo que pertence à natureza. Alma e Espírito devem voltar-se para ela com amor e aí reconhecer o Espírito Criador de todas as coisas, *DEUS*.

Pois não é sem sentido que o bastão (coluna, badalo) acionado pela vontade do homem faz vibrar a taça, produzindo o som maravilhoso que desperta nas almas sentimentos místicos, chamando-as para o ato ritual preparador do encontro com a Santíssima Trindade e toda a corte celestial, num futuro prometido para a Humanidade, mas que depende da inteligência, da vontade e da ação de cada um de nós.

A humanidade perdeu, gradativamente, o sentido do quarto elemento da organização tetramembrada do *HOMEM*, desde o Concílio de Constantinopla, quando a Igreja decretou o dogma de que o Homem é constituído apenas de corpo e alma, tornando herético acreditar-se na existência do Espírito na constituição do ser humano. Dessa forma, quase igualou-o ao animal que, afinal, também é animado, naturalmente não possuindo uma alma individual.

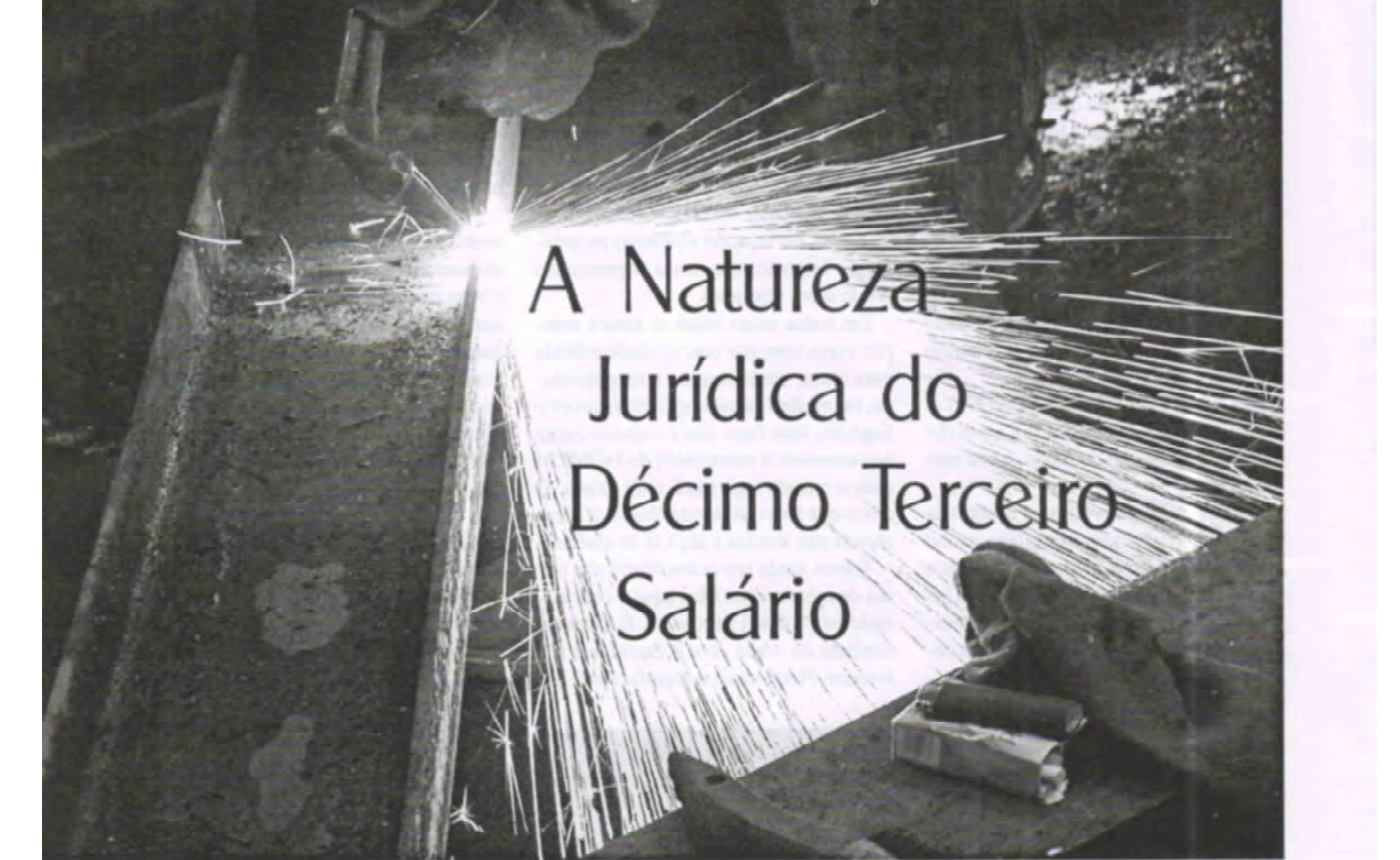
É evidente que o que é narrado na lenda como uma busca de um objeto que seria o Santo Graal, é uma alegoria, para expressar uma devoção ao mistério *Cristus-Jesus*. *ELE*, o *ESPÍRITO-CRISTO*, o *DEUS-CRISTO*, o *EU CÓSMICO*, que habitou uma Alma inserida em um corpo humano, uma cruz, ou a taça sagrada, durante três anos, *ELE* é o *SANTO GRAAL*, que nos mostra a missão do nosso Espírito, nosso EU, que é promover a purificação e a espiritualização da Alma.

Quem quiser encontrar o Santo Graal terá que procurá-lo somente em dois lugares: o primeiro é o seu próprio coração espiritual, pela purificação da Alma, e o desenvolvimento do Amor universal incondicional, dedicado tanto ao mundo espiritual, quanto aos seres humanos, à natureza, de cuja saúde depende nossa existência. Dessa forma prepara-se o caminho que conduz ao segundo domínio, onde o Cristo pode ser encontrado. Isto é, no próprio mundo espiritual.

O *SANTO GRAAL* é o próprio *CRISTO*, modelo do que temos que fazer com nós mesmos.



(Getulio Vargas Zauza é psicólogo-clínico e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)



# A Natureza Jurídica do Décimo Terceiro Salário

ROMEU GEHLEN

## Antecedentes

Diferente do que normalmente ocorre, a parcela trabalhista denominada décimo terceiro salário não nasceu de fonte formal de direito, mas resultou de criação espontânea de diversas empresas. A idéia foi beneficiar os empregados, acrescentando no final de cada ano uma melhoria de suas condições financeiras, nomeadamente em razão dos festejos natalinos, períodos sabidamente de maiores gastos.

O espírito que levou os empregadores a adotarem essa prática, por ocasião do Natal, de pagamento de uma importância adicional, passou a denominar-se impropriamente de gratificação natalina. O impulso inicial, portanto, foi de liberalidade da iniciativa privada.

A "gratificação natalina" passou a ser usual e costumeiramente satisfeita por empregadores, incorporando-se naturalmente aos contratos de trabalho, até tornar-se norma cogente - estendendo a obrigatoriedade a todos - com o adven-

to da Lei 4.090, de 13 de julho de 1962, alterada pela Lei 4.749, de 12 de agosto de 1965, regulamentada no mesmo ano pelo Decreto 57.155. Ainda, posteriormente, a Lei 5.480, de 10 de agosto de 1968, regulamentada pelo Decreto n. 63.912, concedeu esse direito ao trabalhador avulso e, por força do parágrafo único do art. 7º, da Constituição Federal, os empregados domésticos também tiveram garantido o direito de percepção da verba.

A regulação legal estabelece que o décimo terceiro salário corresponde a 1/12 (um doze avos) da remuneração devida no mês de dezembro, por mês de serviço ou fração igual ou superior a quinze dias, do ano correspondente, cujo valor deve ser satisfeito até o dia 20 de dezembro. Ainda, determina a Lei, que o empregador deve adiantar metade do valor entre os meses de fevereiro e novembro, no valor equivalente ao salário percebido pelo empregado no mês anterior ao do adiantamento, com compensação do valor devido em dezembro.

## Controvérsias e justa causa

Controvérsias surgiram a propósito da

obrigatoriedade no pagamento da "gratificação de Natal", resultando inúmeros Enunciados, do Colendo Tribunal Superior do Trabalho, na tentativa de pacificação das questões pertinentes ao décimo terceiro. O Enunciado n. 2, de certo modo, afastou as demandas sobre o cabimento, ou não, do décimo terceiro salário nos contratos a prazo determinado, inclusive os de safra, ainda que a relação de emprego haja findado antes do mês de dezembro. Do mesmo modo, o Enunciado n. 3 definiu como *devida a gratificação natalina proporcional na cessação da relação de emprego resultante da aposentadoria do trabalhador, ainda que verificada antes de dezembro*. Inobstante isso, tais controvérsias prosseguiram em muitas relações empregatícias, resultando em nova previsão legal, através da Lei 9.011/95, alterando a Lei 4.090/62.

Importa destacar, para o estudo em debate - a natureza jurídica do décimo terceiro salário -, o Enunciado 14 do TST, no sentido de que *Reconhecida a culpa recíproca na rescisão do contrato de trabalho (art. 484 da CLT), o empregado não fará jus ao aviso prévio,*

às férias proporcionais e à gratificação natalina do ano respectivo. Isso já é indicativo, como se verá mais adiante, da configuração da natureza jurídica do décimo terceiro salário, ou, pelo menos, ser conclusivo no sentido de não tratar-se de verba salarial. Ocorre que por aí já se observa que o décimo terceiro não tem a mesma natureza jurídica do salário. Em hipótese alguma o empregado perde o direito de receber o salário, nem mesmo diante da existência de justa causa relativa a ato por ele praticado. É que o salário está estreitamente ligado a uma contraprestação direta pelo serviço prestado, em sentido lato à troca pelo trabalho humano. No ensinamento de Russumano o vocábulo salário, na prática jurídica, deve ser reservado para significar a contraprestação devida pelo empregador em face do serviço desenvolvido pelo empregado.<sup>1</sup> O décimo terceiro, no entanto, relaciona-se a uma compensação direcionada ao tempo de serviço e, como se viu, condicionado a outras circunstâncias procedimentais do empregado que podem levar à perda do direito, fato que não ocorre, como visto alhures, com o salário propriamente dito.

#### Direito comparado

É sabido que existem, basicamente, três sistemas jurídicos que vigoram no campo do Direito do Trabalho dos mais diversos países. O sistema legislado, o sistema negociado e o sistema misto. O Brasil está entre os países que adotam o sistema legislado, com suas regras imperativas, cogentes, de ordem pública e que, por isso mesmo, limitam a autonomia da vontade nas contratações pertinentes. O sistema negociado atribui aos sindicatos, exclusivamente, o estabelecimento das relações laborais, como é o caso dos Estados Unidos e da Inglaterra. A Europa, por sua vez, especialmente Alemanha, França e Itália possuem regras básicas ligadas à proteção dos direitos fundamentais e da personalidade, deixando que as partes negociem as demais condições, por isso mesmo denominado de sistema misto.

No Direito francês e no italiano, o pagamento do décimo terceiro fica por conta das negociações previstas em contratos e convenções coletivas. Na Alemanha, fixa-se um traço mais distintivo, posto que há rigor mais acentuado na proteção desse direito.

Na Argentina, a legislação atribui o ônus do empregador efetuar o pagamento de um *sueldo complementario cor-*

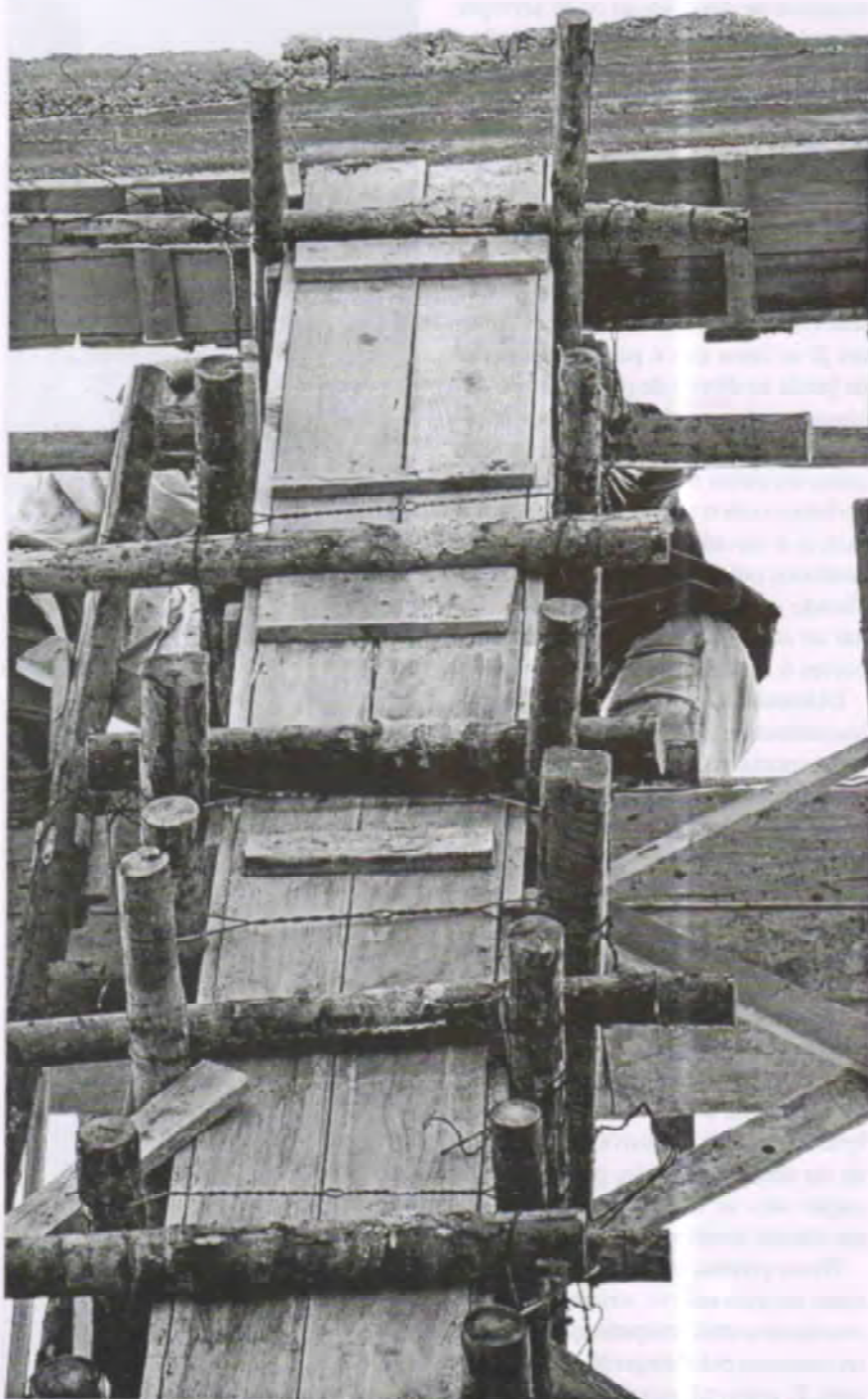
*respondente a la doceava parte Del total de lãs remuneraciones percibidas por el trabajador em el respectivo año calendario.* O Uruguai chama de *pagamento complementar* e o México, que adotava o pagamento dessa parcela somente quando previsto em contratos coletivos ou pela prática usual de algumas empresas, também tornou obrigatório o pagamento de uma *gratificação anual* por força de Lei Federal do Trabalho, segundo esclarece o conhecido e consagrado jurista mexicano Mario de La Cueva.

#### Natureza jurídica

A dificuldade de fixar a natureza jurí-

dica do décimo terceiro está assente na doutrina. No Direito brasileiro, Catharino refere-se à mal chamada "gratificação natalina", nem gratificação nem integralmente natalina, criada pela Lei n. 4.090, de 13.07.962, lacônica, defeituosa e deficiente, aprovada às pressas<sup>2</sup>, mas, a exemplo dos demais doutrinadores, não esclarece, pelo menos suficientemente, a natureza jurídica dessa parcela trabalhista.

A importância, todavia, de definir a natureza jurídica dessa parcela se reveste de indisfarçável significado, nomeadamente pelas consequências jurídicas que daí advêm. E esses efeitos não se resumem a meras discussões acadêmi-





cas, inclusive em outros campos do Direito. No Direito de Família, por exemplo, põe-se em relevo a questão da incidência, ou não, sobre o décimo terceiro, da pensão alimentícia fixada em juízo sobre os salários do alimentante e mesmo nos casos decorrentes de convenção entre as partes, mas ausente qualquer referência expressa a esse respeito. O julgador, em tais situações, vê-se diante de uma perplexidade. A pensão alimentícia a ser descontada sobre o salário incide sobre o décimo terceiro?

De gratificação, decididamente, não se trata. A gratificação resulta de responsabilidades e encargos extraordinários assumidos pelo empregado, ligados ao exercício de uma função ou de serviços além do comum, satisfeita de modo fortuito ou ocasional, ajustada ou paga habitualmente, mas em grande parte satisfeita em valores aleatórios e variáveis.

A questão cinge-se, pois, ao discernimento claro da natureza jurídica do décimo terceiro salário. Por certo que não se trata de verba salarial, porquanto está desligado da vinculação que o salário tem com a prestação de serviço. Alhures já se falou que é passível redundar na perda ao direito de percepção do décimo terceiro nas hipóteses de rompimento do contrato de trabalho por justa causa ou culpa recíproca, fato que não acontece com o salário devido. Aliás, o salário é devido mesmo em casos de contratos nulos, posto que, uma vez realizado o serviço, não é possível retornar ao *status quo ante* — não se pode devolver o serviço prestado!

Diferente dos contratos de realização instantânea, a relação de emprego é de trato sucessivo, dá-se de modo continuado, e, uma vez dispensada a força de trabalho, por óbvio, não mais torna-se possível retornar ao estado anterior. Outro modo não há do que resolver (dissolver) o contrato nulo mediante o pagamento do salário do período, com efeito *ex nunc*.

O exame dessas questões já se mostra suficiente para a percepção das diferenças claras da natureza jurídica do salário propriamente dito e do décimo terceiro. Igualmente não é possível ceder à idéia de ser uma gratificação, pois de gratificação não se trata, consoante quase pacificada doutrina.

Nesse prisma, parece claro que o décimo terceiro salário, *stricto sensu*, está vinculado a uma compensação ou a uma recompensa pelo tempo de serviço prestado. E, como tal, estaria dentro do insti-



tuto da indenização, porquanto a parcela está intimamente relacionada com o tempo de serviço e com as circunstâncias que provêm diretamente da relação empregatícia, como decorrência de um *contrato realidade*, na expressão de Mário de La Cueva.

Com efeito, é esclarecedor o conceito de indenização esposado pelo clássico dicionarista De Plácido e Silva: *Em regra é a indenização fundada: b) Na compensação ou recompensa por serviços prestados, a mando ou em benefício da pessoa que os deve pagar.*<sup>1</sup> Afirma, ainda, que a indenização *É, portanto, em sentido amplo, toda reparação ou contribuição pecuniária, que se efetiva para satisfazer um pagamento, a que está obrigado ou que se apresenta como um dever jurídico.*<sup>2</sup>

Destarte, por certo que o décimo terceiro não tem natureza jurídica salarial e tampouco gratificatória, mas, sim, de indenização pelo cumprimento de determinado tempo na prestação de serviço e ter obrado em conformidade com as regras trabalhistas e contratuais. E, como tal, no exemplo acima, não incidiria a pensão alimentícia sobre o décimo terceiro salário, excetuada a hipótese de expressa convenção entre as partes.

## Conclusão

Obviamente que a matéria merecerá ainda inúmeras discussões a respeito. Nem sempre a natureza jurídica dos institutos jurídicos afloram claramente e nem mesmo os doutrinadores e a jurisprudência, em certos casos, pacificam as controvérsias pertinentes.

Essas reflexões servem, modestamente, para aguçar a importância do tema e os efeitos práticos que decorrem do estudo da natureza jurídica dos institutos jurídicos.

Por ora, é o que me parece.

## NOTAS

1 RUSSOMANO, Mozart Victor. *O empregado e o empregador no direito brasileiro*. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1984, p. 596.

2 CATHARINO, José Martins. *Compêndio universitário de Direito do Trabalho*. São Paulo: Editora Jurídica e Universitária Ltda., 1972, v. II, p. 460.

3 SILVA, De Plácido e. *Vocabulário jurídico*. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1975, p. 815.

4 Idem, *ibidem*.

(Romeu Gehlen é advogado. Professor de Direito do Trabalho na UPF. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



# A Filosofia da Calça Rasgada

**SANTO CLAUDINO VERZELETI**

**N**os idos da caminhada da imigração italiana para a América, mais exatamente, para o Rio Grande do Sul, seus desbravadores traziam no coração o amor à sua família, sua terra e sua pátria.

Os vênetsos que saíram da Paflagônia, no norte da Turquia, alcançando o norte da Itália, percorreram milhares de quilômetros através do oceano e do território brasileiro, até chegar ao Sul, e trouxeram na bagagem seus usos e costumes.

Aqui receberam do Governo Imperial os utensílios necessários para desmatar o caminho e iniciar a vida, derrubando o mato e erguendo a casa de capim com taquaras trançadas.

Suas ferramentas se resumiam a uma foice, uma lâmina sem curva, um machado, uma cunha de ferro, um facão, um malho e um serrrote. *"Ide ao trabalho e ao vosso lar, cultivar a terra que irá produzir o pão de cada dia."*

Com o passar do tempo, fez-se necessário o fabrico de novas ferramentas de trabalho. Também as vestimentas trazidas da Itália, para a proteção do corpo contra as intempéries, já se mostravam cansadas e gastas de tanto roçarem nos espinhos e nas rochas.

As lavouras iam tomando amplitude, iniciando-se a expansão agrícola. O comércio movimentava e desenvolvia as comunidades, através da compra de produtos dos vênetsos; a moeda começou a circular e os imigrantes a obter sucesso com a expansão de suas atividades.

A renovação das roupas de trabalho e de festa já era uma necessidade. Com partes de uma peça reconstituía-se outra (taconi), até que esta não agüentasse mais, pelo uso contínuo no dia-a-dia.

Aos domingos era costume vestir-se bem, para ir à igreja. Isso fazia parte da devoção e do respeito pela casa de Deus. Aquela calça nova, de brim-riscado (listrado), com que os homens da família se vestiam, era sinônimo de poder. Curta até o joelho, para os meninos; e, para os rapazes, longa até o tornozelo.

A calça rasgada pelo trabalho recebia remendos de retalhos da mesma cor. Depois era passada a ferro de brasa. Nada desmerecia o usuário da calça, desde que fosse limpa.

Aos poucos o status dos imigrantes começou a melhorar, exigindo o complemento do paletó. Quanto às mulheres, passaram a vestir longas saias com sobre-saia de outro tecido, mais leve.

Mais tarde, já não se admitia mais o uso da calça remendada ou de algodão riscado, para as ocasiões especiais. Tornou-se obrigatório o uso do terno. No trabalho, porém, a calça masculina poderia apresentar três cores de remendos, ou até mais, pois o estoque de calças havia se esgotado. Ainda, em seu último suspiro, serviam elas de pano para lavar a casa.

De um modo geral, a calça rasgada ou suja era sinônimo de pobreza e relaxamento, e o pobre tinha pouca credibilidade. Um conceito que todos reconheciam como real.

Já nos dias atuais, a modernidade resgatou a calça rasgada ou desfiada, que passou a representar luxo, moda, elegân-

cia, até nos meios de comunicação social. Sobretudo entre os jovens, ninguém se envergonha de usá-la. Pelo contrário, eles consideram charme acompanhar essa tendência, embora excêntrica. Acredita-se que represente a pobreza interior do sujeito ativo e ultramoderno. O sujeito passivo, ao contrário, exhibe-se demonstrando aquilo que não é. Parece que a atual sociedade estagnou, não sabe o que quer. Se a moda é mostrar o roto, qual será a disciplina do costurado? A saia, por sua vez, subiu acima dos joelhos, chegando a mostrar a cachoeira da montanha, para a alegria de uns e outros.

A moda forneceu à sociedade uma forma de gastar o que já é gasto. E ainda impõe o constrangimento de não poder participar dela quem não se apresenta com a roupa adequada.

Nossos imigrantes nos legaram provérbios que sintetizam bem a razão de ser do indivíduo:

Bisogna sempre far el passo conforme le gambe.

I zé poveri ma i lavora.

Come valtri magne? Sì, si a casa co se gà poenta e salame, o poenta e formaio, e un pochi de radici, no ocor altro.

Lori no i gà niente parche nò i gà ordine.

Da mesma forma, pelo sim pelo não, calça rasgada não é mais sinônimo de pobreza...

(Santo Claudino Verzeleti pertence à Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 27, cujo patrono é Ana Luiza Ferrão Teixeira.)

# O Menino da Palmeira

VERÍSSIMO DA FONSECA

O Menino da Palmeira sonhava, como todos os meninos sonham. Mas o Menino da Palmeira sonhava conhecer as letras do ABC.

A mãe do menino, Dona Esperterina Martins, fora alfabetizada pela professora Conceição Pereira, irmã do Intendente chamado Júlio Pereira dos Santos, nascido em São Martinho, e parente do avô, capitão Vicentino Pereira Soares, com diploma do Exército Nacional assinado por Nilo Peçanha. O capitão Vicentino era proprietário da Fazenda do Cedro, foi Delegado da Palmeira, vice-intendente da Fortaleza (Seberi) e comandante do 3º Esquadrão do 3º Corpo Auxiliar, chamado Pé no Chão. O Pé no Chão perseguiu a Coluna Prestes, desde o Rio Grande do Sul até a expulsão para a Bolívia. O capitão Vicentino foi grande orador. Quando os soldados do Pé no Chão desanimavam com a longa marcha, o comandante pedia-lhe que fizesse discursos à tropa, estimulando-a a prosseguir na missão.

A mãe do Menino tomou de uma pena de asa de galinha, cortou-a em bisel, e dela fez uma pena de es-

crever. Em um papel escreveu o ABC, dando início à alfabetização do filho. Mas o papel, impróprio, rasgava ao umedecer com a tinta.

A avó paterna do Menino, Dona Eliza Rodrigues Soares, ensinava os netos a ler, escrever e as quatro operações. E o Menino ia à casa da avó escutar as aulas. Um dia, pediu a avó para ensinar-lhe a ler, pois já conhecia o alfabeto. A vó Eliza pegou um papel almaço e escreveu todo o ABC. Depois, tomando de um lasca de ripa fez dela um apontador e apontou: Que letra é esta? É o M do meu nome; esta outra? É o P do meu nome; e apontou outras letras.

A seguir, a vó Eliza fez o teste final: pegou um papel, nele fez um furinho e foi colocando-o sobre as letras do alfabeto. O Menino não errou uma sequer.

A vó Eliza deu-lhe uma folha de papel almaço e um tinteiro marca SARDINHA, para fazer exercícios em casa. Lá se foi o Menino para casa, levando o sonho nas mãos. O papel era escasso para a pretensão deles. O Menino foi ao galinheiro, juntou uma pena de asa de galinha, cortou-a em bisel, como vira a mãe fazer, e começou a escrever sobre a terra do pátio da casa. E sobre a

terra escreveu, escreveu, escreveu. E ela, a terra, guardou em seu seio, para sempre, as primeiras obras literárias do seu amado filho. Outras ele escreveria para o mundo do saber e da ciência.

Dominada a escrita e a leitura, em junho de 1925, apresentou-se ao professor Afonso Ostin, que viera da Áustria, com mais dois irmãos, e se radicara em Palmeira. Antes do professor Afonso Ostin houvera o professor Antônio Manoel de Almeida. Com a Revolução de 23, o prof. Almeida emigrou para o Paraná, e Palmeira ficou sem professor.

O Professor Ostin olhou para o Menino descalço, calça curta de brim escuro listrado, camisa de meia com vários furos, e perguntou-lhe:

- Que queres, menino?

- Eu quero me matricular nas suas aulas.

- Com que dinheiro? Aqui tem que pagar para assistir as minhas aulas.

- Eu pago. Eu sou jornalista. Ganho dez mil réis por mês. Já economizei o suficiente. Tá aqui o dinheiro. Entrego o jornal bem cedo e venho pra aula.

Tinha o Menino dez anos de idade.

A sala do professor Ostin tinha uma divisão no meio, no sentido longitudinal. De um lado, os mais atrasados; de outro, os mais adiantados. Sobre o meio, de maneira que visse as



duas turmas, situava-se a mesa do professor e o quadro negro. O Menino sentou-se bem na frente, de maneira que assistia às duas aulas e participava dos exercícios do quadro negro.

A certa altura, o Menino procurou o professor, dizendo-lhe que queria participar da turma dos mais adiantados.

- Não é possível - respondeu-lhe o professor -. Na outra turma tem que saber frações decimais, que eu ainda não te ensinei.

- Eu já sei frações decimais, professor. De onde eu sento, assisto o que o senhor ensina pra outra turma.

O professor pegou o giz e foi para o quadro-negro. Depois, passou o giz para o Menino, pegou a inseparável vara de marmelo, apontou-a para o Menino e disse-lhe:

- Ou você resolve esses problemas ou eu te passo a vara.

O Menino foi transferido para a turma mais adiantada e concluiu os dois anos em um, com distinção. No ano seguinte, o Menino acompanhou as duas turmas, como fizera no ano anterior. Concluiu os quatro anos de estudos em dois. De 1925 a 1927, ele dedicou aos estudos e ao trabalho de jornaleiro. Um dia, ao entregar o jornal para o Notário da cidade, sr. Pedro Wink, pediu-lhe os jornais já lidos.

- Pra que é que tu queres jornal, menino?

- Pra ler.

- Mas você sabe ler?

- Sei, sim senhor.

- Então sente aqui e leia este trecho!

Ganhou os jornais lidos.

O pai do Menino estava servindo o Exército, em Clevelândia. Quando voltou para casa trouxe uma sela de montar para o filho. O pai era pequeno criador, homem austero, pouco comunicativo. Veio para a cidade e botou um bolicho. Foi bem de negócios e botou mais dois bolichos. Nessa época, Palmeira das Missões tinha mil almas. A transformação do pai foi espantosa. De austero e de pouca conversa que era, tornou-se comunicativo, alegre e muito participativo dos eventos sociais. Irreconhecível.

Bem de vida, resolveu construir uma charqueada, pois o charque era o dia-a-dia na mesa do consumidor, ao tempo em que a geladeira não existia. Foi o primeiro industrial da carne de Palmeira. O Menino da Palmeira também trocou sua atividade de jornaleiro para a de entregador de charque. Ele tinha um petiço, presente do ilustre rio-grandense, Pi-



Mozart Pereira Soares, lançamento pela APL do livro Gaúcho Serrano, Usos e Costumes (1994)

nheiro Machado. O petiço era filho do garanhão Botão de Ouro, da marca de Pinheiro Machado. Petiço de lei e muita estima. Encilhava o petiço com a sela que o pai trouxera de Clevelândia, e o pai acomodava a bolsa de charque sobre o colo. Entregava o charque nas casas das famílias que faziam as encomendas. Entregava e recebia as novas encomendas. Tudo anotadinho, sem erros nem enganos.

Um dia, tudo pronto, o menino montou. O petiço tomou-lhe freio e foi-se rumo à mangueira, onde outros cavalos estavam. O pai smpou uma tabuinha em direção ao petiço. Acertou-a bem na nuca, ali, exatamente entre o eixo e o atlas. O petiço caiu morto, com o Menino no lombo. Botaram um laço nas pernas do petiço e arrastaram-no até uma canhada, a ser comido pelos urubus. O Menino permaneceu junto ao corpo do petiço espantando os urubus. Antes de amanhecer o dia, levantava-se e ia velar o companheiro. Depois de vários dias, resignou-se com a irreversibilidade da morte e voltou para casa trabalhar.

Mas o Menino da Palmeira tinha uma idéia fixa: estudar, estudar, estudar...

Almejava horizontes mais largos para a sua fome de saber. Dirigiu-se ao Cartório e procurou o sr. Pedro Wink, aquele que lhe dava os jornais já lidos. Pedro Wink prometeu incluir o nome do Menino na lista de pretendentes a uma vaga no patronato de Porto Alegre. Meses depois, seguia o Menino rumo a Porto Alegre.

Diplomou-se com honra e ganhou uma

bolsa para a Escola Técnica de Agricultura de Viamão. Deixou de ser um menino sonhador e passou a ser um jovem estudioso. As portas do mundo estavam-lhe abertas. E nelas ele entrou.

O interessante é que, na Escola Técnica de Agricultura, encontra-se um nome homônimo ao da sua mãe, publicado em artigo de Latino, na revista Ceres. Da Escola Técnica continuou percorrendo o caminho do saber rumo à Faculdade de Veterinária.

Em uma excursão a Buenos Aires, visitou a Faculdade de Veterinária. Prometeu a si mesmo lá voltar para um curso de aperfeiçoamento.

Voltou à realidade da Palmeira e de jovem pobre, mas rico de sonhos. Arranjou alguma ajuda pessoal em dinheiro e uma vaga para aperfeiçoamento em Buenos Aires. Faltava-lhe o enxoval exigido pela instituição de ensino. Procurou um amigo da família, de recursos, e pediu o enxoval. O sr. Alfeu Escobar propôs-lhe um negócio. Ele daria todo o enxoval necessário. Em troca, o jovem, quando de volta de Buenos Aires se comprometia a organizar uma chácara que tinha próximo à Palmeira. Negócio fechado, o jovem seguiu para a capital argentina. De volta, foi contratado.

A estrada da vida é cheia de flores, cada qual colhe a sua.

Tocou ao jovem palmeirense servir o Exército em São Luiz Gonzaga. Parou na casa da Dona Celira Beltrão, como era o uso da época, esposa do sr. Francisco Beltrão, homônimo de Francisco Beltrão que deu o nome à cidade do

Paraná, ligados aos Soares por laços familiares. O casal Beltrão tinha dois filhos e duas filhas. Os filhos homens foram integrantes da Coluna Prestes e dela participaram até o fim, na Bolívia. A Coluna que foi perseguida pelo avô do Menino, comandando os Pé no Chão. Coisas da vida.

Na casa da Dona Celira, o Menino rachava lenhas para o fogão e puxava água do poço para a família. Na verdade, para as filhas, que puxar água do poço era tarefa delas. A mais velha chamava-se Margarida, sonhadora como o Menino, ousada para a época, hoje autora do livro de poesias *Poncho de Sonhos*, onde confessa:

Era pouco o que eu pedia  
só que ninguém entendia.  
Minha gente, o que eu queria,  
era somente  
ser gente!

A outra, a mais nova, chamava-se Terezinha de Jesus. E o jovem recruta passou a sonhar em ser o Jesus da Terezinha, nas bodas de Canaã.

Um dia, o menino descalço e de camisa rota, que partira em busca de um sonho, regressou à terra natal com o título universitário, assinando Dr. Mozart Pereira Soares.

O Doutor Mozart, indo a cavalo da vila para casa, emparelhou com outro que ia no mesmo sentido. Era o Bonesso, filho do comerciante Ângelo Bonesso, com o qual havia servido em São Luiz Gonzaga.

- Já arranjou uma noiva?

- Sim.

- E quem é?

- Filha do Francisco Beltrão.

- Qual delas?

- A Terezinha de Jesus.

E o professor Mozart Pereira Soares dela jamais se separou.

E a poetisa Margarida assim contou a história das manas:

Bonitas,

foram princesas,

foram rainhas,

tiveram súditos...

De repente,

eles chegaram,

e minhas manas...

capitularam!

(Pedro Ari Veríssimo da Fonseca é médico-pediatra e pertence às Academias Passo-Fundense de Letras e de Medicina.)

# Campanhas

ZAIDA CAMARGO

No Brasil, as campanhas de caráter filantrópico em favor das populações empobrecidas se sucedem indefinidamente, em especial campanhas contra a fome e a doença. São iniciativas de grande mérito, se considerarmos que a fome e a doença depõem contra o mais sagrado direito do ser humano: o direito à vida.

Realmente, se há uma legião de doentes e de famintos em nosso país, não é possível esperar. Urge que sejam tomadas providências imediatas para sanar tão penosa situação, que coloca o Brasil em situação de "vergonha nacional".

Sensíveis ao chamamento geral, os brasileiros vão se engajando a estas campanhas, cada um ao seu modo: uns aderindo aos movimentos comunitários, outros através de iniciativas isoladas, usando a criatividade própria. Dessa maneira, o espectro da miserabilidade vai sendo minorado.

Se essas iniciativas são meritórias, urgentes, e delas não podemos prescindir, também é verdade que nem de longe representam a solução do problema.

Dar sempre, dar apenas, fere a dignidade humana e relega as pessoas à condição de mendigo. É uma condição tão deplorável quanto a miséria. Se a doença e a fome matam fisicamente, a submissão, o servilismo e a esmola matam a capacidade de sonhar e dirigir a própria vida.

De uma situação emergencial é preciso partir, com a mesma urgência, para uma solução estrutural, que proporcione melhores condições de vida a todos, através de uma estrutura social justa que tire uma grande parcela do povo brasileiro da extrema miséria em que vive, resgatando-lhe a dignidade, pela oportunidade de contribuir efetivamente para a grandeza da pátria e usufruir da riqueza nacional.

Melhorar a vida do povo brasileiro – deste povo sofrido que luta, que enfrenta a doença, a miséria, a opressão – depende de vontade política, de determinação daqueles que exercem o poder, nas suas mais variadas formas.

A desigualdade entre os brasileiros, além de ser injusta e desumana, gera sentimentos negativos que levam à violência como forma de protesto, por não entenderem como é possível homens, mulheres, crianças e jovens viverem no mesmo torrão natal e sob a égide da mesma bandeira, de maneira tão diferente: poucos com tanto e muitos com nada.

Essas campanhas tão significativas, de profundo sentido social e humano, não devem representar apenas anestésicos para as classes privilegiadas e para o próprio governo. Talvez seja o momento de lançar uma ampla campanha de mobilização comunitária, em nível nacional, de promoção humana, pelo direito ao trabalho e à remuneração justa e conseqüente acesso a uma vida mais digna.



(Zaida Camargo integra a Oficina de Criação Literária do CREATI.)

# Arte para ser vista e vivida



Sandra K. Rorato em seu ateller

**S**andra Keller Rorato nasceu em Carazinho, a 14 de novembro de 1964. Seu avô materno, Erni Rose, era maestro e violinista; seu pai faz artesanato por vocação.

Apesar de crescida na cidade, diz ela: "tive tudo o que uma criança nos dias de hoje não tem. Tive natureza, pátio, rua vazia, guerrinha de laranja, andava de carrinho de lombo, subia muito em árvore. Sinto que meus filhos, Nathália, com 12 anos, e Eduardo, com seis anos, não tenham uma infância que nem a minha".

Uma vizinha de Sandra, que era artista plástica e professora de artes plásticas, passou a usá-la como modelo vivo. Isso fez com que ela se interessasse por desenho. Depois, quando cursava o ensino médio, no Colégio Nossa Senhora Aparecida, de sua cidade natal, passou a fazer teatro e desenhar, inclusive a trabalhar como desenhista decorativa. "Eu fazia decoração, planejava interiores e

gostava muito da professora Ilse Ana Piva Paim, que lecionava História da Arte e Pintura e me orientou muito. É uma grande artista".

Entre 1982 e 1985, Sandra fez bacharelado em Desenho e Plástica, na Universidade de Passo Fundo, com licenciatura plena, mas não se dedicou ao magistério, e sim aos trabalhos de decoração de interiores e pintura.

Sandra Keller Rorato participou de diversos cursos e seminários, de 1982 até hoje, e desde 1987 tem estado presente em mostras e exposições em diversas partes do Estado.

Em Passo Fundo, onde passou a residir, continuou seu labor de desenhista e projetista e responsabilizou-se pela manutenção do Acervo Yázigi. Dedicou-se ainda ao ensino de crianças de pré-escola. Desde 2003, como professora estadual, leciona Educação Artística, em nível de ensino médio, aos alunos do NEEJA – Núcleo Estadual de Educação

de Jovens e Adultos. "Tive sorte de pegar o NEEJA – conta Sandra –, onde o aluno tem mais uma necessidade da educação do que uma continuidade, como os jovens do currículo regular encaram sua vivência escolar. Por já ter uma experiência como "autônoma", eu tinha uma visão diferente da educação tradicional, que corta a criatividade do aluno. Como o NEEJA trabalha com a interdisciplinaridade, me ajudou a ampliar meus horizontes".

Sandra tem uma visão muito clara da Arte. "A Arte tem de deixar de ser vista apenas como ornamento, para ter um compromisso com a vida das pessoas e da humanidade. As pessoas, porém, precisam mudar a visão com relação à Arte, pois a arte contemporânea pode ser transformada e, dependendo do local em que seja posicionada, muda a sua leitura. Antes a obra de arte era só para ser vista, hoje é para ser vista e vivida".

Sandra entende que, como professora de Educação Artística, através de uma educação estético-visual, tem meios de possibilitar a educação para a cidadania, valorizando o sujeito e elevando sua auto-estima, para que se valorize e cresça individualmente. A maioria de seus alunos nunca entrou num museu. "Trouxe eles para conhecerem o Museu Ruth Shneider e ficaram maravilhados".

Falando de sua arte, assegura: "Prefiro uma arte abstrata, utilizando sucatas, especialmente restos de marcenaria, colados e pintados sobre MDF". (PAULO MONTEIRO).



## Amor desconcertado

Acreditei em você  
 Investi tudo o que tinha,  
 Pensando te conhecer.  
 Te dei uma vida nova,  
 Não te cobre o passado.  
 Mas ele veio ajojado  
 Sem eu mesmo perceber.  
 Ele foi muito mais forte  
 Que os apelos que te fiz,  
 Que o futuro que eu queria  
 E que em sonhos desejava

A cada dia pra você,  
 Nada disso aconteceu.  
 Exagerei nos teus encantos,  
 Cheguei a pensar que eras

Minha metade perdida,  
 A razão de minha vida  
 Que, lá do fundo dos tempos,  
 Deus mandou pra consertar  
 A vida que levo a esmo:  
 Velhos estragos de amor  
 E a volta para mim mesmo.  
 Querendo te conquistar  
 Me expus ao sofrimento,  
 Vi o grande labirinto  
 em que sem querer  
 me meti.  
 Pouco se sabe do outro,  
 Se o outro não vem a ti.  
 Admito a realidade  
 Sem muita felicidade,

Pois já cansei de esperar  
 O grande sonho de amor,  
 O que seguido questiono,  
 A grande interrogação:  
 Minha sina? Meu destino?  
 Por que Deus me fez assim,  
 Romântico e sonhador?  
 Me apontou tantos caminhos

De sofrimento e de dor,  
 Se só preciso de um  
 Para ser feliz no amor?  
 Pra que tantos corações  
 Vindo em endereço errado,  
 Se só preciso de um  
 E este não tem chegado?

Chega de tantos caminhos,  
 De tantas ruas e estradas.  
 Chega de tantos estragos  
 De tantas vidas trocadas,  
 E de tantos corações  
 Provocando sofrimentos,  
 batendo na porta errada.  
 Tu não ouves as nossas preces,  
 Ó nosso Deus e Senhor?  
 Assim como eu, são milhares  
 Os que padecem de amor.  
 E os endereços errados,  
 E os corações sofredores  
 Batendo em peitos trocados.  
 Pra que são tantos caminhos?  
 Pra que são tantas estradas?  
 Se só preciso de uma  
 Pra ser feliz e mais nada.

## Paixão

A paixão agita a alma da gente,  
 Turva a razão frequentemente.  
 Querendo guardar equilíbrio,  
 Vai escorregando lentamente  
 Entre dos infinitos: tempo e espaço.  
 Na busca do prazer, fonte de vida  
 Instante fugaz de eternidade  
 Que Deus guardou pra humanidade,  
 Neste paraíso belo e decadente,  
 Com sabor de fruto proibido  
 Que machuca tanto o coração da gente.  
 Desde a história da maçã  
 Vivemos do prazer e da dor,

Que o doce amargo da saudade  
 Reserva a quem vive sonhos de amor,  
 Onde a virtude não tem culto,  
 Não pode se esperar felicidade.  
 A paixão começa em brincadeira  
 E, sem querer, desregula o coração,  
 Que acaba sempre chorando na saudade.  
 A consciência nos acusa  
 E o regresso à paz, ao equilíbrio,  
 É feito de ansiedade, queixumes,  
 Angústia e emoção,  
 De amor próprio ferido, findo,  
 Luzindo o coração, e se consumindo,  
 Na sua vingança própria, se destrói,  
 Pra dar vida a outra paixão  
 Que há de nascer em nós.

(Adirbal da Silva  
 Corralo é  
 advogado  
 e vice-prefeito de  
 Passo Fundo,  
 gestão 2005-2008)

# Personagens da nossa História: Teixeira

WELCI NASCIMENTO

Vitor Mateus Teixeira, conhecido como Teixeira, foi um homem que sabia expressar a alma popular. Sua vida foi a arte cantada em prosa e verso, nas praças públicas de Passo Fundo, no Rio Grande e no Brasil, sempre acompanhado de seu inseparável companheiro, o violão.

Os versos das suas canções, compostas por ele, refletiam a alma do povo. Dizem que nenhum cantor conseguiu superar Teixeira na vendagem de discos. Quando vivo, foi um artista polêmico. Nunca abandonou sua linha artística. Foi nome nacional, quando sustentou um acirrado debate, frente a frente, com o então maior animador da televisão brasileira, Flávio Cavalcanti, na década de sessenta. As músicas de Teixeira atravessaram fronteiras e se projetaram no mundo inteiro.

Seus versos viraram filmes nacionais, como "Coração de Luto", que percorreu todo o território nacional, sendo campeão absoluto de bilheteria. Depois, cada canção era um sucesso e o nome de Teixeira era sinônimo de audiência e lucro certo para muitas pessoas.



Passo Fundo foi, para Teixeira, a sua amada terra, a terra do coração. Seu reconhecimento pela cidade que sempre o acolheu é expresso pelas canções feitas por ele. A maior de todas é "Gaúcho de Passo Fundo". Esta percorreu, e ainda percorre, o Brasil inteiro. "Quer saber de onde eu sou? Sou gaúcho lá de Passo Fundo e trato todo mundo com maior respeito..."

Em qualquer lugar que a gente chegasse, fora do Rio Grande do Sul, se perguntassem de onde era, quando respondíamos que éramos morador de Pas-

so Fundo, a reação logo vinha: "terra do Teixeira". "Gaúcho de Passo Fundo" é verdadeiro hino à cidade, composto por seu mais ilustre filho adotivo. Sempre que podia, em pleno sucesso, retornava a sua terra para rever amigos tradicionalistas, como o saudoso Ulisses Camargo.

Teixeira já ganhou de seus conterrâneos um monumento e uma praça. Pena que ela esteja tão abandonada. Ali poderia ser palco para projetar belas cantorias. Já ganhou um estádio esportivo. O monumento foi uma idéia do então vereador Tadeu Karczeski, na administração do Dr. Airton Dipp (1989-92). O monumento é criação e execução do artista plástico Paulo Siqueira, construído com sucatas de ferro, num trabalho artesanal, soldado peça por peça. Durante sua inauguração, o povo acorreu em massa para prestar homenagem ao seu filho ilustre que sabia, como ninguém, expressar os sentimentos dos tradicionalistas, dos motoristas, dos colonos, enfim, do povo brasileiro. Graças a Teixeira, Passo Fundo é conhecido no Brasil, e dizem que até no mundo inteiro.



(FOTOS: ARQUIVO ON)

(Welci Nascimento é membro titular da cadeira 23 da Academia Passo-Fundense de Letras, que tem como patrono o poeta Casimiro de Abreu, e sócio benemérito do CTG Lalau Miranda.)



# “Você não morreu: ausentou-se... A sua vida continua na vida que você viveu.”

GILBERTO R. CUNHA

Por ocasião da morte de Mário de Andrade, o poeta Manoel Bandeira disse uma frase que, mesmo com ares de lugar-comum para essas ocasiões, se aplica magistralmente para todos cuja existência terrena não se resume a uma vã passagem. Trata-se da clássica “você não morreu: ausentou-se... A sua vida continua na vida que você viveu”, que, no caso da jornalista Fátima Trombini, dentro dos limites de Passo Fundo, também se encaixa sem tirar nem pôr. A consternação da comunidade, por ocasião da sua morte, os depoimentos de pessoas que conviveram com ela, as homenagens recebidas (reunião almoço da ACISA/CDL e sessão plenária da Câmara Municipal de Vereadores) atestam que, indubitavelmente, Fátima Trombini (a primeira mulher com formação universitária em jornalismo a atuar na cidade) deixou sua marca e estilo nos meios de comunicação de Passo Fundo, especialmente no jornal O Nacional.

Maria de Fátima Trombini nasceu em Ernestina/RS, no dia 1º de dezembro de 1954. Ainda criança veio para Passo Fundo, acompanhando os pais, Maria Teresa e Antônio Carlos Trombini. Estudou no Colégio Notre Dame, passou pela EENAV, concluindo o 2º grau no IE. Curso a Faculdade de Educação Artística na UPF e trabalhou como bancária (Itaú e Bannisul). Depois, seguiu para São Leopoldo, onde começou estudando Arquitetura na Unisinos, mas acabou formando-se em Jornalismo, em 1982.

Na nova carreira, iniciou na Caldas Júnior. Retornou a Passo Fundo, passando a atuar como correspondente do jornal Correio do Povo e repórter da rádio Uirapuru. Pouco tempo depois, ingressou no jornal O Nacional, onde, ao longo de quase 20 anos, de repórter a chefe de redação, deixou a sua marca no jornalismo local. Também trabalhou, nos últimos 15 anos, na assessoria de imprensa da Câmara Municipal de Ve-



readores de Passo Fundo.

Fátima Trombini morreu num domingo, 17 de outubro de 2004, com 49 anos, em Passo Fundo, vítima de câncer. Era solteira e não teve filhos. Deixou a pranteira-lhe a morte a mãe, Maria Teresa, e os irmãos: Luis Carlos, Alexandre, Marco Antônio, Marilene e Margareth.

Em homenagem especial à memória de Fátima Trombini, serão reproduzidos trechos de depoimentos de pessoas que se manifestaram publicamente por ocasião de sua morte. Pessoalmente, traba-

lhei com Fátima Trombini na organização de vários suplementos especiais sobre a agricultura, de O Nacional, inclusive publicamos um livro juntos (Trigo no Mercosul. Brasília: Embrapa, 316p, 1999). Comungo com tudo o que foi dito sobre ela. Todos viram alguma coisa especial naquela jornalista de personalidade forte, mas Rudimar Dossa e Paolla Kozer, conseguiram sintetizar a sua essência: uma mulher de caráter transparente que aparentava viver fugindo de alguma grande tristeza e da solidão.

## Amiga Fátima

MÚCIO DE CASTRO FILHO

Desde que fui informado de tua passagem, como em um filme, vem-me à memória imagens de tudo que vivemos juntos. Dos momentos difíceis, dos bons, das noites fechando edições especiais, das vezes que tentava te acalmar, quando ficavas indignada com os que nos usavam e depois nos traíam; das tuas gargalhadas, do teu entusiasmo, quando a Jornada de Literatura e o Festival de Folclore ainda eram eventos nanicos; as saudades do teu pai, da tua admiração e carinho por Luís Fragomeni; do amor pela tua mãe, da tua capacidade de perdoar, do carinho pelos teus colegas de trabalho e de tantas outras coisas que dariam para escrever várias laudas.

E para encerrar, Fátima, quero que tenhas a certeza de que jamais esquecerei a querida amiga que foste e a fiel companheira de trabalho a quem muito eu e este jornal devemos e que para sempre estará presente em nossas lembranças.

(O Nacional, 19 de outubro de 2004)



## A burrice de Dona Morte

RUDIMAR JOSÉ DOSSA

Foi assim que conheci Fátima Trombini, um desses titãs de Deus, gritando impropérios na redação, fazendo com que todos, invariavelmente, se envolvessem em todos os assuntos, mesmo antes de se tornarem possíveis pautas para o jornal do dia seguinte.

Por debaixo daquele grito medonho, um coração sensível, uma palavra amiga, uma censura mansa pelos nossos maus hábitos de escrever comendo ou, então de, esquecer de comer...

Chefe de Redação com letras maiúsculas, essa Fátima. Mexia com os brios dos repórteres, "intitava" com os diagramadores para, em seguida, colher com os olhos brilhando, mais uma matéria bem feita, mais uma página bem diagramada.

Seus olhos límpidos e seu riso escaçado mostravam seu caráter para quem quisesse ver. Eu vi.

(O Nacional, 19 de outubro de 2004)

## À mestra com carinho

PAOLLA KOZER

Tantas coisas se passaram, 14 anos de amizade e muitos de companheirismo, nossos chimarrões matinais nos sábados, no qual tu a cada instante revelavas o amor pela família, a preocupação pelo jornal, o lado artístico que te envolvia, produzindo tuas belas pinturas e artesanatos, um refúgio de beleza a tanta solidão que confessavas sentir.

Minha querida amiga, minha professora e mestra Fátima Trombini, tão difícil escrever sobre ti, tu que me ensinaste a escrever. Ironia não?

(O Nacional, 19 de outubro de 2004)

## A mulher dos gritos

FERNANDO DE CASTRO

Fátima era gritos. Talvez, e cabe nisto o lugar-comum que o momento exige, o que perdure por mais tempo na recordação dos próximos seja isto: o grosso de sua voz ecoando, sempre à beira dos surtos, na redação. E na controversa habilidade que ela tinha de saltar de um ódio ao riso, como quem não recusa a prova de todas as sensações mais agudas.

(O Nacional, 18 de outubro de 2004)

## Muitas recordações

CELESTINO MENEGHINI

Ficaram recordações de uma trajetória candente nas páginas dos jornais, nas notícias do rádio e nos comentários opinativos. A cada fechamento de edição, esgrimia com as incógnitas, buscando verdades. Fátima vivia como poucos o tormento virtuoso que sempre cultivou conscientemente, mirando os fatos com justiça, para alcançar, por corolário, seu dia de trabalho. Na manhã seguinte, tudo começava novamente. "É o destino de quem quer cumprir o dever de jornalista", comentava. No ambiente da redação, marcou sua conduta pela exigência. Sem, contudo, perder a ternura, construindo elos de respeito entre colegas e cuidados em proteger os mais jovens, ante as armadilhas da profissão.

(O Nacional, 19 de outubro de 2004)



Dóro 2004

**MARIANNE CORRÊA**

Perdemos uma profissional exemplar, perdi uma amiga, Maria de Fátima Trombini. Um exemplo de dedicação profissional, uma amiga sem igual.

Contei-lhe um dia que, quando comecei a trabalhar com ela, fiquei duas semanas praticamente muda, porque tinha medo que ela ficasse braba comigo por alguma coisa. Depois que a conheci, percebi a pessoa incrível, admirável e maravilhosa que era.

Ser estrela num mundo de cometas, é um desafio, e ela deixou sua marca e tenho certeza que não foi apenas na minha vida. Fátima viveu e não apenas existiu.

(O Nacional, 18 de outubro de 2004)



**ALDO ALESSANDRI**

Tu já o sabias! Desde o dia 2 de junho – Proclamação da República Italiana (1946), que iríamos te homenagear com uma medalha de bronze dos 125 anos da imigração italiana. Apesar de, antecipadamente, na hora da notícia tu gritares: “Pára, italiano louco, eu não quero nada”.

Foram 23 anos de artigos sobre a cultura italiana e ítalo-brasileira. A Fátima foi a grande disseminadora da integração ítalo-brasileira em Passo Fundo.

Caríssima Fátima, e acima de tudo amiga, a medalha já estava pronta para você e seria entregue no final do ano.

(O Nacional, 23/24 de outubro de 2004)

## Fátima

**GILBERTO PACHECO**

Mas, minha querida amiga de O Nacional, essa tua saída da vida, pegou-me na contramão. Constrangeu-me, decepcionou-me, ainda que neste outono da vida saiba perfeitamente que devemos estar preparados para todo e qualquer tipo de surpresa.

Quando me veio “Bondade!”, comentei, comigo próprio, “esta tem a cara da Fátima”. Bondade, finalmente, foi o que caracterizou, consagrou e distinguiu minha amiga redatora Fátima, de O Nacional.

(O Nacional, 23/24 de outubro de 2004)

## Fátima... presença marcante

**TÂNIA M. CARRÃO**

Custei a acreditar, embora já soubesse de seu estado de saúde. Vejo então sua foto na página que parecia falar, pois Fátima era toda expressão. Até conjugar o verbo no passado, não me soa bem, pois uma pessoa como ela é sempre presente. A sua transparência em dizer e mostrar o que sentia, o que sabia, sempre foi algo marcante em sua personalidade.

(O Nacional, 20 de outubro de 2004)

## Um e-mail do céu

**ARGEU SANTARÉM**

Querida Fátima. Recebi teu e-mail. Que bom que estás bem. Quando abri o arquivo anexado da tua mensagem, não encontrei imagens. Só odor de relvas verdes como teus olhos grandes, e de flores que cultivaste em nossos corações. E na quase imaterialidade, os sons que marcam, ora o compasso marcial do teu comportamento ético, ora a doce melodia da compreensão com todos os que te cercavam. Aqui... Bem, aqui ficaram olhares cegos te procurando, o vazio surdo da tua onipresença e o silêncio ruidoso das tuas gargalhadas.

(O Nacional, 23/24 de outubro de 2004)

## Perde o jornalismo sua maior musa na arte de escrever

**MEIRELLES DUARTE**

Conheci Fátima num momento totalmente desvinculado dos meios jornalísticos, onde se notabilizou e conquistou a admiração de toda a cidade. Por sete anos tive a responsabilidade de organizar o concurso de Miss Passo Fundo. Alertaram-me que uma bela jovem, dona de um cativante sorriso, trabalhava num dos caixas do recém-criado Banco Itaú. Lá fui convidá-la para concorrer ao título de beleza... Pega de surpresa, deu-me como resposta um gostoso sorriso, quase uma gargalhada, agradeceu e disse que não tinha como concorrer, pois não fazia seu jeito. Essa era a nossa querida Fátima. Nasceu e viveu com um único objetivo: fazer jornalismo.

(O Nacional, 18 de outubro de 2004)



# Entre a Cruz e a Caneta

“Ars longa,  
vita brevis.”

**R**eligião e literatura são coisas indissociáveis na vida de Dom Urbano Allgayer. Homem com uma longa folha de serviços prestados à Igreja Católica e às letras pátrias, assina colunas em jornais e revistas e tem diversos livros publicados. O atual Bispo Emérito de Passo Fundo se notabiliza pelo profundo espírito cristão, levando ao extremo o lema *Servare Unitatem Spiritus* (Guardar a Unidade do Espírito), e pela vasta cultura humanística, que se sobressai nos seus escritos e nas suas conversas.

Este descendente de imigrantes alemães nasceu em 16 de março de 1924, em Santa Clara do Sul (na época pertencente a Lajeado). Depois de passar pelo Seminário Menor de Gravataí, pelo Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição, de São Leopoldo, e completar Licenciatura em Filosofia pela Unisinos, ordenou-se sacerdote, em 10 de dezembro de 1950. Ordenado Bispo em 24 de março de 1974, foi Bispo titular de Tununa e auxiliar de Dom Vicente Scherer, Arcebispo de Porto Alegre. Ao ser nomeado Bispo de Passo Fundo, em 10 de fevereiro de 1982, tomou posse em 04 de abril do mesmo ano. No dia 19 de maio de 1999, passou o pastoreio da Diocese de Passo Fundo para Dom Pedro Ercílio Simon, mas continua residindo e trabalhando na Diocese, como Bispo Emérito, na função de Vigário episcopal para a família e para os religiosos.

Na manhã de sábado, 05 de fevereiro de 2005, Dom Urbano José Allgayer, em visita à sede da Academia Passo-Fundense de Letras, concedeu, aos membros da comissão editorial da revista **Água da Fonte**, a honra desta entrevista, posteriormente complementada com perguntas e respostas escritas. Não se furtou de falar e opinar sobre temas po-



lêmicos e caros à Igreja Católica, como o celibato, a ordenação de mulheres, o aborto, os métodos contraceptivos, a renúncia papal e, evidentemente, sobre literatura.

**APL – Quais foram suas origens e como foi sua formação?**

**Dom Urbano –** Nasci no interior de Lajeado, numa pequena comunidade e num ambiente genuinamente alemão. Um loteador de nome Azambuja dividiu a terra em lotes (as chamadas colônias) vendidos aos agricultores, quase todos de origem alemã. A arquitetura também era tipicamente alemã, com casas construídas de tijolos alternados com caibros de madeira. A primeira dessas moradias foi construída na cidade de São Leopoldo.

A maioria dos colonos de Santa Clara, minha terra natal, provinha das colônias antigas (Novo Hamburgo e São Leopoldo). Não havia escolas públicas. Todas

eram mantidas pelas igrejas, e as colônias vendidas para católicos e protestantes. Cada uma dessas comunidades se organizava com sua igreja e seu clube.

Antes da II Guerra Mundial, as aulas eram ministradas no idioma alemão, e compreendiam quatro anos letivos. Os colonos liam muito, pois circulavam muitas publicações na sua língua-pátria.

Depois do afundamento de alguns navios brasileiros (dizem que por submarinos alemães), o Brasil entrou na guerra, em 1942. Houve uma repressão muito grande. Nós achávamos que, se a Alemanha perdesse a guerra, todos nós seríamos expulsos do Brasil. Na casa de meu pai havia um cartaz mandado afixar pela polícia, onde se lia que era proibido falar língua estrangeira.

Entrei para o seminário em São Leopoldo. Lá se estudava um currículo variado, e se aprendia a ler e escrever na língua de origem de nossos pais. Além dela, aprendíamos latim, grego,

hebraico e francês.

**APL – E o seu trabalho como sacerdote?**

**Dom Urbano** – Ordenei-me em 1950, em Lajeado, e fui trabalhar em Porto Alegre, na Paróquia de São Geraldo, na qual Dom Vicente Scherer tinha sido pároco. Fiquei um ano lá e fui transferido para a capela de Santo Antônio do Pão dos Pobres, onde fiz mais de dois mil casamentos.

Na época, as atividades do padre eram muitas, pois tínhamos de dar aulas de religião e prestar assistência às escolas, inclusive às públicas. O concílio Vaticano II mudou muito a vida da Igreja, abrindo espaço para a participação dos leigos. Até a década de 50, a formação dos clérigos era toda entregue a jesuítas suíços ou alemães, que se revelavam bons professores, principalmente de Filosofia. Mas a formação era estereotipada, pois que ministrada em latim, desde a Europa até a China (época dos manuais da escolástica).

**APL – Nas últimas décadas, muito se tem falado sobre o envolvimento da Igreja com a política. Como o senhor vê isso?**

**Dom Urbano** – O clero, no Brasil, sempre se interessou pela política. Durante o I Império, a maioria dos deputados e senadores eram padres e bispos. Aos poucos, a política foi sendo assumida pelos leigos, e é bom que seja assim. Os candidatos clérigos são poucos e não se elegem. Nós mesmos, os padres, não votamos em padres, votamos em leigos. A não ser em casos raros, como na Itália durante o papado de Pio XII, que solicitou até às carmelitas que fossem votar, ante a ameaça de os comunistas chegarem ao poder.

**APL – A Igreja tem-se manifestado contra o divórcio. Há um consenso na sociedade de que há separações necessárias. Como a Igreja não reconhece o divórcio, muitas pessoas vêm se afastando dela. Não seria o caso de rever esta posição?**

**Dom Urbano** – Há uma carta pastoral do Papa, recomendando que as pessoas separadas não se afastem da Igreja, mesmo não recebendo os sacramentos. Muitos casamentos são inválidos desde o começo, pelo desconhecimento de certas circunstâncias. Por exemplo, quando a moça, sem o saber, casa com um homossexual. Ou quando ocorre um casamento apressado, caracterizado por

falta de preparo dos noivos. Alguns teólogos defendem a revisão da posição da Igreja a respeito do divórcio. No Tribunal Eclesiástico, entre 80 e 90% dos pedidos de anulação de casamento têm sido aceitos, tomando por base o parecer do pároco. Já no caso do casamento civil, o processo de anulação ou de divórcio é bastante simplificado.

**APL – A Igreja é também contra o controle da natalidade e o aborto. Qual a sua opinião?**

**Dom Urbano** – A grande maioria dos casais usam métodos de controle da natalidade, mas não confessa que o faz. Já as pessoas que praticam o aborto se sentem muito oprimidas e procuram, desesperadamente, auxílio espiritual. O sentimento de culpa é muito grande, e há necessidade de consolo. O Papa mesmo diz que é um pecado, mas tem

**“O aborto é considerado pecado pela Igreja, e como tal, proibido. Nem mesmo nos casos de anencefalia será permitido, pois a Igreja não admite matar inocentes...”**

perdão. O aborto é considerado pecado pela Igreja, e como tal, proibido. Nem mesmo nos casos de anencefalia será permitido, pois a Igreja não admite matar inocentes.

**APL – E a questão do celibato? Não seria melhor a Igreja admitir padres casados do que ver mulheres movendo, na Justiça, ações de reconhecimento de paternidade contra padres?**

**Dom Urbano** – O celibato tem inspiração em Cristo, mas é uma instituição da Igreja Católica latina, enquanto a Igreja ortodoxa permite o casamento de sacerdotes. É evidente que há casos excepcionais de padres que têm filhos. A questão é aceitar ou não aceitar homens casados exercendo o sacerdócio. Temos que pensar para o futuro, pois vemos escassearem as vocações sacerdotais. Acho que, se fossem ordenados homens

casados virtuosos para o sacerdócio, seria muito proveitoso. O que não se cogita, porém, é da consagração de mulheres, pois o Papa acredita que a consagração somente de homens é decisão divina.

**APL – O senhor não acha que está acontecendo uma banalização do sexo?**

**Dom Urbano** – Isso é uma realidade dos tempos atuais. Não adianta apenas campanha sobre o uso da camisinha, pois o sexo com camisinha não é totalmente seguro. Há meninas com 12 e 13 anos que estão ficando grávidas, e não têm futuro ou têm futuro incerto. Especialmente nos países mais esclarecidos, são centenas de milhares as jovens que esperam para praticar o sexo depois do casamento.

**APL – Parece que as pessoas estão se afastando da Igreja...**

**Dom Urbano** – Nós mesmos indagamos por que os confessionários estão vazios. O próprio Lutero, quando fundou o Protestantismo, queria que os pastores ouvissem confissões. Mas a prática foi aos poucos sendo abandonada.

**APL – Como o senhor vê o crescimento das igrejas evangélicas?**

**Dom Urbano** – Esse crescimento talvez seja mais aparente que real, pois há pessoas que vão às igrejas pentecostais, em busca de valores não só espirituais, mas também e, sobretudo, materiais. O que se vê é que migram menos católicos para as igrejas pentecostais do que de uma pentecostal para outra. Para muita gente, a religião tem sido mais mercadoria do que demonstração de fé ou de religião. Muitas dessas crenças devem ser vistas como filosofia de vida e não como doutrina religiosa. É o caso também da maçonaria e, da mesma forma, do espiritismo e dos rosa-cruzes, que têm até templo. Religião é uma ligação com Cristo, está no interior do homem. E é isso que conta.

**APL – E em casos de extrema debilidade física, como aconteceu com o Santo Padre João Paulo II, não seria mais conveniente a Igreja admitir a renúncia papal?**

**Dom Urbano** – Já tivemos casos de papas, como Celestino V, que renunciaram. No meu ponto de vista, os cardeais, quando se reúnem num consistório, deveriam fazer um pacto, estabelecendo



Dom Urbano sendo entrevistado pelos acadêmicos na sede da APL

que o próximo papa deva definir uma data para a sua renúncia.

**APL – O senhor é um escritor de reconhecidos méritos. Quais os autores (do passado e de hoje) que mais admira? E quais entende que maior influência exerceram em sua maneira de escrever?**

**Dom Urbano –** Nos tempos de estudante de 2º grau, de Filosofia (4 anos) e Teologia (4 anos), costumava ler em torno de 40 livros por ano. Tínhamos pouco acesso a jornais, revistas e rádio. A TV ainda não fora difundida antes de 1950, ano em que fui ordenado padre pelo Arcebispo de Porto Alegre, futuro Cardeal Dom Vicente Scherer. Entre meus autores prediletos, citaria: Padre Leonel Franca, Alceu Amoroso Lima, Guimarães Rosa (Grande Sertão: Veredas), Moacir Seliar, Clarice Lispector, Umberto Eco, Giovanni Papini, Joseph Ratzinger, Boaventura Kloppenburg, Gabriel Garcia Marques, Camões (Os Lusíadas), J.W. Goethe (Fausto), um *pot-pourri* que agora me vem à cabeça. Leio e estudo assiduamente a Bíblia, os escritos dos papas, os documentos da Igreja. Hoje, ou melhor, ultimamente, percorro os jornais diários e inúmeras revistas com que procuro atualizar-me. Leio também revistas mensais dos Conselhos latino-americanos evangélicos, entre elas, *Nuevo Siglo* e *Ultimato*.

**APL – O senhor escreve semanalmente para os jornais locais (ON e DM). Como é o seu processo de criação? Como escolhe os temas? Quanto tempo dedica a escrever esses textos? A sociedade local (os leitores) dá retorno sobre os seus escritos?**

**Dom Urbano –** Além dos escritos semanais para O Nacional e Diário da Manhã, mantenho, há 10 anos, uma entrevista semanal à *Milícia da Imaculada*, uma rede de mais de cem emissoras de rádio. Para redigir esses textos, obrigo-me a ler bastante, a fim de buscar inspiração. Pela palavra falada e escrita, procuro sempre transmitir mensagens de humanização e evangelização, em linguagem simples e, dentro das limitações humanas, sem “assassinar” nossa “última flor do Lácio inculta e bela” (Camões), evitando os “pecados” da língua portuguesa. Percebo que a sociedade local dá razoável retorno sobre o que escrevo, embora a leitura não seja o forte do nosso povo.

**APL – O senhor lê muito? Que tipo de obra, além dos temas religiosos, faz parte das leituras do seu dia-a-dia?**

**Dom Urbano –** Realmente, a leitura pra mim é o maior prazer e, muitas vezes, o melhor lazer. Procuro aproveitar bem o tempo. E dedico a maior parte dele à leitura de livros, jornais e revistas sobre temas religiosos. Mas leio

também jornais locais, como O Nacional, o Diário da Manhã, o Correio do Povo e a Zero Hora, cuidando para não gastar tempo com futilidades. Leio ainda os periódicos semanais “*L’Osservatore Romano*” e “*DER DOM*”, este da arquidiocese de Paderborn, na Alemanha. Ambos me mantêm informado sobre eventos da Santa Sé em Roma, e das Igrejas Católica e Protestante, na Alemanha e no mundo.

**APL – Há algum escritor passo-fundense que lhe tenha chamado a atenção e despertado interesse pelo conteúdo de suas obras? Seria capaz de destacar alguém do passado e dos dias atuais?**

**Dom Urbano –** A produção literária de Passo Fundo é abundante e de boa qualidade. Há bons historiadores que zelam pela conservação e recuperação da memória do nosso passado. Estou no aguardo, para breve, de um novo livro sobre a Missão de Santa Teresa, de Passo Fundo, de autoria do médico Mauro Sparta, que encontrou tempo para pesquisar e projetar luz sobre a antiga missão jesuítica, pioneira entre os indígenas de nossa região. Como membro da hierarquia eclesial, tenho grande estima pelos trabalhos literários e pastorais dos autores: Orfelina Vieira Melo, Agostinho Both e Welci Nascimento. A revista *Água da Fonte* honra e engrandece a Academia Passo-Fundense de Letras.

**APL – A Igreja Católica teve uma importância muito grande na literatura brasileira, a começar pelo Pe. José de Anchieta, durante o período colonial. Como o senhor analisa essa contribuição?**

**Dom Urbano** – O padre jesuíta José de Anchieta, além de santo, era poeta e escritor primoroso. Escreveu um famoso hino a Nossa Senhora, em latim, escrito em primeira mão, como dizem, na areia da praia marítima. Compôs também um catecismo para evangelizar os índios aimorés, e salvou da invasão indígena a cidade do Rio de Janeiro, na conhecida “*Confederação dos Tamoiós*”. O maior clássico da língua portuguesa foi o jesuíta Pe. Antônio Vieira, cuja obra, *Sermões*, era lida e relida por Rui Barbosa, conforme afirmação do genial jurista. Basta isso como exemplo.

**APL – Também no século passado, com Farias Brito e outros pensadores e escritores católicos, a presença da Igreja foi significativa. Hoje, como senhor percebe essa contribuição? Quais os escritores que destacaria e por quê?**

**Dom Urbano** – Raimundo Farias Brito (1862 – 1917) foi sem dúvida nosso mais importante filósofo. Escreveu sobre metafísica, teodicéia, moral e direito, moral e religião. Conhecia a fundo a literatura filosófica moderna. Leonel Franca - S.J. dedica-lhe amplo estudo na sua “*História da Filosofia*” (p. 313-316). Franca não lhe poupa elogios. Mas, “*amicus Plato, magis amica Veritas*”, Brito caiu também nas sutis armadilhas do panteísmo. Disse com acerto Schopenhauer: “O panteísmo é um ateísmo delicado. A proposição panteísta – Deus e o mundo são uma coisa só – é uma fórmula cortês de desembaraçar-se de Deus” (*História da Filosofia*, p. 323). Conhecemos alguns bons filósofos em Porto Alegre. Cito Pe. Werner von und zur Merchle, iniciador de importante movimento filosófico em POA; professor Armando Câmara, fundador da Faculdade de Filosofia da UFRGS, a qual teve brilhantes professores, como Ernani Fiori, Carlos Cirne Lima, Urbano Thiessen-S.J., Gerd Bornheim. Entre os atuais pensadores/escritores, lembraria Urbano Zilles, Ernildo Stein, Carlos Roberto Cirne Lima, Edvino Rabuske (falecido em 2004), Dom Dadeus Grings, Dom Boaventura Kloppenburg, professor Carlos Galves, Lotar Hessel, Celso Pedro Luft.

**APL – Por que muita gente não lê mais certos autores profundamente religiosos, como o poeta Augusto Frederico Schmidt e o romancista Gustavo Corção?**

**Dom Urbano** – A literatura está em contínua mutação, evoluindo, às vezes envolvendo, com a tendência de permanente atualização. “Sobrevivem” os clássicos, de autoria de eminentes escritores-filósofos, historiadores, romancistas, poetas, etc. Augusto Frederico Schmidt, a partir de 1930, exerceu grande influência sobre a vida nacional, embora atuando modestamente, inclusive rejeitando o título de “príncipe dos poetas brasileiros”. Sua vasta obra poética se caracteriza pelo romantismo lírico e nostálgico, imbuído de profundo espírito cristão. Mereceria maior destaque em nossa literatura.

**“Eurico, o presbítero, de Alexandre Herculano, esvaziou os seminários de Portugal, por suas idéias anticelibatárias...”**

Quanto a Gustavo Corção, distinguiria o júnior do sênior. Li com encantamento o Corção júnior, aberto aos novos tempos, autor de “*A descoberta do outro*”, “*Três alqueires e uma vaca*”. Participei de uma palestra dele em Porto Alegre, como também de uma de Alceu Amoroso Lima, dois corifeus da intelectualidade católica do Brasil. O Corção sênior deu uma reviravolta para a extrema-direita. Rompeu com Amoroso Lima, ex-amigo seu, e procurava destrutá-lo em freqüentes artigos de jornal. Uma visita que Amoroso Lima lhe fez não resultou em reconciliação. Os radicalismos, também os literários, são prejudiciais. É lastimável que haja tanto ciúme e inimizade entre literatos, que poderiam e deveriam unir-se na luta pela paz e a justiça.

**APL – Religião e literatura. Até que ponto, esteticamente falando, a religião pode estar presente na obra literária, sem que esta perca o seu caráter eminentemente artístico, pra**

**se transformar em puro e simples discurso de proselitismo religioso?**

**Dom Urbano** – Religião e literatura poderiam e deveriam estar unidas. Demos alguns exemplos: “*A Divina Comédia*”, de Dante; “*O Gênio do Cristianismo*”, de René Chateaubriand; “*Utopia*”, de Tomás More; e a *Bíblia*, a obra mais difundida no mundo. Autores e escritores medíocres caem facilmente no esquecimento.

**APL – A Igreja Católica já exerceu muita influência sobre a literatura, inclusive com a proibição de obras literárias. Ela ainda exerce? E que tipo de influência o senhor acredita que a Igreja deveria exercer sobre a criação literária?**

**Dom Urbano** – Sim, no passado monges da Igreja Católica, copistas dos clássicos gregos e romanos (latinos), salvaram do olvido e fizeram chegar até nós o riquíssimo patrimônio literário da cultura greco-romana. O “*Index librorum prohibitorum*” teve sua vigência supressa pelo papa Paulo VI.

**APL – O senhor leu “Eurico, o presbítero”, de Alexandre Herculano? Qual a importância e a influência deixada por esta obra?**

**Dom Urbano** – Não li por extenso as obras de Alexandre Herculano, como “*O monge de Cister*” e “*Eurico, o presbítero*”. São citadíssimos pelos gramáticos, como clássicos da língua portuguesa. Observe-se que “*Eurico*” esvaziou os seminários de Portugal, por suas idéias anticelibatárias. Não tive a oportunidade de ler Herculano. Afinal, como observaram os romanos, “*ars longa, vita brevis*”.

**APL – E, quanto ao best-seller do momento, “O Código Da Vinci”, de Dan Brown, e os correlatos que vieram na sua trilha de sucesso, qual a sua opinião? O senhor destacaria algum que mereça ser lido?**

**Dom Urbano** – Com relação ao “*Código Da Vinci*” e correlatos, li as críticas a respeito. As obras não se basearam na Bíblia, mas em evangelhos apócrifos, não reconhecidos pela Igreja cristã. Trata-se de fantasias de mau-gosto, como, por exemplo, o conúbio de Jesus com Maria Madalena, e outras partes picantes, tão ao gosto de muitos leitores de mau-gosto. Não pretendo gastar meu tempo com tal gênero de escritor e de literatura.

# Passo Fundo,

Praça Marechal Floriano. Aos fundos,  
Banco da Província. À direita, Clube  
Caixerl (autor desconhecido - sem data)



## das origens a 1972

**DELMA ROSENDO GEHM**

**A**utoridades Cívicas, Militares, Religiosas e Educacionais, Distinto e seletivo público, Senhores Acadêmicos,

Enfadonho, quem sabe, cético, será um reportamento a 115 anos passados. Contudo, no tempo e no espaço, houve uma afirmação digna de nota – em que um punhado de homens aglomerados, engrenando-se na triagem do tempo, criaram, realizaram, progrediram, e forneceram uma história cujo produto hoje existe – Passo Fundo, comuna das mais pujantes do Estado Gaúcho, Rio Grande do Sul.

Para essa afirmação de Passo Fundo como comuna, necessário foi que tivesse filiação.

Ao que se sabe era de raça indígena Guarani o povo que, ainda em estado selvagem, vivia nesta região, quando, entre 1620 e 1630, os jesuítas do Paraguai, estendendo para o Oriente a sua obra civilizadora, estavam a realizá-la na Zona das Sete Quedas ou de Guaira (Guairá), no alto Paraná, alcançando, mais tarde, também as plagas do Rio Grande do Sul. Segundo descrições dos índios do Guaira havia, deste lado do Uruguai, um país de Tape (Tape), desig-

nação meramente indicativa da tribo indígena que o povoava. A imaginação desses aborígenes, entre outras versões, exaltava que nesse país havia um pássaro branco que imitava o som da bigorna, e um animal fabuloso que, tendo o feitio de um carneiro, entretanto, era dotado de garras e dentes como os felinos, e de índole feroz.

Pesquisando nossa história, sentimos que cinco fases ilustraram a vida do nosso território: indígena, jesuítica, espanhola, portuguesa e brasileira.

Da posse indígena já sentimos a influência guarani.

Passo Fundo entra na história das Missões Jesuíticas em 1632, quando o índio Guaraé, cacique local dos Tapes, tendo notícia das doutrinas jesuíticas, pediu a vinda dos padres para a fundação, aqui, de uma redução que fosse igual às já existentes aquém (*sic*) do Uruguai. Em face dos insistentes pedidos de Guaraé, para cá se dirigiu o Pe. Romero, o primeiro jesuíta explorador do território passo-fundense e, aliás, dirigente da entrada missionária no Rio Grande do Sul, por ordem de Castela.

Permaneceu no território o Pe. Pedro Mola, que pouco pôde fazer em virtude de seu afastamento. O verdadeiro fundador da Missão passo-fundense foi o Pe. Francisco Ximineses que, na redução

chamada de Santa Teresa, elevava uma cruz de madeira e rezava a missa em fins de 1632.

Era uma nova época, banhada já pelo cristianismo, que surgia em nossas plagas, contudo, o bandeirante paulista André Fernandes destruiu Santa Teresa, no Natal de 1637.

Daf em diante as lutas entre Portugal e Espanha muito caracterizaram o nosso território.

Em virtude do Tratado de Madrid, celebrado entre Espanha e Portugal em 1750, cedida pelo primeiro desses países ao segundo, em troca da Colônia do Sacramento, situada sobre o rio da Prata, no atual Estado Oriental do Uruguai. Os índios das Missões se opuseram à demarcação dos limites que separariam as possessões dos dois países, resultando a luta que ambos, aliados, moveram contra as reduções, terminada em 1756 pela conquista dos Sete Povos, que nessa ocasião foram incendiados pelos vencidos.

Em decorrência dos desentendimentos entre os comissários encarregados da demarcação, o território das Missões volta ao poder da Espanha, somente passando para Portugal em 1801.

Dessa posse espanhola deverão provar as denominações de Castelhana e Português, pelos quais são denomina-



dos estes dois matos que ainda conhecemos e que naturalmente separavam as possessões da Espanha e Portugal, nesta parte do novo mundo.

Na fase lusitana das Missões, o território passo-fundense é a princípio subordinado ao comando da fronteira de São Borja, passando por alvará de 27 de abril de 1809, que dividiu a capitania do Rio Grande do Sul em 4 municípios, um dos quais era Rio Pardo, a este passando a pertencer. A seguir, por determinação de D. Diogo de Souza, governador da capitania, a 6 de maio de 1810, é traçado o limite pela Coxilha Grande, entre as comandâncias de Rio Pardo e São Borja, sob a alçada de ambos vem ficar de vez, que pela dita coxilha era cortado. Finalmente, pelo alvará de 15 de outubro de 1817, sendo criado o município de São Luiz de Leal Bragança, como o mesmo se estendesse ao Jacuí, por este rio, ficou o território dividido entre o mesmo e Rio Pardo.

Teria sido a primeira expedição brasileira a vir à região das Missões, após a incorporação destas à coroa lusitana a que, em 1815, de Guarapuava, o tenente coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal, comandante da mesma praça, enviou com o objetivo de procurar, nos sertões intermediários, uma vereda para comunicação de tal ponto com o norte rio-grandense, a fim de ser melhorada e dar vazão ao comércio de tropas.

Sob o comando do capitão Athanagildo Pinto Martins, tendo como imediato o alferes Antônio da Rocha Loires e como guia o índio Jonjong, que conhecia quão arriscado era buscar passagem pelo centro do campo dos bituranas, ocupado por multidão de selvagens, a exploração assim organizada teve, por isso, de pender mais para o oriente, passando pela extremidade do mesmo e indo a Campos Novos, onde transpôs o rio Pelotas e daí, nessa direção, prosseguindo até São Borja.

Na sua passagem por estas plagas, a referida expedição encontrou completamente deserto o local em que, hoje, se assenta a cidade de Passo Fundo, onde nem sequer índios estanciavam.

Regressando de São Borja, resolveu Athanagildo, ao chegar a Pinheiro Marcado, destacar de sua gente uma escolta de oito homens, conduzida pelo mencionado Jonjong, e cortar em direitura ao referido campo dos bituranas, onde ele, Athanagildo, prosseguindo em seu regresso pelo mesmo caminho da vinda, iria aguardá-la. Resolução essa tomada

contra o parecer do mesmo guia, que lhe objetava o perigo que a isso ofereciam aqueles índios, e desastrosa veio a ser de fato, pois que jamais a dita escolta chegou ao seu destino, muito depois se vindo a saber que fora, toda ela massacrada pelos silvícolas de Nonoai.

Quanto ao povoamento da região pelos brasileiros, vamos encontrar, em 1819, o tropeiro paulista João de Barros que, em demanda à Paulicéia, vindo da região missioneira, abriu picadas pelo mato Castelhana, indo sair em Vacaria.

Apesar do caminho ter sido aberto, a povoação somente se efetivou alguns anos mais tarde, quando em 1824 chegou ao território o primeiro morador civilizado, que foi Rodrigo Félix Martins, estabelecendo-se junto ao rio Jacuizinho, não longe da atual estação de Pinheiro Marcado.

Logo após chegaram Alexandre da Mota e Bernardo Paz, domiciliando-se aquele na Estância Nova e este no Pessegueiro, e, em fins do mesmo ano ou princípios do seguinte, Manoel José das Neves fixava residência no local onde hoje se assenta a bela Passo Fundo, no cruzamento das ruas Teixeira Soares e Paissandu, cabendo a ele, portanto, as honras de pioneiro no povoamento da nossa cidade.

Seis anos depois da chegada do primeiro morador civilizado, em 1833, o território continha 104 fogões, constituindo o 4.º quarteirão de São Borja e sendo o seu inspetor Joaquim Fagundes dos Reis. Em 1834, com a emancipação de Cruz Alta, Passo Fundo passou a ser o seu 4.º distrito.

Na Guerra dos Farrapos, em 1835-1845, Passo Fundo ainda em formação deu sua parcela de ajuda, sofrendo com isso grandes prejuízos. Em 1847, por Lei Provincial de 26 de novembro, foi a povoação de Passo Fundo elevada à categoria de freguesia sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

Em 1848, por ato nº. 127, de 22 de março, foi criada na freguesia de Passo Fundo uma escola do sexo masculino, primeira que teve o município.

Nesse estado de andamento progressista, já se justificava a emancipação, da qual nos ocuparemos para saudar a instalação da Câmara Municipal, efetivada a 7 de agosto de 1857.

Coube ao deputado coronel Antônio Melo Albuquerque, de acordo com seu colega e adversário político Antônio Gomes Pinheiro Machado, a iniciativa, na Assembléia Provincial, da criação do

município de Passo Fundo, cujo projeto aprovado se converteu no ato nº. 340, de 28 de janeiro de 1857; pelo referido ato, o município compreendia, além do território do mesmo nome, o de Soledade, Nonoai e Guaporé, com uma área de 80.000 km<sup>2</sup>, daí resultando que se estenderia na linha norte-sul do Uruguai, às divisas de Cachoeira e Rio Pardo, e na leste a oeste, do Mato Português, rios Ligeiro e do Peixe, Carreiro e das Antas, ao Jacuí Ocidental, da Várzea, antigo Uruguai Puitã.

Da data da criação do município até 7 de agosto do mesmo ano, deram-se as démarches necessárias para a instalação da Câmara Municipal, com a posse dos vereadores já eleitos.

Compareceram e foram empossados os vereadores eleitos: Manuel José de Araújo, Joaquim Fagundes dos Reis, Antônio de Mascarenhas Camelo Júnior, Manuel da Cruz Xavier e o suplente Cesário Antônio Lopes, chamado a comparecer no impedimento dos demais edis que eram José Joaquim de Oliveira, Antônio Ferreira de Melo Pinheiro e José Inácio do Canto Landim, que participaram não poder comparecer por motivo de saúde.

Após o juramento dos Santos Evangelhos, prestado com a mão direita sobre o livro dos mesmos, aí se comprometeram os empossados a desempenharem as suas funções, quanto em si estivessem o bem estar público; em seguida, na Matriz (hoje Catedral), foi oficiado um Te Deum em ação de graças pelo acontecido.

Estava, pois, convertida em realidade a elevação da freguesia de Passo Fundo à categoria de Vila e sede de Município. Como vemos, a 7 de agosto comemoramos a instalação da Câmara Municipal, mas a criação do Município, forçosamente, deverá ser lembrada, e festivamente, a 28 de janeiro, quando da assinatura do ato nº. 340, já feito alusão no início desta palestra.

Nessa mesma reunião, ou seja, a 7 de agosto de 1857, a Câmara já pedia à autoridade superior eclesiástica a nomeação de um vigário para a paróquia e promovia uma subscrição pública para melhoramento da Matriz.

Na sessão seguinte já foram preenchidos os cargos municipais, adotado o Código de Posturas de Cruz Alta (até ulterior deliberação – o Código do Município só foi votado em 1860).

A divisão interna do Município só veio a ser feita no ano seguinte e foi esta:



Com a chegada da estrada de ferro, aqui, em 1898, o progresso se acentuou.

1º. distrito – Vila; 2º. distrito – Alto Uruguai; 4º. distrito – Jacuizinho; 5º. distrito – Restinga; 6º. distrito – Soledade; 7º. distrito – Lagoão.

A 21 de setembro do mesmo ano foi instalado o Fórum com a posse do juiz municipal, 1º. suplente Antônio de Mascarenhas Camelo Júnior, sendo que o termo era subordinado à Comarca de São Borja.

A força pública do Município foi organizada com um cabo e seis praças.

O Fisco Provincial ficou a cargo do coletor José Palmeiro Atayeta.

O serviço de Correio só se efetivou a partir de 24 de outubro de 1860, com uma linha postal entre a Vila e Rio Pardo (a cavalo uma vez por semana).

Com a chegada da estrada de ferro, aqui, em 1898, o progresso se acentuou.

O serviço telegráfico foi instituído em 1889, o telefone em 1909, o serviço de eletricidade, ou seja, força e luz, em 1913. O fornecimento de água, por meio de poços semi-urgentes foi desenvolvido no decênio de 1930-1938, e o de captação fluvial em 1950, ano este em que teve início a construção de sua rede de esgotos. O calçamento de suas ruas e praças, iniciado no período administrativo de 1924 a 1928, pelo então intendente Armando Araújo Annes, está continuando até hoje, com a observação de que o mesmo intendente, tor-

nando à prefeitura no período de 1949 a 1952, iniciou e desenvolveu a pavimentação com asfalto.

Quanto à origem do nome Passo Fundo, há várias controvérsias que nesta palestra não seria possível analisar, porém cremos que o que mais se aproxima da verdade é a tradução de Goi-en, que significa água, rio fundo (o rio Passo Fundo entra no Uruguai no trecho em que este, conservando o batismo que lhe foi dado pelos índios coroados, é chamado Goio-en) e, portanto, por analogia se pode também traduzir por Passo Fundo.

Sob o prisma econômico, Passo Fundo conta com 4 ciclos:

1º. ciclo – erva-mate; 2º. ciclo – das pastagens e invernada; 3º. ciclo – dos vastos pinheirais aproveitados na indústria da madeira; e, por último o 4º. ciclo – a partir de 1948, o do aproveitamento de suas coxilhas para o plantio do trigo e da soja, com a mecanização da lavoura, e, ainda, a industrialização, além de outros fatores secundários para o progresso e história local.

A partir de 1956, as Escolas Superiores desempenham uma função notável na sociologia histórica de Passo Fundo, culminado hoje com a nossa Universidade.

Evocar o acontecimento histórico de 7 de agosto não será somente lembrar

a marcha de Passo Fundo na esfera municipal, que aí se abriu para ele, é recordar os antecedentes de seu território, mergulhados nos dois séculos anteriores, e, ainda refletir que o seu progresso de hoje, sendo resultado de todo o labor, de todo o sacrifício e de todo o patriotismo acumulados em seu passado, impõe ao presente, como ao futuro, a veneração desse passado e daqueles que pelo trabalho, pela inteligência ou pelo valor pessoal e cívico, aí concorreram para o bem-estar e comodidade que hoje desfrutamos, no mesmo teatro em que eles lutaram e sofreram.

A Academia Passo-Fundense de Letras, na data magna do Poder Legislativo de Passo Fundo, saúda seus integrantes, cumprimentando também o Poder Executivo, pela passagem do 7 de agosto de 1972.

(Dilma Rosendo Gehrt, professora e historiadora, foi presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, da qual é Membro Benemérito, encontrando-se afastada das atividades acadêmicas por motivos de saúde.)

O texto acima, transcrito de O Nacional, edição de 15 de agosto de 1972, é uma palestra pronunciada em sessão solene da Academia, realizada no dia 5 daquele mês e ano. O título acima é desta revista.)

# Uma página da História



## JABS PAIM BANDEIRA

Um momento em que se registrou mais um elo do progresso de Passo Fundo foi a inauguração da Estação Rodoviária local, em 1975, cujo empreendimento não levou verba do orçamento municipal, como aconteceu com outros terminais, como Uruguaiana, Santa Cruz, Rio Grande, Alegrete, Cruz Alta e outros, os quais usaram das economias desses municípios, em detrimento de outras necessidades, como creches e saúde. O imóvel foi adquirido pela Paim, Bordignon Concessionária, a qual, às suas expensas, construiu o terminal rodoviário. Mais um marco de progresso, como foi a chegada do Boeing, em nosso município, que nos diferencia das demais comunidades. Por coincidência, também a Paim, Bordignon é representante da Varig. Remexendo os meus arquivos, descobri, já amarelado, o pronunciamento que proferi, no dia da inauguração, em 03 de outubro de 1975, no qual falo do sacrifício para a construção do terminal.

“Autoridades civis, militares e eclesásticas, meus amigos, meus senhores e minha senhoras:

Hoje iniciamos uma nova caminhada, peço aos presentes, neste momento, um minuto de sua atenção, pois vamos sintetizar nas palavras do pensador Abert Schwitzer, nossas primeiras palavras:

“Nenhum raio de sol se perde,  
Mas o verde que ele banha.  
Precisa de tempo para brotar,  
E nem sempre aquele que planta  
Viverá para ver sua colheita,  
Todo o trabalho que tem valor é  
Realizado com fé...”

Foi uma longa espera, de intensa expectativa. Receberia ou não Passo Fundo uma nova Estação Rodoviária? Havia esforço através da firma concessionária, em construir algo melhor para o usuário? Uma obra digna da grandiosidade de nossa bela e universitária Passo Fundo?

Todas as pedras foram removidas, valeu a pena esperar, eis que após uma luta gigantesca e até heróica, em certos momentos, vê-se construído aquilo que podemos denominar de “Terminal Rodoviário”!

Citamos a palavra heróica, não para enaltecer o que nossa pessoa fez, para que se edificasse esta Estação Rodovi-

ária, mas sim, para salientar o sacrifício coletivo de todos os componentes desta organização, de Alcides Bordignon, de Bruno Borella Borges, que, com trabalho, com suor e até mesmo com lágrimas, conseguiram galgar e concluir o que até agora foi feito.

E foi feito, meus senhores, porque acima de tudo e de todos tivemos a nossa volta amigos denodados, que nos encorajaram e nos indicaram novos caminhos, novos rumos, ajudando-nos a enfrentar o desafio, empenhando-se e avalizando nossa conduta, com sua confiança em nossa organização. Nada no mundo, materialmente, poderá retribuir-lhes e agradecer-lhes o que fizeram, não por nós, mas por Passo Fundo, pela região e pelo Rio Grande.

Aqui estamos rodeados pelo concreto armado, por ferro, tijolos e argamassa, entre as paredes deste monumento, recheadas de fé, de amor e palpação, cada momento vivido por nós, pelos amigos, obreiros, enfim, por aqueles que acreditaram em nossa empresa. Por isso, nos deixa felizes e nos faz crer que valeu a pena lutar e, por fim, vencer.

O calor humano realçado por suas presenças, nesta ocasião, é traduzido por nosso gesto de agradecimento, por nos-

sa manifestação de apreço, por terem os senhores e as senhoras, além de oferecido uma estreita e indispensável colaboração ao nosso empreendimento, ainda são testemunhas oculares e perenes dos atos inaugurais desta obra.

O presente é um esforço projetado do passado, se não houvesse um início, é elementar, não teria um fim, uma conclusão.

E o passado da Estação Rodoviária de Passo Fundo é marcante, no cenário dos transportes rio-grandenses, pois foi esta "A Primeira Estação Rodoviária" criada em nosso Estado. Esta iniciativa se deve a Fredolin Paim, meu tio, que foi também seu primeiro proprietário, cujo nome muitas vezes se confunde com a própria história do transporte coletivo do Rio Grande do Sul, o qual, por suas qualidades empreendedoras, seu espírito imbatível, fez funcionar um escritório, ao lado do antigo bar Independência, na rua Gal. Netto, que se transformou mais tarde na Estação Rodoviária Passo-Fundense.

Por esta razão, rendemos nossas homenagens e o nosso reconhecimento a Fredolin Paim, por sua iniciativa e sua luta, fazendo gravar no bronze a gratidão de seus companheiros, familiares e amigos.

Amanhã, se vivo fosse, Fredolin Paim estaria fazendo 68 anos de idade.

Não poderia deixar de fazer referência, não por um dever de lealdade, mas por justiça, a Alcides Bordignon, que, há mais de 20 anos, dividiu com Fredolin Paim a difícil tarefa de dirigir a Estação Rodoviária Passo-Fundense e, a cada dia mais aperfeiçoá-la, no sentido de melhor servir aos usuários e ao público em geral. A Alcides foi confiada a missão mais complexa, ou seja, de implantar a infraestrutura racional e objetiva da Rodoviária. Graças a esta iniciativa e ao seu espírito organizado, capaz e inteligente, pudemos somar a força de seus conhecimentos, aliados ao entusiasmo de nossa juventude, e mais tarde, de seu genro Bruno Borella Borges, ir ao encontro dos anseios de nossa população, do poder concedente (Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem), os quais desejavam um novo terminal. Por isso, resolvemos assumir o risco deste desafio e, muitas vezes, superando nossas próprias forças, diante das incompreensões, incredulidades e dificuldades naturais, econômicas e financeiras. Afí está, pois a primeira parte de nosso trabalho realizado.

Uma obra, como podem constatar, realizada pela iniciativa privada, uma obra de caráter social, agora construída. Cabe empreender uma nova caminhada, buscar novas energias, que a própria luta nos oferece, e satisfazer os compromissos assumidos com os financiamentos obtidos, que são naturais em obra de tal envergadura.

### A Obra

Iniciamos essa obra em 18 de junho de 1974, tendo 3.500 m<sup>2</sup> de área construída, pavimentada, com mais de 4.500m de asfalto, para o estacionamento, e uma área verde de 2.000 m<sup>2</sup>, a qual levou 16 meses para ser construída.

Foi projetada por Wladimir Kupak, dentro de uma técnica avançada e de linhas arquitetônicas arrojadas, de comodidade e acolhimento para os usuários, sendo apontada como uma das mais belas do Rio Grande do Sul, gra-

ças ao atendimento e aos benefícios que proporciona, como também ao sistema em que foi projetada, com módulos, os quais, à medida que houver necessidade de espaço, poderão ser acrescidos de mais blocos, quantos forem necessários.

O engenheiro responsável é o dr. Ronaldo Antonio Marsson, sendo construída pela firma Paim, Bordignon & Cia. Ltda., que teve como mestre de obras o Sr. Otavio Sostisso.

Meus senhores, minhas senhoras, meus amigos, não poderíamos deixar de agradecer às pessoas e entidades que mais colaboraram com esta obra. É muito difícil nomear a todos, dado o número excessivo daqueles que nos compreenderam e nos motivaram a lutar.

### Nossos agradecimentos

Ao Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (DAER), através do



FOTOS: ARQUIVO ONI

Rodoviária de  
Passo Fundo

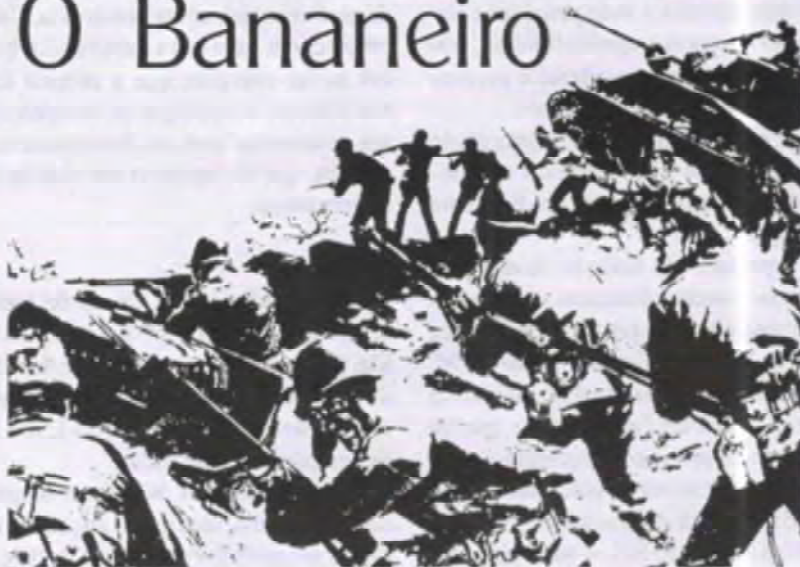
Eng. Edmar Fernando Heineck; aos estabelecimentos bancários, através do Sr. Manoel Augusto Diniz, gerente do Banco Itaú, e também à Seguradora Itaú, através do Sr. Wilmar Vieira, ao Sr. José Celso Duarte, gerente do Banco Real; ao Sr. Antonio Araci da Silva Borges, gerente do Banco do Estado do Rio Grande do Sul; ao Sr. Atílio José Edgar Dornelles, gerente da Caixa Econômica Estadual; ao Sr. Cícero da Silva, gerente do Banco Brasileiro de Descontos; e aos demais estabelecimentos bancários; à Habitação, através do Sr. Clio Fiori Druck; ao Sr. Pericles de Freitas Druck; ao Dr. Camilo Fortuna Pires; ao Gal. Plácido de Castro Nogueira; ao Dr. Valdir Dalbosco; ao jornalista e amigo Túlio Fontoura; ao Dr. Adirbal Corralo; ao Sr. prefeito municipal Cel. Edú Villa de Azambuja; à Câmara de Vereadores; ao Dr. Fernando Carrion; ao comércio, às unidades militares, aos radialistas, jornalistas, classes conservadoras, produtoras e indústria, às empresas de transportes coletivos: Pluma, através do Sr. Dorvalino Galiotto; Unesul, através do Sr. Belmiro Zaffari; Real, através do Sr. Eloy Pinheiro Machado; Águia Branca, Planalto, Hélios, Tupinambá, Agostinho Panisson, Olavo Machado Rico, Hoffmann e Cia. Ltda.; Pedro Salvático; ao Sr. Oscar Olinto Haase, presidente do sindicato e agências de estações rodoviárias do estado; ao arquiteto Wladimir Kupak; ao engenheiro Ronald Antonio Marson; ao Sr. Azir Trucullo; ao Sr. Manoel Garrido; ao Sr. Ivaldo Paim; ao Sr. Otávio Sostisso; aos demais funcionários da estação rodoviária, aos trabalhadores desta obra, e a todos os nossos amigos, o nosso muito obrigado.

### Finalizando

Deixamos com os senhores esse marco histórico, social, econômico para Passo Fundo, ao Rio Grande e ao Brasil, pois os grandes caminhos são desbravados por grandes homens. Só nos resta escolher o caminho a ser seguido e a maneira de caminhar, pois muitos que já não mais existem nos legaram uma missão, que devemos cumprir, para não sermos responsabilizados pelas gerações vindouras, e para estarmos em paz com nossa consciência.

(Discurso proferido por Jabs Paim Bandeira, por ocasião da inauguração do prédio da atual Estação Rodoviária de Passo Fundo, em 15 de outubro de 1974.)

# O Bananeiro



LINDOLFO KURTZ

Ninguém sabia o nome dele e nem quando chegou a Passo Fundo, imigrado da Polônia. Tinha os cabelos brancos e um espesso bigode branco com as pontas viradas para cima. Vivia modestamente, vendendo bananas. Nenhuma outra fruta, somente bananas, que carregava numa cesta de vime.

Nos domingos à noite, comparecia invariavelmente ao culto da Igreja Metodista, sentando-se nos bancos bem na frente. Dormia quase o tempo todo e se acordava no fim do ofício religioso.

Era discreto, de pouca conversa, mas cortês com todos. Uma das poucas pessoas com quem ele se relacionava melhor e conversava mais animadamente era meu pai, na sapataria, onde o Bananeiro comparecia com certa frequência. E enquanto meu pai consertava calçados e o Bananeiro descansava das caminhadas vendendo sua mercadoria, iam mantendo a prosa que tratava dos assuntos que se ouvia no velho rádio Telefunken e podiam ser lidos nos jornais da cidade. O assunto predominante era a situação na Europa, com a ascensão do nazismo, que causava preocupação, mas pouco se sabia a respeito. Naquela época as notícias eram mais lentas e a situação mundial era bastante nebulosa para nós, brasileiros, distantes, felizmente, da Europa, que logo iria se conflagrar com a invasão da Polónia pelo exército nazista.

Estranhamente, o Bananeiro não apareceu nesses dias, quando certamente mais haveria de estar preocupado com a sua distante pátria. Eis que certo dia, entrando na sapataria, vi uma cena pungente, que ficou para sempre no meu pensamento. Era fins de setembro de 1939. O Bananeiro, sentado na cadeira que habitualmente usava, chorava copiosamente. O exército nazista havia tomado Varsóvia. E lá estavam seus familiares, seus irmãos, sobrinhos e outros parentes. Era sua terra, sua pátria que estava sendo destruída implacavelmente. E meu pai, de temperamento muito emotivo, quase não podia falar. Um nó na garganta não lhe permitia. Não conseguia dizer muita coisa ao amigo polonês. Mas sua solidariedade era visível através da sua emoção. E foi um momento inesquecível para mim. Eu tinha nove anos e até aí sempre me fora dito que homem não chora. E eu estava vendo ali, na minha frente, um homem de cabelos brancos chorando e outro se esforçando para não fazê-lo também. E, enquanto na Europa duas nacionalidades mantinham uma luta de vida e morte, aqui em Passo Fundo, um representante de cada uma dessas nacionalidades eram fraternalmente amigos e solidários. Bendito Brasil!

(Lindolfo Kurtz é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Desejo

Quero a alegria colada ao corpo,  
como um adesivo de aromas múltiplos.

Quero a alegria impregnada nas mãos,  
para o ofício festivo de bater palmas.

Quero a alegria presa aos cabelos  
como uma tocha a luzir na treva.

Quero a alegria calçada nos pés,  
para as caminhadas sobre o horizonte.

Quero a alegria esfregando a alma,  
como a higienizá-la das amarguras.

Quero a alegria afinando os lábios,  
para os cânticos do envelhecer.

## Saudade

Pernas-de-pau  
de minha infância...  
Oh! quem me dera,  
do alto desses tacos,  
recapturar os afetos  
e as lembranças  
que sobrevoam  
os parques da saudade!

## Plenilúnio

Escuro e seco  
só meu desalento.  
Porque as estrelas  
encharcam a penumbra.  
As brisas  
massageiam os ciprestes.  
As margaridas  
se alvejam no orvalho.  
As fontes  
recitam a oração noturna.  
Os colibris  
tonificam de paz as penas.  
E a lua - oh! a lua!  
Essa despeja carícias  
no avental das nuvens.

## Identidade poética

Escrevo pra mim mesma,  
não para a fama.

Minhas palavras  
são meu sangue gotejando  
da punção das emoções.

Meus versos são minha prece,  
diáfana, metafísica,  
clamando por aragens  
na aridez do abandono.

Minha temática:  
o aborto e a vida;  
os anseios nômades  
e as certezas cimentadas  
nos pilares da ousadia.

Quero papel e tinta  
entre meu coração  
e seus vínculos;  
entre meu deus  
e sua corte.

Escrevo, sim,  
pra dourar minha sombra  
e fermentar meus sonhos.

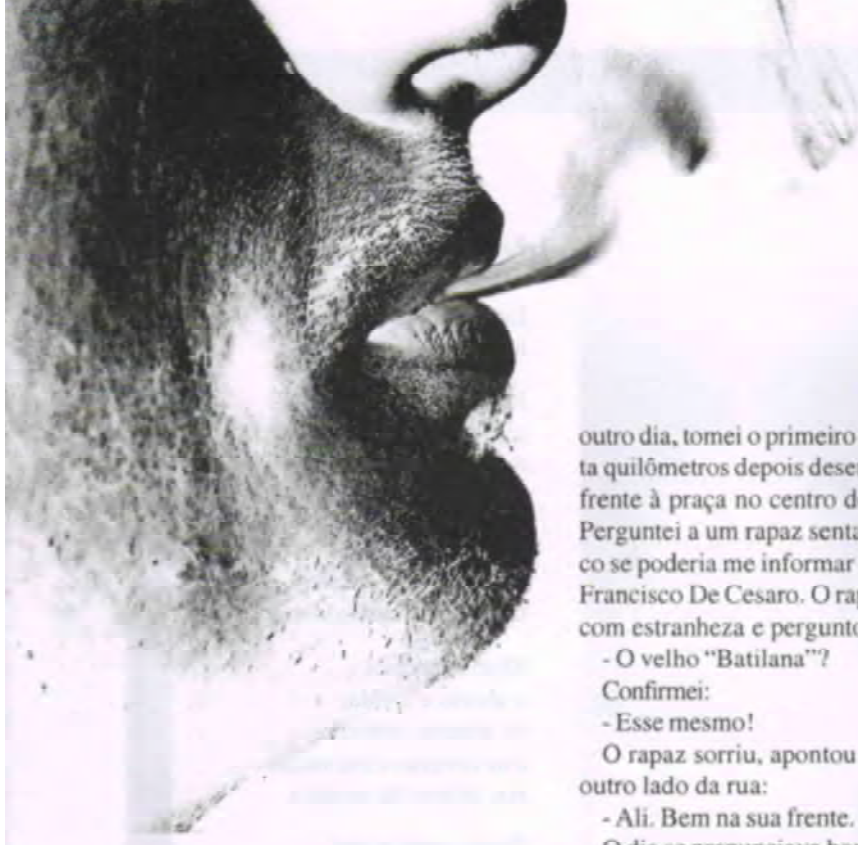
## Fênix

Estava certo Picasso  
ao prantear os destroços de Guernica  
ferida por bombas criminosas.

Disse a verdade Kafka,  
ao resgatar, em córregos de sangue,  
suas narrativas de opressão.

Se o ferrão da iniqüidade  
inocula seu veneno no universo,  
a alma humana se desintegra,  
em matizes e palavras,  
qual fênix abatida  
que ressurge das ruínas  
para a efusão da arte.

Poemas do livro: *Lua Cheia e Flores  
Branças (no prelo)*



# A promessa

## MARCONI DE CESARO

Pouco tempo após reingressar na firma Menegaz Giavarina S/A, lá pelos idos de 1958, fui encarregado pelo então gerente da firma, Edson Giavarina, de ir a Criciúma, em Santa Catarina, verificar o uso do carvão coque para fundição, fabricado naquela região. Este carvão, pelo seu alto teor de cinzas era de péssima qualidade e difícil manuseio.

A ordem do diretor Giavarina foi incisiva:

- Fique lá o tempo que for necessário, mas não volte sem um resultado.

Lá chegado, comecei a coletar dados sobre o assunto e, por indicação do Dr. Jorge Fridbergh, que também tinha interesse em negociar quatrocentas toneladas deste coque, com a firma, fui encaminhado a uma fundição local que usava o dito carvão com sucesso. Teria então que aguardar uns dez ou doze dias até efetuarem uma fundição, quando eu tiraria as minhas conclusões. Cinco dias depois, já estava enfiado daquele falso "dolce far niente". Cidade estranha, sem ter convivência e conhecimento na cidade, as horas e os dias custavam a passar.

Numa madrugada insone, lembrei que Urussanga era vizinha a Criciúma e terra onde moravam parentes. Vai daí que, no

outro dia, tomei o primeiro ônibus e trinta quilômetros depois desembarcava em frente à praça no centro de Urussanga. Perguntei a um rapaz sentado num banco se poderia me informar onde morava Francisco De Cesaro. O rapaz me olhou com estranheza e perguntou:

- O velho "Batilana"?

Confirmei:

- Esse mesmo!

O rapaz sorriu, apontou uma casa do outro lado da rua:

- Ali. Bem na sua frente.

O dia se prenunciava bom. Atravessei a rua, bati palmas em frente do portão e dali a instantes uma senhora de idade, porte, fisionomia e traje tipicamente italianos, surgiu à porta.

Antes que eu a cumprimentasse, perguntou com ar desconfiado o que eu queria. Perguntei se ali morava Francisco De Cesaro. Respondeu laconicamente que sim. Após uma pausa, perguntou se eu queria falar com ele. Antes que eu confirmasse, o tio Francisco surgiu na porta. Rosto ensaboado, navalha numa mão erguida em posição de corte perto do rosto, empertigado num porte digno de César após uma vitória. Apontou-me o dedo desocupado e perguntou solemente:

- Com quem tenho a honra de falar?

Não sei por que o meu espírito brincalhão despertou naquela hora e, assumindo a mesma postura, respondi-lhe:

- Com o filho de seu finado irmão, Luiz De Cesaro!

Ele ordenou secamente que eu entrasse. Quando ia transpondo a porta, ele mandou com energia:

- Jogue fora o cigarro; aqui não se fuma. Fumante inveterado na época, não me dera conta do cigarro, e, ao mesmo tempo, achei graça da amabilíssima "recepção". Obedeci e segui o tio Chico até a cozinha. Ele foi ao banheiro e, antes de qualquer apresentação entre mim, sua mulher e a prima Mariana, teceu uma verdadeira (mas justa) catilinária sobre o fumo. Na sua opinião, o flagelo da

humanidade. Depois foi até um armário, trouxe caneta e papel, fez-me jurar que não fumaria mais. Após, praticamente me obrigou a assinar um termo de compromisso sobre a promessa, datou o "documento" e guardou-o no bolso. Depois ordenou:

- Agora jogue esta carteira de cigarro, aí do bolso, no fogão.

Após frugal almoço, a conversa foi se tornando mais familiar e aos poucos a personalidade do meu tio foi se revelando. Falou dos nossos ancestrais, da saga da família De Cesaro aqui no Brasil e por aí fora. Depois levou-me a conhecer outros parentes, exibindo-me como uma peça rara. Ao saber o motivo de minha viagem, meu tio levou-me a uma coqueria que havia encerrado as atividades. Dispunham de trinta toneladas de carvão que estavam à venda por preço irrisório. Anotei dados e pela tardinha despedi-me do tio Francisco com um abraço, e voltei a Criciúma.

Dois dias depois realizou-se a fundição. Participei do trabalho e observei minuciosamente o funcionamento do forno, aprovando, com algumas restrições, o carvão.

De volta a Passo Fundo, prestei conta do encargo, dando de contrapeso a indicação do carvão e sugerindo a sua compra. O tempo foi passando e a rotina diária, com o tempo, fez-me esquecer a promessa a tio Francisco.

Uns três anos após essa viagem, num encontro casual com meu primo Verdi, estranhei o olhar insistente e malicioso que o primo alternava, da mão em que eu segurava o cigarro e o meu rosto.

Perguntei o que havia, e ele, também fumante inveterado, sacudiu o dedo em riste e censurou um tanto jocosamente:

- Você não está cumprindo o juramento que fez ao tio Francisco. Estive em Urussanga e ele me mostrou o "comprovante" da tua promessa. Também perguntou se você estava cumprindo o juramento. Ele não esqueceu.

Num relance reví a cena na memória, e fiquei grato. Tio Francisco não me esquecerera. Pensei um instante e retruquei:

- Verdi, prometi não fumar mais. Não prometi fumar menos ou deixar de fumar.

O primo Verdi apenas sacudiu a cabeça.

JUREMA CARPES DO VALLE

Muito já se falou e escreveu sobre Edson Otto. Alio-me aos que sobre ele escreveram, não apenas para reverenciar o advogado, o político, o poeta, o músico, o intérprete de voz belíssima, mas o colega e, sobretudo, o amigo.

Em 1964, concluímos o Curso de Direito em Passo Fundo. Durante esses cinco anos, pude conhecer e admirar o Edson, consolidando nossa amizade. Juntamente com sua querida prima Maria Anita Gobbi, nossa colega, nos encontrávamos frequentemente, ora em Passo Fundo, ora em Carazinho, sua terra natal.

Terminado o curso, como sói acontecer, os colegas se separam. Edson advogou em Carazinho e, em seguida, foi para Porto Alegre onde, ao lado das lides jurídicas, brilhava como tradicionalista. Eu acompanhava sua trajetória pela mídia.

Depois de nossa formatura, nos encontramos somente duas vezes: em 1983, em Porto Alegre, quando do lançamento de meu livro *"Canção da Liberdade"*, na Feira, e em 1999, na solenidade de posse de novos acadêmicos na Academia Passo-Fundense de Letras, no salão de atos do Fórum local. Nessa ocasião, foi também lançado o livro do confrade Pedro Ari Veríssimo da Fonseca,



(ARQUIVO MEIRELES DUARTE)

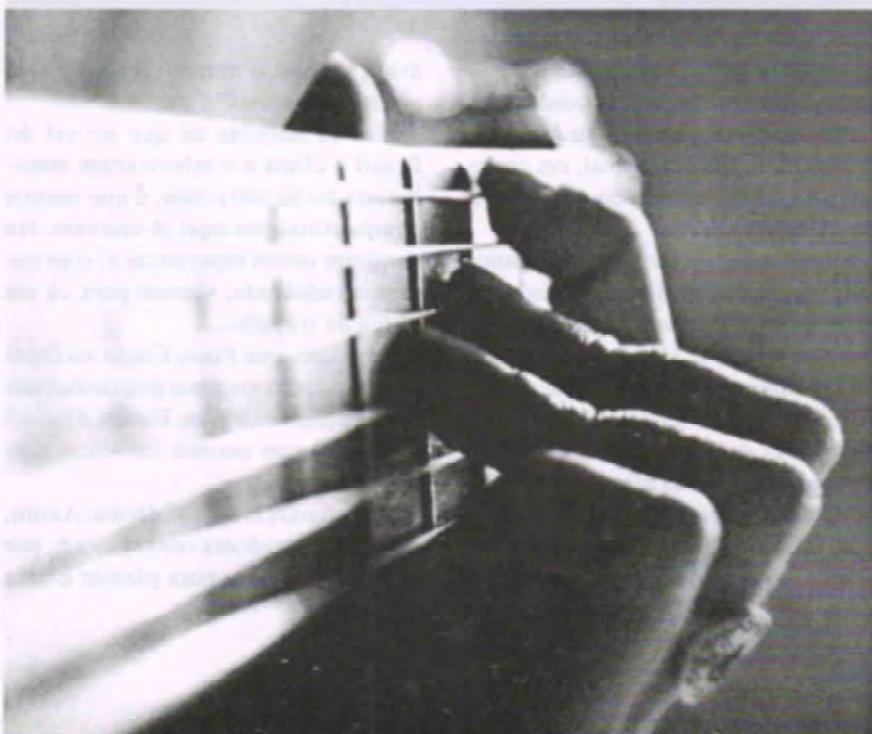
*"Gaúcho quem é..."*, cuja apresentação foi feita por Edson. Lembro que no intervalo da cerimônia, o tempo foi curto para celebrarmos a alegria do reencontro, sem sequer imaginarmos que seria o último...

Querido Edson:

Não desapareceste,  
Nem te perdemos.  
Teu espírito alçou vôo aos páramos  
Onde a Justiça, a Poesia,  
A Música e a Harmonia  
São perenes.

Em minha lembrança, continuas a ser meu colega e amigo para sempre.

(Jurema Carpes do Valle é professora e bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, membro atuante da Academia Passo-Fundense de Letras.)



### Esboço

Buscou tanto amor,  
E não amou.  
Buscou tanto querer,  
E não quis.  
Buscou tanto receber,  
E nada deu.  
Buscou tanta palavra,  
E apenas calou.  
Buscou tantos corações,  
E não entregou o seu.  
Buscou a vida,  
E não viveu.

(Março de 1981)

### De um pensamento

Sua lembrança  
me ampara,  
me nutre,  
me abriga,  
me consola,  
me faz pensar.  
Ela só não preenche...  
sua ausência.

(1979)

### Areia



Grãos de pó dourado  
Sob teus pés descalços.  
O sol queimando a areia.  
Ir embora,  
Num barquinho-sentimento  
Soprado pelo vento  
E recebido por teus braços.  
Areia morna e mansa,  
Onde castelos se desmancham  
Em doces recordações  
Num burburinho de ondas  
Inteligíveis e ritmadas.  
Areia pura  
Na praia deserta  
Fora do mundo comum  
Entre o céu e o mar.

(Maio de 1981)



# Minha história imigratória

IGNES FORMIGHIERI BERNARDON

A minha história começa lá pelos idos de 1892, na Itália, província de Verona. A terra onde foi ambientado o romance de Romeu e Julieta, também serviu de cenário para o romance de uma jovem adolescente, filha de uma família de grande poder financeiro. Esta moça entregou seu coração a um jovem soldado da milícia italiana.

Os soldados italianos, chamados carabinieri, eram discriminados pelas famílias mais abastadas.

Mesmo contra a vontade de todos, Maria Magrinelli e Michele Serena uniram-se para viver sua história de amor. Nem a chegada dos primeiros filhos enterneceu a família Magrinelli, que continuou não aceitando a união.

*Sonam le campane! Cambia il século!*

A situação econômica da Itália motivou os movimentos migratórios para a América, e Michele e Maria, em 1900, partiram rumo ao desconhecido, deixando longe a pátria e as origens.

La nave vá rumo a.. Cosa sarà questa América?

A viagem foi desastrosa, atingidos que foram por uma epidemia. Todos adoeceram. Marinheiros, passageiros, todos febris, sendo que apenas a filha mais velha, Erina, não foi afetada e, nos seus oito anos, carregava água para os doentes.

Michele e Maria sofreram no navio a primeira perda. A filha Elisabete, de dois anos, não resistindo à febre, e sem tratamento, morreu durante a viagem. O casal viveu então a cena que jamais esqueceriam. O corpinho da menina, deslizando do convés... Ao atingir a água, suas vestes formavam bolhas, boiando, boiando, até desaparecer na imensidão do mar.

Essa narrativa foi feita pela filha Erina, inúmeras vezes, para seus filhos e netos, sempre carregada de muita emoção.

Nos trinta dias em alto mar, vários companheiros de viagem morreram e também foram lançados ao oceano.

Finalmente, surgiu no horizonte a tão sonhada América. O governo brasileiro, entretanto, não permitiu que o navio se aproximasse, temendo contaminação, e

ARQUIVO IONES BERNARDON



Michele Serena e Maria Magrinelli Serena, fevereiro de 1930

determinou que permanecesse em quarentena para todos serem tratados.

Neste período, Maria deu à luz seu quinto filho, Vitório, o qual, em consequência da febre, nasceu com graves problemas de saúde.

Finalmente, o desembarque. E muitas famílias, inclusive Michele e Maria, encontraram trabalho nas lavouras de café em São Paulo. O clima e o solo eram muito diferentes dos que conheciam na Itália. Os imigrantes enfrentaram ainda problemas de saúde em consequência da viagem, além do idioma, o que tornou muito difícil a adaptação. Pode-se usar aqui as palavras de Euclides da Cunha, no livro *À Margem da História* (pág. 56, ano 1926): "Os imigrantes

avançam sem o mínimo resguardo ou assistência oficial".

Mas as notícias de que no sul do Brasil o clima e o relevo eram semelhantes ao da terra-mãe, e que muitos compatriotas por aqui já estavam, fez surgirem novas esperanças e, com coragem redobrada, vieram para cá em busca de trabalho.

Sabedores que Passo Fundo acolhera famílias com nomes que eles conheciam da Itália (Ferrari, Pavan, Battisti, Floriani e outros), com enorme sacrifício aqui chegaram.

Os italianos eram solidários. Assim, os novos moradores conseguiram, por empréstimo, terra para plantar e casa para morar.

O tempo passava e com muito trabalho foram adquirindo seus próprios bens. Outros filhos nasceram aqui: Ricci, Dozolina, Plácida e Giovanni.

Michele trabalhava na lavoura e já havia instalado uma pequena leitaria. Maria, que era uma mulher de saúde debilitada, cuidava dos filhos e da casa. Como trazia uma boa educação de sua nobre família italiana, ensinava as crianças, suas e dos vizinhos, a ler e escrever. Com uma máquina de costura manual que trouxeram na viagem, ainda conseguia tempo para ganhar alguns trocados, costurando e realizando trabalhos manuais. Era ótima cozinheira. À noite, freqüentemente, os vizinhos italianos reuniam-se na casa deles, para uma boa macarronada e um bom vinho. Nessas ocasiões, cantavam as canções da pátria distante e lembravam as aventuras vividas ao longo dos anos.

Outras famílias vieram se estabelecer no Rio Grande do Sul, juntando-se a este grupo. Uma delas, a família Formighieri, aqui se instalou, trazendo recursos maiores e auxiliando muito os vizinhos. Daí se formou uma grande amizade que resultou no casamento da filha Erina com o primogênito dos Formighieri, de nome Celeste.

Em janeiro de 1911, tentando mais uma vez uma aproximação com a pátria, Maria enviou uma carta para Verona, contando sua vida no Brasil e participando o casamento de sua filha. Mas também esta carta permaneceu sem resposta.

Veio a guerra de 1914 e eles nunca mais tiveram notícias de sua família na Itália. Os anos passaram. Michele Serena adoeceu, vindo a falecer em 1939. Maria continuou amparada pelos filhos já adultos, os netos e os amigos, que a consideravam uma mulher corajosa.

Em 1959, aos 85 anos, faleceu essa mulher admirável, Maria Magrinelli Serena, cercada pela família que construiu com o homem que amou, deixando filhos, netos, bisnetos e tataranetos.

Os anos se passaram, como que sepultando para sempre a história vivida por Maria e Michele.

Mas, em 1983, um casal de São Paulo, da família Arduini, visitando a Itália, necessitou

de atendimento médico para a mulher, e dirigiu-se ao Hospital de Negrar, comuna distante 12 quilômetros de Verona. Lá ela foi atendida por um médico chamado Adami Luciano, o qual atendeu a paciente com redobrada atenção por saber que se tratava de uma brasileira.

Quando recebeu alta do hospital, o referido casal quis presentear o médico pela dedicação no atendimento. Foi quando ele afirmou que o melhor presente seria que alguém o ajudasse a localizar seus parentes no Brasil, numa cidade denominada Passo Fundo. O sobrenome da família ou de seus descendentes era Serena.

O casal Arduini prometeu ajuda e, vindo para o Brasil, localizou aqui a família de Otávio Serena, enviando então o endereço para o médico Luciano, que tentou contato telefônico. Otávio não atendeu, julgando tratar-se de um trote. Mesmo assim, o médico pediu a seu pai que escrevesse uma carta contando suas origens e falando sobre Maria e Michele. O remetente escreveu em italiano, dizendo ser filho de Carmela Magrinelli, irmã de Maria. Disse também que guardou a carta recebida do Brasil em 1911. Esta carta permaneceu sem resposta, uma vez que o contato foi interrompido pelas guerras e pelas mudanças de endereço das famílias.

Otávio Serena comentou comigo sobre a carta recebida da Itália, e foi assim que ela veio parar em minhas mãos. Imediatamente respondi, contando as histórias que ouvi de minha avó e de minha mãe.

Em dezembro de 1983, por ocasião do Natal, realizamos uma grande festa em Passo Fundo. Reunimos toda a família e recebemos, com muita emoção, Cesare Magrinelli Adami, filho da irmã de Maria. Junto com ele veio seu filho, o Dr. Luciano, responsável pela descoberta. Trouxeram consigo a carta escrita em 1911, que Cesare guardava como herança de família.

De lá para cá muitas emoções foram vividas, e visitas mútuas já aconteceram entre os descendentes das duas famílias. Cartas e telefonemas são freqüentes.

Lastimamos muito Michele e Maria não estarem conosco para verem quanto foram amados por seus familiares e quão grande é o respeito que todos têm pela história da *nona* Serena. Igualmente lastimamos a falta de minha mãe, Erina, que sempre narrou para seus filhos e netos a sua infância e a vida de seus pais. Vida rica de amor, de aventuras e dificuldades. A luta travada em virtude do clima, dos costumes, da língua, e a árdua empreitada de desbravar os

lugares por onde passaram, tornou-os ainda mais fortes e mais destemidos.

Temos orgulho do sangue imigrante que trazemos nas veias. E passaremos para nossos descendentes o exemplo de fé e coragem que nos legaram.

O relato acima participou do concurso MINHA HISTÓRIA IMIGRATÓRIA, promovido em 2004 pela Academia Passo-Fundense de Letras, sendo considerado vencedor.

(Igues Formighieri Bernardon é neta de Michele e Maria.)





# Brincar - o ofício da criança

ORFELINA VIEIRA MELO

**B**rincar é aquela atividade espontânea, prazerosa e acessível a todo o ser humano, de qualquer idade, de todas as classes sociais, de qualquer condição econômica e cultural.

A criança, quando brinca, se diverte e se alegra, contagiando assim o ambiente e as demais pessoas com quem ela convive. O brincar faz parte do universo infantil, enriquece a existência, deixando sempre belas recordações.

## O sentido do ato de brincar

Brincar é para a fase infantil um momento rico, mágico e deslumbrante. Através do brincar, a criança constrói a sua vida interior, descobre suas potencialidades, libera as suas tensões, agressividades. Dessa forma, desperta sua criatividade para enfrentar a vida e inventar o seu mundo, imaginário ou real.

Brincar é uma das necessidades fundamentais da infância. É essencial para o seu bom desenvolvimento motor, social, emocional e até cognitivo. Através do brincar prazeroso, a criança efetiva aprendizagens de forma natural e espon-

tânea, aprimora suas habilidades e aptidões, descobre suas limitações e dificuldades pessoais.

Brincar é um ato instintivo e voluntário, próprio dos seres humanos. Através dele a criança realiza uma atividade exploratória e de descobertas singulares. Favorece a comunicação e a expressão, pela interação do pensamento e da ação, das tentativas e das realizações, das buscas e das descobertas.

## Por que brincar?

### Brincar para viver...

A vida foi dada ao ser humano para que possa vivê-la plenamente, em todas as suas dimensões. No desabrochar da existência, a criança já é convidada a buscar meios de sobrevivência e de prazer. O brincar oportuniza o relacionar-se consigo mesma, com a mãe e com o mundo que a cerca, oportunizando descobertas e conquistas.

A experiência do ato de brincar é significativa para o sujeito que a pratica. Enriquece sua vivência e conduz a descobertas valiosas nas experiências que incorpora. A atividade exploratória que advém do brinquedo é salutar para o desenvolvimento pleno das potencialidades pessoais e de interação com os

seus pares, propiciando meios de aprender e "curtir" suas descobertas.

A função lúdica dessa alegre atividade é permitir experimentação no seu dia-a-dia, fazendo emergir iniciativas criativas, com liberdade e autonomia, resultando daí interesses ricos e diversificados em cada situação.

O multicolorido mundo que cerca a criança é um campo de vastas sugestões para a atividade lúdica. Brincar em contato com os elementos naturais faz muito bem, proporcionando uma relação mais próxima com animais, plantas, rios, areia, etc. É, portanto, um campo de muitas sugestões e diversas surpresas, que são descobertas à medida que o sujeito vai ao seu encontro para garimpar aquilo que ainda não lhe foi revelado.

A vida nos foi dada para aprimorar a natureza humana, desenvolver em plenitude nosso ser. Objetivamente, brincar proporciona à criança um desenvolvimento abrangente e pleno, tanto no aspecto físico como no emocional, e nas relações com o mundo, com a natureza, com Deus e com os outros que passarão a ser seus amigos, companheiros e interlocutores.

Pensar em brinquedo é reviver mo-

mentos mágicos, emergentes das boas experiências e saudáveis descobertas, que embasaram a vida atual e ensinaram as conquistas infantis, revelando a sensibilidade, a criatividade, as iniciativas surpreendentes e a imaginação fértil e abrangente que oportunizaram interesses diversos.

Brincar sempre foi também fonte de desafio e de buscas implacáveis. Após uma descoberta, a pessoa propõe-se a ir além e procurar novos conhecimentos, habilidades ou entendimentos. A criança o faz através do brincar. Cada vitória que a criança conquista, acrescenta algo a seu autoconhecimento, autoestima e à valorização do seu potencial humano. Ela cresce.

É por meio do brincar que as crianças percebem a sua real condição de desenvolvimento, e procuram superar os pequenos ou grandes obstáculos da sua existência. É um bom exercício para o presente e para o futuro.

O sujeito que brinca se insere na memória coletiva, através das brincadeiras tradicionais e vivenciadas na família ou na escola. Outrossim, pode recorrer às suas próprias experiências de vivências individuais ou em pequenos grupos, levando a uma reflexão crítica e produtiva: ao acertar, vibra e se entusiasma; se perde ou não consegue, constata suas limitações e vontade de superação.

Posto isso, podemos observar a necessidade do "brincar" para a criança

cujo impulso criativo insere o ser humano num processo de desenvolvimento integral de vitalidade plena. Toda criança que brinca espontaneamente vive uma infância feliz, e virá a tornar-se um adulto criativo, equilibrado e preparado para enfrentar os embates diários com que a vida lhe possa ameaçar.

O não-brincar é mais do que ficar privado de uma significativa experiência. Nesse sentido, são irrecuperáveis o tempo e as oportunidades de dar asas à imaginação, além de sonegar oportunidades de desenvolvimento e aprimoramento dos seus sentidos. Outro aspecto a ser considerado é que, muitas vezes, o brincar fica rotineiro, quando a escolha é feita só pela criança, sem a interferência do adulto. Esse é um cuidado essencial, principalmente nesta era dos "botões", cuja mania é usar o controle remoto, para que a tecnologia revele suas histórias e suas falcatruas, programas nem sempre educativos. Dentre a variedade de brinquedos, cabe aos pais orientarem e acompanharem seus filhos, para o acesso a brinquedos construtivos e educativos.

#### **Contribuição na construção da identidade**

No processo da aprendizagem, o brincar contribui com expressiva parcela, enriquecendo o cotidiano e a aspiração de aprimoramento. Sonegar essas vivências à criança é deplorável e debilitante ao seu crescimento.

Brincar auxilia a descoberta e exploração do mundo em todas as suas dimensões. O ambiente natural é rico em elementos cuja contribuição é imensurável e inesgotável. Observar, tocar, sentir a natureza, favorece a autodescoberta feita pelas crianças. É salutar para sua adaptação e imersão nessa realidade tão pródiga e diversificada. O brincar é um recurso para o autoconhecimento e, como fator potencializador, para a ação educativa transformadora e libertadora.

A busca do saber torna-se atrativa e prazerosa, quando a criança aprende brincando livremente e com autonomia.

A socialização do ser humano se processa de forma crescente e gradativa, e por isso é muito importante oportunizar-se situações de experiências e de descobertas sequenciais. O ato de brincar proporciona aproximação com outras crianças e estabelece relacionamento de mútua cooperação, de respeito e de ami-



FOTOS: ARQUIVO CRISTINA VEIIRA MELO



zade, pré-requisitos indispensáveis para o convívio harmonioso e amistoso com outros seres humanos. A criança, enquanto convive com outras (de sua idade, preferencialmente), percebe suas semelhanças e as diferenças pessoais. Aprende a aceitar suas limitações e mostrar suas capacidades, ocorrendo da mesma forma com relação a seus colegas. O convívio com os outros amiguinhos gera um clima de companheirismo, de amizade permanente e de vivências harmoniosas, favorecendo assim o relacionamento das crianças.

No brinquedo individual, a criança descobre todo o seu potencial e o coloca a serviço da imaginação, e por isso cria "magias" infantis. Nas brincadeiras em grupo, descobre as habilidades dos outros, passando a imitá-los, aprendendo assim novas capacidades. Logo, ambos se beneficiam e desenvolvem a sua criatividade.

Enfatizar que "o brincar" é um ato espontâneo e prazeroso é redundância de expressão, mas pode ser oportuno para os pais e educadores que esqueceram que brincar faz bem, tanto para si como para seus filhos. Além disso, essa atividade desenvolve física, emocional e culturalmente, a criança e os jovens, pois, enquanto brincam, seu corpo todo está envolvido, emergindo qualidades motoras e psíquicas, equilibrando seu emocional com as alegrias e tristezas que o momento oportuniza, bem como, conhecendo novas formas de brincar.

#### Como valorizar o brincar

Como já vimos, o brinquedo tem valor em si mesmo e mais ainda quando utilizado com gosto por uma criança.

As crianças não são muito exigentes, para elas um simples pedaço de pau pode representar desde um automóvel até um avião. Em outras circunstâncias, se encanta com o brinquedo moderno, automático e eletrônico.

Além desse aspecto material do brinquedo, o aspecto afetivo é um componente muito significativo para a criança. Para ela não é a quantidade de brinquedos que importa, mas o que eles significam no seu mundo imaginário.

Para oportunizar maior aproveitamento do ato de brincar, o adulto deve reconhecer a validade das atividades lúdicas, destinando um espaço agradável e seguro, onde as crianças se sintam bem. Sem um lugar adequado, o brinquedo, às vezes, pode tornar-se inoportuno, perturbador e não trazer prazer para a criança.

Outro aspecto a ser considerado é destinar um tempo oportuno para a criança brincar. Um tempo limitado e diminuto pode não motivar a criança a participar. Mas a disponibilidade não deve prejudicar, nem a alimentação, nem o sono, nem o estudo.

Os pais também devem encontrar tempo para partilhar com o filho, do seu mundo infantil, imaginário, sonhador e criativo. O tempo destinado a brincar com as crianças não é "perda de tempo", mas investimento substancial no filho. Quando os pais que não encontram tempo para brincar e compartilhar as conquistas do próprio filho, com o passar dos anos, estes se ressentem dessa ausência, indiferença e descaso no compartilhamento de sua vida real ou imaginária.

A preparação dos pais e educadores para aproveitarem do brinquedo, para educarem e aprimorarem a personalidade da criança, é algo indispensável. Os pais, que são os primeiros e decisivos educadores, precisam ser alertados a usufruir dos momentos em que a criança pode e deve brincar.

A escola, em especial a denominada escola infantil (0 a 6 anos de idade), necessita organizar seus tempos e espaços para que a criança possa brincar ao máximo, dentro das atividades previstas e programadas no âmbito escolar. O brinquedo deve ser a principal atividade proposta, para que a escola cumpra com a sua função, que, nesta etapa, é normatizada como a de "cuidar e educar" crianças.

A comunidade, e especialmente as autoridades, também têm compromisso

com a infância, oferecendo locais, como praças, parques, museus, bibliotecas, teatros, espaços para arte e artesanato infantil, culinária, atividades culturais, eventos, esporte e recreação.

#### Conclusão

As crianças de todas as épocas sempre tiveram oportunidade de brincar. Em nossos tempos atuais, isso vem se resumindo e limitando a certos tipos de brinquedos, nem sempre significativos para a vida da criança. Elas são convidadas, hoje, a descobrir a contribuição do brinquedo em sua vida, e precisam da ajuda dos adultos para essa descoberta valiosa, para que a sua infância seja baseada em alegrias e bem-estar, preparando assim, um futuro mais feliz.

Brincar é o ofício da criança, isso para que a infância seja vivida plenamente e possa servir de base para uma vida saudável e produtiva. O fato de não poder brincar é um grande prejuízo para o desenvolvimento global do ser humano.

A infância é relacionada ao tempo de brincar. Logo em seguida vem o tempo de estudar, e depois o tempo de trabalhar. Se isso for respeitado, e a infância puder ser aproveitada como o período do brincar, as outras etapas da vida se sucederão normalmente, acrescentando aprendizagem para o fazer com sabedoria o que foi aprendido.

Pais, amigos, educadores e autoridades comunitárias devem preocupar-se em oferecer situações e meios de todas as crianças se beneficiarem do ato de brincar, construindo assim a sua personalidade e a sua cidadania.



# Os desafios do Direito para este milênio

IRINEU GEHLEN

Segundo o insigne Rui Barbosa, "o primeiro advogado foi o primeiro homem que, com a influência da razão e da palavra, defendeu os seus semelhantes contra a injustiça, a violência e a fraude".

No passado, o advogado exercia a função de forma essencialmente privada. Eram duelos entre as partes. O Estado era um simples observador passivo e inerte. Entretanto, com a evolução da sociedade, o Estado passou a intervir nas relações privadas e, a partir daí, a presença do profissional do Direito no processo, tornou-se obrigatória. Segundo Jean Cruet, os inúmeros profissionais que vivem do Direito fazem viver o Direito... . Nessa vivência do Direito, é o advogado que, no entre-choque da vida cotidiana, restaura e assegura os postulados que governam a convivência social.

Os meios de comunicação, a globalização e o encurtamento das distâncias entre os povos, estão obrigando as diversas sociedades internacionais a se adaptarem à nova realidade. O Direito não fica fora dessas mudanças e os Estados estão readaptando e modernizando a legislação com vistas a enfrentar os problemas individuais e coletivos deste milênio. Assim, o Direito contemporâneo, neste milênio, deverá atender, acima de tudo, aos interesses sociais e coletivos. Por certo colocará em risco, inclusive, o Direito de propriedade, para atender aos clamores dos sem-terras, dos descamisados, dos desempregados e da pobreza em geral. As autoridades, os legisladores, os ricos, as igrejas e aqueles que têm padrão de vida elevado devem preocupar-se, desde logo, com seriedade, a respeito destes riscos iminentes que o presente projeta para o futuro. Nesse contexto, o advogado aparece como o oxigenador dos pulmões da Pátria. Sem a presença do advogado,

as liberdades morrem e desaparecem, porque não liberta a legalidade. Dessarte, cabe ao advogado a maior parcela de responsabilidade na construção do direito para este século.

Diante da realidade contemporânea, é bom lembrar a lapidar manifestação de Martin Luther King:

"É melhor tentar e falhar, que se preocupar e ver a vida passar. É melhor tentar, ainda que em vão, que se sentar fazendo nada até o final. Eu prefiro na chuva caminhar, que em dias tristes em casa me esconder. Prefiro ser feliz, embora louco, que em conformidade viver".

Se cada um de nós não tiver a consciência de tudo fazer, agora, enquanto há tempo, em prol do coletivo, mesmo que em prejuízo do individual, certamente, pagaremos um preço muito caro pela omissão.

(Irineu Gehlen é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Poesia

### Vida que vale a pena

Para que ódio se o amor impera  
Para que discórdia se existe glória  
Para que trevas se o que brilha é a luz  
Para que solidão se vivemos em comunhão  
Para que a morte se o importante é viver  
Para que guerra se queremos paz  
Para que viver além da vida se podemos  
Construir em nosso coração o próprio Paraíso.

### Liberdade ou mediocridade

Compreender o outro será  
Uma questão de justiça ou  
Uma questão de coração  
Não importa a questão  
O importante é a liberdade  
De expressão que cada um  
Cultua na mediocridade ou na razão.

### O reconhecer do ser

Dedicar-se não  
é reconhecer  
Será reconhecer vencer?  
Eis a questão, ser ou ter?

O homem tenta ser mas  
Ninguém crê não quer  
reconhecer  
Que quem crê  
tenta ter para viver  
Ser, ter, reconhecer, isto é,  
sobreviver.

(Elda Teresinha Toldo da Silva é vice-diretora do Instituto Estadual de Ensino Médio Cecy Leite Costa, de Passo Fundo.)

ELDA TERESINHA TOLDO DA SILVA

### Do alento ao momento

Alento, tormento, momento  
No silêncio eu agüento  
Oh! Insólito sofrimento.

No momento o meu alento  
É alto tão obsoleto quanto  
Meu sofrimento que sopra  
ao vento  
Vento, alento, momento,  
sofrimento  
Que falta de talento.

# El Vento

CLÁUDIO CHIARADIA

Quanto ca s'apie belo el vento, el pol dirlo solo quello ca ghe piase sentirselo supiare in faccia. De matina, el vento el core via par la strada, somenando in giro i profumi de la campagna e de i spinari in fiori, e po' el salta dentro i canpi de formento par coegarlo (municiarlo) in tera e prepararghe el leto par fare l'amore co la primavera, senpre a de voje. E a mezodi a te lo vidi pascolare par el zielo s'ciapi de nugole bianche-bianche, come tante piegorete desperse in te'l mare de la luce. De doménega matina, po, le canpane che le te mete indosso on'aria de festa e na gran voja de inspirarte e braghe curte e de córare para il pra come on putin indolzà (care le nostre giornate de gioventù cussì presto sparie o pèrse, che mai pi no le vegnarà indrio!). E, che quando ca cala la sera de listà, a te lo senti végnere, el vento, co na bavesela ca para via le zan-

zale (mosquitos) carezàndote la pèle, tuta in te on bagno de sudore. Opure a te lo seulti rivare, in pierna note, intavanà (cattivo) col mondo, e grèvo (pesàte, grosso, forte) e grandò, e inmissià a le tade de la tenpesta, fis'ciare sul querto e scavezare le piante, che squasi el te le buta 'dosso, a ti, ca te si in leto, soto le querte, col cuore in suspension. De inverno, invece, el vien da i munti o del polo sul, frede e jaza, e bravo tanto da cavarte via la sierpa (touca de pano) e capèlo e giarzarte le recie e la ponta delnaso, par dopo fermarse e dassare cascade, silenziosa, la nieve o el aguàsso.

Cussì el vento. E' come che'l ciàcola contàndole la storia Del mondo che lu el congnoesse da sècula-seculòro supian-do più elto (alto) de le montagne e corando sora tere e mari, da na banda a l'altra del firmamento! E cussì andando, el te conta anca de com ca ze la so vita, senza freni, senza pa-

runi, senza cunfini. E difati gnissun ghe fa da paron al vento – lu che'l ze paron del zielo e de le nùgole; e a gnissun, el ven el ghe fa da servo, parché tuti, al so passare, i ga cuciare la testa. E anca el ne insegna de come ca dovarà èssare la nostra vita, che la ze cussì curta, ca ze próprio on pecà ca ghe s'apie uno ca ne comanda parché el ga i schei, o ca se gabia da servire, par puoche palanche (sòldi). Mejo averla libara, la nostra vita, e tuta nostra. Basta ricordare de sprafondo ventània (vendaval) d'intorno al ano 1959/1960 che'l ga sbragà meso Veranópolis.

Obs.

1. A letra "j" é considerada dois is (ex.: bójere = ferver).

2. Texto escrito em dialeto vêneto.

(Cláudio Chiaradia participa da diretoria do Centro Cultural Ítalo-Brasileiro Anita Garibaldi.)



# O Vento

Por mais belo que seja o vento, poderá dizê-lo somente aquela pessoa que gosta de senti-lo acariciando-lhe o rosto, com leves sopros. De manhã, o vento corre ao longo das estradas, semeando os perfumes dos espinheiros (roseiras floridas) e, logo depois, passa pelos campos de trigo para acalmá-lo, preparando o leito para a primavera que, cheia de vontade, vem para fazer um grande amor. E, ao meio dia, o vemos nas alturas, apascentando nuvenzinhas brancas, como se fosse um rebanho de ovelhinhas dispersas na imensidão da luz do céu.

No domingo de manhã, ele te leva juntinho ao canto dos sabiás com suas cantigas alegres. Ao som dos sinos que parecem repicar em tom de festa, logo te vem uma grande vontade de calçar os tênis, as calças curtas, e sair correndo pelos campos como se fôssemos crianças alegres. Coitada da nossa juventu-

de, tão rapidamente desaparecida ou estupidamente perdida e que jamais voltará. E quando cai a noite do verão, tu ouves chegando, ligeiramente corrente, fazendo desaparecer o mosquito que está a te lamber o suor. Ou talvez o ouves chegar tarde da noite, bravo com o mundo, com rajadas fortes e pesadas, misturado com trovoadas e tempestade, assobiando nos cobertores e quebrando árvores, quase jogando-se sobre ti que estás em tua cama, com o coração às mãos. E no inverno, ao invés, ele vem das montanhas e do pólo sul, frio e congelado, uivante e forte a ponto de levar da tua cabeça o teu boné, touca ou chapéu, congelar-te as orelhas e a ponta do nariz, para depois acalmar-se e deixar cair, silenciosamente, a neve ou o orvalho.

Assim é o vento: igual àquele

que te conta a história do mundo que ele mesmo conhece há muitos séculos, soprando bem alto na montanha e correndo sobre a terra e os mares, de um lado para outro do firmamento... E assim andando, ele te conta também de como é a sua vida, sem freios, sem donos, sem confins ou divisas. E de fato ninguém é dono do vento – ele que é o dono do céu e das nuvens; a ninguém o vento se faz de empregado, porque todos, na sua passagem, fazem-lhe inclinação com a cabeça. E também ele nos ensina como deveria ser a nossa vida, ela que é assim tão curta. É mesmo uma pena que haja um que nos comanda, porque tem o dinheiro, ou que se tenha de servi-lo mesmo por baixo dinheiro. Melhor seria termos a nossa vida livre e só nossa! Basta lembrar-nos do triste vendaval que assolou parcialmente o município de Veranópolis pelos anos de 1959/1960.

# Olhar para a frente

Homenagem pelos quarenta anos da fundação do Rotary Passo Fundo Norte

DANIEL VIUNISKI

**E**m teu nome, querido clube, está inserido o Norte, ou seja, o rumo, a direção, o caminho.

Tudo iniciou como um simples córrego. Lentamente, a fonte deu origem a um pequeno veio, começando uma jornada, percorrendo o espaço e ocupando o tempo. Aumentou seu leito.

Com o passar de sua trajetória, observava-se nas margens o surgimento de novas fontes que aumentavam seu volume e o transformavam em um rio, cada vez mais vigoroso.

Seguindo seu caminho, de quando em vez encontrou obstáculos.

Pedras e espinhos foram contornados ou mesmo subjugados pela força de suas águas.

A correnteza seguiu não apenas pelo planalto afora, mas ultrapassando fronteiras e destacando-se como rio, agora bem formado, grande, majestoso e propulsor de energia única.

Essa energia é aquela encontrada nas pessoas que fazem Rotary.

O escalador tem essa mesma sensação. Começa sua jornada, junto com seus companheiros, com o coração cheio de ansiedade, querendo vencer tal monta-

na, para que do alto possa vencer a vitória alcançada.

Durante a caminhada, encontra trilhas prontas, mas, assim como o rio, encontra também pedras e espinhos. Passo a passo, ultrapassa os obstáculos.

Felizmente não está só. Seus colegas repartem o pão, pois são companheiros e a mão amiga e carinhosa também é alcançada para chegar no alvo desejado.

Com o passar do tempo, vê que o ápice se aproxima. Com o coração radiante e com esforço redobrado, alcança o alvo.

Volta-se, e, diante de seus olhos, se descortina um vale de beleza extraordinária.

Não mais vê espinhos, mas lindas flores que alegram seu caminho. As eventuais pedras agora fazem parte de um cenário encantador, ornando o esplendor da natureza.

De repente, cai em si, para sentir que sua alegria não está no fato de ter vencido a escalada, mas por descobrir que aquela será a base para outras e futuras jornadas.

Assim também aconteceu com o meu querido Rotary Clube Passo Fundo Norte. Os companheiros do ontem, do hoje e do amanhã sempre tiveram e terão o mesmo ideal.

Seguir o rumo, a jornada, o Norte.

Dizem que a vida começa aos quarenta. Que bom que todos possam dar as mãos, na linda e gloriosa caminhada que se descortina diante deste futuro brilhante.

Olhem para frente, companheiros, e continuem engrandecendo este fantástico clube.

(Daniel Viuniski, advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras, foi sócio fundador e primeiro presidente do Rotary Passo Fundo Norte.)

## Cem anos de prestação de serviços

SANTINA RODRIGUES DAL PAZ

**R**otary Clube Internacional completará 100 anos de existência, muito feliz em poder servir e estar a serviço do ser humano. Foi fundado em 23 de fevereiro de 1905 - Dia da Paz e da Compreensão Mundial. Esse dia será especial. Seu fundador, Paul Harris, jamais imaginaria em vida o excelente trabalho que rotarianos vêm desenvolvendo em todo o mundo, em prol das comunidades de nosso universo.

O Rotary é uma organização composta por homens e mulheres das mais variadas atividades profissionais, nacionalidades e religiões, comprometidos com a melhoria de suas comunidades, como única forma de alcançar a paz e a compreensão entre os povos. Tem como filosofia a nobre missão de servir, sobretudo promulgando o respeito e a dignidade do ser humano no seu todo e na sua coletividade.

É a única instituição privada a sentar-se à mesa do Conselho Comunitário da ONU, ao lado da UNICEF e da própria ONU, participando intensamente dos projetos humanitários dessa organização mundial.

O Rotary realiza obras notáveis como a *Campanha Pólio Plus*, quando serão aplicados mais de 500 milhões de dólares doados por rotarianos para erradicação total da poliomielite até este ano.

O rotariano é identificado pela sua atuação permanente e desinteressada em prol de sua comunidade, pela participação nas atividades de sua entidade de classe, pela conduta ética no exercício de sua profissão ou atividade empresarial, pelo seu envolvimento no trabalho com a juventude, pelo esforço em favor da aproximação dos povos, pela paz entre as nações, pelo respeito à pessoa humana, pelo seu esforço em aprimorar as estruturas sociais, pelo seu trabalho em favor da educação, saúde, promoção humana e assistência sociais.

O Rotary no mundo está dividido administrativamente em 530 distritos, congregando mais de 1.200.000 rotarianos, em 30 mil clubes, nos 166 países. No Brasil, existem 38 distritos e mais 2.100 clubes e 57 mil rotarianos.

(Santina Rodrigues Dal Paz é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e sócia do Rotary.)





# A coragem no médico



JORGE ALBERTO SALTON

**E**ste momento, meus afilhados, me faz recordar de sons, sons de instrumento e de vozes. No dia de minha formatura, antes de subir ao palco, havia barulho e alguém experimentava as cordas de um violino, e meus professores homenageados por vezes riam, por vezes conversavam. Lembro de suas vozes e me pergunto: onde estarão aquelas vozes? Muitas já se calaram. Já se calaram em parte. Porque hoje a minha voz será também um pouco aquelas vozes.

Revivo outros sons. Bem mais antigos. Noite de São João. Tempo de fogueiras acesas. Vozes, cantigas e risos. Nossos risos de crianças por vezes são superados pelas gargalhadas de nossos pais. Adormeço. Muito mais adiante acordo. Onde estão todos aqueles adultos que até há pouco cantavam e riam em torno das fogueiras acesas? Estão deitados. Dormindo. Dormindo profundamente. Muitos o sono definitivo, aquele sono sem sonhos. Onde estão os so-

nhos daqueles alegres pais das fogueiras acesas? Onde?

Os sonhos dos pais estão aqui, aqui no palco, estão esperando a hora de levantar e sair por aí conduzindo a chama da vida em direção a outras... a muitas outras fogueiras.

Nós, professores e pais, gostaríamos muito de lhes transmitir os melhores conselhos, deixar como legado todas as lições que a vida nos fez aprender. Infelizmente, não sabemos colocá-las em palavras. Nosso espírito deseja passar algo que de tão maior e bom é maior e melhor que nossas frases. Mais que isso, desejamos transmitir algo que é maior e que é melhor do que nós próprios somos.

Vocês, meus afilhados, foram humildes, se interessaram por aprender com os mais velhos. No canto 6 da *Eneida*, Vergílio nos descreve a coragem de um jovem príncipe que, descobrindo a entrada da morada dos mortos próximo ao Vesúvio, mergulha por ela em busca de auscultar de seu pai, Anquises, mais alguns ensinamentos sobre a vida. Antes do limiar do inferno, passou por um gru-

po de seres assustadores: os Pesares, as vingativas Ansiedades, as pálidas Enfermidades. A todos observou e seguiu em frente. Estava de olhos abertos para aprender e de ouvidos atilados para escutar seu pai. Mergulhava com coragem nos sofrimentos humanos.

A trajetória do herói, repete-se com os jovens que na faculdade de medicina mergulham no mundo da doença, do sofrimento, da sala de emergência, das CTIs, com coragem, dispostos a aprender com os mais velhos.

Vamos aproveitar a presença de Vergílio: o que o fez genial em sua profissão? O que fez esse bi-milenário escritor que nós também podemos fazer? Na *Eneida*, o jovem príncipe depara-se com um rio negro onde encontra um velho barqueiro, Caronte, às voltas com uma aglomeração de almas penadas, todas querendo um lugar em seu barco. O velho Caronte só aceitava no barco os espíritos daqueles que haviam recebido os devidos ritos fúnebres. Os espíritos dos mortos insepultos não podiam atravessar o rio, vagavam alguns há cem anos pela margem. O jovem príncipe finalmente consegue convencer o barqueiro. É aqui que vamos descobrir o segredo do profissional genial. Vergílio descreve a entrada do jovem príncipe no barco, dizendo: acostumada apenas com a carga muito leve dos espíritos, com a carga muito leve dos espíritos incorpóreos, a embarcação de Caronte gemeu sob o peso do herói. Sim, gemeu sob o peso do herói. O detalhe não foi esquecido. Na medicina, meus afiliados, a atenção a um pequeno sinal, a descrição de um sintoma apagado, muitas vezes faz a diferença entre o médico comum e o médico genial.

Meus futuros colegas, ao longo da profissão procurem ser detalhistas, mas também exatos e rápidos.

Exatos no transmitir o que sabem e o que não sabem sobre a forma de aliviar o sofrimento daquele ser humano que os procura.

Rápidos no transmitir o que sabem e o que não sabem. Bem ao contrário daquele conto de Boccaccio em que um homem resolve aliviar os sofrimentos da longa caminhada de uma mulher... "Senhora, disse ele, poderei por grande parte do longo caminho que teremos de andar, levar-vos a cavalo numa das mais belas histórias deste mundo!" "Nada me seria mais agradável", consente ela. A história era em si belíssima, mas o contador da história ora repetia a mesma

palavra, ora voltava atrás, era lento, lento... Além dos sofrimentos da longa e cansativa caminhada que era a sua vida, a mulher, a paciente, passa agora a suar frio, a sentir um desfalecimento, e, percebendo que o médico, a cavalo numa das mais belas histórias do mundo, a história da ciência médica, história que iria aliviar sua vida, havia entrado num atolador sem saída, disse: "Doutor, vosso cavalo é um tanto duro de trote, pelo que vos peço me deixai a pé".

Rapidez dentro da técnica. Rapidez em acordo com a máxima latina: *festina lente*. Ou seja: apressa-te, lentamente.

Meus novos colegas, nunca esqueçam que cada pessoa que forem atender é múltipla, é complexa, é várias pessoas numa só. Quem é cada um de nós, senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações. Sempre respeitem o jeito de ser, de pensar, de crer, de fantasiar, daqueles que os procuram. Que sua relação com eles jamais destrua suas fantasias.

Há um verso de Dante no purgatório que diz: "Chove dentro da alta fantasia?". Ítalo Calvino, escritor italiano, preparou uma conferência sobre a importância da preservação da alta fantasia do ser humano, a ser lida na Universidade de Harvard, em Boston. Infelizmente, morreu pouco antes de apresentá-la. Sim, escreveu Calvino, a fantasia, o sonho, a imaginação, é um lugar que as vezes recebe chuva. Às vezes, digo agora eu, recebe chuva de pedra e tempestade; às vezes, uma brisa suave e refrescante. Cuidado, que nossa participação na vida dos seres humanos combatidos que nos procuram não seja pedra nem raio, pois quem vê morrer suas altas fantasias vê morrer o desejo de viver.

Colegas, sejam leves!

Ovídio escreve em versos a luta de Perseu contra um monstro marinho. Perseu massacra a golpes de espada o monstro. E agora trata de fazer o que faria qualquer um de nós, após façanha desse porte: vai lavar as mãos. O problema está em onde deixar a cabeça do monstro. Ora, para se dominar monstros é necessário delicadeza de alma. Para que a areia áspera não melindre aquela cabeça de monstro, Perseu faz

um travesseiro com folhas e algas, e nele deposita cuidadosamente a cabeça do monstro, de face voltada para baixo, devagar, bem devagar, num gesto de refrescante cortesia.

Na medicina lidamos com monstros, pavorosos monstros que solapam a saúde e levam à sepultura pessoas até então felizes e cheias de ânimo. Nem por isso precisamos perder a leveza.

Mas não esqueçamos: Milan Kundera em *A insustentável leveza do ser* mostra como, na vida, tudo aquilo que escolhemos e apreciamos pela leveza, acaba bem cedo se revelando de um peso insustentável.

Cuidado para que a profissão médica, que principia suave, não se transforme em um peso insustentável. Sempre que pesar a relação com um pacien-



te, mudem o ponto de observação e mudem o foco. Considerem o exame dos problemas do paciente sobre uma outra ótica. Ou, quem sabe, seja a hora de sair. Quem sabe nossa capacidade para ajudar esse paciente se esgotou e, se continuarmos, em vez da busca da leveza, nos transformaremos no próprio peso do viver dessa pessoa. É a medicina no peso do nosso viver.

Cada um de nós tem seu próprio modo especial de ver o mundo, uma leitura própria da vida, nosso referencial. Fazemos assim: vamos incorporando pedaços de vivências de outros, de conselhos, de teorias, e, constantemente, vamos reelaborando a nossa própria teoria, a nossa própria leitura da vida. E isso é bom. E com frequência devemos nos perguntar: com que estou comprometido? Por-

que no ser humano existe o bem e o mal, o desejo de construir e o de destruir. Podemos passar por esta vida deixando rastros de sangue e de destruição. A medicina é uma profissão que muito se presta para o bem, mas seus instrumentos podem se prestar à propagação do mal. A questão é se perguntar constantemente: "Que empenho me ajudará a viver vida criativa e reduzirá meu potencial destrutivo?"

Problemas nesta vida virão, uma hora ou outra, seremos atingidos. Então, recordemos Sartre, quando ele diz: "O que importa não é o que fazem (ou o que a vida faz) para a gente, o que importa é o que nós fazemos daquilo que a vida faz para a gente".

Por favor, não concretizem todos os seus desejos. O escritor Stanislaw Lem nos conta que um psicólogo é enviado à estação orbital que paira acima do planeta Solaris, um planeta todo ele coberto por oceano, para investigar fatos estranhos que lá ocorrem. Todos os que lá foram, voltaram apáticos, enfadados, desanimados. O psicólogo, em Solaris, deseja voltar à Terra e, de imediato, vê-se frente à casa de seu pai. Lembra da esposa morta e ela aparece a sua frente. Todos os desejos, até aqueles dos quais não tinha plena consciência, em Solaris, são automaticamente realizados. Solaris é o paraíso. Não, Solaris é o inferno. É a apatia, o enfado, o desânimo, a morte.

Que bom que na medicina nossos desejos nunca estarão de todo

realizados! Que bom que, a cada semana, vocês perceberão que mais e mais coisas existem para aprender e melhorar nossa qualidade de trabalho! Que bom que é a eterna busca por atualização! O colega que julgar ter alcançado todas as suas aspirações na área médica, alcançará, de fato, Solaris.

A medicina nos leva ao encontro do sofrimento dos outros. Por vezes, relutamos em ir. Assim como o leigo que reluta em visitar o amigo hospitalizado, buscando se poupar de tristezas. Depois, deixa o quarto do amigo doente se sentindo melhor, se sentido reconfortado, de bem com os mais nobres valores humanos. Conosco, médicos, esses bons sentimentos nos embalam e nos dão força a continuar.

Meus caros afiliados! Encerro trazendo uma mensagem encontrada em Kafka. Em 1916, ele escreve um conto. Chama-se: "O cavaleiro da cuba". Cuba é uma vasilha dentro da qual se colocava o carvão tão necessário para aquecer os invernos de então. Naquele inverno de guerra, havia falta de carvão. Um homem parte com sua cuba, em busca daquela preciosidade que iria aquecer seu lar. No caminho, a vasilha lhe serve de cavalo,

e chega até a erguê-lo à altura do primeiro andar das casas. A carvoaria fica num subsolo e o homem da cuba voa alto demais. Tem dificuldades em se fazer compreender pelo carvoeiro, que estaria disposto a atendê-lo, ao passo que a mulher dele, que está no andar superior, se recusa até mesmo a ouvi-lo. O homem suplica que lhe dêem um pouco do carvão mais ordinário, ainda que não possa pagá-lo de imediato. A mulher tira o avental e espanta o intruso, como se estivesse a espantar moscas. O movimento do avental movimentava o ar, e o homem da cuba oscila como se estivesse na crista de uma onda. A cada oscilada ele sobe mais e voa para mais alto e mais longe. Não escuta mais as vozes do carvoeiro e da mulher do carvoeiro. Agora está no silêncio. Leve. E começa a ficar feliz. Voa em ondas além das Montanhas de Gelo, além do frio. Não precisa mais de carvão. Atinge na realidade aquilo que até então só existia na sua alta fantasia.

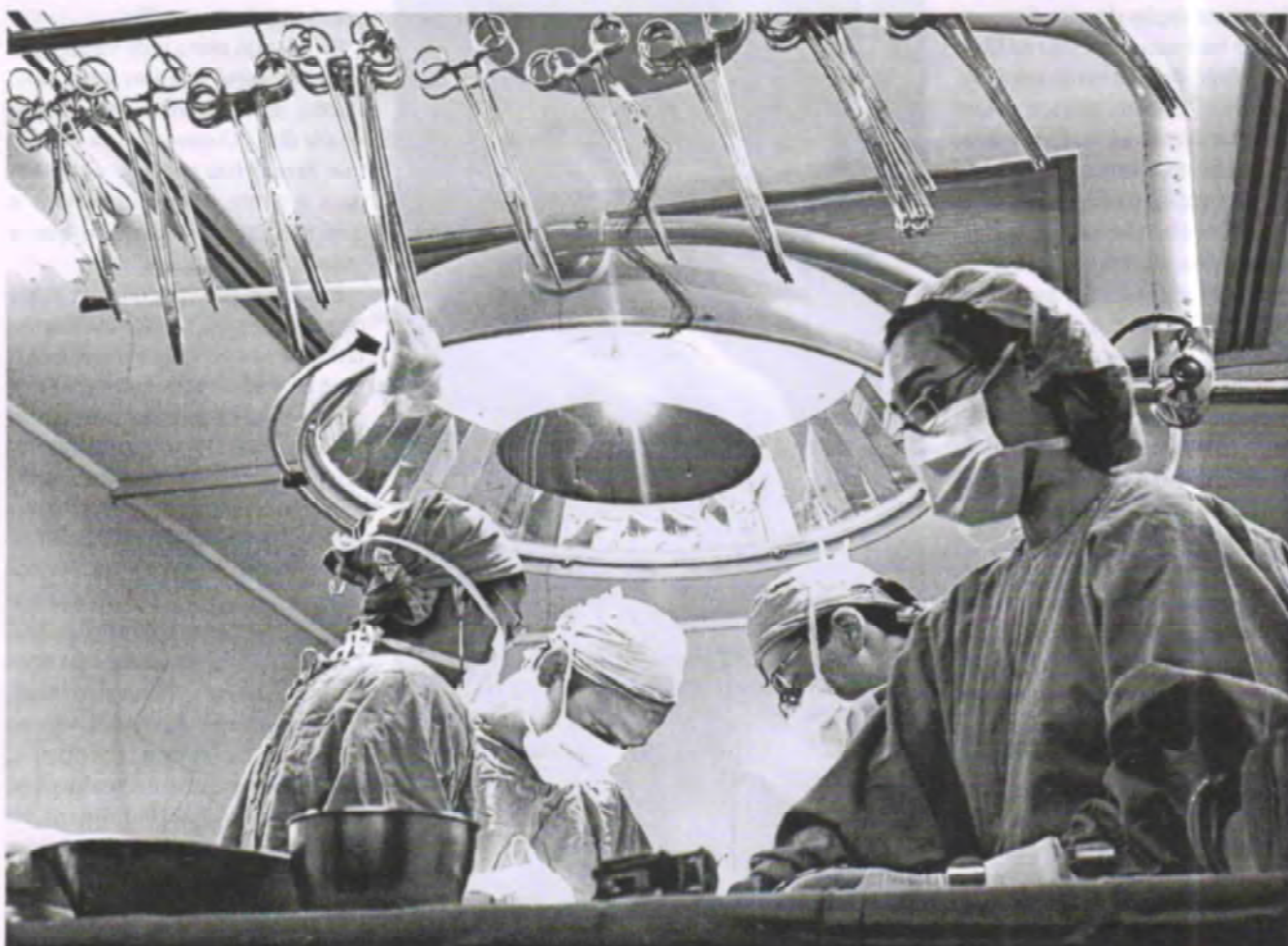
Meus caros afiliados! Tomara que nós, professores, tenhamos sido em suas vidas como a mulher do carvoeiro foi para o homem da cuba de Kafka. Comemoramos o feliz nascimento de 50 jovens, inteligentes, capacitados e dedicados mé-

dicos, que tiveram a coragem de descer à cratera daquele vulcão imaginado por Vergílio, entrar na gruta que dá acesso às regiões infernais e observar as pálidas Enfermidades. Com determinação, cruzaram o rio negro, fazendo gemer o barco com o seu peso; deram um abraço na geração que aos poucos deixa a cena histórica; e, agora, experientes e cheios de energia, seguirão adiante, responsáveis pela chama que mantém bem viva a ciência médica.

A partir de agora, vocês, novos médicos, empunharão o avental e produzirão vigorosas ondas no ar e suas vozes; algumas serão as vozes dos professores, vozes ouvidas há pouco, no hall de entrada deste prédio, em meio ao barulho de antes de começar a cerimônia; vozes destes que aqui hoje se despedem e voltam ao silêncio, neste elo dourado que une geração com geração, e perpetua o maravilhoso "continuum" da vida. Obrigado.

#### Discurso de paraninfo da Faculdade de Medicina da UPF, 2002.

(Jorge Alberto Salton é médico-psiquiatra e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



# As pseudo-análises

CARLOS ROBERTO HECKTHEUER

“**E**stou fazendo análise”. Lá vem a minha amiga e me conta a boa nova. Fico contente. Se há algo em que eu acredito é em psicanálise. Pergunto mais: Com quem? Não conheço. Mas isso não quer dizer nada. Ela continua empolgada: “**Vou uma vez por semana...**” Aí eu já gelo. Uma vez? Já sei que minha amiga dificilmente estará fazendo análise. Mas, não é impossível. Dependendo do analista, do paciente, excepcionalmente, talvez até fosse. Continuo. E que tal você está achando? Imediatamente ela começa a me contar os últimos “conselhos” do seu “analista”. Nem o de Bagé falaria tantas barbaridades. Pelo menos seria engraçado. E não chato e moralista como o “analista” dela. Mesmo dando os descontos – nunca acredite na versão de uma sessão de análise, não que seja mentira, mas a vivência psíquica do indivíduo colore com cores próprias sua sessão e talvez o relatado tenha muito pouco a ver com o que foi dito de verdade.

Mesmo assim, minha amiga não é tão imaginosa. O tal “analista” sugeriu – quando ela tristemente confessava não ter mais esperança no casamento como instituição – que conhecia casais bem-casados. E citou nomes. Estarei sonhando? O pior – ou o melhor? – nessa altura do campeonato é que minha amiga saiu muito reconfortada e esperançosa.

Ela não faz psicanálise. Faz terapia, ou aconselhamento, ou qualquer coisa do gênero. Nem melhor nem pior. Simplesmente diferente, com pretensões e objetivos diferentes. Mas as pessoas confundem. Qualquer auxílio tipo psicológico vira “psicanálise”. Mas, afinal, o que é essa tal de psicanálise? A psicanálise, método desenvolvido por Freud, é uma forma de investigação da personalidade. Pode levar à resolução de problemas e conflitos e, portanto, influir no

bem-estar do indivíduo, porém não tem essa preocupação como objetivo.

A psicanálise visa tornar o inconsciente consciente. Muitas de nossas ações são regidas pelo inconsciente. Tomamos decisões, fazemos coisas que frequentemente não entendemos o porquê. Às vezes ao contrário do que desejaríamos. A psicanálise se propõe a investigar o que se passa.

Na investigação da neurose – que é um conflito entre duas tendências



opostas – Freud descobriu que “Não existe uma diferença fundamental, mas apenas de grau, entre a vida dos psicóticos. Uma pessoa normal tem de passar pelas mesmas repressões e lutar com as mesmas estruturas psíquicas: a única diferença é que ela lida com esses acontecimentos com menos dificuldade e mais sucesso”.

A principal arma da psicanálise contra a neurose é a transferência. Transferência é a repetição de atitudes e emoções do passado que são revividas na análise, como se fossem no presente em relação ao analista. Esta repetição – pois o indivíduo numa sessão de análise lida com seus conflitos e ansiedades reativas, usando os mesmos mecanismos e defesas de situações anteriores – dá oportunidade ao analista de penetrar no

inconsciente, interpretar essas formas de reagir e sentir, possibilitando ao indivíduo viver outro tipo de experiência e abandonar a necessidade de repetição.

Essa percepção é muito bem descrita pela escritora Anais Nin, no 7º volume de seus Diários: “...lutar contra a ansiedade é um grande gasto de energia; por isso é que eu nunca hesitei em buscar ajuda profissional. Ponho fé em psicanálise, assim como outros põem em religião, ou filosofia... Outros escritores que não acreditam nisso, ou param de criar ou se repetem, porque a neurose não é uma fonte de energia ou inspiração como alguns artistas acreditam; cria-se, apesar disso, e muito melhor sem isso, quando se deixa as obsessões para trás e outros temas se apresentam, outras experiências”.

Com a análise, o indivíduo obtém o conhecimento de si mesmo. Pode chegar perto de suas verdades, conter suas fantasias e não precisar negá-las nem atuá-las. Faz uma transformação. A pessoa passa a se dar conta que tem outros recursos para funcionar e se relacionar com o mundo.

Ser analisado não significa não ter mais angústia. Dor é sempre presente quando se vive. Às vezes, um aumento de percepção pode levar, ao contrário do que se espera, a um aumento da dor. O que a análise pode trazer é uma capacidade aumentada de vivenciar situações difíceis, não precisando escamotear a verdade, e uma maior capacidade de amar e cuidar do outro. Nem todos precisam de psicanálise. Alguns poucos fazem o caminho sozinhos. Entretanto, para ser um paciente de psicanálise, entre os muitos requisitos, como os de ordem material, é necessária disponibilidade interna e desejo de conhecimento muito grande.

(Carlos Roberto Hecktheuer é psiquiatra e membro titular da cadeira 7 da Academia Passo-Fundense de Letras, que tem Oswaldo Cruz como patrono.)

# Missão pedagógica da Medicina e da Psicologia

GETULIO VARGAS ZAUZA

**T**erapia do corpo e terapia da alma, artes de curar. Ambas apoiadas em conhecimentos científicos. Mas o que significa curar? Será apenas aliviar a dor, o sofrimento, do corpo ou da alma? E, conseguido isso, devolver o paciente aos seus antigos hábitos de vida, quase sempre incorretos, para que ele, agora sentindo-se bem, retorne à prática dos mesmos atos que o enfermaram e, por sentir-se bem, aumente a carga e a intensidade dos mesmos?

Desde há muito tempo se vem praticando uma terapêutica predominantemente de "curar", tanto somática, quanto psíquica, sem atentar para as verdadeiras causas da doença, sendo tudo atribuído aos agentes patogênicos de natureza biológica, quer seja no sistema de saúde público ou privado, de consultório particular.

Os políticos falam muito sobre saúde, mas fazem pouco e ainda de péssima qualidade. Em geral fazem muita demagogia. Falam até mesmo em medicina preventiva. E até tem sido feita alguma coisa, embora somente na área de erradicação de doenças endêmicas ou de epidêmicas, mas sempre usando como fundamento para tais medidas o problema econômico e quase nunca visando o bem do ser humano. Tudo pode ser resumido em vacinação em massa, o que é

realmente bom, e em algumas providências tímidas no que diz respeito à Engenharia e Medicina sanitárias.

Acontece que a questão saúde do ser humano está relacionada e depende de muito fatores que se localizam em outras áreas da atividade humana, como por exemplo: como se concebe o que seja qualidade das substâncias ingeridas como alimento; as tecnologias de produção, os processamentos industriais das referidas substâncias, etc...; tudo envolvendo a mentalidade dos profissionais e empresários que produzem ou orientam os sistemas de produção agrícola e pecuária, e mais os que atuam nas atividades extrativas e processadores industriais dos alimentos.

É fato consabido pela comunidade científica e por uma pequena parcela de leigos, em ciências biológicas e químicas, desde a publicação da obra, em 1962, da bióloga e escritora Rachel Carson, traduzida para a língua portuguesa com o título de "Primavera Silenciosa", e denunciando ao mundo a contaminação do lençol freático, que as nascentes hídricas nas montanhas apresentam altos índices de substâncias tóxicas utilizadas na agricultura e indústria.

Recentemente, foi lançada no Brasil uma tradução de um livro escrito pelos cientistas norte americanos Theo Colborn, Diane Dumanoski e John Peterson Myers, cujo título é "O Futuro roubado", no qual é apresentada a situação estarrecedora em que se encontra o Sis-

tema Ecológico mundial. E por incrível que possa parecer, nenhum cientista se pronunciou publicamente sobre a situação ameaçadora para o futuro humanidade, denunciada no livro em questão, denúncia essa fundamentada em dados rigorosamente científicos, sendo inconcebível que eles não tenham conhecimento de tal situação.

Além dos altos índices de poluição tóxica dos mananciais hídricos superficiais - lagos, rios, mares e o próprio lençol freático- existem muitos outros fatores que afetam a saúde humana, tais como a desnutrição por falta de ingestão de alimentos realmente nutritivos ou em quantidade insuficiente, a dieta desequilibrada, o excesso de alimentos, os hábitos de vida incorretos, os desequilíbrios emocionais, a falta de habitação ou as moradias inadequadas e os ambientes insalubres, etc...

Penso que a Medicina e a Psicologia, se consideradas, quer como ciências quer como artes de curar, deveriam ser fundamentadas numa reconhecença da verdadeira constituição e organização do ser humano, a qual concebe-o em sua integralidade, ou seja, formado por quatro membros:

1) um, percebível pela visão e tacto, constituído de substâncias inorgânicas, o corpo físico;

2) outro, de uma energia ou forças não encontráveis nas substâncias físicas, que têm a capacidade de organizá-las de tal forma que adquirem a

qualidade de ser vivo;

3) um terceiro fator, que possibilita o ser vivo ter sensações e até mesmo sentimentos, como é o caso dos animais superiores e do ser humano, que possui uma organização psíquica individual (psique, alma);

4) por último, uma faculdade superior: uma autoconsciência, consciência de si mesmo e de pensar. É o único ser capaz de designar a si mesmo com a palavra EU, a partir de mais ou menos o terceiro ano de vida (nascimento), e no qual cada um dos quatro membros tem uma natureza diferente, embora todos se originem da mesma força criadora, que se metamorfoseia aparecendo, para nossas faculdades percebedoras (órgãos dos sentidos e espirituais, como a faculdade de pensar) em feições diferenciadas e especializadas para as funções inerentes à condição humana.

As duas ciências deveriam e deverão no futuro desempenhar, além e até antes mesmo da missão de curar, a de educar o homem a, tanto quanto possível, evitar doenças.

O médico deveria ser um educador e não se limitar ao diagnóstico e à prescrição do medicamento. Deveria explicar ao paciente como seus hábitos de vida in-

corretos são, em grande parte, os responsáveis pela criação das condições favoráveis à instalação e desenvolvimento de muitas patologias adquiridas e desencadeadoras de tendências genéticas a determinadas doenças.

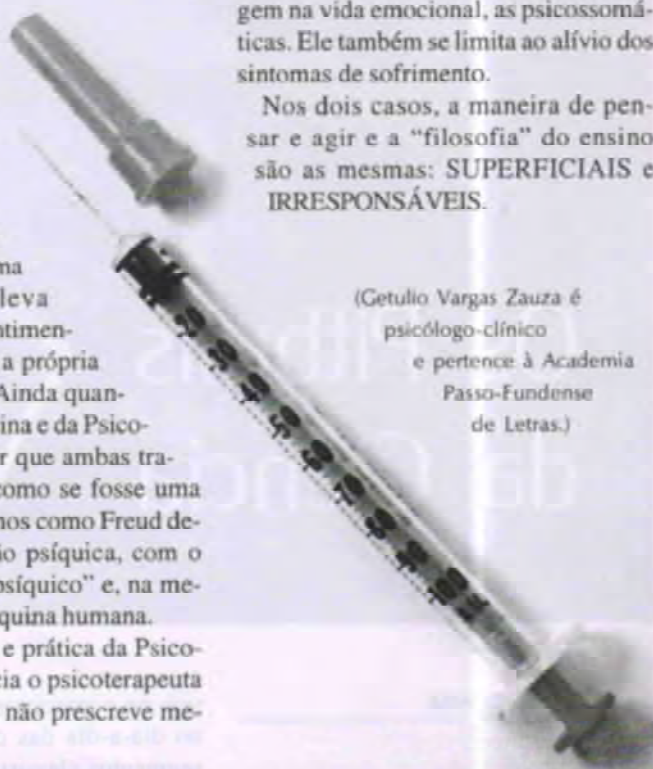
A atual prática, no ensino da Medicina e posteriormente na prática do profissional, é tal que presta pouco benefício ao paciente e satisfaz altamente os interesses da indústria e do comércio de remédios. É dirigida por uma mentalidade que leva pouco em conta o sentimento de fraternidade e a própria dignidade humana. Ainda quanto à prática da Medicina e da Psicologia, devemos dizer que ambas tratam o ser humano como se fosse uma máquina. Basta vermos como Freud designou a organização psíquica, com o título de "aparelho psíquico" e, na medicina, se fala da máquina humana.

Quanto ao ensino e prática da Psicologia, o que diferencia o psicoterapeuta do médico é que ele não prescreve me-

dicamento, não analisa com o paciente a etiologia dos seus distúrbios emocionais e muito menos a absoluta necessidade de empenhar-se na mudança de certos comportamentos, que acabam por levá-lo ao estado alterado, quer seja de sua vida afetiva ou somática, no caso das doenças consideradas como de origem na vida emocional, as psicossomáticas. Ele também se limita ao alívio dos sintomas de sofrimento.

Nos dois casos, a maneira de pensar e agir e a "filosofia" do ensino são as mesmas: SUPERFICIAIS e IRRESPONSÁVEIS.

(Getulio Vargas Zauza é psicólogo-clínico e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)



## Poesia

### O tempo

O tempo passa muito rápido  
E os dias quase a gente não vê  
As noites são apenas um intervalo  
Para iniciar o dia de amanhã.

Ontem olhei para o jardim da minha casa,  
Um tempo maior do que de costume  
E vi a acácia mimosa florida.  
Então lembrei que era o tempo do meu aniversário.

Mas percebi também  
que esse tempo já havia passado.  
Que já passei por mais um outono.

Não sinto a minha idade  
Mas vejo a natureza se renovando.

Não percebo que vou chegar ao fim  
Porque tenho muitas coisas a fazer.  
Vivo cada estação na certeza de outra.

E quando não mais estiver aqui  
Eu vou sentir que o tempo passou  
E eu nem vi.  
Eu só vivi.



### Mãe

Mãe que espera,  
Não se desespera.  
Fica atenta,  
Quase sempre agüenta.

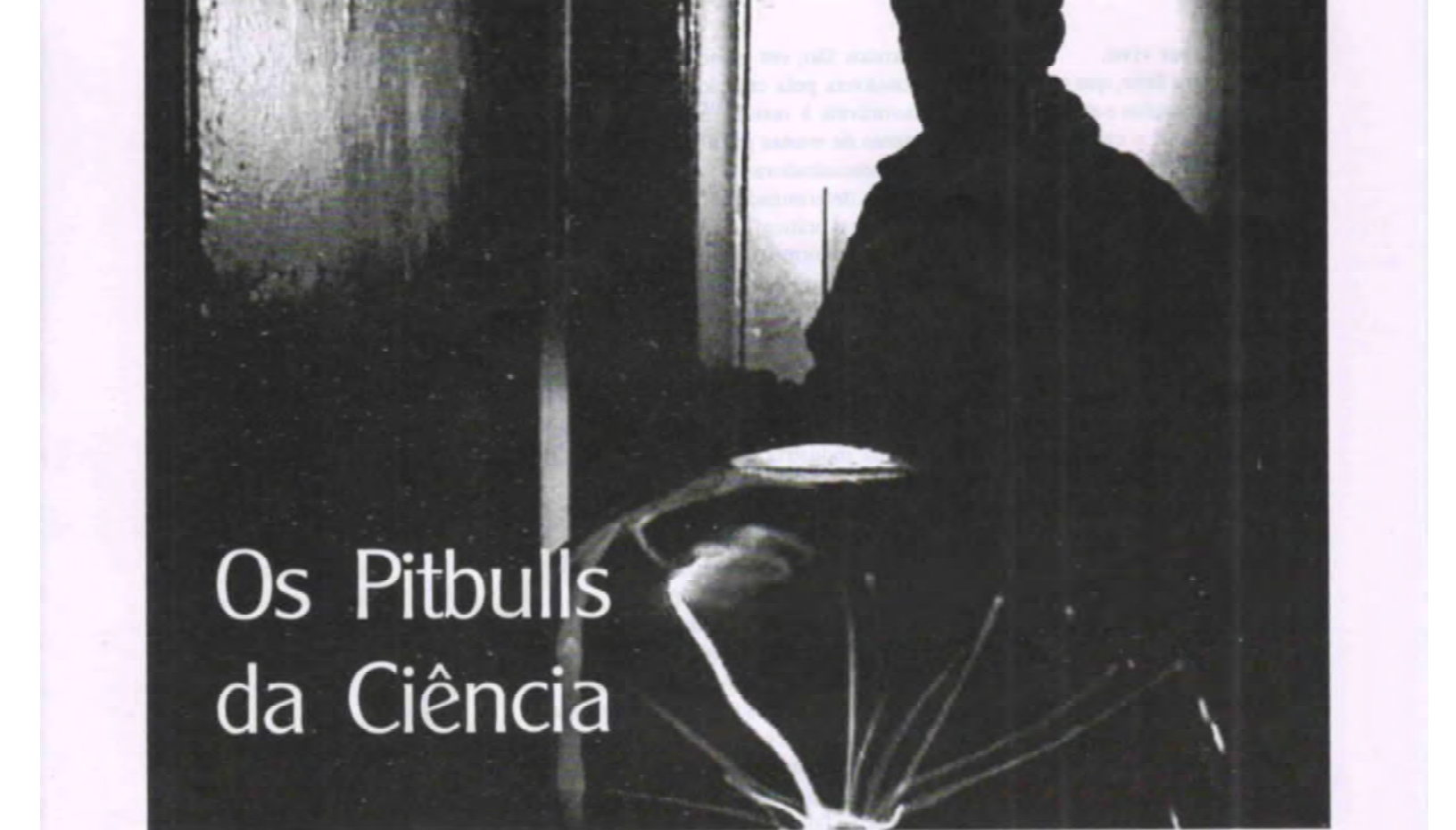
Mãe que ama,  
Acende a chama.  
O filho chama,  
Não reclama.

Mãe que mergulha fundo,  
Sem conhecer o fundo.  
E sabe que no fundo,  
Transforma o mundo.

Sabe que ninguém sente,  
O que ela sente.  
Então ela se sente  
Só, mas não ausente  
No meio de tanta gente.

Mas sabe que ser mãe, ainda  
É seu melhor presente.

LICIANE TOAZZA DUDA BONATTO



# Os Pitbulls da Ciência

GILBERTO R. CUNHA

Foi para denunciar os pensadores cujo compromisso não era com a verdade, mas com o poder, que Paul Nizan escreveu, em 1932, o ensaio "Les chiens de garde" (Os cães de guarda). Essa metáfora, com ares de universalidade, retornou com força e repercussão mundial quando, no final da década de 90, Serge Halimi (jornalista do *Le Monde Diplomatique*, doutor em Ciência Política pela Universidade de Berkeley e professor da Universidade de Paris VII), revivendo Nizan, em análise do relacionamento promíscuo entre imprensa e poder na França, publicou o seu "Les nouveaux chiens de garde" (Os novos cães de guarda, livro lançado no Brasil pela coleção Zero à Esquerda da Editora Vozes).

Nizan desmascarou filósofos que dissimulavam sua participação e comprometimento com o *status quo* vigente, e Halimi trouxe a público a relação de subserviência de jornalistas com o poder, dando sustentação ao domínio do "pensamento único". O mais intrigante de tudo isso é que o papel de "cães de guarda", na analogia Nizam/Halimi, pode ser facilmente diagnosticado, quer

seja no comportamento de indivíduos no dia-a-dia das corporações ou nos segmentos classistas, portanto, não se limitando aos filósofos e aos jornalistas. Perceptível, mas não por todo mundo (muitas vezes nem mesmo pelos próprios atores) é, por exemplo, o uso de "cientistas" no papel de porta-vozes de grupos de interesse ou advogando, ainda que veladamente, a defesa de produtos comerciais.

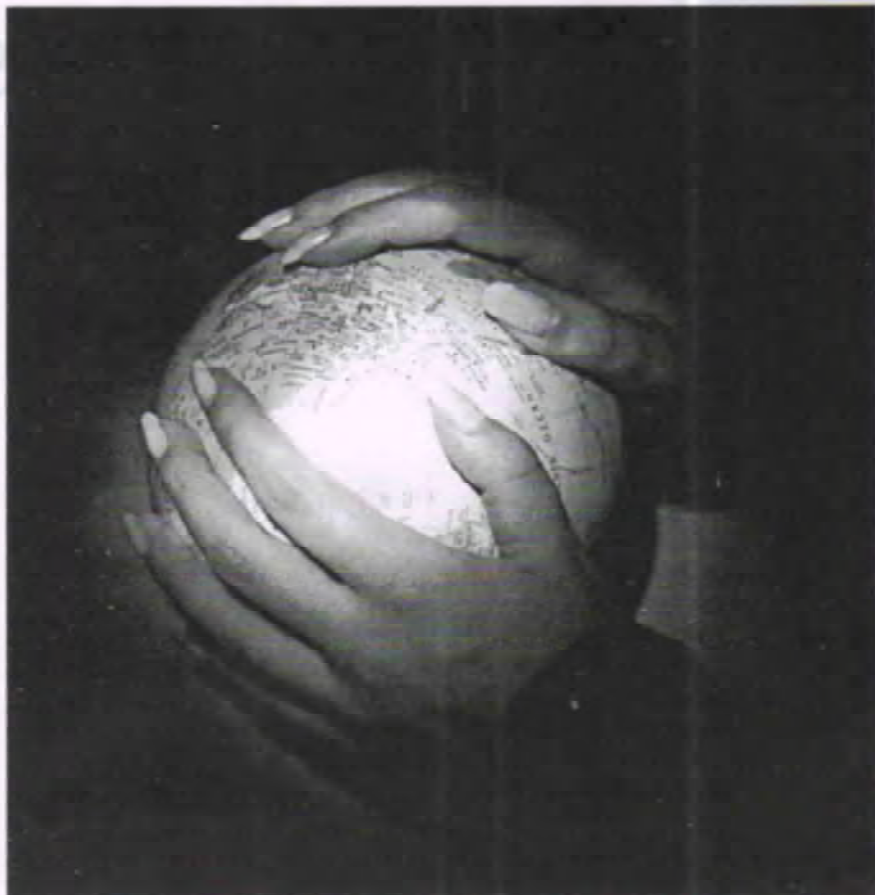
O emprego de cientistas (técnicos ou professores de instituições consagradas) em defesas (explícitas ou implícitas) de interesses corporativos é uma estratégia de relações públicas bem conhecida no mercado. Ou seja, há situações em que é mais conveniente "pôr palavras na boca de alguém"; especialmente de alguém insuspeito. Muito mais convincente que o uso de artistas famosos desempenhando papéis em peças publicitárias, por exemplo. Esse tipo de uso pode se dar por várias razões, desde as bem intencionadas (maioria) até as que se prestam (voluntária ou involuntariamente) mais para disseminar dúvidas que esclarecer, exagerar benefícios ou criar um "ruído" positivo em favor de determinados produtos. O embate público em torno das chamadas mudanças climáticas globais serve

bem para ilustrar o desempenho de cientistas no papel de ferozes cães de guarda, especialmente nas disputas entre os "junkyard dogs of science" e o pessoal do "junk science".

De um lado, os "junkyard dogs of science", no outro, a turma do "junk science". Perceptível, de imediato, é a facilidade de se elogiar mutuamente, entre os representantes desses grupos. Por razões etimológicas, entende-se "junk" como coisa velha, sem utilidade ou sem muito valor; "yard" pelo terreno (pátio) ao redor de uma residência; e sendo "dog" e "science" expressões familiares (cachorro e ciência), fica fácil depreender que a referência é feita aos guardiões (cães) do depósito da ciência sem valor. Se preferirem, do fundo de quintal onde fica depositado nada mais que "lixo científico". Os "junkyard dogs of science" quase sempre são vinculados ao pensamento extrema-direita, contam com financiamentos generosos de certos grupos que defendem e desempenham papéis "insuspeitáveis", visando a desacreditar que os sinais já identificados de mudanças no clima global tenham sua origem na atividade humana (especialmente pela queima de combustíveis fósseis). Nesse grupo,

encontramos desde autênticos "guaipecas de fundo de quintal", que apenas ladram, a verdadeiros "pitbulls" que, literalmente, destroçam qualquer pensamento diferente. Em contraposição ao seu rótulo e, principalmente, buscando desacreditar as correntes ambientalistas, esse grupo cunhou a expressão "junk science". O termo passou a ser aplicado a qualquer resultado de pesquisa, não importando o seu rigor, que possa servir de justificativa para regulamentações de proteção ao ambiente e à saúde pública. Chamar alguém de "junk scientist" é uma forma de menosprezar o interlocutor, buscando desqualificar o que poderia ser apenas um simples confronto de resultados científicos. Na verdade, a disputa entre esses dois grupos se caracteriza mais por uma guerra de propaganda e censura que propriamente de discordâncias envolvendo questões científicas de base.

Quem diria, depois dos filósofos (Nizan, 1932) e dos jornalistas (Halimi, 1997), que os cientistas seriam os pitbulls, nesse começo de terceiro milênio!



## A nau dos desvalidos

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Alguém já viu outro alguém feliz, além da porta grossa, enfartada de infelizes? A porta contaminada e asséptica? A porta robusta por onde a fraqueza imerge?

Se você me disser que já viu a felicidade andando pelos corredores; ou estatelada no leito frio e indolor, eu lhe respondo que é mentira. Deu pra mentir agora, depois de cruzar as areias da terra santa? O deserto requentado do Nordeste tupiniquim?

Logo você que sempre deu exemplo de sinceridade. De retidão. Nunca descumpriu o dever de casa. Tomou todos os remédios que lhe prescreveram. Eu sei que você esconde no peito um coração tão limpo, tão brando, tão sonso, que é capaz de achar que viu só pra con-

cordar. Mas, desta vez, não confio. É falso seu testemunho. Aquele lugar é horrível. E a porta, como dizia, é o átrio do inferno.

Pare no degrau e observe. Quem entra? Quem sai? A pureza do jaleco alvejado corta os olhos e chega a provocar tontura. O estetoscópio, dependurado como um colar, ou uma medalha olímpica, conspira contra a felicidade. Engraçado, quando o choro é demais se confunde com o riso. Esgar enviesado e cheio de indefinições.

Meu Jesus Cristinho, afasta-me dessa hospedaria! Hóspede aqui não faz a féria. Não escolhe o almoço, não tem preferências. Nem mesmo razão. Ele é um peso morto. Um vivente jogado à precisão dos aparelhos. À tirania das bulas. Não quero deitar nessa cama, vertedouro de dor e morte! Sumidouro de gente! Pelo amor de Deus, doutor, tire-me daqui!

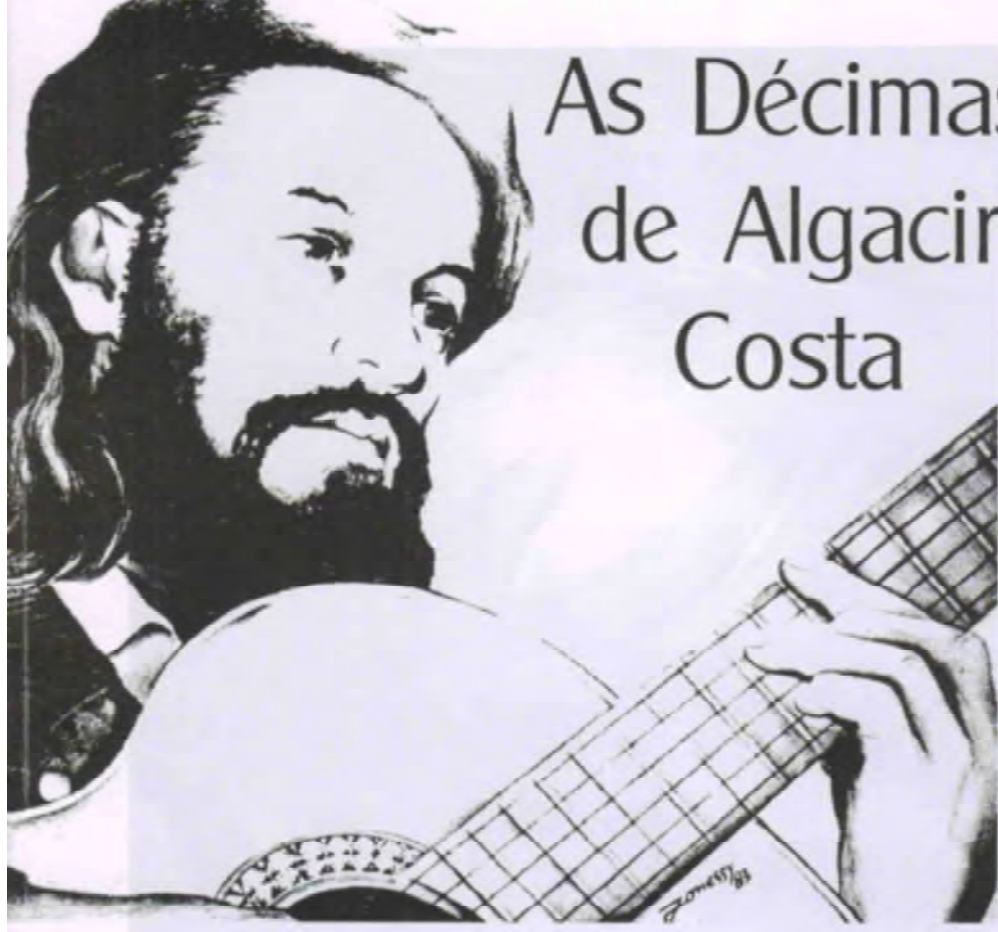
Agora você acredita que essa é a nau dos desvalidos? Dos cardíacos. Dos tísicos. Dos aidéticos. Dos ostomizados e safenados. Dos cancerosos e cirróticos.

Viu? Eu avisei que era um cardume de infelizes. Não adianta tapar o sol com a peneira. Ou melhor, a doença com a hipocrisia. O lugar é mesmo duro. Esqualido. Indecente. Repleto de fisgadas e punções. Olho em todas as direções, e nada que me lembre a cor do sorriso, a sinfonia do canto. Água, só em contagotas. Festa, só a das macas trepidando os lençóis.

Todos, os que sofrem e os que visitam o sofrimento, ostentam na face o mesmo estigma. Um rótulo tragicômico, onde se lê a sorte da fragilidade humana.

Do livro (no prelo):  
Enquanto as Cigarras Dormem  
- crônicas amanhecidas





# As Décimas de Algacir Costa

PAULO MONTEIRO

Quando soube que Algacir Costa havia reunido em volume suas DÉCIMAS, cuidadosamente guardadas durante anos, pensei logo em lê-las e sobre elas escrever. Andei procurando o autor que, à época, residia em Porto Alegre, e seu livro, cujo volume demorei muito para encontrar.

Conheci o poeta em Passo Fundo, quando liderava o grupo musical regionalista Os Fronteiriços. Naqueles tempos, meu amigo Flávio Damiani, jornalista hoje radicado na Capital dos Pampas, insistia em ter minha parceria em suas composições, que enviava para os festivais nativistas. Algacir e seu conjunto chegaram a gravar algumas composições. Como o próprio Flávio já contou, em um longo artigo divulgado pelo Jornal Rotta, de Passo Fundo, nossas composições eram sistematicamente censuradas pelas comissões julgadoras. Até porque nunca dependemos dos cofres públicos para nossa militância cultural.

Eu sabia que Algacir sofria de uma doença incurável. Queria escrever sobre seu livro enquanto estivesse vivo. E consegui. Meu amigo José Eurides Alves de Moraes emprestou-me o exem-

plar. Enviei cópia do artigo. E muitos meses depois, quando o poeta já falecera, recebi uma correspondência dizendo que ele recebera o jornal no dia do seu aniversário, o que o deixara muito feliz. Poucos dias após ter lido meu artigo, Algacir exalou seu último suspiro.

Algacir Costa foi um autêntico poeta popular. Recuperou uma das mais caras tradições da poemática popular do Rio Grande do Sul, a décima. Esta é um tipo de poema (e não a forma estrófica também do mesmo nome, encontrada nos estudos sobre versificação e metrificação), onde são narrados acontecimentos, fatos, emoções. Décima é o correspondente ao clássico romance, em forma de poema, muitas vezes com estrofes de dez versos. Aliás, as décimas, como as conhecem os poetas populares do Rio Grande do Sul, também são encontradas noutras partes do mundo. Veja-se, a propósito, *Poesias Completas* de Juan Cristóbal Lopez Fajardo, Ediciones Huracán, La Habana, 1974.

O livro do poeta nascido em Vila Teixeira, então 7º Distrito de Passo Fundo, em 11 de outubro de 1944, pode ser dividido em duas partes bastante diferenciadas. Na primeira, encontramos poemas de uma feição mais tradicional, gauchesca. É o caso de ORELHANO, que abre o volume. São poemas onde

há o apelo às coisas telúricas dos pagos sulinos, ao peão, à china, à prenda. Já a segunda espécie – diga-se assim – é constituída de composições dedicadas a lembranças de leituras do autor, como os poemas onde fala sobre elementos da história, da cultura e da indumentária gaúcha, e outros onde lembra locais e pessoas com quem manteve contato nos seus longos anos de músico profissional.

Li as DÉCIMAS de Algacir Costa e lembrei-me de uma de minhas bisavós, a mãe de meu avô materno, cantando ao som de harpa – isto mesmo, ao som de harpa -, na velha Cruz Alta, maldizendo a Revolução de 93, na qual meu bisavô se engajou.

“Maldita Revolução,

O que vieste fazer?

- Levar os pais de família;

- Deixar as mães a sofrer...”

Assim começava o poema, acredito que irremediavelmente perdido, e do qual são os únicos versos que recordo.

O payador de Vila Teixeira compunha suas décimas ao som do violão, com cordas metálicas, e com a mesma intensidade com que minha ancestral cantava, enquanto dedilhava as cordas feitas por ela mesma, carinhosamente, com tripas de carneiro.

As DÉCIMAS de Algacir Costa pode não possuir a elaboração dos romances de Aureliano de Figueiredo Pinto ou dos poemas de Jayme Caetano Braum ou de Apparício Silva Rillo, mas têm o vigor chimarrão da mais antiga poesia popular dos gaúchos, anterior à própria gauchesca. Esta, uma consequência natural do romantismo literário, nos deu os maiores monumentos da literatura das três pátrias gaúchas: o Martín Fierro, de José Hernandez, e o Antônio Chimango, de Amaro Juvenal. Aquela vem sendo improvisada nas pulperias, nos bolichos ou recônditos dos ranchos da Campanha ou da Serra. E até mesmo nos casarões das estâncias. Para que se possa avaliar literariamente o livro de Algacir Costa é preciso que se tenha presente esse duplo aspecto da poesia gauchesca. Atrevo-me a dizer: as duas gauchescas, uma regionalista, literária; e a outra eminentemente popular.

## Orelhano

ORELHANO sou senhores,  
 não sei se nasci de amores  
 mas sei para que nasci,  
 no ventre permaneci,  
 nove meses esperando  
 prendi cantos fui talhado,  
 para com o tempo soltar,  
 gravei tudo na lembrança,  
 se um dia fui esperanças,  
 esperanças vou cantar

meu verso é inspiração,  
 vontade de bem servir  
 convido a todos sorrir,  
 descontraí até relaxa,  
 digo quem muito se abaixa  
 desmoraliza se anseia  
 pra mim não nasceu mania,  
 ajojo, canga, bucal,  
 sou de uma cria bagual,  
 que com pouco corcoveia

obedeço a um só senhor  
 criador deste universo  
 se o homem anda disperso  
 é que esqueceu de olhar  
 pra dentro de si e orar,  
 com sentimento humildade  
 não é só na sociedade  
 que vive um ser racional  
 as "veis", é bom se apartar  
 pra um retiro espiritual  
 há um imenso potencial,  
 entre ter, saber e dar

deito e levanto tranquilo  
 meu ganhar pouco é sagrado  
 tenho um violão afinado  
 dos dedos sai a harmonia  
 das vocais a melodia,  
 empostada a minha maneira  
 não há vida mais faceira  
 do que viver pra alegrar  
 nunca afino pra mostrar  
 destreza ou habilidade  
 é sempre falsa a verdade  
 de quem canta sem pensar

a do barreiro e meu rancho  
 são duas portas abertas  
 e não hay caras incertas  
 pra ver se vai receber  
 essa é a lei do meu cultivo  
 por ser assim que bem vivo  
 tranquilo com meu senhor  
 entra mendigo e doutor  
 chegue no mais é o que digo  
 se abanque e espere amigo,  
 uns mates deste cantor

perdoem a ignorância  
 da minha sinceridade  
 mão frequentei faculdade  
 com pouco sei aprender  
 encherço antes de ver,  
 meu mundo é lindo e imenso  
 nele é que penso e repenso  
 para depois concluir  
 que não adianta seguir  
 por caminhos perturbados  
 estudos mal orientados  
 com metas por atingir

pra mim o mal de vivência,  
 vem do seio da família  
 pois é nela que se ensilha  
 primeiros ensinamentos  
 disciplinas, sacramentos,  
 a primária educação  
 sou mais rebenque a sermão,  
 não quero diplomacia  
 que dá o direito pra cria,  
 de um dia lhe erguer a mão

as vezes a má aparência,  
 requer grande inteligência  
 ou desprezo ao material,  
 e há pobreza geral  
 no luxo na opulência,  
 há ódio, inveja, descrença,  
 donde só vale a presença,  
 é a casca que alguém criou,  
 e Deus não iluminou  
 é um brilho fraco se apaga  
 e haverá sempre peão sem vaga  
 se confiar nessa gente  
 que nunca mostra o que sente,  
 seu sentir o campo alarga

tem gente que muito sabe  
 pra eles pouco serei  
 mas já fiz, e farei,  
 meus versos nessa linhagem  
 não gosto de compadragem,  
 sou senhor do meus sentir  
 sei chegar e sei sair,  
 e meu futuro prevejo  
 se nasci pra ser andejo  
 não sou perambulador  
 sou um grande pecador  
 com defeitos sou honesto  
 e se hay coisa que detesto  
 é prosa de bajulador

olho a tudo como a um todo,  
 junto a verdade ao engodo  
 a sorte e o azar é um só mal,  
 que se diz prejudicial  
 na mente de cada um,  
 o resultado é comum  
 se pensarmos desse jeito,  
 a virtude e o defeito  
 é um paralelo que traço,  
 dos dois temo um pedaço  
 pra corcoviá em nosso peito

não me gavo de saberes,  
 de diplomas, partituras  
 cumpro a sagrada escritura,  
 meu verso é meditação  
 análise, apartação,  
 pensares que vai e vem  
 faço o bem sem ver a quem,  
 trato a todos por igual  
 já plantei um ideal,  
 nunca fui fã de ninguém  
 dô seu valor a quem tem,  
 não gosto de quem implora  
 aquele que fácil chora  
 é o primeiro que sorri  
 é fácil de conduzir,  
 e é o que se manca na hora

vou escrevendo sem pressa,  
 com alma, fé, sentimento  
 recolhendo ensinamentos  
 em meus pesuelos viajeiros  
 sonhos de estrada e pampeiro  
 dum cruzador peregrino  
 campeador de seu destino,  
 pouco sabe, muito aprende  
 pro dinheiro não se rende,  
 que é o mal da necessidade  
 só existe felicidade  
 onde não mora a ambição  
 agradeço a inspiração  
 ao meu pai e soberano  
 por ter nascido pampeano,  
 com minha voz e violão

NOTA DOS EDITORES: O poema acima, que abre o livro de Algacir Costa, é seu verdadeiro manifesto ou testamento poético, sendo transcrito fielmente à edição príncipe, inclusive quanto à grafia e pontuação empregadas pelo autor.

(Paulo Monteiro é membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 32, que tem como patrono o jornalista e poeta Gomercindo dos Reis.)

# De cobrador a redator-chefe de O Nacional – Carlos de Danilo Quadros

MEIRELLES DUARTE

“Vocês vão dar o furo para meus amigos. Estou regressando aos pagos. Volto a residir em Porto Alegre, pois quero viver meus últimos anos em meu Estado e nele quero repousar para sempre”. Com todo o espírito jornalístico, Carlos de Danilo Quadros que, por quase quarenta anos, militou na imprensa passo-fundense, gaúcha e brasileira, me informava, por telefone, o seu regresso à sua querida Porto Alegre. Lembrei-me então de incluí-lo na minha série de personalidades das mais variadas atividades, aqui nas páginas de O Nacional. Leitor certo, com telefonemas seguidos vindo do Rio de Janeiro, para comentar e felicitar pelas matérias que falam dos seus velhos amigos com quem conviveu e de forma íntima, como foram os casos mais recentes do Dr. Luis Philipe da Cunha e Arthur Berthier.

## Filho de Passo Fundo

Carlos de Danilo Quadros nasceu aqui mesmo em Passo Fundo, no dia 19 de janeiro de 1922. Filho de Álvaro Schell de Quadros e Dona Geny de Quadros. Sua esposa, senhora Maria Josephina Prado, nasceu em Palmeira das Missões alguns meses antes do esposo, pois sua certidão marca o nascimento no dia 10 de abril de 1921. Ela também uma jornalista do mais alto padrão que sempre, não só ao lado do esposo, como com ele assumiu importantes funções nos jornais onde trabalharam. O casal possui as filhas Maria Teresinha, Sheila de Lourdes e Helena Maria. A Maria Teresinha é casada com o passo-fundense Ubiratan Costa Leite. A Sheila Maria é esposa do famoso cartunista e chargista Marco Aurélio Curió de Carvalho, da Zero Hora, ambos passo-fundenses também. Helena Maria, que é separada, vive com os pais no Rio de Janeiro. Os netos são ao todo cinco.

## De funcionário de cartório para o jornal

Foi em 1936, há, portanto, 69 anos, que Carlos de Danilo Quadros assumiu seu



Múcio de Castro (E), Sabino Santos, Carlos de Danilo Quadros, Fredolino Paim e João de Deus Oliveira

primeiro compromisso profissional. Tinha apenas 14 anos de idade. Foi trabalhar no 2º Cartório de Notas do senhor Honorino Malheiros, ganhando então somente 20 mil réis, pois atuava só num turno para poder estudar no outro. Graças ao empenho do senhor Jerônimo Marques, aprendeu a escrever a máquina, passando a redigir petições e requerimentos, transcrições de escrituras, recebendo, aí, um reforço nos seus ganhos mensais. Foi estudante, no turno da tarde, dos colégios Fagundes dos Reis, Protásio Alves, e concluiu o curso secundário no Colégio Conceição.

## Entre o banco e jornal

No ano seguinte, isto é, em 1937, já tido como um ótimo datilógrafo, Danilo recebeu dois convites: um para ingressar no Banco da Província e outro para trabalhar no jornal O Nacional, então de propriedade do Dr. Herculano Annes. Optou pelo jornal, onde começou como cobrador de anúncios e assinaturas, depois revisor, repórter, colaborando até na dobra dos jornais para a sua circulação diária. Consorciando-se com Dona Maria Josephina em 1942, depois de uma rápida passagem como representante comercial da firma Max Ávila & Cia., fundou o “Diário da Tarde”, com o apoio de sua esposa, que sendo professora, também tinha dotes para o jornalismo. Tratava-se de um jornal eminentemente político, voltado para o Partido Social De-

mocrático, transformando-o em vespertino, agora como um órgão anticomunista e de orientação católica.

## Jornais fora de Passo Fundo

Em 1948, Carlos de Danilo Quadros foi nomeado Cônsul do Uruguai e chefe do Instituto Nacional do Pinho, com sede em Chapecó, Santa Catarina. Impulsionado por sua inata e insuflada vocação pela vida da imprensa, fundou lá o “Jornal do Povo”. O jornalista tornou-se grande amigo de Getúlio Vargas que estava retornando à política, concorreria e venceria o pleito para a Presidência da República, como todos sabemos. Durou pouco seu jornal em Chapecó, pois em 1951 foi transferido para Porto Alegre e ingressou nas fileiras do “Diário de Notícias”, órgão dos “Diários Associados”. Mostrou grande capacidade profissional, recebendo apoio da alta direção daquele grupo que dominava a imprensa em todo o país com sua cadeia de jornais, rádios e a famosa revista “O Cruzeiro”.

## O retorno para Passo Fundo

Foi no ano de 1955 que, transferido, nas funções de delegado do Instituto Nacional do Pinho, Danilo Quadros voltou à sua terra natal. Aqui foi também um correspondente do “Diário de Notícias” e colaborador de “O Nacional”, pois era íntimo amigo de Múcio de Castro e sua família. Além do jornalismo, in-

gressou na política passando a integrar o Partido Trabalhista Brasileiro, pelo qual foi eleito vereador com uma das maiores votações de todos os concorrentes da época.

#### Entidades Jornalísticas

Carlos de Danilo Quadros sempre procurou valorizar e muito a classe dos jornalistas onde militava. Depois de ter ingressado na Academia Passo-Fundense de Letras, em 1961, ajudou a fundar o Instituto da Liberdade de Conhecer. Após muita luta, fundou a Associação dos Jornalistas por ele transformada, após ingentes esforços, em Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Passo Fundo, o primeiro em todo o interior do Brasil. Não perdia um congresso de jornalismo, tendo até comparecido num no exterior, que foi realizado em Chicago. Recebeu uma bolsa de estudos que durou 90 dias, nos Estados Unidos, representando os jornalistas do sul do Brasil. Falou no programa "A Voz da América", foi recebido pelo presidente Jonh Kennedy numa memorável coletiva com jornalistas sul-americanos. Quando da entrega da Carta Sindical pelo vice-presidente da República, o gaúcho João Goulart, este felicitou-o por ter sido aquele o primeiro e único sindicato de jornalistas de uma cidade do interior brasileiro. Os outros, em pequeno número, eram todos de capitais dos estados.

#### A homenagem da Câmara de Porto Alegre

Antes de deixar a capital do estado para transferir residência para o Rio de Janeiro, Carlos de Danilo Quadros teve o reconhecimento dos seus quarenta

anos de militância no jornalismo gaúcho e brasileiro. A Câmara Municipal de Porto Alegre lhe prestou uma grande homenagem, por iniciativa do vereador Pessoa de Brum, em 1977. Um completo relato de todas as suas atividades em jornais do interior, especialmente em Passo Fundo em "O Nacional", deram os motivos maiores para tão merecida homenagem. Também quando aqui estava e tendo anunciado a sua transferência de residência para Porto Alegre, a Câmara de Vereadores, por iniciativa do vereador Afonso Simões Pires Netto, prestou-lhe uma grande homenagem com as congratulações pelo seu magnífico trabalho na imprensa local, em documento firmado pelo então presidente do Legislativo, vereador Centenário Índio do Amaral.

#### O velho jornalista que volta

Carlos de Danilo Quadros está voltando para ficar. Depois de superar sérios problemas de saúde, recuperou-se o bastante para ver atendido o seu pedido. Quer sentir o clima do seu estado e conviver com o espírito que só o gaúcho possui, de fraternidade e muito amor pelo solo dos pampas. Com ele, a também gaúcha, sua esposa Dona Maria, retorna muito feliz, pois em ambos os corações o Rio Grande do Sul sempre esteve bem vivo, cadenciando seus batimentos com o vigor de nossas vidas. Um feliz e alegre retorno, Danilo e Dona Maria Quadros!

(Artigo assinado por Antonio Augusto Meirelles Duarte em O Nacional, 26 e 27 de outubro de 2002, página 9.)



Carlos de Danilo Quadros e Múcio de Castro

## Obituário:

### Carlos de Danilo Quadros

Morreu na madrugada de domingo (09/01/05), o jornalista Carlos de Danilo Quadros, aos 82 anos, vítima de uma infecção generalizada. Com uma carreira dedicada ao jornalismo, foi membro da Associação Brasileira de Imprensa, da Academia Brasileira de Jornalismo e da Ordem dos Jornalistas do Brasil.

Natural de Passo Fundo, trabalhou no jornal O Nacional, veículo da cidade. Foi morar em Santa Catarina, onde dirigiu o Instituto Nacional do Pinho e fundou o Jornal do Povo, em Chapecó.

Durante a década de 50, Quadros foi repórter oficial do presidente Getúlio Vargas, fazendo reportagens e o acompanhando em viagens.

O jornalista ingressou no Diário de Notícias e na TV Piratini na Capital, em 1952. Orgulhava-se em dizer que havia sido um dos primeiros jornalistas brasileiros a entrevistar o presidente norte-americano, Dwight D. Heisenhower, em 1960, quando esteve nos EUA.

Entre as suas atividades, Quadros assumiu a direção do Instituto Nacional do Pinho, do Rio Grande do Sul, até 1964.

Mudou-se em 1980 para o Rio, onde trabalhou como diretor da Agência Nacional do Estado do Rio de Janeiro, até se aposentar em 1986. Retornou a Porto Alegre em 2001.

Era casado com Maria Josephina, com quem teve as filhas Maria Terezinha, Sheila e Helena Maria, e os netos Alexandra Maria, Carla Maria, Juliano Vicente, Cláudia e Andréia, que o chamavam carinhosamente de "vôzinho".

Duas missas de sétimo dia serão realizadas no sábado (15/01/05), às 18h30min, nas igrejas Nossa Senhora das Dores, em Porto Alegre, e Santo Antônio, em Estrela.

(Reproduzido a partir da seção Obituário, do jornal Zero Hora, de Porto Alegre, publicada em 13 de janeiro de 2005.)

# CTG Lalau Miranda: a Força do Tradicionalismo

WELCI NASCIMENTO

**T**radição é o ato de transmitir. Transmite-se valores, conhecimentos. Tradição é memória. Ela se transmite de geração em geração. Em se tratando de Rio Grande do Sul, temos um rico acervo cultural sintetizado na música, na dança, no artesanato, no modo de vestir, nas atividades campeiras, na literatura, na culinária.

O grande escritor gaúcho Augusto Mayer definiu: "tradição é um desejo de clareza". Foi exatamente este desejo de clareza que fez surgir, na década de vinte do século passado, um movimento denominado de Regionalismo Literário, uma espécie de pré-movimento tradicionalista gaúcho, trazendo a tona à cultura gaúcha que estava prestes a desaparecer. Surgiram então os Grêmios Gaúchos, com a finalidade de cultivar as tradições do povo sul-rio-grandense. Era uma antevisão dos nossos CTGs.

O movimento tradicionalista gaúcho começou lá pela capital do estado, Porto Alegre. Estávamos passando pela resaca da Segunda Guerra Mundial e os americanos queriam nos abarrotar de cultura norte-americana, com suas músicas, roupa, cinema, etc.

O movimento tradicionalista gaúcho no norte do Rio Grande do Sul teve início em Passo Fundo. Em Palmeira das Missões já havia alguma coisa iniciada pelo tradicionalista Wilmar Wink de Soucas, o "Provisório", um dos criadores do "35 CTG", no final da década de 40.

Em Passo Fundo, tudo começou no ano de 1952, nos relatou o saudoso poeta e membro desta Academia, Tenebro dos Santos Moura. Dizia Tenebro que o professor Antônio Donin, também membro deste sodalício, acabava de chegar da cidade de Rio Grande e trazia uma idéia: fundar um centro de tradições gaúchas em Passo Fundo. Reuniu um grupo de amigos, como Múcio de Castro, diretor do jornal O Nacional; Jorge Cafruni, professor, escritor e também

membro desta Academia; Ney Vaz da Silva, empresário e, com ele, Tenebro, começaram a conversar sobre o assunto. Dizia o professor Antônio Donin para o grupo: "Está surgindo no Rio Grande do Sul uma sociedade que procura cultivar as tradições do gaúcho, chamada de Centro de Tradições Gaúchas, para impedir que desapareçam, sufocadas pela voragem da evolução, as nossas tradições e a genuína chama gaúcha que, pelo nosso passado heróico, goza de admiração em todo o Brasil".

Cafruni, com o dinamismo que lhe caracterizava, pôs mãos à obra e uma primeira reunião foi realizada, logo em seguida, na firma comercial do Sr. Ney Vaz da Silva, oportunidade em que o grupo, liderado pelo professor Antônio Donin, combinou a realização de outra reunião, agora com a participação de lideranças residentes no meio rural e urbano. A reunião foi realizada nas dependências do Clube Comercial. Lá foi constituída uma comissão provisória presidida pelo jornalista Múcio de Castro. Uma outra reunião foi realizada nas dependências do Círculo Operário. As linhas mestras do primeiro centro de tradições gaúchas do Planalto Médio e um dos primeiros do Rio Grande do Sul estavam sendo delineadas.

Em 24 de março de 1952 foi fundado o Centro de Tradições Gaúchas, cujo

patrono é Estanislaw de Barros Miranda, conhecido em todo o território passo-fundense como Lalau Miranda. Homem, no dizer dos seus familiares, de razoáveis posses, campeiro, músico e muito bem relacionado, nasceu em Passo Fundo em 24 de novembro de 1853, filho de Francisco de Barros Miranda, herói da Guerra do Paraguai e que presidiu o Conselho Municipal de Passo Fundo, em 1865.

Os fundadores do CTG Lalau Miranda escolheram um lema que retratava, muito bem, a aproximação de Passo Fundo com os fundadores do primeiro CTG o "35" de Porto Alegre: "Em qualquer chão, sempre gaúcho, pelo bem do bem do Brasil". A expressão "pelo bem do Brasil" foi acrescida pelos passo-fundenses, disse-me Tenebro dos Santos Moura.

Os primeiros fandangos foram realizados, ora no Clube Caixeral ora no Clube Comercial. Havia uma reclamação das diretorias: os gaúchos, com suas esporas, estão estragando o assoalho do salão. O primeiro galpão foi construído de forma rústica, como manda a tradição, num terreno doado pela Prefeitura Municipal. Era prefeito o Dr. Daniel Dipp. Certa feita, em reunião da patronagem, o tradicionalista Gonorvam de Almeida Guedes defendeu a idéia de que o CTG deveria ter uma cancha reta para realizar



Invernada artística do CTG Lalau Miranda, anos 1950



carreiradas. Foi então criada a hípica do CTG Lalau Miranda, na Vila Vera Cruz. Mais uma vez a Prefeitura Municipal fez a doação do terreno nos campos da Vera Cruz. Era prefeito o Sr. Wolmar Salton.

A alma do CTG Lalau Miranda sempre foi a sua invernada de danças. Sob a direção do seu posteiro Ivo Paim, a invernada artística do Lalau percorreu o Rio Grande e o Brasil, nas décadas de 50 e 60, levando a dança e a indumentária gaúcha. A pedido do Dr. Getúlio Vargas, Presidente do Brasil, a invernada de danças do CTG Lalau Miranda foi ao Rio de Janeiro, então capital do Brasil, para se apresentar no programa Renato Muci, da Rádio Nacional.

A origem da Semana Farroupilha na cidade de Passo Fundo teve como marco uma cessão cívica realizada no Clube Comercial, no dia 20 de setembro de 1952. Depois da palavra do patrão Múcio de Castro, tiveram início as apresentações artísticas. Foram 16 apresentações de arte gaúcha, destacando-se as apresentações de Ivo Paim e Iraí Varela, que tocaram "Perigo na Fronteira e Cavalo Preto". As alunas da Escola Normal Osvaldo Cruz apresentaram um trabalho lite-

rário e o professor Cafruni disse uma aplaudida conferência: "O gaúcho, um legado do índio e cavaleiro".

O CTG Lalau Miranda sustenta o programa tradicionalista mais antigo da radiofonia do Rio Grande do Sul. Desde o ano de 1952 vai ao ar, no mesmo horário, o Programa Tradicionalista do CTG Lalau Miranda. Todos os domingos, às 13h.

O CTG Lalau Miranda, nas décadas de 50, 60 e 70, foi uma espécie de embaixador de Passo Fundo, no Brasil e fora dele. Como Teixeira, o CTG Lalau Miranda projetou o nome de Passo Fundo nos rodeios e nos fandangos. A sua Invernada Campeira foi muitas vezes campeã dos Rodeios de Vacaria. De sua invernada de dança nasceram, nas décadas de 80 e 90, outros grupos folclóricos que utilizaram as danças gaúchas. Havia uma perfeita harmonia entre as invernadas de danças e dos músicos formada por Ivinho Stefani, Luiz Feldman, Rancho Velho, Menna Barreto, Rômulo Goelzer e o popular Cruzeiro.

A São Paulo Alpargatas, patrocinador do programa da Rádio Farroupilha de Porto Alegre, "Grande Rodeio Coringa",

concedeu ao CTG Lalau Miranda, em 1957, a honraria por ter se apresentado naquele programa, dirigido por Darcy Fagundes.

O majestoso galpão crioulo de hoje foi concretizado em várias patronagens: Eluyr Reschke, Antônio Gasparetto, Antônio Serena, Adão Nascimento acalentaram os sonhos das prendas e dos peões que desejavam uma magnífica sede para os fandangos e rodeios, estes realizados no complexo da Roselândia.

Hoje os centros de tradições gaúchas já não são os mesmos. Como o Lalau Miranda, eles sofrem a influência do modernismo. Já não se cultua o tradicionalismo gaúcho como nas décadas passadas.

#### O que há de se fazer, gauchada?

A atual patronagem do CTG Lalau Miranda, comandada pelo tradicionalista Ari Ferrão, coadjuvado pelo 1º Capataz Rogé Resende, procura, com muito esforço, dar atenção às novas gerações, para que o tradicionalismo não desapareça com as gerações dos velhos. É preciso, também, cuidar da área campeira, para não mantermos uma tradição de fan-

tasia, segundo a interpretação de Ciro Dutra Ferreira, um dos fundadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho, na década de 1940.

Passados 53 anos, o sonho de professor Antônio Donin, escritor, poeta, homem público, se concretizou, quando vemos a juventude mostrar interesse pelo gauchismo. "Foi a pregação dos tradicionalistas de primeira arranca, que resultou em tudo o que está aí", afirmou o folclorista Barbosa Lessa.

Dos centros de tradições gaúchas, rústicos, simples, nasceram os festivais de música gaúcha, os rodeios crioulos, multiplicaram-se os cantores, os poetas, os conjuntos musicais. Tudo isso se espalhou pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso, Goiás, enfim, pelo Brasil afora, onde uma família de gaúchos foi morar.

Passados todos esses anos, o Movimento Tradicionalista Gaúcho, fruto do arrojo e do espírito cívico-cultural de um grupo de jovens, tomou conta do coração de todos. O CTG Lalau Miranda vem, desde a sua fundação, cultuando as mais nobres tradições do povo sul-rio-grandense, usando como veículo as suas danças, a música, o passo da chula; e contando prosas e versos, para reativar os usos e costumes de um povo, para, no dizer do professor Antônio Donin, "impedir que desapareçam, sufocadas pela voragem da evolução, as nossas tradições e a genuína alma gaúcha..."

O CTG Lalau Miranda foi fundado por pessoas da elite urbana, advogados, escritores, empresários, políticos, entre outros, e de uma elite rural, formada por pecuaristas, grandes e médios. Daí a pecha de centro de tradições gaúchas dos ricos, quando começaram a surgir outros CTGs na cidade. Mas não era totalmente verdade. O Lalau Miranda acolhia e ainda acolhe gente de todos os matizes sociais. É que ele teve a sorte de ter nas suas fileiras gente como Tenbro dos Santos Moura, Jorge Cafruni, Múcio de Castro, Ivo Paim, Iraí Varela, Néelson Petry e dezenas de outros nomes, ricos e pobres que, acima de tudo, tinham, como único objetivo, enaltecer as tradições do Rio Grande do Sul e sua cultura.

*Welci Nascimento é titular da cadeira 23 da Academia Passo-Fundense de Letras, que tem como patrono o poeta Casimiro de Abreu, e sócio benemérito do CTG Lalau Miranda.*

# Extrema-unção

PABLO MORENNO

**E**u dobrava a esquina da Dez de Abril com a Paissandu. Nas mãos uma página de jornal. Lia sentado na calçada. Tão distraído estava, nem me viu passar, nem me viu observá-lo. Mãos amarrotadas, cabelos albinos do tempo, roupas em decomposição, quase como os papéis juntados. Uma tira de tecido consertava uns chinelos verdes. Às costas mais de sessenta anos. E pareciam muito pesados. Pesavam-lhe tanto que o papel em suas mãos recebia uma reverência quase involuntária.

Aquela leitura instalou-se na rua como um estranho fenômeno: uma avalanche de flores, um nascimento de anjos, a rara passagem de um cometa, a morte de um santo. Mas o ancião papelheiro não se turbou um átimo. Manteve-se ali como se repousasse além de mim, além dos carros descendo e subindo as ruas cansadas, além do sol da manhã amanhecendo seu rosto. Na parte não iluminada de seu rosto, um pedaço da carroça era sombra quebrada entre os vales e rios secos de sua tez. A folha de jornal naquelas mãos, por alguns instantes, parecia feliz. Tivera a sorte de prolongar a vida das palavras.



Eu ia e vinha. Quase abri na calçada um rio seco e um vale como os de sua face. Prossegui. Pensei na máquina fotográfica. Era um momento para ser registrado, quem sabe estampar a capa de algum jornal. No dia seguinte à publicação, aquele senhor, ao separar os papéis recolhidos nas ruas, encontraria a si mesmo. Ele olharia a foto e seriam dois velhinhos catadores de papel lendo. Nos milhões de letras recolhidas todas as manhãs nas lixeiras das ruas, ele junta as palavras e as dignifica com vida. Vida de papel descartável. Dá dignidade com sua vida sem.

Mas o velhinho leitor da esquina do meu bairro jamais há de encontrar-se numa foto. Não tive coragem de denunciar seu efêmero momento de magnitude. Preferi guardar a imagem entre eu e ele, e entre as poucas pessoas sensíveis que ali o viram. Que o viram e o vêem. O velhinho leitor é quase cotidiano. Anteontem era um gibí, hoje uma revista. Vendendo papel sustenta o corpo arqueado em reverência. Ao resgatar do lixo as letras agonizantes, futuros rolos de papel higiênico ou caixas insossas, salva as palavras de uma irreparável perda. Sentindo-se um cidadão alfabetizado, dá uma dignidade – embora ínfima – à sua vida, e presta às palavras uma reverência de raro literato.

Deus queira que o velhinho catador de papel encontre esta minha crônica entre os papéis salvos da podridão. Sua admirável reverência me trará um reconhecimento superior a qualquer prêmio literário.

Ao pensar em seus olhos passeando entre estas letras, minha alegria se encontra com sua esperança. Infelizmente, embora eu e ele amemos as palavras, tenho privilégios. Sobrevivo sem tantos riscos e leio notícias em dia. Porém, porque somos solidários na cadeia da vida, estas palavras aqui escritas esperam de seus olhos uma extrema-unção. Quando estiverem na sarjeta, onde vão parar tantos textos no dia seguinte, apenas eles poderão confortá-las antes do apodrecimento, da metamorfose em papelão, papel higiênico ou, se eu pensar um céu para elas, da ressurreição numa mensagem ecológica de Natal.

*(Pablo Morenno é professor e escritor. Autor de Por que os homens não voam? e Menino esquisito.)*

# Quem foi rei...

HELENA ROTTA DE CAMARGO

No colégio das freiras, o aprendizado era eclético. A uma cidadã do futuro não poderiam faltar lições fundamentais de disciplina, civilidade, aplicação aos estudos, trabalhos manuais. Além, é claro, da ênfase no esporte e na reza. Essa se fazia o dia todo: no dormitório, no refeitório, na sala de aula e antes da recreação. Mas seu ponto alto era a missa diária, cedinho, em fila indiana e véu branco cobrindo a cabeça.

A formação do caráter perpassava todas as atividades. Rígida e exigente como um compêndio de moral.

Na escola, só freqüentada pelo gênero feminino, as salas viviam atulhadas. Beirava a casa dos cinquenta a lotação de cada classe.

Aprendia-se, no ginásio, um elenco razoável de disciplinas. Desde as ciências, a história sagrada e a ginástica, até os idiomas, pátrio e estrangeiros. Entre eles, dois vivos e um morto.

Era estranho para uma garota de onze anos ter de estudar uma língua falecida. (Se morreu, por que não a deixam em paz?) Ah! – acudia prontamente a mestra -. Acontece que o latim é o pai do português.

Pois sim. Conheci pais de amigas que, depois de mortos, foram parar no cemitério e nunca mais voltaram de lá.

Mesmo assim a defunta me despertava simpatia. Seria uma atração mórbida? De forma alguma.

A gramática latina tinha o elã de provocar os brios da meninada. Instigar à competição. Desafiar a inteligência e a memória. A compreensão de seus enigmas era mesmo um ato de coragem.

Uma verdadeira provocação as suas declinações, de melódicas desinências, escandidas como se fossem versos (*libri, librorum, libris, libros, libri, libris*). Seus conetivos, que a gente recitava como um cantochão em ofício de réquiem (*ante, apud, ad, adversus, circum, circa, citra, cis...*). Suas conjugações verbais, que obrigavam a língua a manobras mirabolantes sobre

tempos e modos, ritmicamente decorados. Enfim, eram vogais explodindo na garganta. Consoantes mudas se enfiando entre os dentes. Tudo imponente, solene, como as missas rezadas em latim. (*Sursum, corda!*)

Ora, ora, depois de quatro anos resuscitando a mais antiga flor do Lácio (também inculta e bela), e já íntima do tal idioma inanimado, passei a gostar dos seus trejeitos. E decorar tornou-se uma diversão. Um treino que me conferia, entre as colegas, o status de lingüista-mor.

A escola moderna extinguiu essa prática. Nada mais se memoriza *ipsis litteris*, sob o argumento de que a excelência do entendimento supera a memorização.

Mas que ela tinha suas vantagens, isso tinha. O que se aprendeu com a técnica da decoreba mantém-se até hoje, nas prateleiras do subconsciente. Basta um aceno, e tudo vem à tona com presteza, sem marcas de senilidade nem de corrosão.

Digam vocês, os familiarizados com certos padrões lingüísticos do português: o nosso velho latim é ou não é um facilitador da sinonímia e da ortografia?

E os códigos de Direito, com sua opulenta linguagem processual, não são um contínuo revitalizante de expressões e fórmulas latinas (*data vènia, jus eundi, ad hoc, sine die*)? – Ó língua dura de morrer!

E não me venham com a apologia do idioma universal. De sua supremacia nas relações internacionais. Nas áreas de tecnologia e turismo. E por aí afora. Nem ele, nem outros que a modernidade queira prestigiar, têm aquela consistência de semívelado mistério. De lembranças preservadas na adega da saudade, sempre dispostas a oferecer seus préstimos.

Não era à-toa que o livro didático se intitulava *ludus*. Tudo não passava, realmente, de um jogo divertido e inesquecível.

Do livro (*no prelo*): Enquanto as Cigarras Dormem - crônicas amanhecidas

## Poesia

LEONILDA GASPARETTO

### A Fonte d'Água

Brota do chão profundo.  
Sorridente entre as pedras,  
Cristalina como a alma.  
O bem-estar de seu povo  
Ela grita aos quatro cantos  
Da sua terra querida.

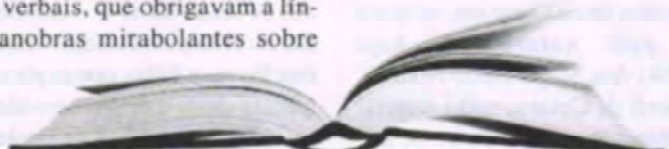


Jorrando pura e cristalina,  
A fonte flui permanente.  
Nada destrói, mas dá vida,  
Dá alegria a seus filhos  
Que dela se aproximam.

Pede à mão do homem  
Que não interfira  
em sua caminhada:  
Que a deixe brotar livremente  
Das profundezas da terra.

Rondinha, tu és bendita  
Por tua fonte d'água mineral.  
Alegra-te com esta riqueza,  
Bênção que Deus fez brotar  
Do coração de teu solo,  
Para as pedras do riacho.

(Leonilda Gasparetto  
é professora em Rondinha/RS.)





# Liga de Defesa Nacional



SANTINA RODRIGUES DAL PAZ

A Liga de Defesa Nacional (LDN) é uma instituição cívico-cultural, fundada em 7 de setembro de 1916, por um grupo de patriotas, sob a liderança do poeta Olavo Bilac (Olavo Martins dos Guimarães Bilac), de Pedro Lessa (Pedro Augusto Carneiro Lessa), de Miguel Calmon, do Dr. Wenceslau Brás, do Conselheiro Rui Barbosa, do Monsenhor Vicente Lustosa e outros, com personalidade jurídica própria, autonomia administrativa, técnica e financeira, com duração indeterminada e jurisdição em todo o território nacional, tendo sua sede e foro na capital federal.

A LDN com tantos anos de existência está voltada exclusivamente para atividades que buscam fortalecer um elevado sentimento de patriotismo. Esta instituição tem alcance em todo o território nacional, através da realização de solenidades em todos os municípios e capitais, nos quais dever ser acesas Piras no mesmo horário do dia 1º de setembro, nas festividades alusivas à Independência do Brasil, hora em que o Exmo. Sr. Presidente da República, em solenidade realizada na Praça dos Três Poderes, transfere o Fogo Simbólico que arde na Pira da Pátria, para todo o Brasil. Outras datas importantes de nossa Pátria tam-

bém são comemoradas, lideradas pela LDN. O Fogo Simbólico parte de Tiradentes, em Minas Gerais, do túmulo do Alferes Joaquim José da Silva Xavier, O Tiradentes, sendo a chama transferida à Pira da Pátria em Brasília.

Em Passo Fundo, a Liga de Defesa Nacional foi instalada no dia 24 de junho de 1938. Ela é destinada a congregar os brasileiros em torno de um ideal superior e patriótico, cuja existência devemos ao espírito perene de brasilidade do saudoso Olavo Bilac, poeta, escritor e jornalista, natural do Rio de Janeiro.

Os preparativos pró-fundação foram feitos pelo senhor Arthur Ferreira Filho, escritor rio-grandense, na ocasião, Prefeito Municipal e primeiro presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, após ter recebido, do Major Inácio Rolim, Presidente da Liga de Defesa Nacional do Rio Grande do Sul, o seguinte telegrama: "Senhor Arthur Ferreira Filho, Passo Fundo. Atendendo especial atenção do povo passo-fundense, organizando o Núcleo da Defesa Nacional, nesta cidade, o Diretório Regional far-se-á representar pelo Tenente Paranhos Antunes e Reis Bier, elementos destacados desta Diretoria, os quais seguem pelo noturno de hoje (23.06.1938). Ass. Major Inácio Rolim."

O Dr. Verdi de Cesaro, então secretário do Grêmio Passo-Fundense de Le-

tras, recém fundado (07.04.1938), e já prestando serviços à comunidade, publicou, no dia 24, no Jornal Diário da Manhã, o convite aos associados e demais pessoas da sociedade local para que, às 17h50min, se deslocasse, à Gare da Viação Férrea, a fim de recepcionarem os representantes do Diretório Regional da Liga. O senhor Prefeito Municipal encarregou-se de convidar as autoridades e o povo para ao ato.

O Prefeito Arthur Ferreira Filho formulou diversos convites a cidadãos passo-fundenses ilustres, para que fizessem parte da primeira Diretoria: Dr. Nicolau Araújo Vergueiro, médico; Major Cavalcanti, sub-comandante do Terceiro Regimento de Cavalaria da Brigada Militar; Capitão Orestes Cavalcanti, sub-comandante do II-8º RI; Dr. Antonio Bitencourt Azambuja, advogado; Sr. Antonino Xavier e Oliveira, escritor; Dr. Verdi de Cesaro, advogado; Dr. Armando de Souza Kanters, advogado; Dr. Odalgiro Correa, advogado e Dr. Tenak Wilson de Souza.

A solenidade da fundação e instalação do Núcleo da LDN teve lugar no Salão de Festas do Clube Comercial, às 20h do dia 24.06.1938. A abertura da sessão foi feita pelo Prefeito Municipal Arthur Ferreira Filho, que explicou as finalidades deste evento, convidando para presidir os trabalhos, o intelectual Te-

nente de Paranhos Antunes. O presidente, seguindo a programação anunciou a entrada da Bandeira Nacional, conduzida pela menina Nilza Cavalcanti e por uma guarda formada pelos alunos do Colégio Nossa Senhora da Conceição, devidamente uniformizados. O Pavilhão Nacional foi saudado pelos presentes com uma prolongada salva de palmas, e todos se mantiveram em pé, demonstrando respeito e grande amor à Pátria. Em seguida, ouviu-se, executado em clarins e cantado por todos os presentes, o Hino Nacional Brasileiro.

Dando prosseguimento à solenidade, o Tenente Paranhos Antunes fez o seu pronunciamento (muito aplaudido) e apresentou a nominata dos componentes da primeira Diretoria do Núcleo ora fundado, declarando-a ao mesmo tempo empossada, na pessoa do presidente que, então, assumiu a direção da solenidade. A referida diretoria ficou assim constituída:

- **Presidente Honorário:** Arthur Ferreira Filho (acadêmico)

- **Presidente efetivo:** Gabriel Bastos (acadêmico)

- **1º Vice-Presidente:** Tenak Wilson de Souza (acadêmico)

- **2º Vice-Presidente:** Eulina Braga (Diretora da E.E. Protásio Alves)

- **1º Secretário:** Sabino Ribas dos Santos (acadêmico)

- **2º Secretário:** Heitor Pinto da Silveira (acadêmico)

- **1º Tesoureiro:** Antonio Carlos Menna Barreto

- **2º Tesoureiro:** Gomercindo dos Reis (acadêmico)

#### **Oradores:**

- Francisco Antonino Xavier e Oliveira (acadêmico)

- João José Boeira Guedes (acadêmico)

- Odalgiro Correa (acadêmico)

#### **Conselho Permanente:**

- Armando de Souza Kanters (acadêmico)

- Tristão Feijó Ferreira (acadêmico)

- Celso da Cunha Fiori (acadêmico)

- Matilde Mazzeron (Diretora da hoje EENAV)

#### **Conselho Consultivo:**

- Pedro dos Santos Pacheco (acadêmico)

- Mário Braga (acadêmico)

- Gelson Ribeiro

- Aparício Langaro

- Antonio Vieira Schleder

Em continuidade à programação, usou da palavra o Dr. João José Boeira Guedes que, em nome do Grêmio Passo-Fun-

dense de Letras, hipotecou o irrestrito apoio daquela agremiação à iniciativa que acabava de se concretizar. O Sr. Ruas Amantino declamou uma poesia de sua autoria, saudando a Bandeira do Brasil. Entre os agradecimentos, foi lembrado o esforço do ilustre Sub-comandante do II-8º RI, Capitão Orestes Cavalcanti, que colaborou grandemente para o maior brilho desse evento.

Finalmente, depois de redigida a ata de fundação do Núcleo, a mesma foi assinada pelos presentes, encerrando a bela solenidade que deixou as mais gratas impressões pelo alto cunho de brasilidade de que se revestiu.

O que devemos ressaltar nesse pequeno relato, mas importante, é a presença marcante dos membros do Grêmio Passo-Fundense de Letras, hoje, Academia Passo-Fundense de Letras, na primeira diretoria da LDN.

Por um dever de justiça devemos lembrar dos demais presidentes desta entidade, que, com desprendimento e grande amor à Pátria, deram continuidade a este belíssimo trabalho. Vejamos:

- Gabriel Bastos (acadêmico)

- Sabino Ribas dos Santos (acadêmico)

- Nei Vaz da Silva

- Benedito Hespânia (acadêmico)

- Irineu Gehlen (acadêmico)

- José Belém de Carvalho

- Celso Gonçalves

- Gilboé Langaro Mendes

- Antonio Carlos Ancines

- Neiva Bonamigo Tonial

- Antonio Augusto Meirelles Duarte (acadêmico)

- Ivanio Suzin.

Ao Núcleo da LDN em Passo Fundo, por sua longa existência e bons trabalhos realizados, e a seus abnegados presidentes, externamos nossos agradecimentos e gratidão.

A Pátria somos todos nós, a nossa gente, vivendo em nosso território, falando a nossa língua, com a nossa cultura e as nossas realizações. A Pátria não falha. Falhamos nós, que a construímos e temos a obrigação de mudá-la naquilo que julgamos não ser correto.

A Liga de Defesa Nacional apela a todos os brasileiros, no sentido de que a chama que arde nas piras e nos archotes, por todo o nosso torrão, se transfira para os nossos corações, aquecendo o nosso amor ao Brasil.

(Santina Rodrigues Dal Paz é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Poesia

CRACI DINARTE

### Meu alimento

Escrever é meu alimento,  
meu agasalho,  
meu aconchego  
e minha dor.  
Escrever é minha voz  
que fala no silêncio,  
são os meus olhos  
que vêem no escuro.  
É minha alma  
que vibra com o sentir de tudo isso,  
transbordando em luz  
sobre meu corpo ferido.

### Palavras

Minha poesia  
galopa pelas coxilhas do sul,  
liberta,  
toca o verde esmeralda do campo  
e o azul do céu.  
Minha poesia  
galopa pelas coxilhas do sul,  
na busca  
de palavras, muitas palavras.  
Quando maduras,  
lança-as ao vento  
parecendo trigal que será alimento  
dos famintos de amor.

### Minha terra

Minha terra,  
Passo Fundo, é linda!  
Com coxilhas ondulantes,  
clima inconstante,  
ora frio,  
ora quente,  
logo após brisa ou vento forte.  
Não se parece  
com uma linda mulher alta,  
curvilínea e inconstante?  
Creio  
que por isso ninguém resiste,  
quando por aqui passa.  
Vão ficando,  
vão ficando,  
e terminam morando.  
Pois você tem tudo o que é bom,  
até Academia de Letras,  
provando que seus filhos  
amam a cultura.

# Saudação a 20 de maio, dia da imigração italiana



## SANTO CLAUDINO VERZELETI

Vinte de maio é o dia em que, no Rio Grande do Sul, imigrantes, migrantes e emigrantes de origem italiana festejam a chegada de seus ancestrais à terra dos montes e planícies.

Foram as crises econômicas na Europa que possibilitaram aos povos de além-mar a oportunidade de emigrarem para novas terras.

O Brasil foi escolhido por muitos deles, principalmente pelos italianos, como sua nova pátria.

Enviados do governo brasileiro buscaram atrair para cá imigrantes para ocuparem as novas terras no Sul do Brasil. A imigração italiana, que saiu especialmente das regiões do Vêneto e da Lombardia, veio atraída por promessas ilusórias, como o *Eldorado* e a *Cucagna*.

Inicialmente, se instalaram em São Paulo, no Espírito Santo e, após, no Rio Grande do Sul. Aqui os italianos eram pequenos proprietários, e desenvolveram sua autonomia econômica, protegendo sua etnia.

Mesmo tendo recebido terras íngremes e acidentadas, eles viram aqui a

concretização da sua maior esperança, que era se tornarem proprietários de uma gleba de terra. E conseguiram, com muito orgulho: *Quà noántri stemo bem, parche stemo sù tel nostro*".

O governo italiano pouco se importou com a evasão de seus filhos. E até sentiu-se aliviado com a redução da população faminta, que não tinha o que comer nem onde plantar.

Em Passo Fundo, o Centro Cultural Ítalo-Brasileiro Anita Garibaldi saúda o dia que comemora a imigração italiana no Rio Grande do Sul, manifestando um voto de louvor, e enaltecendo a confraternização de todos aqueles que souberam lutar em prol de seu espaço, de sua terra, de sua família e de seu estado.

A revista *Água da Fonte* soma-se também às homenagens dos 130 anos da vinda dessa brava gente, que tanto contribuiu para o progresso do país que os adotou como filhos. Saúda sua força, sua coragem, seu ardor pelo trabalho, com *la orassion*: "*Signore Dio, veringrassio de tanti benefici ricevuti in questo giorno. Ve prego ancora de dar-me*

*anca el santo e benedeto giorno, a mi, a me pupà, a me mama, ai fradei, sorele, parenti, amici, inimici, boni e fideli cristiani*".

Os imigrantes, ao chegarem a seu destino, logo trataram de construir sua casa, sem esquecer do capitel, onde pudessem fazer suas orações.

Em seu nome, devemos agradecer à natureza deste solo rico, pródiga no sustento proporcionado a esses heróis, que se tornaram cidadãos brasileiros a custa do trabalho e da coragem. Eram abundantes as aves, os peixes, os animais de caça e, de forma especial, a araucária que, por meio do pinhão, salvou-os da fome, no início de sua caminhada pelos matos gaúchos.

Os italianos e as primeiras gerações de seus descendentes foram pessoas de muita oração, que viviam em contato com a natureza e em comunhão com a família, os vizinhos e sua fé inabalável. Uma vez agraciados com a terra e a saúde, só lhes restava a preocupação com a vida eterna, como lhes incutira na alma a crença dos antepassados europeus.

Hoje, as novas gerações que descendem dos antigos imigrantes sofrem uma série de imposições do progresso e da modernidade, tanto econômicas, como sociais e políticas, e - por que não dizer? - enfrentam também divisões entre elas.

O mundo mudou. A sociedade evoluiu, criando novas exigências. E a tecnologia impõe novas regras. A natureza, por sua vez, vem sendo maltratada e tornando a vida dura e penosa. "*Per tutto che ai fato, te diciamo: Gracie, gracie!*"

Todos os anos, a 20 de maio, com grandes eventos e comemorações, recorda-se o feito da imigração italiana, que completa 130 anos em 2005. A pujança de nosso Rio Grande, nos dias de hoje, deve muito a esses desbravadores do passado.

"Salute a tuti quanti i italiani!"

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e secretário geral do Centro Cultural Ítalo-Brasileiro Anita Garibaldi.)



# O Primeiro Romance Gaúcho

PAULO MONTEIRO

Um dos maiores mistérios da história literária do Brasil acabou em 1992, quando o livreiro pelotense, Adão Fernando Monquelat, localizou, na capital uruguaia, o único exemplar, até o presente conhecido, dos dois volumes de *A Divina Pastora: Romance Rio-Grandense*, impresso na Typographia Brasileira de F. M. Ferreira, no Rio de Janeiro, no ano de 1847.

Durante 145 anos o livro de José Antonio do Valle, que mais tarde acrescentaria os sobrenomes de Caldre e Fião, esteve desaparecido. Após encontrado em Montevideú, foi adquirido pela RBS – Rede Brasil-Sul de Comunicações, de Porto Alegre, que promoveu a segunda edição, ainda em 1992.

*A Divina Pastora*, além de ser o primeiro romance gaúcho, é um dos iniciadores da prosa literária mais longa no Brasil. Seu autor, agora comprovadamente, inscreve seu nome entre os pioneiros Joaquim Norberto de Souza e Silva, José Pereira da Silva e Joaquim Manuel de Macedo. Os dois primeiros, irmãos, escreveram na década de 1830/40. Macedo, que publicou *A Moreninha* em 1844, foi o primeiro romancista brasileiro a ter sucesso.

Entre o livro de Macedo, nascido em 1820, acadêmico de Medicina, e o de Caldre e Fião, nascido em 1821, há algumas coincidências. Ambos se tornaram médicos, exerceram o jornalismo, foram parlamentares, compuseram versos e as personagens de seus primeiros livros são mulheres – Carolina, em *A Moreninha*, e Ediléia, em *A Divina Pastora* –, que acabam sozinhas. As coincidências, digamo-lo assim, não param por aí. Macedo (Cap. XII) faz críticas à medicina de seu tempo, em termos às efetuadas por Caldre e Fião (Parte Terceira). O fluminense apresenta uma manifestação indianista, uma lenda (Cap. IX), o gaúcho (Parte Quarta) mostra Kajururá, cacique minuano. E para quem

julgar pouco, ambos procuram explicar os caracteres usando seus conhecimentos de Medicina, o que pode prestar-se à interpretação como alguma espécie de pré-naturalismo.

*A Divina Pastora* é um romance histórico, apesar de apresentar características de uma obra de costumes. Não vamos discutir hipóteses para seu desaparecimento por quase um século e meio. Pouco importa se isso se deve a uma represália de contrabandistas de escravos contra o líder abolicionista Caldre e Fião, ou ao tipo de pacificação do Rio Grande, após a Revolução Farroupilha.

Caldre e Fião procura dar uma fundamentação realista, citando dados,



personagens e locais reais. Almênio, o monarca das coxilhas, é muito mais real do que Manuel Canho, o centauro das coxilhas, de *O Gaúcho* (1870), de José de Alencar. Almênio, apesar de todo o moralismo folhetinesco de seu criador, toca-nos ainda por seu realismo. Já Manuel Canho é um elemento estereotipado. Edélia, embora pareça mais uma personagem do Arcadismo – atente-se para o re-batismo para *A Divina Pastora* que lhe foi imposto pelo povo, no dizer do romancista – é mais humana, mais concreta do que Catita, criada pelo escritor cearense. Almênio acaba feliz com a nobre prussiana Clarinda, enquanto Edélia cuida de doentes e desamparados; Canho e Catita, em meio a uma tempestade, engarupados, nessa égua morena, quase humana como a cavalhada que povoa a Pampa mítica de Alencar,

precipitam-se num abismo. Sobra a imagem facinorosa de Félix à margem do despenhadeiro.

Almênio, no reacionarismo político de Caldre e Fião, é um herói positivo. Entrando no drama romanfístico ao lado dos Farroupilhas, revê suas posições políticas e conquista o amor e o respeito das pessoas "moralmente" corretas que estavam do lado legalista. Enquanto isso, mesmo mudando de lado na Revolução, Colomim acaba fuzilado por seu próprio filho, o pusilânime Francisco, capitão do Exército Imperial.

*A Divina Pastora* procura explicar a Revolução Rio-Grandense de 1835, como consequência de "alguns abusos", "levando os homens ao fanatismo político", preparado em "clubes diversos".

Essa oposição ao *status quo* político é alimentada pelo egoísmo e por elementos completamente negativos. Numa palavra: toda revolução é má, e todos os maus, independentemente do grau da maldade, acabam destruídos ao final do romance. Colomim, louco, é fuzilado pelo filho Francisco, que termina enlouquecido ao lado da ensandecida Amélia, ambos findando seus dias na miséria. A escrava Susana também falece ao terminar o livro. Fabrício é outro que enlouquece, sendo recolhido por Edélia. E, em posição inversa a *O Gaúcho*, de Alencar, o romance de Caldre e Fião termina, para que ainda sobre alguém mau na face da Terra.

*A Divina Pastora*, guardadas as limitações de seu autor e o estágio em que se encontrava a ficção brasileira da época, insere o Rio Grande do Sul na gênese do romance nacional. Uma das últimas fronteiras consolidadas do Brasil, o Rio Grande precisa lembrar seu primeiro romance, contribuindo para que ocupe o lugar na história literária nacional, que já lhe estaria assegurado, não fosse um sumiço de 145 anos.

(Paulo Monteiro é membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 32, que tem como patrono o poeta e jornalista Gomercindo das Reis.)

# O acesso à água em Passo Fundo. Passado, presente e futuro

HUGO ROBERTO KURTZ LISBÔA

**E**stimulado pela longa seca pela qual que fomos assolados neste verão de 2005, interessei-me pela maneira como o Passo Fundo antigo tinha acesso à água durante seu desenvolvimento.

Geralmente, o que determinava o local para erguer-se uma povoação era, entre outras características, a facilidade do acesso à água. Tanto que nosso primeiro morador, o Cabo Neves, escolheu para morar, em 1827, um local onde havia e há uma fonte. Essa nascente, segundo a história, mesmo nas mais extensas estiagens, como a atual, nunca secou.

O local é conhecido atualmente como Fonte da Mãe Preta, e inventa-

ram uma lenda sobre o lugar. Esse nome, entretanto, é uma criação mais recente, pois na minha infância era chamado simplesmente de Chafariz. Havia um cano, arrumado toscamente no centro de um painel de pedra, por onde jorrava copiosamente uma água puríssima. Ao lado, aproveitando a abundância da água do olho-d'água, havia tanques para lavar roupas.

Costumava, nas noites de verão, descer da Avenida Brasil, entre revoadas de vaga-lumes, para buscar água para algumas pessoas de idade que atribuíam a ela poderes medicinais. Atualmente, o mau planejamento, o descaso e a ignorância contaminaram a região com esgoto, e atualmente não é mais potável.

Existiam também os banhos públicos. O pessoal chegava a cavalo, procurava

um desses banheiros onde, por poucos tostões, recebia um pedaço de sabão e uma toalha e podia dar uma caprichada no visual antes de chegar "nas casas".

Havia um banho abaixo do atual Corpo de Bombeiros, onde era a antiga cadeia, na esquina da Rua Teixeira Soares com a Rua Independência, os "Banhos dos Rech". Recentemente, estive caminhando com meu filho Gustavo pela região e observamos água correndo nas bocas de lobo que permitem ver a canalização subterrânea.

Tergiversando, havia ali por perto uma benzedeira famosa, aí pelos anos 30, chamada "Sinhá Tuca". Curava cobreiro e "mijada de aranha" como poucos. Com um facão ela riscava o solo e entoava palavras cabalísticas para expulsar a doença do corpo dos seus pacientes.





Havia o Banho Ideal, onde hoje é o Hotel Itatiaia. Algumas taquaras traziam a água de uma vertente e distribuíam por compartimentos, onde os viajantes e os moradores da cidade faziam seu asseio.

Até hoje temos bebedouros para animais de montaria em partes da cidade. Eram os postos de gasolina dos veículos utilizados na época: cavalos ou mulas. Não sei bem como mantinham a água em seu interior. Acredito que deveriam estar perto de fontes, mas não tive resposta para essa questão.

Muitos poços foram perfurados e boa água era obtida em todos eles. Esta água era retirada com baldes e usada para toda necessidade doméstica. No inverno, a água tinha que ser aquecida para permitir o banho nos frios invernos do Planalto Médio.

A água do Rio Passo Fundo era também consumida. Cheguei a conhecer o rio com sua água ainda transparente, na década de 50, e cheguei a ingeri-la, não sem um certo temor, em alguma ocasião. Progressivamente, o rio foi sendo agredido e atualmente agoniza atulhado de lixo e esgoto. O Arroio Miranda, do qual é retirada parte da água para o consumo da cidade, mostrou durante esta estiagem de 2005, sua enfermidade. Milhares de peixes mortos denunciaram, pela primeira vez na região, que arroios nos arredores da cidade já estão intoxicados pelo lixo, e a poluição burra é ali despejada sem controle pela população.

Passo Fundo sempre teve uma pujança desenvolvimentista, que a fez chegar ao estágio de pólo universitário e de serviços em que se encontra hoje.

A falta de cuidado com o meio ambiente, entretanto, ocasionou destruição das condições naturais que fizeram a região ser escolhida para sediar povoações. Os dezoito córregos que atravessam a cidade estão envenenados e moribundos. A cidade está sempre suja, com lixo espalhado por toda a sua extensão e arredores.

É necessário que nós, passo-fundenses de origem ou opção, nos unamos numa nova cruzada. Dessa vez não contra um inimigo externo, pois, neste momento, ele, como um vírus malévolos, está dentro de nós. Temos que educar e dar o exemplo para que a terra, os campos, a mata e a água tenham o cuidado que merecem. Precisamos curar a cidade doente pelo descuido com que lidamos com o lixo e os dejetos que produzimos.

Hoje é possível pescar novamente no Rio Tamisa, no centro de Londres, que estava contaminado pela poluição industrial, graças a uma política severa de despoluição adotada há alguns anos. Espero que o Gustavo, o Frederico, o Bernardo e a Carolina, meus filhos, possam ver o rio, que deu nome à cidade que os viu nascer, correr pisco e límpido.

#### Agradecimento

Agradeço às Senhoras Zila Kurtz Lisboa e Sueli Carvalho, pelas informações históricas que fundamentaram este artigo.

(Hugo Roberto Kurtz Lisboa é médico e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Tragédia urbana

HELENA ROTA DE CAMARGO

Olho ao redor e alguma coisa me diz que a bomba vai explodir no shopping. Viro o rosto para o lado e percebo que as flores vão explodir na praça. Quando desço do ônibus, sinto um cheiro de nostalgia no ar. Caminho até o Banco e me dou conta de que todos apertam o passo, engolem em seco, andam como sonâmbulos. Sem ver ninguém Sem conhecer ninguém.

Nem mesmo os néons que faiscam nas vitrines despertam a faixa romântica dos homens. Enchem-se os bares de gente, mas essa gente é tensa. Fechada na casca. Ri aquele riso desmaiado somente pra marcar presença. Conversa pra fraudar o estresse.

Deus meu! Que será que está acontecendo?

O sol se desmancha em carvão. A humanidade descarrila seu comboio de afetos e sonhos. Onde o sorriso sem preço? O abraço coloquial da amizade? O colo fumegando incenso? O bate-papo com o vizinho?

Todos mudos. Cegos. Apáticos. E perseguidos por diabos com patente de *new collection*. Nem o catador de lixo, com sua geringonça, se sente à vontade na boca do caos.

Eu disse *caos*? – Isso mesmo. É como defino essa ciranda de autómatos. Entes que passam sem tempo. Sem chama. Sem alma. Enquanto as ruas palpitam, os carros buzina, os expositores acenam, o mundo gira e range a perda de sua identidade. Fora do eixo. Desarticulado. Até cínico.

Rude tornou-se a vida no torvelinho dos rostos sem face. Sem nome.

Chama-se a isso progresso?

Paro. Penso. Apalpo-me...

Prefiro chamar de tragédia.

**Do livro (no prelo):** Enquanto as Cigarras Dormem - crônicas amanhecidas

# Nossa Língua Portuguesa

LUÍS MARCELO ALGARVE

O português é a língua que os portugueses, os brasileiros, diversos africanos e alguns asiáticos aprendem no berço, reconhecem como patrimônio nacional e utilizam como instrumento de comunicação, quer dentro da sua comunidade, quer no relacionamento com as outras comunidades usuárias da língua portuguesa.

A língua portuguesa não dispõe de um território contínuo (mas de vastos territórios separados, em vários continentes), e não é privativa de uma comunidade (mas é sentida como sua, por igual, em comunidades distanciadas). Por isso, apresenta grande diversidade interna, consoante as regiões e os grupos que a usam. Mas, também por isso, é uma das principais línguas in-

ternacionais do mundo.

A língua portuguesa foi transportada para os territórios colonizados durante a expansão extra-européia, sendo um dos principais instrumentos desse processo. Quando a expansão começou, no início do século XV, a língua acabava de sair de uma outra fase de expansão territorial, no interior de Portugal, que a transportara até o Algarve desde o seu berço: as terras galegas e nortenhas.

O português é uma língua nascida no Norte e que cresceu para o Sul. Tal como aconteceu com o castelhano e com o francês, começou por ser um conjunto de dialetos provinciais (galego-portugueses), passou a língua de uma nação e depois a veículo de um império. Distinguem-se, nesse percurso, dois ciclos sucessivos.

Primeiro, o da *elaboração da língua*, desenvolvido entre os séculos IX

e XIV, na esteira da reconquista territorial. Conquistado o Algarve e fixadas as fronteiras, foi o território repovoado por povos do Norte, que transplantaram a sua língua para o Sul, onde se falava árabe e havia ainda vestígios de antigos dialetos românicos, meridionais. A língua ocupante transforma-se, pelo contato com os substratos locais e pela mistura, nas novas terras, de dialetos que no Norte se achavam separados. Os dialetos ao Sul do Mondego são por isso mais homogêneos que os seus parentes mais velhos do Norte.

Segundo, o da *expansão da língua*: a transferência do poder para o centro do reino, com a capital em Lisboa, fez com que, a partir do século XV, os novos dialetos falados nessa região ganhassem ascendente sobre os do Norte e fornecessem a base para a elaboração de uma norma culta de características meridionais, que está na origem do moderno padrão lingüístico. Nesse período, enquanto se consolida e estrutura dentro de portas, a língua portuguesa expande-se para fora das fronteiras européias.

O mundo lusófono (que fala português) é avaliado hoje entre 170 e 210 milhões de pessoas. O português, oitava língua mais falada do planeta (terceira entre as línguas ocidentais, após o inglês e o castelhano), é a língua oficial em oito países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

No Brasil, a Constituição Federal, em seu artigo 13, proclama a língua portuguesa como idioma oficial. No §2º do artigo 210, a Constituição prevê que o ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada, porém, às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Tamanha é a importância e a expansão da língua portuguesa no mundo que, em 17 de julho de 1996, na cidade de Lisboa, foi criada a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), objetivando a amizade mútua e a cooperação entre os seus membros, nas áreas da educação, saúde, ciência e tecnologia, defesa, agricultura, administração



pública, comunicação, justiça, segurança pública, cultura e desporto.

Os países acima mencionados são os membros da CPLP, tendo a organização como sede a cidade de Lisboa. Dentre os princípios que regem a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa estão:

- igualdade soberana dos Estados membros;
- não-ingerência nos assuntos internos de cada Estado;
- respeito pela sua identidade nacional;

tuem um espaço geograficamente descontínuo, mas identificado pelo idioma comum. Esse fator de unidade tem fundamentado, no plano mundial, uma atuação conjunta cada vez mais significativa e influente."

Trata-se de estímulo à difusão da língua portuguesa por intermédio de uma comunidade que reúne países de vários continentes. Para a CPLP - e assim deveria ser para todos nós - a língua de um povo é patrimônio histórico e cultural inabalável e, pois, deve servir para unir

és nestes países deveria ser considerada prioritária. A construção de materiais didáticos informatizados e de dicionários eletrônicos seria outra medida fundamental".

Dentre as várias sugestões de defesa e progresso da língua portuguesa na atualidade, ousa-se apontar alguns critérios que, antes de qualquer coisa, preservam a língua de um país ou comunidade.

Em primeiro lugar, é preciso mostrar, apresentar e ensinar a língua portu-  
guesa



- reciprocidade de tratamento;
- primado da paz, da democracia, do estado de direito, dos direitos humanos e da justiça social;
- respeito pela sua integridade territorial;
- promoção do desenvolvimento; e
- promoção da cooperação mutuamente vantajosa.

Sem dúvida, os objetivos da CPLP são sobretudo relevantes e, além disso, compatíveis com os desígnios de desenvolvimento e progresso dos países subscritores. No entanto, o objetivo que mais chama a atenção nos ideais da comunidade é o desenvolvimento de uma identidade comum e influente perante a sociedade mundial. Vejamos as palavras da declaração assinada conjuntamente:

"A CPLP assume-se como um novo projeto político cujo fundamento é a Língua Portuguesa, vínculo histórico e patrimônio comum dos Oito - que consti-

as pessoas em verdadeira cooperação, nas mais diversas áreas do desenvolvimento humano.

Embora a deflagrada vontade da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa de tornar a língua um veículo de progresso e cooperação entre os povos, constata-se que muito ainda há por fazer. Como diz José Manuel Matias, "investir no ensino do português em países pertencentes a blocos políticos regionais emergentes, como a SADC e o MERCOSUL, com perspectivas de desenvolvimento econômico futuro, será medida acertada. Investir no ensino do português em países que necessitam impreterivelmente do português para a estruturação do seu próprio Estado e da sua coesão nacional, sob pena de se transformarem em entidades ingovernáveis, será outra medida acertada. A formação de professores de Portu-  
guesa

sa às pessoas. O ser humano tem por natureza a característica de se interessar por aquilo que entende, ou melhor, que compreende. Assim, investir pesadamente nos professores e, além disso, valorizá-los como agentes propulsores de cultura e desenvolvimento, é o caminho inicial.

Nesse aspecto, permito-me abrir um parêntese para relatar uma experiência pessoal. Desde criança sempre me interessei pela escrita portuguesa. Preenchia cadernos com textos e poemas variados. As palavras me instigaram a conhecer a língua portuguesa, a fim de que pudesse empregá-las da melhor maneira possível. Fui, sem dúvida, um privilegiado, pois tive bons professores de Português, sendo dois deles excelentes profissionais da nossa língua. São eles: o professor Ironi Andrade e a professora Lourdes Bé Costa. Ambos são verdadeiros expoentes do



ensino da língua portuguesa. E por quê? Simplesmente porque transmitem conhecimento, ministram ensino e chamam a atenção dos alunos para a importância da língua bem falada, da língua bem escrita, mas, sobretudo, da língua bem compreendida.

Seguindo a sugestão de critérios, chega-se à defesa da língua portuguesa contra a intromissão de termos estrangeiros que violam a identidade do país ou comunidade.

Não se pode aceitar passivamente essa avalanche de estrangeirismos que está tomando conta dos nossos livros, das nossas conversas, da nossa mente. Abrir um comércio, hoje, sem se utilizar da língua estrangeira, especialmente a inglesa, parece que é sinônimo de mau negócio, uma vez que o número de empreendimentos que abusam do estrangeirismo vem crescendo paulatina e desenfreadamente.

Conforme salienta Elsa Rodrigues dos Santos, "a língua portuguesa é suficientemente rica, comportando, na maior parte dos casos, o equivalente nacional para o estrangeirismo. É igualmente maleável, permitindo quer o seu aportuguesamento, desde que seja feito em bases corretas, quer a construção de um neologismo legitimamente português. O importante é, deste modo, obstar à invasão sistemática e cada vez maior do estrangeirismo, sobretudo de origem inglesa, seja por via das novas tecnologias, seja por via da dita globalização que não é mais do que a sujeição ao imperialismo anglo-saxónico".

Seguramente, existem outros mecanismos de preservação e difusão de uma língua, como por exemplo, o incentivo à leitura e à escrita. Contudo, entende-se que todos os projetos e idéias de desenvolvimento e progresso da língua portuguesa passam pelo investimento no ensino e pela defesa da língua, devendo as diretrizes governamentais, em conjunto com as comunidades constituídas, divulgar e propagar que a língua é a identidade de um povo, e que sem ela nos tornamos escravos da massificação imposta por um único idioma. Afinal, conforme observou o Prêmio Nobel José Saramago, "uma língua que não se defende, morre". (Fonte: Instituto Camões.)

(Luís Marcelo Algarve é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

### Eles estão em toda parte

Anjos que nos defendem,  
anjos que nos entendem.  
Eles estão por aí, com sua sabedoria.  
África, Ásia, América, Europa ou Oceania.  
Nos protegem e nos vigiam,  
nos apóiam e nos guiam,  
estão lá se você erra.  
Netuno, Urano ou Terra.  
Eles estão em qualquer lugar:  
no céu, na terra ou no mar.  
Vivem nossas vidas,  
procuram saídas.  
Sinto suas presenças, mas não aparecerão.  
Vênus, Júpiter ou Plutão.  
Derrubam barreiras,  
transpassam fronteiras  
e nada cobram,  
não recebem recompensas,  
não esnobam,  
não criam atritos,  
desmancham conflitos,  
mas não ficam cansados  
e continuam ali, por todos os lados.  
Nos deixam sonhar,  
nos fazem voar,  
liberam nossa fantasia,  
nos cedem sua ousadia.  
Mas é preciso acreditar,  
pois eles estão em toda parte,  
em cada centímetro cúbico de ar,  
Mercúrio, Saturno ou Marte.



### Juízo Final

Viverei para ver o que acontecerá a todos vocês,  
inúteis humanos, que abandonaram sua verdadeira  
liberdade para entrar num mundo lixo.  
Corram atrás de bens, corram atrás de escravos,  
vocês morrerão juntos mesmo,  
tudo só terá sido capricho.  
Bagunchem suas vidas, matem, roubem, explorem.  
O destino de vocês é deitar embaixo da terra.  
Briguem por posses, lutem por armas,  
não amem, façam guerra!  
Estraguem tudo o que lhes foi dado de graça.  
Destruam seus rios, seus lagos,  
suas florestas e seus animais.  
Matem a vocês mesmos,  
humilhem seus irmãos,  
acabem com seus pais.  
Mas não se arrependam de terem abandonado  
suas vidas para imitarem o que um outro faz.  
E, se algum dia vocês conseguirem, por favor:  
**DESCANSEM EM PAZ!**

# Literatura é escrever conforme o Belo



JORGE EDETH CAFRUNI, *In memoriam*

**E** Amo. Sr. Dr. Celso da Cunha Fiori, DD. Presidente do Grêmio Passo-Fundense de Letras.

Caros gremistas, Exmos. Srs. e Exmas. Sras.

É, sem dúvida, grande honra para mim, simples rabiscador de letras, ser cogitado pelo benemérito e ilustre Grêmio de Letras, ser proposto e aceito para integrá-lo, proporcionando-me o ensejo de

um convívio estreito, amigo, distinto, com elementos exponenciais da cultura passo-fundense.

Quero, inicialmente, agradecer às expressões amigas do vosso orador, notável homem de letras, sr. Arthur Sussenbach, meu dileto companheiro de imprensa e do Instituto Histórico de Passo Fundo, expressões essas que me sensibilizam, distinguem, me elevam, ao mesmo tempo que me acanham, me fazem ensombrecer a mente, me atordoam, porque me lembram que fugaz é toda distinção, todo desvanecimento, todo títu-

lo de fachada, diante do sublime desconhecido, imperante além-túmulo; diante do mistério imenso e majestoso, que faz os pequenos, grandes, e os grandes, pequenos, e perante o qual se abatem e se esboroam as vaidades e as grandezas humanas.

Estou ingressando num grêmio de letras, conduzido pelo Dr. Fiori, templo em que se cultua a arte da palavra, mãe de todas as artes, porque é o veículo do pensamento imaginoso e abstrato, enquanto todas as demais apenas nos falam à imaginação.

E por ser a literatura esse refinamento da arte, na multiplicidade dos seus aspectos, é que foi colocada na cúpula de todas, tendo como expressão máxima a poesia, que vibra, como a lira, numa ode de Píndaro ou de Anacreonte; que enlanguesce a alma, nas nêias e epicédios de Propércio; que enternece e exalta, num madrigal renascentista; ou que arrebatava, até a exaltação clangorosa, numa epopéia de Homero; ou que, ainda, finalmente, nos transporta ao sublime da Verdade, do Bem e da Justiça, através dos vãos filosóficos e líricos de Platão.

Eis, pois, o que se cultua neste recinto augusto.

A literatura tem por objeto o homem e a natureza, como as demais artes e a própria ciência.

E, como a arte em geral, é ela a expressão ideal do sentimento. A melhor literatura possui forte conteúdo emotivo. Só podemos dizer que uma obra literária é boa, quando ela nos prende e arrebatava, quando nos faz palpitar de interesse, quando nos faz vibrar de emoção.

Dá ser ela profundamente humana.

A literatura, aliás, é a mais humana de todas as artes. Joga com a palavra, em peregrinas combinações, falando-nos à alma, e sabemos todos que a palavra é genuinamente do homem.

A música pode interessar, igualmente, aos animais; as experiências de insígnies psicólogos, como Pavlov, descobriram que os sons melódiosos não são indiferentes aos irracionais.

As letras são do homem para o homem.

Aqui, neste Grêmio de Letras, não cultivaremos outra coisa. Seremos todos dedicados à arte literária. E jamais esqueceremos que a boa norma do escrever bem é dar vida àquilo que se escreve.

A palavra é algo animado e vibrátil.

Quem escreve dá alguma coisa de si mesmo, razão por que se diz com muita

propriedade, com Buffon, que o estilo é o homem. Somos denunciados, em nosso íntimo, por aquilo que escrevemos e que dizemos.

Mas nem sempre aquele que escreve bem é um "bom homem". Infelizmente, a regra da moral não pode ser aplicada à literatura, como norma do escrever excelentemente.

É que literatura não é escrever conforme o Bem, mas conforme o Belo, e o Belo pode ser também terrífico e apavorante, como as produções de Edgar Poe, de Hoffmann ou mesmo do divino Dante.

Mas, somos daqueles que recomendamos a conformidade do Belo com o Bem, porque a literatura, meio ideal de comunicação entre os homens, deve estar a serviço da civilização e da felicidade humana.

O escritor não pode arguir, consoante aquele personagem de Walter Scott, em "Rob Roy", que afirmou: - "Feliz aquele, cujas boas intenções deram frutos e cujos maus pensamentos morreram em flor".

Não, um escritor não pode valer-se de um tal subterfúgio, porquanto suas palavras perduram, gravadas indelevelmente no papel, e se tais palavras são más, ficam para sempre, espalhando seu fel, contaminando os corações e pervertendo as consciências.

Em literatura, como em tudo o mais, cada um dá o que tem.

Eça de Queiroz e Augusto dos Anjos são dois valores incontestes das letras luso-brasileiras.

O primeiro encanta pelo estilo e o segundo pelo sabor selvagem de suas invectivas. Ambos, porém, pessimistas, e apresentando a vida por um prisma

postivo e deformado, intentam impingir seus escritos como verdades inconcussas, e tivemos uma visão desalentadora e, por vezes, repelente do homem e da sociedade.

Não são verdadeiros senão pela metade, pois que desconhecem a linguagem da afeição verdadeira e pura, os lances de abnegação e heroísmo, os assomos da coragem e da virtude, fatos que, pelo seu número incontável, enriquecem e glorificam páginas imortais da história da humanidade.

Platão, Milton, Camões, Shakespeare, Olavo Bilac, Euclides da Cunha tiveram visões bem mais grandiosas e verdadeiras.

Souberam compreender o Homem em sua integridade, com seus defeitos e seus méritos. Fizeram mais: aferiram os valores humanos, exaltando a virtude e condenando o vício e o crime.

Bocage e Gregório de Matos, com toda a sua veia satírica, estiveram a serviço do bem e da virtude.

Suas verrinas, sem dúvida, não vergastavam senão aos maus, aos egoístas, aos aventosos, aos viciosos e aos prepotentes.

Não menosprezaram o Bem, visto que jamais esqueceram de o encarecer e lisonjear.

Gregório de Matos, satirizando sua época, e a sociedade balofa, convencional e estreita, assim diz em magníficos versos:

"Dei por besta em mais valer,  
Um me serve, outro me presta;  
Não sou eu de todo besta,  
Pois tratei de o parecer:  
Assim, vim a merecer  
Favores e aplausos tantos

Pelos meus néscios encantos  
Que enfim e por derradeiro  
Fui galo do seu poleiro  
E lhes dava os dias santos."

Esse linguajar solto, despegado e mordaz atingia bem ao alvo, maldizendo a fatuidade e o falso colorido de uma sociedade viciosa. E, na verdade, não há por que sejamos condescendentes com os erros e prejuízos de nossa época, pois que, zurrindo e condenando com veemência, é, muitas vezes o meio único de atingirmos o império do equilíbrio, da tolerância e da equanimidade.

E tanto não foi de maldade a literatura daquele notável poeta baiano, que nos legou este final de soneto inspirado, transbordante de fé e de espiritualidade:

"Se uma ovelha perdida, já cobrada,  
Glória tal, e prazer tão repentino  
Vos deu, como afirmais, na sacra história,  
Eu sou, Senhor, ovelha desgarrada,  
Cobrai-a, e não queirais, Pastor divino,

Perder na vossa ovelha a vossa glória!"

Eis um poeta que deu o que tinha, como, aliás, todo verdadeiro poeta.

E a arte literária nada mais é do que escrevermos intelegivelmente, com clareza, precisão, simplicidade e sinceridade.

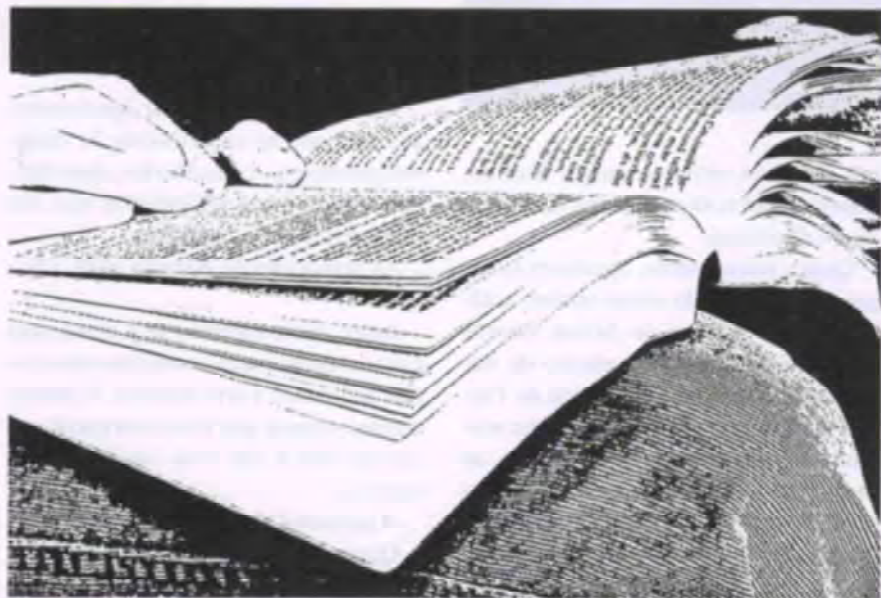
Devemos escrever com a consciência a iluminar cada palavra, cada sentença, cada período. A literatura insincera não convence e torna árido e tedioso o estilo.

Divagando pelas letras estrangeiras, encontramos exemplos interessantes, como estas quadrinhas japonesas, traduzidas por Wenceslau de Moraes, escritor português, em que a malícia não chega a ferir, tão leve, espontânea e simples nos chegam;

"Batendo co'as mãos na esteira,  
Diz ela ao bom do marido:  
- Eu cá não sou ciumenta,  
Mas não hei compreendido  
Como, abrindo o guarda-chuva,  
Quando a chuva em força vinha,  
Encharcaste uma das mangas,  
Ficando a outra enxutinha!..."

Tirai a simplicidade a estes versos, e nada vos restará.

A literatura não impressiona tanto pelo estilo rebuscado e cheio de ouropéis, quanto pela singeleza e amenidades. Mas eis o paradoxo da literatura: a maior dificuldade está não em escrevermos pomposamente, mas no





fazê-lo de modo simples e natural.

É bom que se diga, neste passo, que a simplicidade do escrever depende, muitas vezes, de árduo trabalho.

Só depois de muito cortar e emendar é que um escritor atinge a naturalidade de expressão.

Depois, com o tempo e tirocínio, consegue o beletrista a simplicidade espontânea, como, por exemplo, a de um René Chateaubriand, de um Camilo Castelo Branco ou de um Eduardo Prado.

O escritor, sobretudo, deve possuir, sem dúvida, certa cultura.

Não deve desconhecer a psicologia e a sociologia.

Ter uma visão geral e firme da História, da Filosofia e de várias ciências, aquelas que mais interessam às relações humanas.

Não se exige do escritor profundidade em todas as coisas.

O que se deve reclamar dele é a solidez do seu edifício cultural, base de seus conhecimentos e de suas convicções, e, o que é mais importante, substância de suas produções literárias.

Observando-se as sociedades primitivas, verificamos que as possibilidades de sua sobrevivência dependiam, sobretudo, de um progressivo conhecimento da natureza e da utilização das matérias-primas por ela fornecida.

Dessa forma, conseguiram proteger-se contra acidentes e catástrofes.

Depois, com a segurança alcançada, chegou também a possibilidade da expressão, através do canto e da dança, do desenho e da forma; os primeiros vinculados aos ritos religiosos e os segundos relacionados com os ídolos e utilidades domésticas.

Quando as comunidades cresceram

em número e complexidade, a linguagem também se ampliou, como consequência de um esforço para expressar a experiência recolhida.

Novas exigências práticas, novos conhecimentos e novas teorias implicavam um aumento e um uso mais especializado dos vocábulos.

Com a invenção da escrita, a sociedade deu um novo salto, iniciado com símbolos e sinais, em pedras, na argila, no pergaminho e no papel, manifestando o nascimento do simbolismo na expressão da idéia, pensamento, sentimento, fato ou notícia.

A escrita permite a possibilidade de fixar a idéia ou as idéias, num momento dado, e volvermos a examiná-las mais tarde, quando nos aprouver.

Eis chegado o tempo, em que o homem pode, desde antes, estudar os seus próprios pensamentos, como o faria com qualquer outro objeto natural.

A linguagem, todavia, teve suas raízes na necessidade que os homens tiveram de comunicar, entre si, idéias e notícias, por maneiras e modos distintos aos da palavra falada, e é nesta necessidade social que se radica a origem do dilatado campo da expressão, dominando a literatura e a arte.

A cultura adquire-se pela troca de idéias, através da palavra falada ou escrita, isso quando nos atemos ao domínio literário.

E a cultura compreende domínios vastos, incluindo, naturalmente, a literatura.

Dá a necessidade de o escritor ser versado nos vários conhecimentos, para escrever e comunicar algo aos seus semelhantes.

Uma produção literária não deve ja-

mais ser vazia ou deletéria.

Falamos, aqui, sob o prisma psicológico, pois que o homem, como queria Bérson, é um crescimento no tempo.

O nosso "eu" cresce, prolonga-se com a passagem dos momentos, e esses momentos são apenas perceptíveis através de marcos e sinalizações, em sua trajetória, marcos e sinalizações que são, em substância, a apreensão de novos conhecimentos.

Uma leitura é vazia quando enfada. Quando não informa. Quando nos dá uma sensação de vácuo. Quando não estimula a sensibilidade e o intelecto.

Por exemplo: quem poderá dizer que não há riqueza de informações nesta passagem do genial Castro Alves:

"Dilacerado, o rio, espadanando,

Chama as águas da extrema do deserto...

Atropela-se, empina, espuma o bando...

E em massa rui no precipício aberto...

Das grutas, nas cavernas, estourando,

O coro dos trovões travam concerto...

E ao vê-lo as águas, tontas, eriçadas, Caem de horror no abismo, estateladas..."

É como um correr atropelado de imagens, soberbas, grandiosas, que se estereotipam em nossa retina.

É uma leitura que empolga, que acrescenta algo em nós mesmos, influenciando, sobretudo, em nossa evolução na vida, dando-nos uma visão diferente de beleza, possibilitando um aumento de nós mesmos.

Esse estado de alma é melhor interpretado nestes lindos versos de Gonçalves Dias, o infelizmente poeta maranhense:

“Revela tanto amor, tão branda soa  
A tua doce voz, canora e pura,  
Que o homem de a escutar sente no  
peito

Infiltrar-se-lhe um raio de ventura”.

E a sensação que nos deve dar as  
letras é justamente esta: a de grandeza, de  
ventura, de satisfação e de plenitude.

Eis a verdadeira literatura, aquela que  
não deprime, que não descoroçoça, que  
não amesquinha o sentido e o destino  
da vida humana. Literatura que enriquece  
nossa alma, que acrescenta algo em  
nós mesmos, que nos informa e nos  
engrandece.

Mas, a divagação já vai longe.

Tenho fé no destino das letras, nota-  
damente em Passo Fundo, cidade quase  
universitária, e que congrega elementos  
de escol, como estas figuras brilhantes  
que integram este sodalício e outras  
muitas, dispersas nos mais variados ramos  
da atividade e que não participam  
da felicidade deste convívio.

E tenho fé nas letras passo-fundenses,  
por ver o espírito de solidariedade  
que anima os nossos letrados, os nos-  
sos homens de pensamento, que fazem  
de sua fraqueza, força, de sua magreza  
monetária a pedra de toque de sua união  
e de sua riqueza, devendo, em breve,  
espalhar, triunfantes, suas produções  
literárias, com o sinal editorial de Passo  
Fundo.

Ao Grêmio Passo-Fundense de Letras,  
ao seu emérito Presidente, Dr. Celso da  
Cunha Fiori, e, particularmente, a cada  
um dos membros deste sodalício, quero  
expressar o meu profundo agradecimen-  
to, por me acolherem e chamarem a este  
convívio.

Espero não desmerecer o brilho da  
entidade, pois que, apesar dos meus  
parcos préstimos, tudo farei para não  
desmerecê-lo.

E concludo, com estes versos estimu-  
lantes de Castro Alves:

“Filhos de séc’lo das luzes!  
Filhos da grande nação!  
Quando ante Deus vos mostrardes,  
Tereis um livro na mão:  
O livro – esse audaz guerreiro,  
Que conquista o mundo inteiro  
Sem nunca ter Waterloo;  
Éolo de pensamentos,  
Que abriga gruta dos ventos.

(Jorge Edeth Cafruni foi jornalista, poeta,  
historiador. O texto acima é seu discurso  
de posse no Grêmio Passo-Fundense de  
Letras, hoje Academia, no dia 14 de  
junho de 1957.)

## Rapidinhas

HELENA ROTTA DE CAMARGO

Pra falar a verdade, a solidão tem medo do dia claro  
e da vigilância noturna das estrelas.

Não se dedique em excesso, que a dedicação tem uma cauda  
capaz de deixá-lo completamente enredado.

Onda, ó onda, me peça desculpas!  
Não gosto de você raivosa, arquejante, cuspidando o veneno da ressaca.

Os ciscos todos que se amontoam no vácuo da tristeza falam uma  
linguagem torpe, enfarinhada. Onde penduraram o espanador?

Melhor que digerir o fel da incerteza é diluí-lo em mil possibilidades.

A traição é um lençol enrugado que incomoda,  
belisca e deixa vergões nas crostas da pele.

Sob minha aparente liberdade e independência,  
oculta-se uma vontade gorda de ser submissa e dependente.

Todas as manhãs, apresente-se à alegria.  
Diga-lhe dos seus projetos, acerte sua agenda e pactue com ela  
uma sessão de gargalhadas.

Para um viver saudável, basta desprender-se do charco  
e absorver a amplitude da montanha.

A geometria do amor tem formas arredondadas e linhas paralelas.

Quando estendo a colcha branca bordada de flores,  
sinto-me estendendo a primavera no chão de um jardim encantado.

Por que a árvore seca e revive de novo,  
e o homem morre para sempre? De hoje em diante,  
ver-me-ão coberta de folhas e arraigada na terra.

Simplesmente rir: o grande mote da superação das crises.

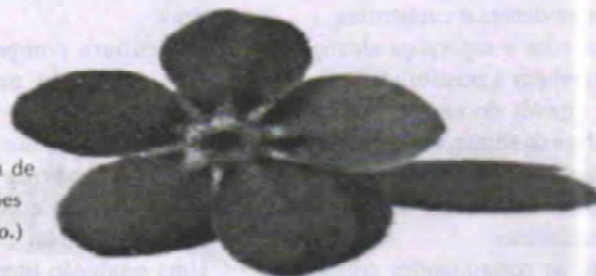
Renovo a cor dos cabelos, passo um lustro nas unhas,  
besunto a pele de óleo. Falta só dar um trato na alma.

No baile da vida, a orquestra é das fontes e a dança, dos ventos.

Nada preenche melhor os espaços do silêncio que uma boa leitura.

Pedras de ametista, lapidadas, ornamentais:  
os beijos que fluem de sua boca lilás.

(Do livro *Essência de  
Mulher – reflexões  
poéticas, no prelo.*)



# Senhor Jesus!

Quando a saudade bater bem forte. Às portas do meu coração, lembra-me que preciso de mais coragem para suportar a dor da ausência, porque não existe tortura maior para a alma do que ficar distante do ser amando.

Quando a vida perder o significado para mim, parecendo efêmera e sem graça, lembra-me que necessito de mais amor para colorir os caminhos da minha existência, porque não existe insegurança maior do que ficar tateando no escuro, à procura da tua luz!

Quando o desânimo tomar conta de mim, paralisando-me as forças, lembra-me que preciso de mais fé para levantar a cabeça e seguir em frente, porque não existe derrota maior do que a confissão de que não vale mais a pena lutar.

Quando a vaidade tentar impedir a visão de que eu realmente sou, lembra-me que necessito de mais sabedoria para entender que a minha pequenina alma é apenas um pedaço da tua grande alma, porque não existe ignorância maior do que considerar o mundo um lugar desprovido de paz e de amor.

## Primícias:

**SCHAIDA SOUZA FERREIRA SECCO**

## Lembranças poéticas

O anjinho me cuida lá do céu  
quando eu olho para cima,  
ele derrama o seu mel.

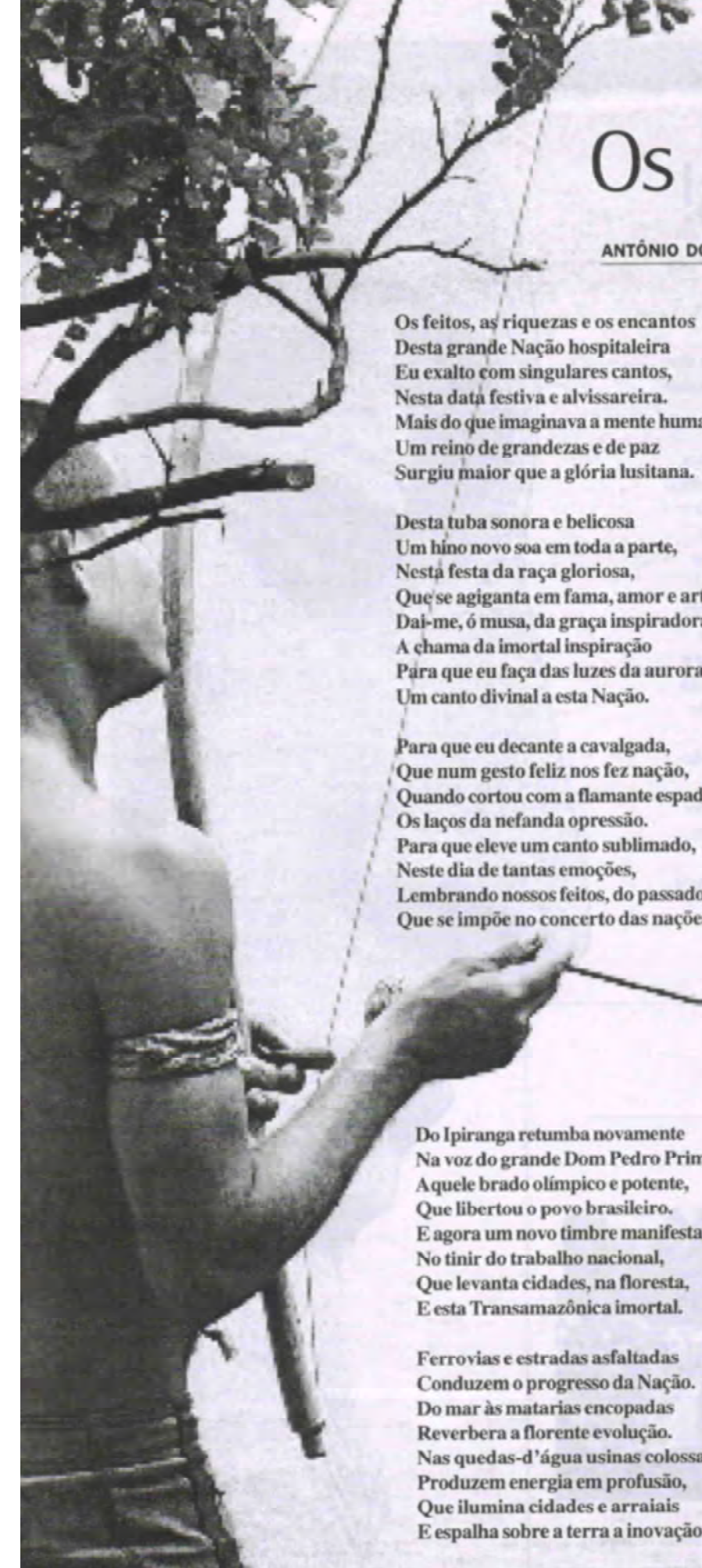
A mica é mimosa  
A mica é um bebê  
A mica foi feita para mim  
E para você.

Hoje eu me alimentei e  
brinquei sem parar,  
com água na boca  
feliz a cantar.



(Shaida Souza Ferreira Secco, 9 anos, é filha de Elisabeth Souza Ferreira.)





# Os Brasilíadas

ANTÔNIO DOMIN, *In memoriam*

Os feitos, as riquezas e os encantos  
Desta grande Nação hospitaleira  
Eu exalto com singulares cantos,  
Nesta data festiva e alvissareira.  
Mais do que imaginava a mente humana  
Um reino de grandezas e de paz  
Surgiu maior que a glória lusitana.

Desta tuba sonora e belicosa  
Um hino novo soa em toda a parte,  
Nesta festa da raça gloriosa,  
Que se agiganta em fama, amor e arte.  
Da-me, ó musa, da graça inspiradora,  
A chama da imortal inspiração  
Para que eu faça das luzes da aurora  
Um canto divinal a esta Nação.

Para que eu decante a cavalgada,  
Que num gesto feliz nos fez nação,  
Quando cortou com a flamante espada  
Os laços da nefanda opressão.  
Para que eleve um canto sublimado,  
Neste dia de tantas emoções,  
Lembrando nossos feitos, do passado,  
Que se impõe no concerto das nações.

Do Ipiranga retumba novamente  
Na voz do grande Dom Pedro Primeiro  
Aquele brado olímpico e potente,  
Que libertou o povo brasileiro.  
E agora um novo timbre manifesta,  
No tinir do trabalho nacional,  
Que levanta cidades, na floresta,  
E esta Transamazônica imortal.

Ferrovias e estradas asfaltadas  
Conduzem o progresso da Nação.  
Do mar às matarias encopadas  
Reverbera a florente evolução.  
Nas quedas-d'água usinas colossais  
Produzem energia em profusão,  
Que ilumina cidades e arraiais  
E espalha sobre a terra a inovação.

Os parques com indústrias imponentes  
Se multiplicam pelo pátrio chão  
E as lavouras verdejam refulgentes,  
Nas coxilhas em nova floração.  
Também no campo onde pasta o gado,  
Tudo revive nossa grande história,  
Escrita com as lanças do passado,  
No imperecível mármore da glória.

É nosso povo pacifista e ordeiro,  
Moldado mais para a diplomacia,  
Porque traz na alma perenal luzeiro  
E o estigma da ideal democracia.  
É, porém, denodado e belicoso,  
Quando o dever o chama para a guerra.  
Luta como o leão impetuoso  
Em defesa de sua grande terra.

Em coro uníssono ao céu se evola  
Esta voz imortal da raça forte,  
Que brota da oficina e até da escola.  
Ecoa do Leste ao Oeste, de Sul ao Norte,  
Cantando os feitos do nobre Tiradentes,  
De Castro Alves, Nabuco e Rui Barbosa,  
Dos lídimos jornais independentes,  
Que colheram a palma gloriosa.

Mas se os bélicos feitos do troiano  
Do mundo mereceram grande glória;  
E se o denodo do viril Trajano  
Ficou eternamente na memória,  
Maior foi nosso genial Caxias,  
Pois temperou seu gládio na batalha,  
No fogo dos canhões e artilharias,  
Onde seu peito ergueu uma muralha.

Tamandaré, Osório, e Duque-Estrada  
São outros tantos bravos decantados,  
Que figuram na história celebrada,  
Como do exército viris soldados.  
E a Dom Pedro Segundo coube a glória  
De reger um império cinquenta anos,  
De sublimar até a própria história,  
Porque foi o maior dos soberanos.

Vieira, Rio Branco e Carlos Gomes  
Figuram na alta esfera sideral.  
Seus feitos, obras e ilustrados nomes  
Permanecem no mármore eternal,  
Porque lutaram por este País  
Como filhos da Pátria estremeçada,  
Como bravos e heróicos brasis,  
Sacrificando até a própria vida.

E os preclaros: José do Patrocínio,  
Gonçalves Dias, Fagundes Varela  
Exalçaram o lídimo domínio  
Da nossa terra tropical e bela.  
Bilac, José Bonifácio e Gonzaga  
Deixaram no painel das epopéias  
Aquela luz que nunca mais se apaga,  
Pois foram gênios de imortais idéias.

A Princesa Isabel como a Quitéria  
Refulgem no cenário nacional  
Como estrelas na região etérea,  
Pois ilustram a era imperial.  
E falanges de heróis valorosos,  
Soldados desta Pátria idolatrada,  
Nos legaram seus feitos gloriosos  
Com o metálico tinir da espada.

Em nossas letras Machado de Assis  
E Pontes de Miranda sublimaram  
A inteligência, dando novo matiz  
E a glória seus labores alcançaram.  
Aquele foi dōs vates e escritores  
Mais fecundo e até mais idealista;  
Este ostenta do intelecto os fulgores  
Como inspirado e original jurista.

Exaltemos também os bandeirantes,  
Que devassaram os verdes sertões  
Em busca de esmeraldas e diamantes,  
Sonhos de ouro de muitas gerações.  
Suas conquistas ficaram na história,  
Pois aumentaram nosso território  
E conseguiram a mais bela glória,  
Quando ergueram o marco divisório.

E neste enfoque floresce Brasília,  
A Capital de uma obra refulgente,  
Que ao sol dos trópicos reluz e brilha,  
Atestando o valor da nossa gente.  
Lá se alteia o Palácio da Alvorada,  
Bem como o do Congresso e do Senado  
E os Quartéis Gerais da Pátria amada,  
Feitos com arte e engenho sublimado.

E agora aos ledos cantos do sertão  
A Pátria rejubila exuberante,  
E à sombra do auriverde pavilhão  
O povo luta intrépido e triunfante.  
E Deus do eterno sólio, do Cruzeiro  
Estende sua clâmide estrelada,  
Protegendo o progresso brasileiro  
Com as luzes serenas da alvorada.


Cantemos nossos feitos e valores,  
Pois somos um povo varonil.  
Nossas glórias refletem os primores  
Do nosso rico e colossal Brasil.  
E elevemos a voz altissonante  
Como o troar festivo dos canhões,  
Porque o nosso País é refulgente  
E figura entre as rútilas Nações.

Passo Fundo, RS, 21 de abril de 1972.

(Antônio Donin (15.02.1911/8.08.1987) foi jornalista, professor, advogado e político.

Seu poema Os Brasíliaidas, épico sobre o sesquicentenário da Independência do Brasil, circulou em edição mimeografada e foi transcrito no Diário do Congresso Nacional, ano XXVII, n. 44 – Sábado, 24 de junho de 1972, Brasília/DF, págs. 0871 e 0872.)





# A poesia gauchesca de Antonio Augusto Ferreira

PAULO MONTEIRO

Leitor compulsivo e acostumado a escrever sobre autores e livros, quando se trata de poesia, mantenho o princípio de ler, deixar passar algum tempo, reler, e só então escrever sobre qualquer obra poética.

Nestes mais de 30 anos convivendo com o fazer poético – eu mesmo um poeta em férias, como costume dizer pilhereando –, as múltiplas e variadas leituras apenas fizeram arraigar-se aquele hábito. Quando meu confrade, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca emprestou-me *Sol de Maio* (Edições Renascença, Santa Maria, RS, 1985); *Água de Poço* (s.e., Santa Maria, RS, 1997) e *Tio Bonifa e seu cachorro Piraju* (Pallotti, Santa Maria, 2003), livros de Antonio Augusto Ferreira, senti-me obrigado a redobrar meus cuidados em escrever sobre essas obras. O motivo dessa preocupação é que percebi, de pronto, estar diante de um poeta diferenciado dentro do regionalismo gaúcho de nossos dias.

Antonio Augusto Ferreira nasceu em São Sepé, no ano de 1935. Na juventu-

de morou em Passo Fundo, onde foi um dos fundadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Atualmente reside em Santa Maria e faz parte da Academia Rio-Grandense de Letras. Poeta, esteve com o estro guardado durante muito tempo, e voltou a poetar no auge dos festivais nativistas, em meados da década iniciada em 1970. Consagrou-se como um dos compositores mais premiados no gênero.

Muitos dos seus poemas, musicados, andam na boca do povo, o que é o maior prêmio que um poeta pode obter. Hoje estão reunidos em dois livros: *Sol de Maio* e *Alma de Poço*. *Tio Bonifa e seu cachorro Piraju* é uma coletânea de contos, unidos pelas figuras do velho gaúcho e seu velho cusco.

Qualquer pessoa que tenha um conhecimento mediano da poesia gauchesca sabe que ela se desenvolveu com o Romantismo, com a valorização das temáticas nacionais e regionais, somada a uma espécie de retorno ao “paraíso perdido” da literatura medieval, especialmente às décimas e romances. Presa, porém, ao espaço do gaúcho, tipo humano híbrido, prensado entre o indígena e o colo-

nizador, preceando a gadaria reína em meio à terra de ninguém. A gauchesca está limitada ao emprego de uma linguagem regional que vai sendo cada vez mais esquecida, pelo desaparecimento das condições objetivas, e do meio de produção que a engendraram.

Os aspectos formais da poesia gauchesca contribuem para que um versificador (não necessariamente um poeta), razoavelmente bem dotado, possa bem desenvolvê-la como Miguel de Unamuno já o demonstrou na prática, há mais de um século, em episódio conhecido por todos os leitores das boas edições de *El Gaucho Martín Fierro* (Veja-se, por exemplo, Martín Fierro, Edición de Luis Sáinz de Medrano, Rei Argentina, Buenos Aires, 1988, págs. 95 e 96). Daí a facilidade para que tenhamos cada vez menos poetas gauchescos, porque lhes falta a essência mesma do fazer poético, o fingimento, magistralmente resumido por Fernando Pessoa, em versos que meio mundo sabe de cor.

A insistência de amigos e a urgência de escrever sobre a obra poética de Antônio Augusto Fagundes, para a Revista da Academia Passo-Fundense de Letras, fizeram com que eu não pudesse cumprir o ciclo de elaboração que a mim me impus ao longo dos anos.

Antonio Augusto Ferreira consegue convencer, com seus versos, que é um gaúcho das antigas, que a campanha ainda é um éden, com o gaudério vivendo livre, ainda que encarcerado por cercas de arame. Sua dialética verbal ilude muito bem, confere tal realidade fática ao que só existe dentro dele mesmo, que se torna capaz de levar o leitor engarupado campo afora. Nem se precisa abrir *Sol de Maio* para conscientizar-se disso. Basta que se leia a primeira quadra ou *copla* que aparece na capa do livro:

Neste sol que maio trouxe  
me estiro sobre o capim,  
e uns sonhos que foram  
moços renascem dentro de mim.

Essa estrofe é ilustrativa da essência mesma da gauchesca contemporânea, que não cabe no espaço estreito de um artigo de imprensa: a presença da vida campeira enquanto memória. Os poetas que cultivam esse subgênero literário imaginam viver num tempo em que os “guasos” corriam livremente a Pampa, e cantam esse espaço que nunca existiu. Interiorizam esse mundo, no mínimo, fictício, acreditam nele e vivem-no por uma espécie de fé íntima. É o que também o faz nosso poeta, mas com a superiorida-

de de um poeta verdadeiro.

Estirado sobre o capim, aproveitando o sol de maio, lembra-se da época de menino. Sonha com aqueles tempos, que renascem dentro do autor. É o mesmo processo empregado por todos os poetas gauchescos. O que, porém, faz de Antonio Augusto Ferreira, possivelmente, o mais representativo da atual poesia gauchesca sul-rio-grandense é a sinceridade com que ele "finge" a vivência com o "paraíso perdido" da Pampa. Não se pode esquecer, no caso do poema, um componente urbano marcante: o arquinho de arame, tão presente ainda hoje nas brincadeiras dos meninos de subúrbios e povoados...

Temos, pois, no poeta, que por tanto tempo palmilhou as ruas de Passo Fundo, um autor muitíssimo superior aos cometedores de versos que encontramos a mancheias. Estamos diante de um verdadeiro poeta. Um dos poucos a ficar na história literária gaúcha desta virada de milênio.



## Poesia

ANTONIO AUGUSTO FERREIRA

### Sol de Maio

Neste sol que maio trouxe  
me estiro sobre o capim,  
e uns sonhos que foram moços  
renascem dentro de mim.

Vem da várzea um cheiro doce  
que transpira a tarde calma,  
sereno, como se fosse  
devolver-me a paz na alma.

Quanta luz de sol maduro  
velhas juntas aquecendo,  
que eu me sinto leve e puro  
com mais ternura no peito.

Desperto em velhas saudades  
dos meus brinquedos meninos:  
arquinhos feitos de arame  
que ainda rolam comigo.

Já não temo mais a vida,  
sonha ainda o velho corpo  
poupando melancolias  
para gastar em agosto.

Desde cedo me abasteço  
com lenha de puro cerno  
e um estoque de silêncios  
para as geroas do inverno.

Vida que acorda  
antes do fim  
um sol de maio  
que dorme em mim.

### A pontuação da Morte

**Leia-se bem a MORTE:**  
morte, vírgula, ou morte, ponto.

**Atente-se à pontuação:**  
depois da vírgula, segue,  
mas depois do ponto, não.

**Para os da vírgula**  
é preciso crença.  
**O ponto, não,**  
o ponto dispensa.

**Há quem pontue a morte**  
com uma interrogação,  
estes, estão no escuro.  
**Há também os reticentes...**  
morte em cima do muro.

**E eu, afinal?**  
Depois da morte,  
ponto final.



(Paulo Monteiro é membro titular da Academia Passo-Fundense de Letras, cadeira 32, que tem como patrono o poeta e jornalista Gomerindo dos Reis.)



## Camisaria Friedman

GILBERTO R. CUNHA

**T**homas L. Friedman é colunista de assuntos internacionais (foreing-affairs) do jornal The New York Times. Ganhador de pelo menos três dos cobiçados prêmios Pulitzer (1983, 1988 e 2002), por suas reportagens e comentários. Também é autor de livros que alcançaram grande sucesso de crítica e de público: "From Beirut to Jerusalem" e "The Lexus and the Olive Tree", por exemplo. O segundo, editado em 2000, nos Estados Unidos, pela Anchor Books, repercutiu mundialmente, sendo traduzido para 20 línguas.

Em "The Lexus and the Olive Tree", Thomas L. Friedman, valendo-se das habilidades de comunicação do jornalismo e da vasta experiência acumulada

em trabalhos realizados ao redor do mundo para o The New York Times, analisa, de maneira original e atraente, o sistema internacional que dá forma e caráter aos tempos atuais: a globalização.

O livro de Friedman trata do conflito e das contradições que estão nos bastidores do embate travado entre um novo sistema econômico global (the Lexus) e as forças conservadoras atreladas a aspirações nacionais e a identidade cultural dos povos (the Olive Tree). Em essência, busca deixar claro que não é possível compreender o mundo de hoje, sem um entendimento desse novo sistema, que, por diferentes razões e meios, influencia cada vez mais as políticas domésticas e as relações entre países.

Que é efetivamente a globalização? Como ela afeta os indivíduos e as nações? A globalização pode anular as in-

dividualidades? Encontrar respostas para esses questionamentos não é tão simples quanto aparenta. Auxiliar nessa busca, nos parece que seja o propósito que motivou Thomas L. Friedman a escrever "The Lexus and the Olive Tree".

O mundo, nos últimos 200 anos, passou por dois períodos de globalização. O primeiro ciclo, iniciado em meados dos anos 1800 (época das migrações; quando por aqui chegaram os italianos), sob domínio da Inglaterra, foi quebrado pela I Guerra Mundial (1914), pela Revolução Russa (1917) e pela Grande Depressão (anos 1930); e culminou com a II Guerra Mundial, em um mundo separado física e ideologicamente, após 1945. Sobreveio a Guerra Fria, com as denominações, embora ultrapassadas ainda familiares, de países de primeiro mundo (desenvolvidos do lado ocidental) e de

terceiro mundo (subdesenvolvidos). Ficando, por exclusão, como segundo mundo, os aliados do bloco socialista pró ex-União Soviética. A queda do Muro de Berlim, em 1989, marcou o fim da Guerra Fria. Surgiu, sob a égide dos Estados Unidos, um novo sistema internacional, permeando as fronteiras nacionais, com base na integração de capital, tecnologia e informação, chamado de globalização. E, com ele, uma aldeia global separada em países desenvolvidos e países em desenvolvimento.

Foi a tecnologia digital, especialmente, que, superando as distâncias, possibilitou a globalização da economia. E, no rastro do crescimento de uma economia mundial única, sobreveio a busca de novas formas de governança (a criação da OMC, por exemplo). As forças do mercado global acabam proporcionando os incentivos necessários para que cada nação, voluntariamente, use aquilo que Thomas Friedman denominou de "uma camisa de força dourada". A "camisa de

força dourada" de Friedman corresponde a um conjunto de políticas que implicam em liberalização do setor privado da economia, diminuição da burocracia, manutenção de uma taxa de inflação baixa e eliminação de restrições de capital externo para investimento.

Um país que se negue a vestir a "camisa de força dourada", ou tente se livrar dela,

fica sujeito ao risco de uma debandada eletrônica de capitais. Com isso, um mundo em

que o capital se move internacionalmente, acaba não conseguindo manter o crescimento da sua economia e passa a sofrer todas as conseqüências decorrentes. É por essa razão que, no âmbito político, quase sempre, nem governo nem oposição estão preparados (e dispostos) a assumir os riscos de se livrarem da "camisa de força dourada" da economia global. As diferenças entre os partidos, quando no poder, acabam se reduzindo a diferenças menores sobre como melhor se ajustar ao figurino da "camisa de força dourada" de Friedman.

Mesmo não sendo uma sentença definitiva, no mundo de hoje, parece que estamos fadados a ser cada vez mais governados pela nossa própria criação: a economia global. Não é por nada que as camisas da "marca Friedman" são especialmente apreciadas pelos condutores das políticas econômicas dos países em desenvolvimento.



## Poesia

PABLO MORENNO

### Entranhas

Ela,  
que amava Gabriel visceralmente,  
morreu perfurada  
na Sexta-feira santa.

Um enorme espinho  
no filé de anjo.

### Sono

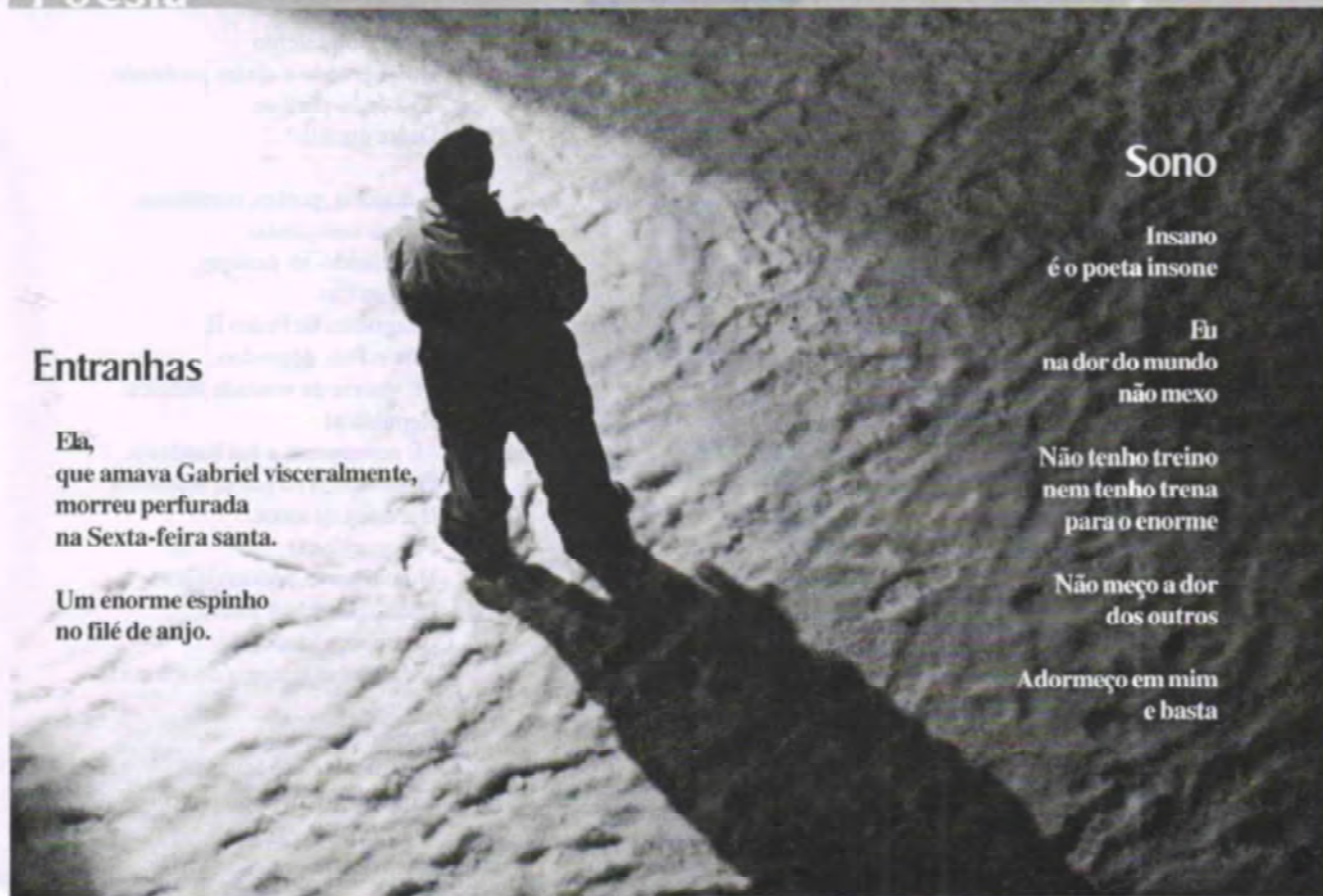
Insano  
é o poeta insone

Eu  
na dor do mundo  
não mexo

Não tenho treino  
nem tenho trena  
para o enorme

Não meço a dor  
dos outros

Adormeço em mim  
e basta



# Apóstrofe e ao Poeta da

# Exaltação Liberdade

GEISA LIMA BENEVENUTI

- V em, genial amigo!  
Ressurge das ruas  
e das vias  
De Recife ou da Bahia,  
Do Rio ou de São Paulo;  
Vem das praças e das salas,  
Das fazendas e senzalas,  
Do corredor das universidades,  
Dos teatros e dos saraus,  
Dos campos e das cidades;  
Dos dias bons e dos maus  
Da tua vida bendita.  
Chega até aqui  
E acredita  
Que, sem ti,  
Hoje não consigo  
Devidamente,  
Me expressar.  
Vem! com teu estro ardente,  
Com o fogo de tua mente  
Me inspirar!

Chamei-te,  
E vieste como a um náufrago  
Trazer-me o presto abrigo.  
O sonho é teu ser,  
Que eu busco, sinto e sigo  
Além dos horizontes,  
E me estimula a viver.  
Os versos teus são trilhos,  
Fachos, fontes,  
Brilhos  
- Mãos que assinam  
Cartas de alforria;  
Signos que nos destinam  
A um novo amanhecer.

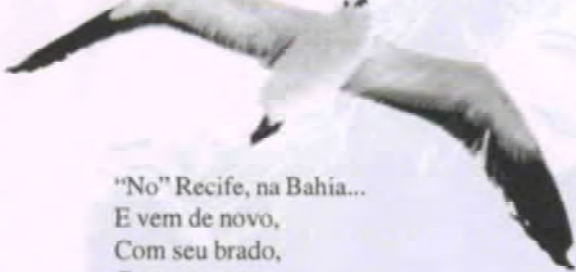
Há um abismo entre nós  
- Mais do que um século  
De história:  
A infame escravidão!  
E, por ela, muitas lutas,  
Lágrimas e labutas,  
Conquistas e fracassos,  
Tremendas agressões:  
Generosos laços  
De braços,  
Mentes  
E de abraços

Em prol de sua extinção.  
Mas, acima de todos e de tudo,  
No afã desta reação,  
Surge a tua figura e hercúlea:  
A energia da vontade,  
De tua coragem  
E generosidade;  
A força do teu gênio,  
Os inflamados versos.  
Tua firmeza, tua beleza,  
Teu ardor.  
Teu vôo de albatroz  
- "Águia do oceano",  
Imponente e veloz.  
Teu vôo de condor  
- Altaneiro, épico,  
Intrépido.  
E, finalmente, a abolição  
- Tua merecida glória;  
Fruto, também,  
De teu coração  
- Tua póstuma vitória!

E agora me pergunto:  
Por que,  
Sendo um talento  
Quão grande e assim profundo,  
Tão cedo partiste  
Deste mundo?...

A história, porém, continuou...  
Novas conquistas,  
Mesclando-se justiça  
E injustiças.  
- Lágrimas de Pedro II,  
Que o País degredou.  
- E vitória da vontade pública:  
República!  
- É novamente a tua bandeira,  
Desfraldada na pátria brasileira.  
Bandeira de amor,  
Fé, igualdade,  
Humanismo, poético vigor.  
Ultrapassando a morte,  
O tempo, a idade,  
Voltas, com a magia do teu porte.

Parem! Vejam!  
Castro Alves se levanta,  
Falando no meio do povo,  
Como fazia  
Em São Paulo,



"No" Recife, na Bahia...

E vem de novo,  
Com seu brado,  
Com seu estro,  
Toante e destro:  
"Há dois mil anos te mandei meu grito,  
Que embalde, desde então, corre o infinito...  
Onde estás, Senhor Deus?..."

A história vai em frente,  
Com seus acertos e erros,  
Seus fatos, sua gente.  
- E, mesmo sob o farol  
De tua existência  
E o arrebol  
De tua ousadia,  
Grassam o egoísmo e a descrença

- Ervas daninhas,  
No meio da plantação  
Generosa e sadia;  
E a desmedida ambição,  
Que verga os espíritos  
Medíocres, de qualquer raça ou geração.  
Hoje, predominam no planeta  
A simbiose e a pressa;  
O que, para nós, pode ser benefício  
Ou sacrifício.

- Homem-bomba:  
Homem remessa,  
Homem sombra, homem morto.  
- Homem-arte:  
Arte que parte

Da alma e do corpo,  
Consciente e inconsciente,  
Do "animus" e da mente.  
- Homem-técnica:  
Técnica que é conforto,  
Mas que também traz poluição.

- Homem-ciência:  
Ciência que é pesquisa,  
Pesquisa que é busca,  
Busca que significa mérito,  
Mérito que leva à salvação;  
Salvação que permanece  
-Oh! poeta,  
E se completa  
Na tua obra,  
Na tua lida,  
No teu ideal,  
Na tua vida  
- Sublime lição  
De humanidade,  
De liberdade,  
De evolução.

Não posso encerrar meu poema,  
Esquecendo motivos vivos  
Deste tema:  
Teus idílios, teus amores.  
Foste também  
O namorado, o amante  
Apaixonado e apaixonante.  
E além de ti, quem  
Compôs e declamou  
Com "tais louvores" e "lavors",  
Emoção, sublimes tons e cores?...  
O amor platônico  
Dos demais românticos,

Belo mas atônico,  
Explodiu em teus cânticos  
Lírico-amorosos!  
Porque, tu, sim, vivias  
O que pregavas,  
O que escrevias.

Amigo leitor:  
Retomo do poeta seus livros  
Os Escravos  
E Hinos do Equador.  
E nesta hora, mais uma vez,  
Evocando seus gestos galantes  
E vibrantes,  
Seus atos bravos,  
Sua incrível lucidez;  
Sua poética,  
Sua estética,  
- Toda sua vida,  
Volto ao ponto de partida  
E me interrogo:  
Afim, que homem foi (é) este?...

Em minha mente,  
Busco e rebusco  
Alguma resposta concludente...  
Recordo, então,  
Que alguém já disse,  
Diante de tamanha grandeza:  
"Castro Alves não foi um homem,  
foi uma convulsão  
da natureza".<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Citação de Agripino Grieco - poeta, ensaísta, crítico literário.

## A cisma do preconceito

HELENA ROTTA DE CAMARGO

**D**isseram-me: *Anda, velha!*  
Foi um choque. Mil volts.  
Não havia ainda parado pra  
pensar e testar minha agilidade. Não  
verificara as rodas e os freios. Nem  
injetara combustível no desconfiô-  
metro.

Naquele instante, aprendi duas  
coisas. Primeira: vigor e imortalida-  
de são privilégios do espírito. E  
como crescem com o avanço dos  
dias! Engordar, inchar, aumentar de  
volume, eles podem e devem. Com  
um atenuante: sem medo da balan-  
ça (xô, quilinhos a mais! Vocês tam-

bém têm culpa no cartório...).

O segundo ensinamento foi objeti-  
vo e cabal, com sabor de vingança:  
Espera aí, seu malcriado! Você se acha  
o dono da eterna juventude? Pensa  
que sua força, leveza, desenvoltura,  
irão sobreviver ao trânsito trepidan-  
te dos anos? Sem encurtar a visão e o  
passo? Sem murchar os gomos da  
virilidade? Me espere na outra esqui-  
na! E conversaremos novamente...

Desde o dia da minha indignação  
ante o preconceito escancarado,  
aquele cruzamento tornou-se um mar-  
co. Sempre que o atravesso, sinto as  
faces enrubescerem de novo. De receio.  
De mortificação. De pena. Não  
quero parecer decadente. Nem ser ali-

jada da rua, um espaço que também  
me pertence. Terá chegado o tempo  
de apelar para a cadeira de balanço?  
Será mesmo?... Não, não creio. Prefi-  
ro apregoar aos quatro ventos a consci-  
ência da sabedoria. Da lição aprendi-  
da. Do limite inevitável. Da mente  
liberta e pródiga, mais aquinhoadada  
do que nunca.

Tão banal, nas travessuras do  
trânsito, um incidente desse tipo.  
Todos têm pressa, disparam, voam.  
Não sabem esperar. Não admitem  
perder um minuto que seja, em  
nome do respeito e da solidarieda-  
de. Seu alvo: o individualismo. Seu  
limite: a velocidade.

Tolos! Nem sabem se chegarão!...  
Eu, por velha e lerda, cheguei!

Do livro (no prelo): Enquanto as Cigarras  
Dormem - crônicas amanhocidas.



# Mathilde Mazon

SANTINA RODRIGUES DAL PAZ

A ilustre Professora Emérita, Mathilde Hasslocher Mazon, nasceu em Porto Alegre, a 1º de janeiro de 1890, filha de Arthemón Mazon e Mathilde Hasslocher Mazon. Realizou seus estudos na Capital do Estado, diplomando-se na Escola Complementar, hoje Instituto de Educação "General Flores da Cunha".

Você lembra dessa pessoa que muito realizou em benefício da educação? Pois bem, não deve lembrar. Ah! Você lembra? Que bom, encontramos alguém que lembrou. Então vamos logo saber quem foi essa Professora Emérita: Ela é "Patrona da Biblioteca da Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro". Deu seu nome a uma rua de um bairro de Passo Fundo. A Professora Mathilde participou ativamente da vida da comunidade. Entre as entidades de que participou destacamos a "Liga de Defesa Nacional". Fez parte da primeira diretoria, em 1938, por ocasião da sua instalação. Dona Mathilde atuou no Conselho Permanente, juntamente com o Dr. Tristão Feijó Ferreira, Dr. Armando de Souza Kanters e Dr. Celso da Cunha Fiori.

Resgatando nomes de pessoas que ajudaram a fazer a história de Passo Fundo, apresentamos a trajetória profissional de Dona Mathilde, que teve início em 1924, quando foi nomeada

professora, vindo exercer suas funções no Colégio Elemental de Passo Fundo. Em 1929, foi criada a Escola Complementar, e Dona Mathilde foi convidada a compor o corpo docente, passando a lecionar Francês, Ciências Naturais e Economia Doméstica.

Demonstrando sua capacidade e liderança, foi nomeada diretora, atendendo o convite do Sr. Secretário de Educação (1932). E com a transformação da antiga Escola Complementar, em 1946, para Ginásio e Escola Normal "Osvaldo Cruz", Dona Mathilde permaneceu na direção com seu entusiasmo, dedicação e eficiência, até a data em que se afastou, por motivo de saúde, para aguardar em licença a tão merecida aposentadoria.

Foi aposentada por tempo de serviço, em 15 de maio de 1955, recebendo ofício de louvor: "No momento em que V. Ex.ª deixa, por aposentadoria, o magistério público, recebe a expressão do reconhecimento do Governo do Estado e, em particular, da Secretaria de Educação e Cultura... Vossa Excelência honra o quadro de professores desta Secretaria. Por muito que lhe deve o Estado, aqui reiteramos nosso agradecimento e prestamos respeitosa homenagem". Ass. Liberato Salzano Vieira da Cunha, Secretário de Educação e Cultura.

Em 17 de agosto de 1955, a Professora Mathilde agradeceu a gentileza e as generosas palavras dirigidas a ela pelo Ex.º Secretário de Educação e Cultura,

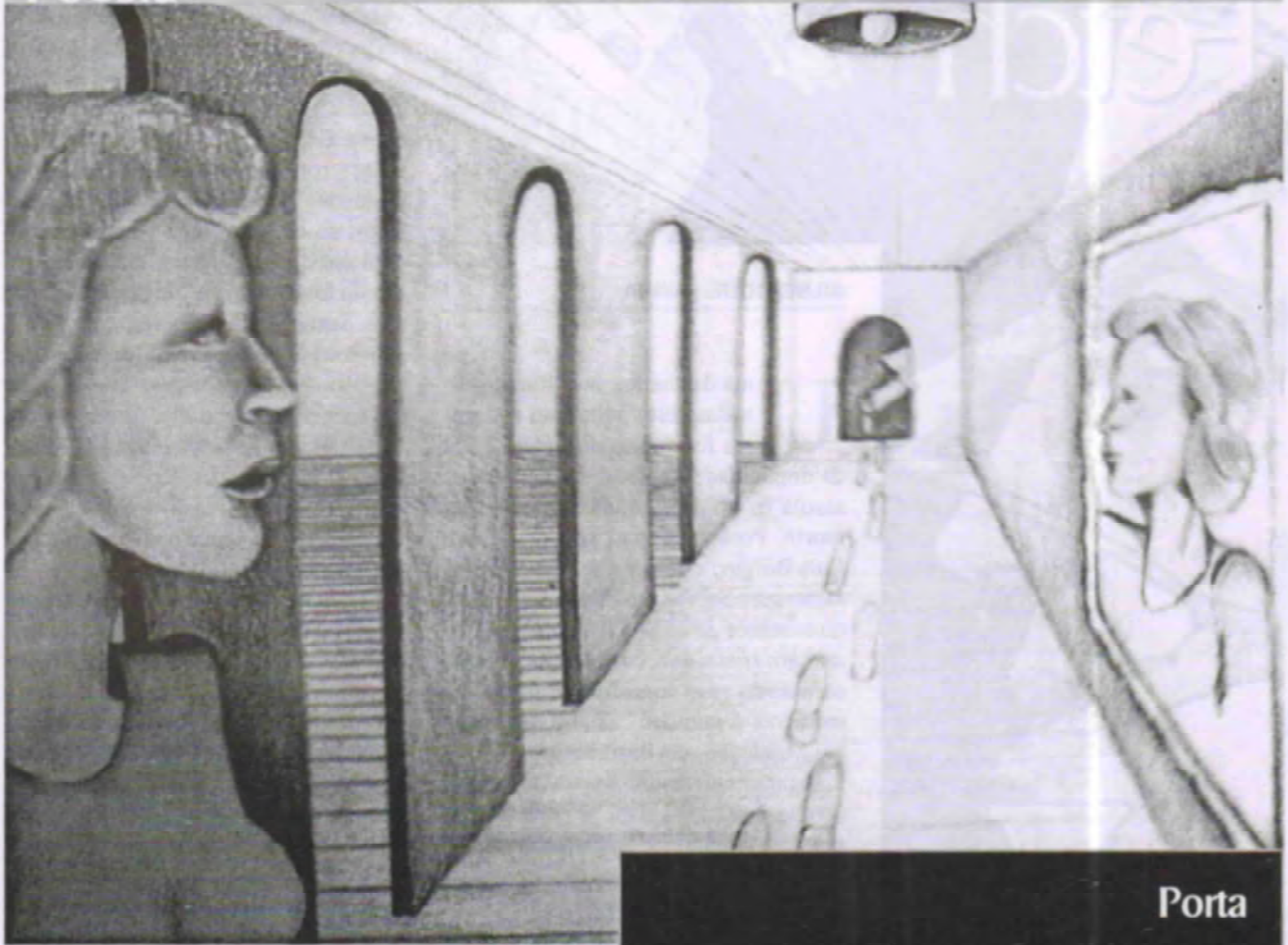
por ocasião de sua aposentadoria.

Mais tarde, o Governo do Estado, na pessoa de Francisco Brochado da Rocha, Secretário do Interior e Justiça, no exercício do cargo de Governador do Estado, e Justino Quintana, Secretário de Educação e Cultura, concede, pelo Decreto n.º 13.138, de 05/02/1962, o título de "Professora Emérita" à catedrática Mathilde Hasslocher Mazon. Título este só outorgado a professores que se distinguiram por relevantes serviços prestados ao magistério.

Dona Mathilde amou a vida, a natureza e, profundamente religiosa, via, "tanto na beleza das flores, como na inocência dos pequenos do curso primário, ou nos arroubos dos jovens do ginásio e do normal, a manifestação gloriosa de Deus".

Sempre teve o maior carinho com as crianças. A juventude a encantava. Sentia-se feliz na convivência com os jovens, porque jovem era seu espírito e jovem se conservou até o fim. Sua personalidade serena, justa, verdadeira, solidária, esteve sempre presente, tanto na escola como na sociedade. Muitos depoimentos de suas alunas foram registrados, retratando sua bondade, seu grande amor ao trabalho que realizava e o grande respeito pelo ser humano que Deus lhe colocava nas mãos para educar. À mestra querida que tão bem soube educar pelo exemplo de uma vida funcional e social, digna e correta, o nosso eterno obrigado!

(Santina Rodrigues Dal Paz é professora aposentada e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



## Nós

Quem desatará os nós ?  
 Nós?  
 Quem somos nós;  
 Talvez frutos dos nossos esforços,  
 Acertos, erros, vitórias, derrotas,  
 Amores, desamores.  
 Nós somos nós  
 Quando nos encontramos  
 Conosco mesmos;  
 Quando desatamos nossos nós;  
 Quando não somos mais um nó  
 para nós.  
 Que bom seria  
 se os nossos nós de desfizessem;  
 Poderíamos correr livres pela vida;  
 Andaríamos flutuando nas nuvens;  
 Nos transportaríamos a outras dimensões;  
 Nós seríamos arrebatados por sensações  
 de alegrias menos fugazes.  
 Basta que desamarremos os nós  
 Que nos atam, congelam, limitam  
 Nosso ser, para poder crer, crescer,  
 amar, construir;  
 Rompidas, então essas amarras,  
 Felizes simplesmente seremos.

## Porta

Quando a porta se abre, a esperança entra  
 Um caminho passa, uma tristeza sai.  
 Tudo passa por uma porta,  
 A da casa, a do ônibus, a do céu.  
 A porta para o tudo e a porta para o nada.  
 O porta- retrato que comporta a tua foto;  
 As comportas que se abrem continuando a viagem.  
 Quando as portas se fecham  
 Os corações se enfartam  
 Mas o amor as abre,  
 Porque para ele o que importa  
 É a importância que temos  
 Se somos uma porta a se abrir para a vida ou para a morte.  
 E isso é o que "im porta".

## Chuva

E a chuva que não vem!  
 É como o amor que se contém.  
 As nuvens seguram sua água  
 Como os corações seguram seu amor.  
 Que bom se a chuva chovesse  
 E o coração amasse!  
 Tudo seria flor!



# Fetch



GILBERTO R. CUNHA

Uma das heranças culturais deixadas pelos celtas aos escoceses foi o mito do *Fetch*. Trata da duplicidade de visão do mundo que assola os homens momentos antes da morte. Possivelmente, segundo Jorge Luis Borges, este tema serviu de inspiração para Stevenson escrever o clássico romance *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, que, em português, ficou conhecido pelo sugestivo título de "O médico e o monstro". Os títulos, original e tradução, são ilusórios, pois o final é, seguramente, muito mais assombroso do que, à primeira vista, se poderia imaginar, revelando uma aguda percepção da alma humana.

Robert Louis Balfour Stevenson chegou a ser visto como um mero escritor de livros infantis. Foi necessário meio século, depois da sua morte, para ser reconhecido como um autor original, cujos romances e ensaios estavam além do seu tempo. Hoje, faz parte daquele grupo de intelectuais em que autor e obra se destacam com a mesma intensidade. Uma turma que não se superpõe aos personagens, a exemplo de Byron e Goeth, e tampouco é obscurecida pelas criaturas dos seus escritos, como é característico de Shakespeare.

Stevenson nasceu em Edimburgo, Escócia, no dia 13 de novembro de 1850. Era filho de um engenheiro civil, renomado construtor de faróis. Em alusão a esse fato, Borges, numa referência toda especial, destaca um dos poemas de Stevenson que celebra *the towers we founded and the lamps we lit* (as torres que fundamos e as lâmpadas que acendemos). Não quis seguir a profissão do pai, comprometendo-se a estudar Direito. Nem engenheiro e nem advogado, acabou virando, por vocação, escritor.

Desde jovem Stevenson era doente. Muitas das suas biografias falam em problemas respiratórios. De fato, sofria mesmo era de tuberculose, adquirida em

consequência de uma vida boêmia e cheia de conflitos familiares. A convivência mundana lhe proporcionou farto material e inspiração para suas histórias. Na busca de um clima mais adequado para a sua saúde frágil fez muitas viagens. Bélgica, França e Suíça estavam nesses roteiros; sempre escrevendo e pintando. Dizem que, numa dessas ocasiões, ao chegar a uma pousada, junto com seu irmão, era noite, avistou ao redor do fogo um grupo de pessoas. Entre elas havia duas mulheres. Stevenson apontou para a mais velha, dizendo para o seu irmão que iria se casar com ela. Era uma americana, casada, moradora em São Francisco, e se chamava Lloyd Osbourne. Alguns anos depois soube que ela ficara viúva ou se divorciara, dependendo da fonte, o que não faz diferença (exceto para o marido dela).

Viajou até os Estados Unidos, cruzou o país de trem, e pediu Lloyd Osbourne em casamento. Tinha na ocasião 30 anos e foram viver juntos na Escócia.

A partir de 1881, Stevenson dedicou-se exclusivamente à literatura. Produziu e publicou muito. Era o ano de 1883, quando em um outono chuvoso, escreveu o clássico "A ilha do tesouro" (*Treasure Island*), dedicada ao seu filho adotivo, em tantas noites quantos capítulos (34, incluindo o epílogo, conforme a edição brasileira publicada pela Abril Cultural, em 1971). Seu livro mais popular, "O médico e o monstro", tratando das duas naturezas antagônicas da alma humana, saiu em 1886.

Em 1887, buscando tratamento de saúde, Stevenson foi para Nova York, onde encontrou boa receptividade de público e editores interessados. Nessa época escreveu *The Master of Ballantrae* (O Senhor de Ballantrae), outra obra que trata da ambigüidade moral.

Motivado, novamente, por problemas de saúde, em 1888, Stevenson empreendeu viagem com a família pelas ilhas do Pacífico Sul. Decidiu então fixar residência em Vailima, Samoa Ocidental, onde viveu o resto da vida e contou com a simpatia e a admiração dos nativos. Nessa fase, escreveu *In the South Seas* (Nos mares do sul), *A Footnote to History* (Nota de rodapé da História) e a coletânea de poesia *Ballads* (Baladas). Também a menos famosa e, para alguns, melhor de suas novelas: *The Wrecker* (O comprador de naufrágios).

O homem que viveu em fuga, na busca de saúde, morreu subitamente em Vailima, no dia 4 de dezembro de 1894.

